



PUC

Luciano Elia

PARA ALÉM DA SEXUALIDADE:
A PSICOSE NA PSICANÁLISE

VOLUME I

TESE DE DOUTORADO

*PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PSICOLOGIA CLÍNICA*

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1992

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

N.Cham. 150 E42p TESE UC
Título Para além da sexualidade



Ex.1 v. 1 PUCB

0141263

Luciano Elia

PARA ALÉM DA SEXUALIDADE:
A PSICOSE NA PSICANÁLISE

VOLUME I

TESE DE DOUTORADO

*PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PSICOLOGIA CLÍNICA*

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1992

LUCIANO DA FONSECA ELIA

PARA ALÉM DA SEXUALIDADE: A PSICOSE NA PSICANÁLISE

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientadora: Angela Baraf Podkameni

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Março de 1992

Beld



150

5/12/99

test de

v.1

Aos mortos. Não todos, mas aqueles que, ditos loucos, fizeram esta escolha que, se não é eticamente regida pelo desejo do analista, não deixa por isso de ser eticamente possível, talvez necessária, até que os analistas, cansados de sua surdez, possam, com a sua ética, abraçar mais calorosamente a loucura.

AGRADECIMENTOS

Deliberando fugir aos cânones acadêmicos que concernem à seção de agradecimentos, quero expressar os meus através da prosa do texto, não pela série de itens.

Começo, assim, pelo primeiro "outro" deste trabalho: os meus analisantes aos quais meu ofício me impõe nomear "psicóticos", porque é primordialmente deles que recebo a transmissão do saber sobre a psicose, e é deles que procede também a quilo que me impele a trabalhar sobre esse saber e, portanto, a ter elaborado este trabalho.

Segue-se, em outra vertente e segunda apenas em face dos primeiros, aquela que, com sua sabedoria, pôde ter a magnanimidade de prescindir de sua douta posição e colocar o conhecimento num plano secundário ao saber. Parceira do trabalho, fez, por isso mesmo, mais que orientá-lo: incitou-o, criticou-o, apreciou-o, debateu-o, ao invés de seguir o que as restritas definições da palavra "orientação" significam, a saber, ditar caminho, por em trilhos, desejar um seguidor. A **Angela Baraf Podkameni**, que a Academia denomina a Orientadora da Tese, não poderia expressar suficientemente a minha gratidão por ter preferido dirigir-se a mim como um autor, e não dirigir-me como um seguidor.

Agradecer à **Cristina**, minha mulher e, como eu, psicanalista seria insuficiente, porque não se responde com grati-

dão ao que é feito por amor, mais do que por colaboração. Há coisas que as palavras não alcançam, mas permitem a expressão de um reconhecimento profundo: quero expressar que sei o quanto, neste trabalho, ela está presente. Também estão Daniel e Mariana, meus filhos, dos quais vou abster-me de dizer que o trabalho de pesquisa, leitura e escrita da Tese roubou, privou o tempo de dedicação e atenção paternas. Não, o meu trabalho nada rouba deles, pelo contrário, lhes dá bons frutos. Mas é bem verdade que andaram deixando, sobre a minha mesa, papéis em que escreviam: *"quando crescer não vou fazer teses..."*. Acho que entendi.

Com meus pais, aprendi, entre outras coisas, o valor do trabalho, e eu diria mais, o prazer do trabalho intelectual. A eles, em última instância, devo a própria possibilidade de realizá-lo.

Sinto extrema gratidão por meus pares. A começar pelos, mais que colegas, amigos da RAICA CLÍNICA DE PSICANÁLISE, com quem percorro uma formação permanente de psicanalista, em que não nos hierarquizamos entre mestres e alunos mas aproximamo-nos como pares, a dividir, por absoluta e imperiosa necessidade, as inexoráveis angústias de semelhante percurso, além de compartilharmos, quando isso é possível, do prazer de estudar intensamente a psicanálise, e de trabalhar sobre suas espinhosas situações clínicas. Com eles também foi possível lançar-me na seríssima aventura de fundar uma clínica-dia psicanalítica para pacientes psicóticos, tarefa que dá a esta Tese um peso especial e significativo.

Quero também expressar meu agradecimento a um outro conjunto de colegas psicanalistas, cujo convívio decorrente de um trabalho comum, específico sobre as psicoses, numa direção lacaniana, tem se constituído, há mais de cinco anos, como um suporte fundamental para o que eu pude construir nesta Tese: refiro-me aos analistas que integram o **NAT — Núcleo de Atendimento e Transmissão da Psicanálise** voltado para a questão da teoria da clínica psicanalítica das psicoses.

Nomeadamente, agradeço a **Carlos Augusto Nicéas**, cujo convívio no trabalho quotidiano do consultório tem me trazido, além do prazer da boa conversa, uma apreensão cada vez mais clara do que seja, para o analista, a experiência analítica.

A **Fernando Rocha** e, depois, a **Antonio Carlos Rocha**, agradeço a possibilidade de sofrê-la, a experiência analítica, o que, como sabemos, como analistas, é o essencial.

Muito devo a **meus alunos de Grupos de Estudos Freudianos e Lacanianos**. A experiência da transmissão da psicanálise é, talvez, a forma mais eficaz de aprender a teoria, sobretudo quando nos entregamos vivamente a essa experiência, inserimo-nos nos trilhos de uma transmissão que implica, necessariamente, a dimensão do saber do inconsciente.

A **Paulo Knauss**, amigo e mestre da língua alemã, agradeço a indispensável ajuda nas traduções das citações de Freud, feitas diretamente do original. Também a **Sonia Materno** e a **Dulce Cardoso**, agradeço a generosidade com que dispuseram do tempo das nossas aulas de alemão, em conjunto, tantas vezes usado para as referidas traduções.

Quero agradecer à presteza, simpatia e competência com que **Eni Rosa dos Santos** realizou o impecável trabalho de datilografia, e à disponibilidade, empenho e boa vontade com que pude contar, no trabalho de apoio e de secretaria, da parte de **Marília Schäd**.

Ao **CNPq** agradeço não apenas o suporte financeiro recebido durante boa parte do tempo de dedicação à Tese, mas sobretudo a decisão de acreditar, e portanto apoiar, um trabalho de pesquisa numa área tão crucial — a clínica psicanalítica da psicose — num país em que esses pacientes são tão particularmente desprezados não só pela iniciativa pública dita assistencial como também pela iniciativa privada dita clínica.

Finalmente, agradeço ao **Departamento de Psicologia da PUC-Rio**, no qual fiz todo o percurso de minha formação universitária — graduação, mestrado e, agora, Doutorado, e que, portanto, é para mim como uma **Casa de Estudos**.

RESUMO

As psicoses continuam a colocar, para a psicanálise, problemas da ordem do impasse. Isto não é a lamentar, porquanto impasse, no campo da psicanálise, não remete à paralisação, mas à forma própria pela qual se dão os movimentos da teoria a partir de seu encontro, sempre faltoso, com o real da clínica. O trabalho de elaboração desta Tese, assim, na medida em que leva a dimensão do impasse em conta, inicia-se pela tentativa de estabelecer os princípios de uma metodologia própria, específica da psicanálise, capaz de fazer face às suas peculiares exigências no que concerne às relações entre teoria e prática (clínica), entre sujeito e objeto do saber e da intervenção, entre as atividades teórico-clínicas do analista e sua vertente de investigação e pesquisa, tidas, em nossa postura, como necessária ao trabalho psicanalítico. Em suas principais seções teóricas, o trabalho tematiza a questão da sexualidade, procurando precisar o estatuto próprio, irreduzível e inconfundível que essa categoria exhibe na psicanálise, tal como a estabelece Freud, como eixo principal do campo de saber por ela configurado. Definido o campo do sexual, nossa principal referência teórica são, contudo, os seus limites, o seu mais-além, o que, desses limites, engendra e circunscreve o campo da sexualidade: a dimensão do não-sexual na psicanálise freudiana. Essa direção de trabalho tem seus fundamentos metodológicos no entendimento de que, se a psicose situa-se num plano marginal da teoria da clínica psicanalítica, centrada

nas neuroses, essa posição guarda uma homologia estrutural com o que, no plano teórico, configura-se também como limítrofe: o mais-além do sexual, entendido como borda, margem, limite do campo coextensivo à psicanálise estabelecida em torno das neuroses, e da configuração neurótica da transferência, dos critérios de entrada, direção e término da análise de neuróticos: o campo do sexual. Pretendemos, a partir dos desenvolvimentos teóricos empreendidos sobre a questão do sexual e do não-sexual em psicanálise, fundamentar uma teoria da clínica das psicoses que se mostre eficaz em seu modo de atenção e intervenção. São apresentados dois relatos, e seguidos de tentativas de elaboração teórica das questões por eles colocadas, de experiências analíticas com pacientes psicóticos, dois casos clínicos escolhidos por seu valor paradigmático quanto às questões levantadas na Tese, porém distintos por sua natureza clínica: o primeiro, um caso de autismo, em que a análise propriamente dita se fez através do discurso materno, consistindo, assim, em fundamento clínico para uma elaboração do analista sobre a construção da "subjetividade" autista a partir do discurso do Outro; o segundo, um caso de psicose, em que o próprio sujeito, falante, fornece o material clínico em que se baseiam as elaborações teóricas do analista. O trabalho se conclui com uma proposição, que leva em conta o estatuto ético-político da atividade de pesquisa na psicanálise, seu compromisso social de fazer retornar ao corpo social o produto da investigação sob a forma de propostas de modos de intervenção concreta, clínico-social ou institucional, sobre o campo pesquisado. Como corolário de todo o trabalho desenvolvido

na Tese, propomos uma forma de atendimento clínico-institucional, de caráter psicanalítico, a pacientes psicóticos, em regime de permanência-dia, numa extensão espaço-temporal e estrutural do dispositivo analítico, na vertente de tratamento e não de apoio, complemento ou suporte ao tratamento a ser feito em dispositivos tradicionais (psiquiátricos ou psicanalíticos).

RÉSUMÉ

Les psychoses posent, encore et toujours, à la psychanalyse, des problèmes de l'ordre de l'impasse, ce qui n'est pas à regretter, puisque l'impasse, dans le champ psychanalytique, ne renvoie pas à l'arrêt, mais plutôt à la forme propre par laquelle se font les mouvements de la théorie à partir de sa rencontre toujours manquante avec le réel de la clinique. Le travail d'élaboration de cette Thèse, dans la mesure où il considère la dimension de l'impasse, débute donc par l'essai d'établir les principes d'une méthodologie, spécifique, de la psychanalyse, capable de faire face aux exigences qui lui sont propres en ce qui concerne les rapports entre la théorie et la pratique de la clinique, entre le sujet et l'objet du savoir et de l'intervention, entre les activités théoriques et cliniques de l'analyste et son versant d'investigation et recherche, tenues, pour nous, comme essentielles pour le travail analytique. Dans ses sections théoriques principales le travail prend pour son thème la sexualité, cherchant à préciser le statut propre, irréductible, que cette catégorie porte en psychanalyse, telle quelle est établie Freud, en tant que l'axe principal du champ du savoir qu'elle configure. Une fois défini le champ du sexuel, notre référence théorique principale sont, pourtant, ses limites, son "au-delà", ce qui, de ses limites, engendre et circonscrit le champ de la sexualité: la dimension du non-sexuel dans la psychanalyse freudienne. Cette direction de travail prend ses fondements méthodologiques de

l'entendement de que, si la psychose se place dans un plan marginal de la théorie et de la clinique psychanalytiques, centrée sur les névroses, cette position garde une homologie structurale avec ce qui, sur le plan théorique, se présente aussi aux limites: l'au-delà du sexuel, défini en tant que bord, marge, limite du champ co-extensif à la psychanalyse établie autour des névroses, et de la configuration névrotique du transfert, des critères d'entrée en analyse, de la direction de la cure, et de la fin de l'analyse des névrosés: le champ du sexuel. Nous prétendons, à partir des développements théoriques faits sur la question du sexuel et du non-sexuel en psychanalyse, donner les fondements d'une théorie de la clinique des psychoses qui soit efficace en son mode d'attention et d'intervention. Deux rapports d'expériences analytiques avec de sujets psychotiques sont présentés, suivis d'essais d'élaboration théorique des questions qui sont posées par eux, deux cas choisis par sa valeur paradigmatique en ce qui concerne les questions surgies au cours de l'écriture de la Thèse, mais distincts entre eux par sa nature au niveau de la clinique: le premier, un cas d'autisme, dans lequel l'analyse proprement dite a été faite à travers le discours de la mère, en donnant, de ce fait, le fondement clinique à une élaboration de l'analyste sur la construction de la "subjectivité" autiste à partir du discours de l'Autre; le deuxième, un cas de psychose franche dans lequel le sujet lui-même, parlant, fournit le matériel sur lequel se fondent les élaborations théoriques de l'analyste. Le travail est conclu par une proposition, qui prend en compte le statut éthique-politique de l'activité de la recherche

en psychanalyse, son compromis social de faire retourner au corps social le produit des recherches sous la forme de propositions de modes d'intervention concrète, clinique, sociale et institutionnelle, portant sur le champ-objet des recherches; Comme un corollaire de tout le travail développé dans la Thèse, nous proposons un mode de traitement clinique-institutionnel, psychanalytique, de patients psychotiques, en régime de clinique-de-jour, dans une extension spatiale, temporelle et structurelle du dispositif analytique, dans le versant du traitement et non pas de l'appui, complément ou support au traitement à être fait en dispositifs traditionnels-psychiatriques ou psychanalytiques.

SUMÁRIO

Pág.

VOLUME I

INTRODUÇÃO.....	1
 PRIMEIRA PARTE - QUESTÕES METODOLÓGICAS	
 CAPÍTULO I - PELA ELABORAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE UMA METODOLOGIA PSICANALÍTICA (Os Postulados da Analítica)	
	9
- 1.1. O Advento da Psicanálise: Uma nova metodologia emerge.....	9
- 1.2. A Construção do Problema Central da Tese.....	18
- 1.3. Postulados da Analítica	23
 SEGUNDA PARTE - DO SEXUAL E DO NÃO-SEXUAL EM FREUD	
 CAPÍTULO II - A DIMENSÃO DO SEXUAL.....	
	46
- 2.1. A Sexualidade Infantil e o Inconsciente.....	46
2.1.1. Os Mal-Entendidos da Sexualidade Infantil.....	46
2.1.2. Sexualidade Infantil e Inconsciente.....	62
- 2.2. O Conceito de Pulsão como Ponto Ruptural (ou de Exposição) do Espaço Psicofísico (objeto especí- fico da Psicologia) na Definição do Inconsciente como Objeto da Psicanálise.....	71
- 2.3. Sexualidade e Subjetividade em Freud: O "Eu" na Teoria Freudiana do Narcisismo.....	78

2.3.1. A Teorização de Freud sobre o "EU" anterior à Introdução do Narcisismo.....	78
2.3.2. Caráter Pré-Cartesiano da Teorização sobre o "eu" anterior à Introdução do Narcisismo.....	84
2.3.3. Caráter Pré-Hegelianiano da Psicanálise Freu- diana anterior à Introdução do Conceito de Narcisismo.....	89
2.3.4. A Introdução do Narcisismo.....	93
2.3.5. O Narcisismo entre a Vida e a Morte.....	97
CAPÍTULO III - A DIMENSÃO DO NÃO-SEXUAL.....	101
- 3.1. O Não-Sexual em Freud.....	101
- 3.2. A Dimensão do Não-Sexual em "Três Ensaíos sobre a Teoria da Sexualidade" de Freud.....	104
- 3.3. O Não-Sexual na Primeira Tópica: "Pulsões e Des- tinos das Pulsões".....	126
- 3.4. Do Isso ao Eu: A segunda tópica freudiana como momento de explicitação da dimensão do não-sexual na Teoria.....	152
3.4.1. Além do Princípio de Prazer.....	152
3.4.2. O Eu e o Isso.....	165
3.4.3. O Não-Sexual e a Verneinung de Freud.....	194

SUMÁRIO

Pág.

VOLUME II

TERCEIRA PARTE - TEORIA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS PSICOSES

CAPÍTULO IV - A PSICOSE DE FREUD A LACAN.....	209
- 4.1. Freud e a Psicose.....	209
4.1.1. Rumo a Schreber.....	209
4.1.2. Com Schreber.....	219
4.1.3. Após Schreber.....	245
- 4.2. Com Melanie Klein, Sem Freud.....	264
- 4.3. Com Lacan, Via Freud.....	275
CAPÍTULO V - A CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS PSICOSES: DO IMPASSE À FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E À TENTATIVA DE CONSTRUÇÃO DE UMA POSSÍVEL RESPOSTA	309
CAPÍTULO VI - A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA DA CLÍNICA DA PSICOSE	339
- 6.1. A Construção do Autista pela Análise da Mãe (Teoria do Discurso Produtor da Psicose): Um caso Clínico: "Terá ela inconsciente d'Isso?".....	339
- 6.2. A Experiência Analítica com um sujeito psicótico: "Se o analista não recua diante da psicose, o psicótico avança diante do analista".....	372

CONCLUSÃO 390

BIBLIOGRAFIA..... 408

NOTA DE ADVERTÊNCIA SOBRE AS TRADUÇÕES DE CITAÇÕES DE FREUD E LACAN

Todas as citações e transcrições da obra de Sigmund Freud feitas neste trabalho foram extraídas e traduzidas do original alemão diretamente pelo autor, a quem cabe portanto, a responsabilidade pelo texto traduzido. O original utilizado é a Coleção intitulada "STUDIENAUSGABE" (literalmente "edição dos estudos"), Frankfurt-am-Main, S. Fischer Verlag GmbH, Band I a X + Ergänzungsband, 1989, intitulada, simplesmente, Studienausgabe, seguida do número, em algarismos, romanos, do volume (Band, Bd.) ao longo do trabalho.

Da mesma forma, as citações e transcrições das obras de Jacques Lacan feitas neste trabalho foram extraídas e traduzidas do original francês diretamente pelo autor a quem cabe, igualmente, o teor dos textos traduzidos. O original utilizado é o volume dos Écrits (tomo único), de Paris, Éditions du Seuil, 1966 e os volumes relativos aos Livres (1,2,3,7,11 e 20, editados) de Le Séminaire de Jacques Lacan, Paris, Editions du Seuil, diversas datas de edição.

INTRODUÇÃO

A psicose constitui-se como um impasse para a psicanálise. Esta assertiva impõe ao analista e ao pesquisador em psicanálice uma série de consequências: qual o estatuto do termo impasse na psicanálise? por que a psicose é, para a psicanálise, algo da ordem do impasse? como conceber que a psicanálise, como o saber inequivocamente mais habilitado, em nosso tempo, sobre a subjetividade, em sua vertente estrutural — e não contingente — de prática clínica, possa, ao mesmo tempo, exibir uma teoria que comporta, do ponto de vista de sua extensão e compreensão, conceitos capazes de tornarem os fenômenos clínicos da psicose inteligíveis e, mostrar-se tão silenciosa, recuada e ineficaz no plano da clínica das psicoses? Em suma, o que pode um analista diante do psicótico, em face das exigências teóricas e éticas do saber psicanalítico?

Assim, o impasse de que se trata, e que elevamos ao estatuto de questão crucial para a psicanálise constitui o problema central desta Tese, o fator causal de sua elaboração, seu móbil principal e seu ponto de referência, meta a nortear nossa direção, ideal a continuar exigindo nosso empenho em trabalhos subsequentes, porquanto, na inexorável impossibilidade de se esgotar um problema de tamanha envergadura, e na necessária parcialidade de toda produção de saber, em sua relação com a sempre semi-dita verdade, temos este trabalho como um fragmento de percurso, incompleto, precário, mas que aspira a alguma consis

tência e fecundidade no sentido de produzir algumas novas articulações do problema, fazendo avançar o saber psicanalítico diante da psicose.

Nas múltiplas dimensões do impasse, destacaremos, de início, sua dimensão metodológica: a psicose confrontada psicanálise com seu próprio modo de produção conceitual. Assim, para nós, a questão se coloca, num primeiro momento, na radicalidade própria a uma questão metodológica, pelo que queremos expressar: as formas próprias que assumem, na psicanálise, as relações entre sujeito e objeto de conhecimento, entre descoberta e verificação, entre teoria e prática. Foi o próprio confronto com a questão das psicoses que nos impôs esse ponto de partida, que não foi, por assim dizer, planejado, mas decorreu, como convém ao trabalho de pesquisa em psicanálise, de uma posição oriunda do encontro da teoria com a clínica.

Assim, o que seria apenas um capítulo, uma discussão metodológica, acabou, por sua extensão e importância em face da questão que as psicoses começaram por colocar para a pesquisa, constituindo-se como uma "parte" entre as três que estruturam a Tese. Desenvolvemos, na "Primeira Parte", que contém um só capítulo — o primeiro — sendo a ele coextensiva, o que denominamos "Questões Metodológicas", contendo uma discussão metodológica, a exposição e desenvolvimento do problema central da Tese e uma proposição de sete postulados, destinados a sustentar o esboço de uma possível Metodologia própria à psicanálise.

Por outro lado, a ser tomada no interior do campo da psicanálise, a questão da psicose, implica necessariamente que

a confrontemos com a temática da sexualidade, porquanto esta constitui o próprio eixo central da descoberta freudiana, seu veio principal e fio condutor, num sentido, entretanto, suficiente e simultaneamente complexo e específico para causar, quando não compreendido, não poucos nem inconsequentes equívocos teóricos, clínicos, éticos e metodológicos, o que nos levou a trabalhá-los na segunda seção do presente capítulo, a seguir.

Embora Freud trate da questão das psicoses desde os seus primeiros trabalhos, dirigidos para uma teorização original de sua experiência clínica, teorização que não apenas comportaria uma dimensão nosológica como também mereceria o atributo de inauguradora de uma nova nosologia, foi só a partir de sua análise sobre as "Memórias" do Presidente Schreber que pôde efetivamente inserir o problema das psicoses na teoria psicanalítica, o que equivale a dizer, tratar da questão das psicoses através da trama conceitual própria à psicanálise, a saber, a teoria da libido.

O texto "Para a introdução do Narcisismo", de 1914, que é, sob certo aspecto, um resultado da análise de Freud sobre as Memórias de Schreber e que ocasionou um remanejamento teórico até então sem precedentes na psicanálise, o mostra claramente. Como dissemos, Freud insere a psicose no seu universo conceitual primordial — o campo da sexualidade: confronta a psicose com a sexualidade. Curiosamente, como veremos no Capítulo II, de forma mais elaborada, é este também o momento em que a psicanálise volta-se para a questão do eu, vale dizer, o eu recebe de Freud, pela primeira vez, um tratamento teórico consis

tente em termos psicanalíticos (e não psicobiológicos), pelo que queremos dizer; o eu passa a ser conceitualmente constituído através da teoria da sexualidade, e não mais simplesmente situado como o "Outro" da sexualidade, que a ela se opunha de forma excludente.

Entretanto, confrontar a psicose com a sexualidade não é resolver a espinhosa questão de sua teorização através da psicanálise, e, portanto, de sua clínica, mas é antes a condição de possibilidade da própria formulação dessas questões.

Além disso, o inequívoco avanço que um tal confronto representa, no que concerne à produção teórico-clínica sobre a psicose, problematiza a própria noção de sexualidade em psicanálise, sua extensão e compreensão conceituais, interroga-a sobre seus contornos, sua circunscrição, seu estatuto axial e sua coextensividade ao campo psicanalítico, sua dimensão de totalidade: afinal, o sexual recobre o psicanalítico? a sexualidade é coextensiva à psicanálise? Trata-se de uma questão que autoriza — sim ou não — sua totalização como o objeto da psicanálise? ou, antes, o sexual, embora permanecendo axial, é necessariamente, por definição, por estrutura, parcial, e não total? Como objeto do saber psicanalítico o sexual — necessariamente parcial — não definiria, pelo viés da castração, simultaneamente a parcialidade inerente ao sujeito do inconsciente, sua impossível plenificação, o que se sustenta do próprio estatuto do inconsciente e o sustenta, o próprio inconsciente, enquanto tal, como dimensão não-totalizável do psíquico, sob pena de ter diluída sua própria condição de in/consciente?

É a partir dessas questões que a psicose constituir-se-á como verdadeiro móbil da construção da teoria psicanalítica em seus desdobramentos ulteriores. A distinção entre as dimensões do sexual e do não-sexual em Freud, exigida pela psicose, virá a permitir a teoria e à clínica psicanalíticas produzir algum saber sobre a própria psicose, saber este derivado exatamente daquilo que, na psicanálise, resiste à sexualidade, situa-se para além do sexual, no "fora-do-sexo" -- "Horsexe", como se exprime Lacan.

Impõe-se-nos, portanto, examinar os campos do sexual e do não-sexual em Freud, como pré-condição para a elaboração de um trabalho de pesquisa que, como este, aspire a alguma possibilidade de produzir, desde o lugar do dizer analítico, novos ditos ou enunciados que venham a conferir uma consistência maior ao trabalho teórico e clínico com psicóticos.

Assim, na segunda parte da Tese, intitulada "Do sexual e do não-sexual em psicanálise", composta de dois capítulos (segundo e terceiro da Tese), desenvolvemos a teoria do que, em Freud, se apresenta como situado para além da ordem do sexual, referência axial do saber psicanalítico. Pretendemos, assim, caucionar, no plano teórico, o que seria a região conceitual na obra freudiana que poderia conferir o suporte necessário a uma teoria da clínica das psicoses, tomando como eixo central o fora-do-sexual, o não-sexual, ou seja, aquilo que, desde seus limites, sustenta, circunscreve e engendra a ordem do sexual. Essa démarche fundamenta-se na concepção de que a psicose concerne à dimensão do que não se estrutura pelo viés da significação

fálica, da ordem do recalque e do funcionamento recalçado do inconsciente, registro no qual articula-se a ordem do sexual. Se, na clínica, a psicose permanece à margem, nos chamados "limites" do analisável, a lhe colocar problemas da ordem do impasse homologamente, na teoria, a psicose ocupa o lugar da borda, do confim, do limite conceitual do discurso psicanalítico, enquanto este é entendido como coextensivo ao discurso sobre a sexualidade. Trata-se, portanto, de trazer o plano do que se configura como marginal para o foco de nossa atenção e investigação, não como centro, porque não preconizamos um "Psicótico-centrismo", mas como uma outra dimensão igualmente digna do trabalho teórico, clínico e de pesquisa pelos analistas interessados em fazer avançar a psicanálise a partir de seus impasses, único modo, aliás, rigorosamente psicanalítico, de fazer avançar o seu saber. Se a psicanálise padece de "neuroticocentrismo", isto é, tomar a teoria e a clínica psicanalíticas enquanto centradas na referência à estrutura neurótica da subjetividade como parâmetro de possibilidade de todas as questões teórico-clínicas da psicanálise, propomos descentrar esta referência, tornando múltiplas as referências, ao invés de propor novos centrismos ou meras "alternativas" desviantes, como tais, à ética da psicanálise — que é uma só — na abordagem do que permanece teórica e clinicamente intacto, ou pouco tratado, caso em que se enquadra a teoria da clínica das psicoses.

Na terceira Parte, intitulada "Teoria da Clínica das Psicoses", empreendemos um exame do percurso teórico que tiveram as psicoses na psicanálise, partindo de Freud, passando por Melanie Klein e, em função das diretrizes teóricas adotadas por

nós, terminando com Lacan (Capítulo IV, "A Psicose de Freud a Lacan). Segue-se um capítulo dedicado à discussão de nossos próprios pontos de vista sobre o impasse da clínica psicanalítica das psicoses (capítulo V) e, por fim, a apresentação, e discussão e construção teórica a partir de duas experiências clínicas com pacientes psicóticos. Na primeira (o caso de um paciente autista e sua construção através da análise da mãe), trata-se de elaborar uma possível teoria da construção do próprio autismo através do discurso materno (sujeito falante), e, no segundo, de abordar as questões colocadas pelo próprio sujeito psicótico em análise, à luz da elaboração teórica empreendida ao longo do trabalho (Capítulo VI — A Experiência Analítica da Clínica da Psicose).

Na conclusão, apresentamos uma proposta institucional de atendimento psicanalítico de pacientes psicóticos, em regime de clínica-dia, cuja originalidade reside no fato de que esta forma de atendimento (normalmente conhecida como "hospital-dia") assume, na proposta em questão, uma direção ética estritamente psicanalítica, com todos os problemas que uma tal empreendimento carrega, tendo em vista a alteração espaço-temporal e a pluralização da figura do analista na estruturação do dispositivo analítico "em extensão" formal, mas "em intensão" no sentido utilizado por Lacan em sua Proposição de 9 de Outubro de 1961 para o analista de Escola [1], na medida em que define a intervenção do analista em sua dimensão clínica e ética, na direção do tratamento analítico dos pacientes da clínica.

[1] Lacan, J. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'école (in Annuaire 1982 de l'École de la Cause Freudienne, Paris).

Terminamos esta Introdução com transcrição de um texto de Serge Leclaire, que resume, de forma particularmente concisa, os nossos propósitos na elaboração da presente Tese:

"Quem diz psicoterapia supõe a necessidade fundamental de poder compreender racionalmente a experiência que se desenvolve entre o paciente e seu terapeuta. Mas parece justo dizer que o uso de um método nascido do estudo particular das neuroses não poderia ser simplesmente transposto e sumariamente adaptado ao campo da psicose. Pensamos que o fenômeno da psicose constitui uma estrutura profundamente original, irredutível às formas neuróticas conhecidas. Dentro de tal perspectiva (além disso, conforme a visão freudiana das psicoses, tão apaixonadamente contestada por alguns), a psicose exige então um modo de psicoterapia particular que deve retirar seus princípios de um estudo da própria natureza da perturbação psicótica"[2].

[2] Leclaire, S. - À la recherche des principes d'une psychothérapie des psychoses, in L'évolution psychiatrique, 1958, n. 2, pp. 377-419. Paris, p. 80.

PRIMEIRA PARTE

QUESTÕES METODOLÓGICAS

CAPÍTULO I
PELA ELABORAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DE UMA
METODOLOGIA PSICANALÍTICA

— Os Postulados da Analítica —

1.1. O Advento da Psicanálise: Uma Nova Metodologia Emerge

A psicanálise representa um advento radicalmente inaugural no campo do saber. Tal advento, longe de se esgotar na condição de um avanço do conhecimento produzido no interior de um campo epistemológico que lhe antecederesse, lógica, metodológica e cronologicamente, consiste na própria criação de um campo novo, irreduzível, e, sob alguns aspectos, incompatível com os campos pré-existentes, sejam eles conexos ou não ao que se produziu no advento psicanalítico. Nomeadamente, os campos da medicina e psicologia, mais próximos por seu objeto aparente, ou os campos das ciências sociais, antropologia, sociologia, história, etc., são, todos, equivalentemente distintos do campo da psicanálise, e dele equidistantes se tomarmos as proposições freudianas em sua radicalidade, conceitual, ética e metodológica. O campo da filosofia, este não podemos perfilar entre os campos ditos científicos, porquanto seu estatuto não é o mesmo, sempre situando-se como discurso, de certa forma, metacientífico, na medida em que concerne à forma pela qual os discursos científicos se produzem. Há sempre uma filosofia da ciência, um para-além do discurso que tem a peculiaridade de recortar seu objeto: o científico.

Pois bem, a psicanálise tampouco pode perfilar-se entre os discursos científicos. Não que tenha a vocação de situar-se no plano da filosofia, pois, longe de ter a sua ubiqüidade, concerne àquilo que é da ordem do extremamente singular. No entanto, ao tomar esta direção, não procede cientificamente, no sentido de que não pretende afirmar, como faz a ciência, a objetividade, a generalidade e a reprodutibilidade de seus procedimentos clínicos ou de proposições conceituais. A psicanálise propõe, assim, não apenas um novo objeto, inédito no saber, um novo recorte científico no cenário epistemológico, a ser tomado em investigação através de formas metodológicas já constituídas. Propõe, também e sobretudo — um passo não podendo ser dado sem o outro — uma nova forma de produzir-se o objeto, o que denominaremos, uma nova metodologia de conhecimento.

Convém lembrar, aqui, que a ciência não é, por sua vez, a única forma filosoficamente legitimada de produção de conhecimento. Na história da filosofia, encontramos formas de pensar (e não simplesmente sistemas de pensamento) distintas entre si, e como tal igualmente distintas do método científico. Assim, podemos, a título de ilustração, tomar a fenomenologia de Husserl, a dialética de Hegel, o estruturalismo da lingüística e da antropologia, a genealogia de Foucault, como formas de pensar que só podem ser apreendidas nos planos metodológicos que lhes correspondem: "A fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico", nos diz Merleau-Ponty na Introdução de sua obra "Fenomenologia da Percepção"^[3], numa advertência absoluta

[3] Merleau-Ponty, M. - Phénoménologie de la Perception, Paris, Gallimard, 1945.

mente pertinente. Diríamos nós que, assim como os demais "mê todos" mencionados, também a psicanálise só é acessível ao método analítico, ou, nos termos introduzidos por Lacan, ao discurso analítico.

Assim é que podemos ver, nas produções teóricas do discurso analítico, incidências dessas outras "metodologias" — Incidências, dissemos: não são equivalências. Tais incidências não procedem de ciências particulares (medicina, psicologia), que pertencem por inteiro a outro campo metodológico, ao qual encontram-se assujeitadas, mas de sistemas metodológicos constituídos no campo da filosofia. A psicanálise é impensável, por exemplo, sem o recurso à dialética hegeliana, em particular quando se trata do processo de constituição do sujeito^[4]. Tampouco prescinde do conceito de estrutura, de determinismo estrutural, do recurso à linguagem e à lingüística. A fenomenologia é também de extrema importância metodológica para a psicanálise, na medida em que trouxe para as ciências humanas a dimensão da experiência de intersubjetividade a posição do "outro" do saber como sujeito, e não como objeto. Mas a démarche psicanalítica, é bom que não nos iludamos, não é fenomenológica: trata-se de ir além do fenômeno e de sua experiência imediata, e o próprio conceito freudiano de inconsciente, a situar a determinação do sujeito para além do próprio sujeito, já seria suficiente para tornar uma postura fenomenológica impossível em psicanálise. Não é sem razão que diversos pensadores de inspiração fenomenológi

[4] Hegel, G.W.F. - Phénoménologie de l'Esprit, Cap. IV, 145 e segs. Paris: Aubier, Editions Montaigne, 1941. Ver, em particular, o capítulo IV - "La Certitude de Soi-Même", págs. de a .

ca e de grande envergadura, que fizeram profundas e extensas in cursões no campo da psicanálise, como Georges Politzer^[5], Maurice Merleau-Ponty^[6] e Jean-Paul Sartre^[7], para tomar apenas três exemplos proeminentes, tenham mantido, com relação ao in consciente, espinhosas discussões, que dado o rigor desses auto res, só poderiam chegar ao impasse. Soluções fáceis à parte, deixadas aos defensores da conciliação e das concessões, que pu deram produzir, por exemplo, o impensável de uma psicanálise e xistencial.

Mas, se situa seu ponto de mira para além do fenômeno, pelo que atesta de sua derivação e partir da Ciência, a psicaná lise, contudo não se identifica com ela; não busca, nesse mais -além do fenômeno, as explicações redutíveis a uma racionalida de compartilhável, uniformizante, normatizadora. Se a ciência visa a fundar, produzir, como efeito de seu discurso, um obje to, recalçando, em seu movimento, o sujeito, a psicanálise ao contrário, faz agenciar a sua prática discursiva (clínica e teó rica) pelo objeto, dirigindo-se assim a um sujeito, situado co mo o Outro dessa prática, tomado em sua singularidade. Essa démarche é muitas vezes confundida com um procedimento intuiti- vista, de estatuto pouco teórico, para-teórico, ou meta-teóri- co, que acaba por promover a clínica ao lugar da sensibilidade, do talento, até mesmo do "afeto", em suma, um lugar de alguma forma oposto ao da teoria, que lhe criaria "entraves racionali

[5] Politzer, G. Critique des fondements de la psychologie. Paris, Presses Universitaires de France, 4^a ed., 1974.

[6] Merleau-Ponty, M. La Phénoménologie de la perception. op. cit.

[7] Sartre, J.-P., Critique de la Raison Dialectique. Paris, Gallimard, Bibliothèque des Idées, 1960.

zantes". Retomaremos essa questão adiante na discussão metodo lógica da psicanálise e na proposição dos "postulados da Anali tica".

Recusando, assim, a mera apreensão fenomenológica, a psicanálise tampouco recai no reducionismo racionalista e expli cativo da ciência, já que, se procede de forma inequivocamente dependente da teoria e visa atingir um plano meta-fenomênico, o plano da determinação mesma dos fenômenos — aspectos no qual coi ncide com a prática científica — desta diverge radicalmente na medida em que não situa a teoria como agente, mas como verdade recalcada de sua prática, num lugar portanto análogo ao que a ciência reserva ao sujeito — o lugar do recalcado. Da mesma forma, se a ciência tem como produto a constituição de seu obje to, a psicanálise tem como produto acesso do sujeito ao saber sobre suas determinações singulares e fundamentais.

O que vimos dizendo requer uma formalização, que é da da por Lacan em seu Seminário dos anos 1969-70, "L'envers de la psychanalyse"^[8]. Ao definir o discurso como laço social e es truturar a sua formalização através dos matemas, elaborou a sua "teoria dos quatro discursos" pelo arranjo dos quatro elementos matemáticos de sua álgebra em quatro posições diferentes e fixas, quatro lugares estruturais, no matê ma discursivo:

agente
verdade

Outro
produção

[8] Lacan, J. Le Séminaire, Livre XVII - "L'envers de la Psychanalyse" (1969-70) - Paris, Editions du Seuil, 1991.

Os elementos, que ocupam as diferentes posições assim definidas, do que resulta a formulação de quatro estruturas discursivas, são:

- S1 - significante-mestre, traço unário que define a singularidade do sujeito em sua determinação (parcial) pelo Simbólico;
- S2 - O conjunto dos significantes constituintes da cadeia inconsciente menos um (S1), definindo o saber do inconsciente, saber de que se trata em psicanálise, e que, na estrutura minimalmente binária do Simbólico, parecia com S1 na representação do sujeito, lembrando oportunamente aqui que o significante, em psicanálise, se define pela função de representar o sujeito para outro significante, o que interdita qualquer apreensão lingüística do uso da categoria de significante pelo psicanalista.
- a - objeto, o que se contrapõe ao sujeito e se exclui da determinação (parcial) do sujeito pelo simbólico, marcando o lugar da causação do sujeito a partir do Real.
- § - sujeito do significante, sujeito do inconsciente, determinado (parcialmente) pelo Simbólico e pelo Real e representado (mas não-todo) por S1 para S2.

Situando-se os elementos da álgebra lacaniana assim de finidos nos quatro lugares fixos da estrutura matemática do discurso, temos:

(1) (no lugar do agente:)	$\frac{S1}{\text{§}}$	$\frac{S2}{a}$	(no lugar do Outro)
(no lugar da verdade:)	--	a	(no lugar da produção):

Seja o DISCURSO DO MESTRE, ao qual aproximamos a estrutura do discurso científico, agenciado por S1 (significante-mestre) em seu endereçamento a S2 (saber), tendo como produção o objeto e como verdade um sujeito recalcado, como havíamos dito anteriormente.

Derivando-se do discurso do Mestre os outros três, fazendo "girar" no sentido "horário" os elementos matemáticos para os lugares subsequentes na estrutura matemática, temos:

(2) (no lugar do agente:)	$\frac{\text{§}}{a}$	$\frac{S1}{S2}$	(no lugar do Outro)
(no lugar da verdade:)	a	S2	(no lugar da produção)

Seja o DISCURSO HISTÉRICO, agenciado pelo sujeito do inconsciente, endereçado ao significante-mestre (o histérico sempre se dirige ao Mestre) para produzir um saber (S2), sendo a sua verdade recalcada a sua condição de objeto (a).

(3) (no lugar do agente:)	$\frac{a}{S2}$	$\frac{\text{§}}{S1}$	(no lugar do Outro)
(no lugar da verdade:)	S2	S1	(no lugar da produção)

Seja o DISCURSO DO ANALISTA, agenciado pelo objeto cau

sa de desejo, endereçado a um sujeito cujo desejo trata-se de causar, tendo como produção os significantes-mestres da determinação inconsciente do sujeito, e como verdade (do analista) o saber analítico (S2).

(4)	(no lugar do agente:)	<u>S2</u>	<u>a</u>	(no lugar do Outro)
	(no lugar da verdade:)	S1	<u>g</u>	(no lugar da produção)

Seja o DISCURSO UNIVERSITÁRIO, agenciado pelo saber em posição não-recalcada, portanto, dirigido a um Outro definido como objeto, tendo como verdade o significante do Mestre e como produção, efeito de seu agenciamento, o sujeito barrado.

Assim, podemos retomar a posição metodológica da psi canálise a partir do matema do discurso do analista, confrontando-o com o da ciência, que fazemos aproximar da estrutura do discurso do Mestre:

No discurso científico, o agente é o significante-mestre-S1, (uma questão fundamental de pesquisa, por exemplo) que tem como o Outro de seu endereçamento o Saber (S2) (uma questão dirigida ao Saber). No lugar da produção situa-se o objeto, isto é, o discurso da ciência visa a estabelecer um objeto, a produzi-lo como objeto de ciência. Como verdade recalcada do discurso da ciência figura o sujeito — aquele que deve ser posto fora da cena discursiva mas que, em contrapartida, se faz representar como verdade. Com efeito, a verdade em seu estado nascente permanece, na démarche científica, recalcada, como observa Lacan em outro de seus Seminários a propósito da rela-

ção entre o saber e a verdade:

"... eu sublinhava... o que se pode chamar a função da verdade no estado nascente. (...) Sócrates é aquele que inaugura na subjetividade humana este estilo do qual derivou a noção de um saber ligado a certas exigências de coerência, saber prévio a todo progresso ulterior da ciência como experimental (...) no momento em que (Sócrates) inaugura este novo ser-no-mundo que denomino aqui uma subjetividade, ele percebe que o mais precioso, a areté, a excelência do ser humano, não é a ciência que poderá transmitir as vias de acesso a ele^[9] (...) erro de crer que o que a ciência constitui pela intervenção da função simbólica estava aí desde sempre, que é dado (...) Este erro existe em todo saber, porquanto ele não é senão uma cristalização da atividade simbólica e que uma vez constituído, ele a esquece. Há em todo saber uma vez constituído uma dimensão de erro, que é a de esquecer a função criadora da verdade sob sua forma nascente^[10]."

A psicanálise, contrariamente à démarche científica, faz agenciar o seu discurso pelo objeto na função de causa de desejo, e é a única forma discursiva que tem como Outro de seu endereçamento o sujeito, ao qual se dirige para produzir, como efeito desse discurso, os significantes-mestres que determinam

[9] Lacan, J. Le Séminaire, Livre II. Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, (1954-55) Paris, Seuil, 1978, p. 13.

[10] Idem, *ibidem*, p. 29.

o sujeito, em sua singularidade, desde o inconsciente. Quanto ao saber teórico, situado, para a ciência, como lugar de endereçamento de seu discurso, (quando não seu próprio fator agenciador na vertente reprodutiva da ciência "universitária") torna-se, para a psicanálise, o lugar da verdade, do recalcado, no ato mesmo de seu agenciamento. No ato psicanalítico, o saber (teórico, por exemplo) age a partir de sua condição de recalcado, o que interdita, a um só tempo, uma apreensão intuitivista da experiência analítica, algo que pudesse, em favor da sensibilidade, "faro" ou "olho" clínico, dispensar o estudo teórico, e um agenciamento teoricista dessa mesma experiência, situação em que a teoria seria o próprio agente (discurso universitário), a agir fora do recalcado. Retomaremos, ao longo deste Capítulo, a noção que propomos denominar de "teoria recalcada", a propósito dos "Postulados da Analítica".

1.2. A Construção do Problema Central da Tese

As considerações iniciais que desenvolvemos, a título introdutório, ao presente capítulo, nos levaram a asseverar que a psicanálise situa-se, no plano do saber, como uma nova metodologia, mais do que um novo ramo ou recorte científico cabível no interior de um campo metodológico que a antecedesse, a subsumisse ou a comportasse. Nivelada a outras metodologias emergentes ao longo da História do Saber, como a fenomenologia, a dialética, a genealogia e também o método científico, a psicaná

lise não se confunde com elas, afirmando, simultaneamente à função de seu objeto — o inconsciente — uma forma irreduzível e única passível de apreendê-lo: o discurso analítico e seu correlato dispositivo clínico.

Assim, parece-nos necessário sistematizar os princípios fundamentais da metodologia da psicanálise, ou da metodologia em que consiste a psicanálise, a fim de, mais do que fundamentar nossa proposição, caracterizar essa metodologia em seus principais eixos operativos.

Propomos, desde logo, o termo de "Analítica" para nomear a metodologia de que se trata, a metodologia da psicanálise, e decidimos apresentá-la ao longo do presente capítulo sob a forma de sete "postulados" seguidos de sua explicitação, indicando que, para nós, esta apresentação constitui tão-somente um primeiro esboço, cuja inevitável precariedade e incipiência não nos pareceu invalidar a empreitada, em que pese sua vulnerabilidade à crítica, já que consideramos imprescindível e urgente que uma tal explicitação do lugar e especificidade da psicanálise no plano dos saberes e das práticas discursivas seja empreendida, o que os sistemáticos equívocos que a literatura psicanalítica, sobretudo em suas incursões epistemológicas, atestam veementemente. São justificativas igualmente consistentes em favor de nossa iniciativa as inserções no plano da prática institucional seja ela acadêmica ou não, da psicanálise: corrente ou "escola" da psicologia ("teoria e sistema psicológico") , nos cursos de graduação de mesmo nome, "especialidade médica" nas instituições psicanalíticas filiadas à I.P.A., enfim, gra

ves atestados de que o discurso médico-psicológico continua procurando absorver a psicanálise a si, diluindo as diferenças que esta mantém em relação àquele discurso.

Além desses fatores de ordem geral, indicariamos, antes de proceder à enunciação e explicitação dos "postulados da "Analítica", como propusemos denominar a metodologia psicanalítica, as razões que, no decurso de nossas investigações clínico-teóricas empreendidas com vistas à elaboração do presente trabalho, a saber, a pesquisa psicanalítica sobre o tratamento das psicoses, nos levaram à discussão metodológica em questão.

Assim, situamos como principal fator, entre aqueles que consideramos como condições de exigência de uma assunção, pela psicanálise, de seu estatuto metodológico específico, este fator de ordem clínica e teórica: a psicose, que sempre se constitui como um problema crucial para a psicanálise, confrontando-a com seus limites, interrogando-a sobre seu próprio modo de produção conceitual e de exercício clínico. Para nós, portanto, a questão da psicose se coloca de modo radical: longe de esgotar-se, quer como uma "impossibilidade", um "para além da teoria e da clínica psicanalíticas", quer como mera questão de adaptação "técnica", a questão da articulação da psicanálise com a psicose, a ser colocada em seus termos mais instigantes fecundos e radicais, situa-se como um problema metodológico, e é nesses termos que pretendemos, aqui, colocá-la.

Do modo como o concebemos, um "problema metodológico" concerne ao próprio modo de produção do saber, às relações entre teoria e prática, entre investigação (pesquisa) e "aplica

ção", entre sujeito e objeto do conhecimento.

A psicose, mais do que reivindicar da psicanálise uma "aplicação" técnica da teoria à clínica que a toma por "objeto", impõe aos psicanalistas a discussão das questões mesmas que sub jazem a tais procedimentos, ou seja, a discussão dos próprios critérios de possibilidade de se falar em "aplicação" da teoria à prática, para dar apenas um exemplo. Seria a clínica, em psi canálise, um lugar de aplicação do saber teórico, disso resultando sua condição "contingente" (pode-se fazer ou não clínica, pode-se, correlativamente, fazer "psicanálise pura" (teórica) ou aplicada") como em ciência? Ou, pelo contrário, a clínica em psicanálise é o lugar necessário (e não contingente) de produção do saber, ainda que seu exercício seja, em todos os pontos, determinados pela construção de um espaço (o espaço analítico), a partir da teoria? Pode a psicose (os sujeitos psicóticos) e xistentes na clínica, serem tomados pelo analista-pesquisador como objeto de pesquisa? Ou antes, na clínica psicanalítica, uma clínica-de-investigação por excelência, qualquer que seja o seu propósito imediato ou explícito, o "outro" é sempre um su jeito (nunca um objeto), situando-se, o próprio analista-pesqui sador, como objeto-agenciador da prática, subvertendo a relação sujeito-objeto tal como é concebida na ciência?

Partamos, a fim de abordar as questões indicadas, de uma hipótese de trabalho, que elaboramos com relação à psicaná lise da psicose, e que enunciaremos sob a forma estruturada em três proposições.

1. No plano da teoria, a psicanálise produz enuncia
dos sobre a psicose;
2. A estrutura da relação teoria-prática em psicanáli
se é tal que, havendo produção teórica acerca de
determinado objeto, há necessariamente a possibili
dade de apreensão, a partir desses enunciados
teóricos, de princípios norteadores da intervenção
clínica sobre o objeto tratado, já que, na referida
relação, tais enunciados foram produzidos a partir
da própria clínica.
3. Se 1 e 2 são proposições verdadeiras, então decor
re que é possível a formulação de princípios de u
ma clínica psicanalítica das psicoses, o que con
traria uma observação dessa prática tal como é con
cretamente exercida, caracterizada por um recuo di
ante da psicose.

A contradição a que chegam as proposições acima cons
tituem o cerne, o problema central da hipótese assim formulada.

Em data posterior a tê-la formulado, encontramos, na o
bra de Piera Aulagnier, a enunciação de uma série de proposi
ções (numa estrutura portanto homóloga à nossa) denunciando a
mesma contradição com relação à psicose:

"(...) o analista adere a duas proposições con
traditórias a saber:

- No campo da experiência freudiana, qualquer conhecimento de um fenômeno psíquico deve nos permitir uma ação sobre este fenômeno;
- Existe um conhecimento do fenômeno psicótico cuja ação é inoperante no campo da experiência;
- Contra que risco estabeleceu-se esta clivagem? (...) Trata-se de não ver o quê?" [11]

Esta convergência de pensamento com uma autora da envergadura de Piera Aulagnier, cuja obra é reconhecidamente fundamental para toda abordagem psicanalítica da psicose, nos trouxe a indicação de estarmos no caminho fecundo da investigação que nos propomos a fazer.

O que destacaríamos nessas duas séries de proposições, como elemento particularmente engendrador da discussão metodológica, é o conteúdo da proposição 2 de nossa autoria, correlata da primeira proposição de Piera Aulagnier, a saber a questão do modo de relação, na psicanálise (na "experiência freudiana" no dizer da autora), entre a teoria e a clínica.

1.3. Postulados da Analítica

Iniciaremos nossa série de postulados metodológicos precisamente com a enunciação dessa forma específica de relação teoria-clínica, pois sua importância nos pareceu justificar elevá-

[11] Aulagnier, P. Violência e Interpretação. Do Pictograma ao Enunciado, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1979, p. 11.

-la à categoria de um postulado metodológico.

* * *

Postulado 1: A relação entre teoria e prática na psicanálise é tal que, havendo produção de um discurso teórico a respeito de determinado tema, há necessariamente a possibilidade de apreensão de princípios norteadores de uma intervenção clínica sobre o tema teorizado.

Seguindo-se um processo lógico e metodológico, coloca-se uma primeira consequência: admitindo-se o Postulado 1 como premissa, deduz-se que a psicanálise não segue a estrutura geral das ciências, segundo a qual a prática constitui uma aplicação parcial, contingente e possível da teoria, até o ponto em que começa a contradizê-la ou refutá-la. Não se pode, portanto, a rigor, falar em "psicanálise aplicada", já que, em contrapartida, não existe a "psicanálise pura", ou puramente teórica: todo enunciado é, ao mesmo tempo, uma enunciação que permite a intervenção clínica, porquanto derivou, em sua constituição, de uma enunciação clínica.

A fundamentação dessa assertiva (Postulado 1) encontra-se vinculada à enunciação de um segundo postulado, que trata da posição da clínica na produção do saber, em psicanálise.

Postulado 2: Todo o saber psicanalítico se constrói a partir da clínica, isto é, de um discurso produzido pelo sujeito e dirigido a alguém (analista) que

se coloca em posição de escutá-lo em sua dimensão inconsciente.

A decorrência imediata da proposição acima é a de que o lugar da clínica na psicanálise não é o da aplicação de um saber teórico pré-existente, mas o lugar de produção e construção desse saber. Há um princípio alteritário na construção teórica da psicanálise, homólogo à existência de um princípio alteritário na construção do sujeito, segundo a teoria psicanalítica.

Não é, assim, possível, segundo o nosso ponto de vista, construir teoria psicanalítica na inexistência do discurso alteritário, tomado em sua dimensão inconsciente. Freud não poderia ter criado a psicanálise sem suas histéricas, que são assim os agentes clínicos de sua criação. Tampouco poderia ter desenvolvido os enunciados teóricos acerca da psicose, a que nos referimos em nossa hipótese central, sem as suas "Notas Psicanalíticas sobre um Relato Auto-Biográfico de um Caso de Paranoia (Dementia Paranoides)"^[12], título que transcrevemos porque toma lugar no curso de nossa própria escrita, no próprio curso de nossa argumentação: trata-se de um "relato autobiográfico", um discurso do sujeito sobre si. Trata-se, portanto, da clínica exercendo o seu lugar, que é, segundo postulamos, o lugar da produção do saber psicanalítico, e não o de sua aplicação enquanto ofício terapêutico, exercício contingencial de uma terapêutica.

[12] Freud, S. Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides) (1911) in Studienausgabe Bd. VII.

Que se faça ou não clínica com a psicanálise, trata-se evidentemente de outra questão, cuja empiricidade não é o que nos interessa constatar. O que propomos é que o saber psicanalítico, na especificidade de sua estrutura enquanto saber, é necessariamente clínico no registro de sua produção. Freud, por exemplo, não "tratou" do sujeito cujo "relato auto-biográfico" analisou, jamais o conheceu. Mas foi preciso tomar o seu relato, repetimos, auto-biográfico, como objeto de análise a fim de produzir a teoria psicanalítica da paranóia que daí pôde ser construída.

Levado — não diríamos ainda às últimas — mas a algumas de suas consequências avançadas, o postulado 2, acima, impõe a rediscussão dos critérios de validade da psicanálise, ou, para utilizar a terminologia de Thomas Khun^[13], das relações entre o contexto da descoberta e o contexto da verificação na psicanálise. Compreendida como propusemos, a clínica psicanalítica não consiste apenas no lugar de verificação da teoria psicanalítica, que, fosse o caso, teria a possibilidade, por nós negada, de ter-se constituído antes e fora das fronteiras da própria clínica. A clínica passa, assim, a constituir o próprio contexto de descoberta da psicanálise. E de descoberta permanente, incessante, contínua: toda escuta clínica é a descoberta do "ainda não dito", produção-revelação de inconsciente inesgotável porque produzido, elaborado, na clínica. A análise é o ato de "tornar consciente o inconsciente", mas para tornar

[13] Khun, T. A Estrutura das Revoluções Científicas. São Paulo, Editora Perspectiva, Coleção Debates, 1978.

a elaborar, produzir, recriar o inconsciente. Quanto mais alguém é analisado, mais inconsciente se elabora — e não mais inconsciente se desfaz, tornando-se consciente, forma como muito frequentemente se interpreta a frase de Freud, o que acaba por inverter o seu sentido, que passa então a ser tomado como a "primazia do consciente sobre o inconsciente", o que conduz a equívocos muito comuns entre os analistas, tais como a identicação do chamado "fortalecimento egóico", sua adaptação à realidade e o domínio sobre os impulsos com os principais objetivos da análise. Nos antípodas desse equívoco, diríamos que a análise "amplia" o inconsciente e o torna mais acessível para o sujeito.

O próprio contexto da verificação, ainda na terminologia de Khun, fica assim redefinido. A reelaboração da história do sujeito empreendida na análise, a significação "a posteriori" que é produzida no ato analítico, cria um aparente paradoxo temporal: produz-se, "a posteriori", uma significação "prospectiva" no aqui e agora do ato analítico, isto é, a significação é de algo anterior, mas só passa a existir para o sujeito a partir do momento de sua produção, e daí "para frente". Trata-se da produção do que "não havia até então" para o sujeito constituindo-se como a produção do sentido do que "sempre houve", mas que só passa a "sempre ter havido" a partir do momento de sua produção, do "então, até quando não havia".

A verificação, entendida como a produção de uma verdade, torna-se então o efeito da própria descoberta, dando-se simultaneamente a esta, na medida em que haja produção de verdade

para o sujeito analisante. Não é mais, assim, um processo distinto da descoberta, posterior, no sentido linear da temporalidade, um processo incidente sobre uma hipótese ou teoria que teria sido "inventada" ou "descoberta" anteriormente ao próprio momento da verificação. Uma hipótese ou teoria psicanalítica é verificada quando o sujeito é capaz de recriar a sua história, reescrevê-la, a partir da descoberta que fez na análise, a partir da teoria que assim se produz.

Poder-se-ia, nesse ponto, alegar que estaríamos aqui desenvolvendo um princípio tautológico, a circularidade de um saber que se confirma a si-próprio, que utiliza seus próprios critérios de produção para verificar a validade de suas hipóteses. É de um outro sujeito, marcado por um Outro registro, que provém o objeto da psicanálise, sua teorização possível, e é também esse outro-Outro que poderá dar a medida da verificação, através da reestruturação de seu lugar de sujeito. A verificação não é, assim, verificação de uma hipótese primeira, prévia, com a qual produziria um confronto, um diálogo em retorno, do tipo corroboração/refutação, mas é sempre a possibilidade de deslocamento dessa hipótese para outra, a possibilidade de uma nova descoberta. A verificação é, portanto, uma nova descoberta que produz o efeito da reestruturação subjetiva.

A discussão da dimensão clínica da produção do saber psicanalítico, na qual insistimos, pode, em contrapartida, levar-nos a dar a impressão de que negligenciamos o lugar da teoria em psicanálise, ou na determinação do próprio dispositivo. Produzida a partir do "discurso do Outro" subjetivado pelo ana

lisante, a teoria psicanalítica poderia ser erroneamente tomada por uma fenomenologia romântica e desordenada, absolutamente particularizada pela singularidade de cada discurso, como se as suas categorias conceituais não norteassem, não determinassem os referenciais de apreensão desse discurso alteritário, e não definissem, inclusive, o próprio estatuto peculiar desse "Outro" de que se trata. Faz-se, portanto, necessário que esclareçamos este aspecto. Há como assinalarmos, uma tendência corrente em situar a clínica como lugar de aplicação do saber psicanalítico, idéia contra a qual nos situamos. A contrapartida, igualmente errônea, consistiria em situá-la como lugar privilegiado em que se daria, mágica e mistificadamente, como que num ritual de iniciação, a revelação da verdade psicanalítica, por um obscuro processo de comunicação dual "de inconsciente para inconsciente". É nesse último pilar que se apoiam as formas institucionais que a psicanálise tradicionalmente exhibe em sua prática de transmissão, mística, ritualizada, politicamente obscura e incapaz de explicitar a teoria de sua transmissão.

Contra o teoricismo e o clinicismo, pensamos que o saber psicanalítico, se não prescinde da clínica que o produz, também não se constitui como efeito direto da clínica, produto imediato do discurso interpessoal e inter-inconsciente. É em torno de determinados eixos teóricos que o próprio espaço da clínica psicanalítica se constrói^[14], o que permite determinar o lugar do analista, conceituar o lugar do outro, a transferên

[14] Viderman, S. La Construction de l'espace psychanalytique, Paris, Denoël, 1970.

cia, a repetição, a interpretação, o sintoma, o fantasma e todas as categorias teórico-clínicas com que opera a psicanálise. O que defendemos é que, amparados pela teoria, exercemos a clínica, que é uma de suas dimensões — a da fonte da produção do saber — e o seu limite — aquilo que supera o saber já constituído, apontando sempre para o que ainda não se transformou em saber teórico. Citamos, a este respeito, uma passagem de uma obra de François Roustang:

"Para Freud, o discurso-consciente, cuja mais alta expressão está no discurso da ciência, é por inteiro impregnado e invadido pelos mecanismos inconscientes. A psicanálise está no campo da ciência, não porque se contentaria em modificar a concepção do discurso da ciência, este discurso terminal da consciên-
cia, mas porque ela se interessa pelo percurso que vai dos sonhos à expressão lógica; sua lógica própria e sua cientificidade estabelecem-se sobre este percurso^[15]".

A fim de elucidar essas relações, introduziremos o
Postulado 3:

Postulado 3: A teoria psicanalítica determina a configuração do espaço em que se realiza a prática clínica, em todos os seus aspectos, sendo que uma das determinações derivadas dessa mesma teoria é a de que a teoria, enquanto instrumento de trabalho explícito, seja recalcada do espaço clínico teoricamente configurado, recuando-se do nível do enunciado para o da enunciação desse espaço.

[15] Roustang, F. - Un destin si funeste, Paris, Les Editions de Minuit, Collection "Critique", 1976, p. 89.

Tal como qualquer saber que tem uma démarche derivada do campo científico, a psicanálise se exerce num espaço (clínico) cuja estrutura é absolutamente determinada pela teoria mas no qual a teoria, por força de uma determinação, ela própria, derivada da teoria, é recalcada como instrumento explícito de trabalho. Se a teoria aloca os elementos clínicos no processo analítico, ela se manda "recalcar" a si-própria como elemento clínico, ao nível de operador da análise. Não se analisa teoricamente, mas essa assertiva é ela própria derivada de um princípio teórico, justificável pela teoria: o princípio da "atenção equiflutuante"^[16], conceito que, ao nível de sua enunciação, é teórico-clínico (faz parte da teoria da clínica), mas, ao nível do enunciado, não é teórico, de modo algum, distinguindo-se, radical e propositalmente, do que seria, por exemplo, a "atenção teórica". O analista não inicia uma sessão clínica pelo veio de uma "escuta teórica", não vai à sessão verificar se uma questão ligada à estrutura edipiana, por exemplo, lhe será comunicada pelo paciente, mas, amparado, entre outros referenciais, pela estrutura edipiana, vai flutuamente atentar para o devir das comunicações do paciente, para suas associações livres, que podem surpreendê-lo quanto à expectativa de ouvir sobre o Édipo. A psicanálise não pode, por essa mesma razão, constituir-se como saber preditivo, um dos critérios de cientificidade segundo os cânones epistemológicos da ciência natural e da ciência clássica. É próprio da psicanálise incidir sobre uma estruturação já constituída, desmontando-a — sentido inclusive já presente na própria morfo-etimologia da palavra "análise" (ver postulado 6 adiante). Esta relação metodológica nos parece pe

[16] A expressão alemã é "gleichschwebende Aufmerksamkeit", que significa "atenção uniformemente suspensa", como se lê na recomendação a do texto de Freud "Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung" (1912) (Recomendações aos médicos no tratamento psicanalítico), in Studienausgabe, Ergänzungsband, p. 171.

cular à psicanálise, embora seja pouco explicitada e trabalhada em suas consequências clínicas, teóricas e sobretudo relativas à prática da pesquisa em psicanálise, campo em geral eivado de contradições e impasses. De tal forma que enunciaremos no so quarto postulado, que trata precisamente da investigação em psicanálise.

Postulado 4: Em psicanálise, toda clínica é, a rigor, uma clínica-de-investigação, embora os fins de pesquisa possam não ser alçados à condição de direção da análise.

Essa proposição é, na realidade, um desdobramento das anteriores, decorrendo do lugar que atribuímos à clínica na produção do saber psicanalítico (Postulado 2) e à profunda solidriedade que caracterizam, na psicanálise, as relações entre a teoria e a prática (Postulado 1), afirmando a possibilidade sempre presente de extrair de um enunciado teórico um modo de intervenção clínica, pela via da pesquisa. É, assim, por valorizarmos particularmente essa via no presente trabalho que conferimos o caráter de um postulado à proposição em foco.

Acreditamos que o próprio tema central desta tese — a psicose —, interroga a psicanálise desde o seu nível mais fundamental, põe em questão a sua própria estrutura metodológica enquanto saber, de tal modo que o confronto que tivemos com a questão da pesquisa clínica de princípios de um tratamentos eficaz de psicóticos nos fez formular problemas atinentes à própria atividade de pesquisa clínica nesse campo de modo geral.

Um dos principais suportes teóricos, ao nível mesmo do texto freudiano, deste nosso postulado 4, está na "recomendação d" do escrito técnico de Freud "Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise", onde se lê:

(d) Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é, indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem (...)[17].

Começamos por identificar um fenômeno concretamente observável, que atravessa as instituições acadêmicas, universitárias, que se propõem a desenvolver programas de pós-graduação e pesquisa na área da psicologia clínica, nela incluindo a área psicanalítica, a partir do nosso próprio universo acadêmico profissional. Em geral, verifica-se uma dissociação interna entre o eixo "acadêmico" de pesquisa e o eixo "profissional" da prática clínica, o que apresenta a forma de uma divergência centrífuga, cada eixo procurando expelir o outro. Tomamos essa dissociação divergente como sintoma de uma certa incompatibilidade suposta entre a atividade de pesquisa e a atividade clínica, tal como cada uma é estruturada no meio acadêmico. A primeira seguindo um modelo de cientificidade cujas exigências e características são incompatíveis com a segunda — por exemplo, os critérios experimentais de validação de hipóteses e suas consequências metodológicas. A segunda procurando formas mistificadas de exercício e validação (intuitivismo, aversão à teoria,

[1] Idem, Ibidem, recomendação d, p. 174.

clanicismo, etc.), o que, não encontrando suporte na Universidade, acaba por coexistir improdutivamente, no que concerne às possibilidades de pesquisa clínica, no meio acadêmico.

Fora dos muros da Universidade, essa dissociação se desdobra, tendo, por um lado, o próprio meio universitário como pólo representativo da atividade de produção de conhecimento (o lugar "onde se faz pesquisa", mas nunca pesquisa clínica) e, por outro lado, a instituição psicanalítica (o lugar "onde se faz psicanálise", mas nunca uma clínica de investigação psicanalítica produtiva). Basta, a esse respeito, conhecer os trabalhos acadêmicos supostamente "clínicos" e os trabalhos "de sociedade", supostamente teórico-clínicos porém em sua maioria técnicos, reprodutivos do circuito teórico-clínico já conhecido, repetitivos.

Esses fenômenos de dissociação pesquisa x clínica tornam-se ainda mais curiosos quando comparados à estrutura interna da psicanálise freudiana, caracterizada por uma espantosa solidariedade entre a atividade de pesquisa e a atividade clínica, uma remetendo, sistematicamente, à outra, linha por linha, no texto de Freud, como a "recomendação" que citamos um pouco acima demonstra.

Diante desse quadro, que nos concerne profundamente enquanto pesquisadores em psicanálise, integrantes de um programa de pós-graduação, a nível de Doutorado, com pesquisa clínica realizada no campo da psicanálise, procuramos entender o fenômeno da dissociação interna e externa a cada um dos pólos disso

ciados — a "universidade" e a "sociedade psicanalítica", através de uma hipótese que engendrou um outro projeto de pesquisa, apenas esboçado por nós em ocasião anterior^[18].

Consiste essa hipótese em relacionar esses dois campos cindidos, divergentes, a dois campos do saber que se interpenetram, mantendo relações sempre íntimas e difíceis, relações de superposição, inclusão, complementariedade, mútua irreduzibilidade, conflito: o campo da psicologia, nascido teórico-experimental nos laboratórios da introspecção wundtiana, dentro de um modelo positivista de cientificidade, e o campo da psicanálise, nascido clínico, com toda uma peculiaridade metodológica produtora de rupturas em relação à medicina, da qual saiu.

Na história genealógica da psicologia clínica brasileira, identificamos um momento (final da década de 50/início da de 60), em que o campo da psicologia (acadêmico de origem e tradição) foi invadido pelo campo psicanalítico em expansão, produzindo o resultado "psicologia clínica" que passou então efetivamente a existir enquanto tal. Daí dizermos dessa nossa análise que ela é genealógica, no sentido de Foucault: o objeto tomado em questão — no caso a psicologia clínica — não é suposto como tal desde o início temporal que sua cronologia evolutiva e historiográfica pretende — como uma essência desdobrando-se no tempo, mas como produto de uma prática. Na genealogia todo objeto de análise é produto da prática, nunca dela se distancian-

[18] Impasses Metodológicos na Pesquisa em Psicologia Clínica, comunicação feita no Seminário Nacional Métodos de Pesquisa em Psicologia Clínica, PUC-Rio, junho de 1986, de nossa autoria.

do antecipatoriamente, ou a determinando essencialmente. O objeto é assim produto de agenciamentos que só podem ser genealogicamente identificados. Assim, não havia "psicologia clínica" desde sempre, e sua história começa a partir do momento em que, na prática, já há, indo daí "para trás". Propomos que a psicologia clínica consiste no agenciamento da psicanálise, de cunho eminentemente clínico, com a psicologia, caracterizada no momento histórico de sua produção como conjunto de profissionais de número crescente e identidade clínico-profissional incipiente.

Formulamos então a hipótese de que a clivagem interna aos meios acadêmicos entre "pesquisa" e "clínica" seja uma decorrência desse agenciamento, da penetração, num campo teórico-experimental em sua natureza, de uma forte corrente clínica, estranha à origem desse campo, e que o perturba em seu projeto rumo à cientificidade positivista concebida, "atrapalha" os seus planos e, nesse sentido, a justo título, explica a reação de expulsão, a referida "força centrífuga" a que aludimos.

Poder-se-ia criticar nossa proposta de análise sob a alegação de que não seria verdadeiro afirmar que as origens da psicologia não fossem clínicas em sua natureza, afirmação que a testaria um desconhecimento, de nossa parte, quanto aos chamados métodos "clínicos", de Binet, por exemplo, situados nos promórdios da psicometria. Tais críticas, no entanto, estariam, e las sim, fundadas no equívoco de confundir o atributo "clínico" apostado aos referidos métodos, com o sentido "clínico" que concerne, por exemplo, a uma ação terapêutica, à inclinação (termo cujo radical é o mesmo de clínica, que sublinhamos) sobre o so-

frimento, à propensão à cura, como é o caso quando se diz "psicologia clínica". Os métodos ditos clínicos são métodos de pesquisa, mas não de tratamento, inspiradores dos métodos "biográficos", de estudo de caso, dos quais se extraíram os princípios das análises fatoriais da personalidade, da psicometria, etc. Clínica como a terapêutica para um sofrimento origina-se, indiscutivelmente, das práticas médicas. A esse respeito, o trabalho de Foucault é bastante eloquente^[19].

As questões específicas dessa linha de pensamento pertencem, contudo, a um outro projeto de pesquisa. Sua inserção no presente projeto prende-se à sua articulação com o problema metodológico da pesquisa em clínica psicanalítica, problema que aqui é central.

Prossigamos, portanto, na formulação de nossos postulados metodológicos, no sentido de lançar as bases para a configuração de um quadro, um conjunto de princípios que fundamentem a proposição de uma Metodologia Psicanalítica.

Postulado 5: A psicanálise opera com categorias conceituais que atravessam as regiões caracterizáveis como "a totalidade indivíduo" (ou unidade psicofísica) e a "totalidade social", tomada como objeto destacável da economia pulsional intersubjetiva.

Tomados como totalidades, "o individual" e "o social" se distanciam e até se opõem no saber contemporâneo. Há os dis

[19] Foucault, M. La Naissance de la Clinique. Paris, Presses Universitaires de France, 1980.

cursos sobre o indivíduo, por um lado, e por outro, há os dis cursos sobre a sociedade, e as polêmicas acerca de suas rela- ções recíprocas (de oposição, de complementariedade, de inclu- são, etc.) são grandes.

Trata-se, para nós, nesse postulado, de discutir a in cidência do saber e da prática psicanalíticas no "individual" e no "social". Em qual desses campos situar-se-ia o saber psica nalítico, e em qual deles incidiria a sua prática? Em princí pio, não hesitaríamos em responder: "A psicanálise é, por exce lência, um saber sobre o indivíduo e uma prática individualizan te, que concerne ao que de mais interior e íntimo reside no in divíduo, embora Freud tenha empreendido algumas incursões no campo da sociedade e da cultura".

Entretanto, um exame mais detido e crítico dessa res posta imediata começa a demonstrar a sua fragilidade. Catego rias conceituais freudianas como pulsão, investimento (ou ocupa ção, como preferimos traduzir o alemão Besetzung), identifica ção, Édipo e Castração, entre outras, demonstram que não se tra ta do indivíduo, como campo de incidência desses conceitos. É sempre de uma relação transindividual que se trata, de um campo no qual, necessariamente, situa-se a alteridade. Na psicanáli se lacaniana isto é mais evidente: o inconsciente é uma reali dade transindividual^[20], o registro do Simbólico é marcado pe la alteridade radical ("A")^[21], o narcisismo é entendido como

[20] Lacan, J. Le Séminaire, Livre I, Les Écrits Techniques de Freud, (1953-54), Paris, Édi- tions de Seuil, pág. 18/9.

[21] Idem, L'Instance de la lettre dans l'Inconscient ou la Raison depuis Freud, in Écrits, Paris, Éditions du Seuil, 1966, p. 525.

reflexo especular da imagem do outro, etc. [22].

Estaríamos com isso querendo dizer que a psicanálise é um saber sobre o social, uma ciência social por seu objeto? Evidentemente que não. O que queremos dizer é que, embora tenha sido absorvida pela ideologia individualista que caracteriza o pensamento burguês ocidental, e, no plano das ciências, pelo individualismo filosófico e psicológico, a psicanálise opera com conceitos que não apenas rompem com a noção de indivíduo, mas que, para além disso, rompem com qualquer concepção holística do objeto do conhecimento, já que indivíduo é concebido como uma unidade, uma totalidade, e outras categorias que definem objetos de ciências sociais, como "sociedade", "o social", "o Estado", também são forjadas de modo holístico, como "O todo", totalidades, unidades. O holismo da psicologia e da sociologia na definição de seus respectivos objetos não é compartilhado pela psicanálise, cujas categorias conceituais são construídas de tal forma que podem circular, transitar, de realidades ou fenômenos individuais para sociais, e vice-versa, ou, antes, não os reconhece como tais, pois que, se o fizesse, impediria o referido trânsito sem o pagamento de caro pedágio. Em outras palavras, se os conceitos psicanalíticos fossem compatíveis com objetos totalizantes, a transposição de um plano individual (total) para um plano social (total) representaria grande impropriedade metodológica. O que ocorre, todavia, é que os conceitos psicanalíticos não são compatíveis com objetos totalizantes, o que nos introduz num novo postulado.

[22] Idem, Le Satde du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique, in Écrits, op. cit., pp. 93-100.

Postulado 6: Todo saber psicanalítico incide sobre realidades fragmentárias, e busca fragmentar o que se apresenta como uno, coeso, total.

Esta proposição decorre imediatamente do postulado anterior, do qual se distingue, entretanto, na medida em que trata da forma (fragmentária) do objeto e não da natureza (individual/social) de sua procedência entre as diferentes ciências sociais. Além disso, uma de suas primeiras consequências articula-se ao princípio da temporalidade e do efeito de significação "a posteriori" de que tratamos anteriormente. Trata-se da proposição de que a psicanálise não pode incidir senão sobre o que a ela se apresenta como constituído de alguma forma, a fim de desconstituí-lo. O próprio termo análise significa desmontagem, desconstituição, decomposição nas partes componentes, como se sabe. Isso tem consequências clínicas importantes, pois não podemos predizer, prever ou controlar comportamentos. É só diante do "sintoma", da demanda de análise que estamos autorizados a intervir psicanaliticamente, intervir como analistas. As consequências para a prática da pesquisa não são menos importantes: o trabalho de investigação não ultrapassa, a nível do sujeito analisante, os limites de sua transferência, o que exclui modelos de pesquisa que pressupõem a necessidade de conhecer as vicissitudes do caso a fim de confrontá-las com a situação vivida durante a análise, sob transferência. Avaliações do tipo "pré-teste/pós-teste", ou do "follow-up" não cabem na pesquisa psicanalítica, em função do princípio do "a posteriori" . Da mesma forma, uma psicanálise preventiva é um contrasenso, u

ma contradição em termos.

Postulado 7: A Psicanálise como experiência e como campo do Saber, só é acessível a um método psicanalítico, e portanto a experiência analítica não é "natural", nem "voluntária", não podendo iniciar-se por decisão ou livre-arbitrio dos indivíduos implicados, mas pressupondo o encontro do sujeito com o analista no que este lhe confronte com uma dimensão do Real, obrigando-o a responder a uma condição preliminar à análise.

A especificidade metodológica da psicanálise quanto às categorias psiquiátrico-psicológicas de diagnóstico prévio, indicabilidade e adequação à análise, etc., implica a rediscussão dessas categorias a partir do critério e do lugar da dimensão do que é preliminar à psicanálise. Essa rediscussão traz grandes consequências éticas para a nosologia, a psicopatologia e a clínica psicanalíticas.

Um caso clínico para a psicanálise, e portanto um quadro dito psicopatológico, é aquilo que se constitui como demanda a partir da qual pode-se estabelecer uma transferência e, no "a posteriori" desse passo, a identificação de uma estrutura subjetiva conceituada pela psicanálise: neurose, psicose, perversão, melancolia, mania, etc.). Essa estrutura subjetiva, nomeada pela psicopatologia psicanalítica, recebe, na realidade, o atributo "Psicopatológica" da tradição médico-psicológica. Uma "Psicopatologia" psicanalítica só é acessível a um método psicanalítico. Constitui-se, assim, em grave equívoco pensar a relação entre a patologia e o tratamento nos termos gerais da

clínica médico-psicológica, isto é, em termos de diagnóstico prévio à situação analítica, a situar o sujeito em diferentes categorias nosológicas previamente determinadas, e, a partir daí, supor-se a possibilidade do estabelecimento de critérios de indicação à psicanálise, como se sua forma peculiar de tratamento obedecesse aos mesmos parâmetros norteadores da constituição da nosologia e do diagnóstico médico-psicológicos. Não há, para a psicanálise, uma nosologia que lhe seja extrínseca e sobre a qual a psicanálise pudesse efetuar um recorte diagnóstico seletivo para tratamento, porque os próprios critérios utilizados pela psicanálise para diagnóstico "a posteriori" dependem de uma clínica psicanalítica. É no interior do processo psicanalítico, ou melhor, no decurso de um de seus momentos — o das entrevistas preliminares — que se decide sobre a entrada ou não em análise, não importando para isso o rótulo diagnóstico que o sujeito porte, ou que lhe tenha sido imposto, antes das entrevistas preliminares.

A categoria de entrevista preliminar está presente em Freud, e é debatida em um de seus artigos técnicos^[23]. Abandonada, entretanto, pela maioria dos autores pós-freudianos, pelo menos por aqueles cuja obra ganhou notoriedade, é retomada por Lacan e seus seguidores, que restituem a essa condição preliminar toda a sua importância.

Preliminar deriva de "límen", que quer dizer limiar, umbral, salto, hiato, passo a ser dado. Assim, a categoria de

[23] Freud, S. - Zur Einleitung der Behandlung (weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse II) (1913). in Studienausgabe, Ergänzungsband, p. 181-203.

"entrevistas preliminares" não tem o mesmo sentido de "entrevistas iniciais" ou "primeiras entrevistas", já que não se trata de uma anterioridade meramente temporal à análise propriamente dita, mas sobretudo de uma anterioridade lógica — o preenchimento de uma condição de possibilidade para a análise. Para que o sujeito se torne analisante^[24], é necessário que transponha um limen, um limiar seja alcançado, o que depende não do diagnóstico psiquiátrico ou do psicodiagnóstico, de modo algum, e nem mesmo de um diagnóstico psicanalítico prévio necessariamente — neurose, psicose, perversão. É no "a posteriori" das entrevistas preliminares, no sentido clínico que então se produz e que, no mesmo ato, cria uma "anterioridade anteriormente inexistente" que se pode verificar se algo foi ou não transposto. Esse algo é a transferência, entendida como suposição de saber feita pelo paciente sobre o analista, suposição de que este sabe ou saberá algo de essencial do seu inconsciente, que lhe concerne enquanto sujeito. É então que se ressignifica o diagnóstico prévio, define-se a estrutura, em termos psicanalíticos, e inicia-se (ou não) a psicanálise. Esta dimensão da transferência, de algo que "não está lá" desde o início mas que tem que se constituir, torna-a instrumento capaz de redefinir o diagnóstico, rearticular a nosologia: se um psicótico faz uma demanda transferencial, torna-se analisável; se um histérico não a faz, não se torna, estando dado que só podemos dizê-lo a posteriori: o psicótico fez, pelo que podemos testemunhar de sua psicose; o outro, suposto histérico, não a fez, razão pela qual jamais po

[24] Klotz, J.-P. - Devenir psychanalysant, in Ornicar ? Revue du Champ Freudien, nº 33, avril-juin 1985, pp. 20-26.

deremos assegurar-nos de sua histeria.

A reviravolta teórica ocasionada pela introdução do conceito de narcisismo na obra de Freud é um interessante exemplo do que acabamos de dizer, além de ilustrar outros aspectos já anteriormente tratados por nós, como a origem clínica do saber psicanalítico e a solidária e concomitante direção teórica desse saber, num confronto dialético. Freud tinha em mãos a teoria da libido, sobre a qual não cedia. Imprimia, assim, as diretrizes teóricas decorrentes dessa teoria ao material clínico emergente, que, no entanto, a desafiava: tratava-se do estudo que fizera dois anos antes sobre as "Memórias de um Nevropata" e das questões que as chamadas neuroses narcísicas lhe colocavam. A clínica produzia um saber diverso daquele que produzia com relação às psiconeuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva). Mas a teoria da libido deveria resistir, pois Freud percebia que era a espinha dorsal da psicanálise, e rejeitava as alternativas teóricas, por exemplo, de Jung, com relação ao tratamento das esquizofrenias na Escola de Zúrich. Desse confronto entre a teoria e a clínica nasceu o conceito de narcisismo, inteiramente integrado à teoria da libido, mas que exigiu um grande remanejamento na estrutura global da psicanálise, sobretudo quanto ao conceito de "pulsões do ego", reduto da "individualidade" por oposição ao caráter transindividual da sexualidade. Freud garante, por alusão à biologia da espécie, a manutenção de uma categoria conceitual transindividual, ainda que fazendo concessões à biologia, pois o primeiro objetivo lhe era mais caro; ou seja, era-lhe mais importante manter a psi

canálise correndo sobre o leito da teoria da libido do que dela fazer uma psicologia do indivíduo, mesmo que para isso mantivesse algum matiz de biologismo. No momento da introdução do narcisismo, o próprio ego, reduto da individualidade, tornava-se transindividual, ou intersubjetivo, efeito de um investimento pulsional sobre a imagem corporal, objeto da sexualidade. E a clínica psicanalítica das psicoses abria-se a novas possibilidades.

* * *

SEGUNDA PARTE

DO SEXUAL E DO NÃO-SEXUAL EM FREUD

CAPÍTULO II

A DIMENSÃO DO SEXUAL

II.1. A Sexualidade Infantil e o Inconsciente

II.1.1. Os Mal-entendidos da Sexualidade Infantil

É tido como ponto indiscutível que, em psicanálise, trata-se do sexual. A unanimidade dessa asserção conhece poucas restrições, tomando-se em consideração as divergências de ordem doutrinária que atravessam o campo psicanalítico. A tomar, contudo, o sexual no rigor que lhe convém, e que lhe confere, Freud, confrontamo-nos, imediatamente, com os contornos de um território que só se define e se sustenta na parcialidade de um lote, vale dizer, de um corte: o sexual é, estrutural e necessariamente, parcial, e o ato mesmo de sua enunciação conclama a postulação da dimensão do não-sexual, do para-além do sexual, lugar a partir de onde se desenha e se circunscreve o sexual.

Dizer, portanto, que em psicanálise trata-se do sexual é dizer, no mesmo ato, que a psicanálise trata do sexual para, desde o lugar definido por esse mais-além, constituir-se como um saber em torno do eixo e do objeto definidos pelo sexual.

Assim é que, se o sexual, por ser constituinte do objeto da psicanálise, ou para ser ultrapassado por aquilo que, dos seus limites, o constitui, é, de todo modo, o principal eixo em torno do qual constrói-se esse saber, cumpre, em face dos obje

tivos do presente trabalho, situá-lo em seu estatuto conceitual — extensão e compreensão. Para isso, propomo-nos a pensá-lo a partir de seu atributo primordial — infantil — já que é articulando o sexual ao infantil que Freud elabora a sua primeira teoria do sexual em psicanálise^[25], embora, de maneira não sistematizada do ponto de vista teórico, já falasse em sexualidade in dependentemente do atributo infantil em alguns de seus textos escritos ao longo dos anos 90 do século XIX, quando elaborava seu primeiro grande ciclo teórico em torno da clínica e da psicopatologia das psiconeuroses.

Essa última observação já é, para nós, uma importante indicação: se a tarefa de teorizar sobre o sexual, pela primeira vez de forma rigorosa, impôs a Freud a articulação entre o sexual e o infantil, e se, nos seus passos precedentes, em que tratava da sexualidade na etiologia das neuroses sem contudo e laborar uma teoria do sexual, pôde ele prescindir dessa articulação, é sinal de que tal atributo, longe de periféricamente adjetivar uma determinada forma de sexualidade associada a sua faixa temporal correspondente, em termos de um ciclo vital de desenvolvimento, e de qualificá-la em oposição a outras etapas desse ciclo (por exemplo, diferenciando-a da sexualidade adolescente, adulta ou senescente), constitui-se verdadeiramente como critério substantivo de construção conceitual da própria categoria freudiana de sexualidade. Entretanto, não é tão óbvio o estatuto e a significação do conceito de sexualidade em Freud, e, em particular, do sentido da incidência que o atributo infantil

[25] Freud, S. - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (1905) in Studienausgabe, Bd. V.

lhe confere enquanto condição de possibilidade para a elaboração de uma teoria da sexualidade que a defina como algo radicalmente novo no campo do saber, e irreduzível a qualquer outra concepção que lhe tenha precedido. Isto é facilmente verificável pelo que se ouve, se lê e se vê em grande parte da produção psicanalítica.

Assim, comecemos por perguntar: o que teria Freud concebido sob a rubrica de "sexualidade infantil" ? Acostumamo-nos a pensar que, através das descobertas de Freud, teríamos tomado conhecimento de que a sexualidade não é apenas um fenômeno da vida adulta, isto é, uma função do indivíduo psicofísico adulto entre outras (as famosas "faculdades" ou funções orgânicas e mentais) que lhe advêm na fase puberal — o seu momento maturacional de aparição. Teríamos nós, o mundo pós-freudiano, acedido a saber que as criancinhas também têm experiências sexuais, são seres eróticos e erotizáveis, e que a sua vida psíquica se faz acompanhar, desde o seu início, dessa dimensão sexual, na qual terá, inclusive, o seu eixo primordial de constituição.

Nenhum psicanalista poria em dúvida essas afirmações, que, com efeito, do ponto de vista fenomenológico, não são incorretas, sobretudo se as articularmos através da teorização que delas faz Freud: teoria do trauma, da fantasia, das pulsões e suas componentes, da disposição perverso-polimorfa infantil, das zonas erógenas e suas organizações, etc.

Contudo, consideramos que essas mesmas proposições e teorias, a permanecerem no plano fenomenológico de apreensão,

permitem o engendramento de uma série de graves equívocos de compreensão, de transmissão e de utilização clínica, e estamos convencidos de que tais equívocos efetivamente ocorrem num grau e frequência muito mais elevados do que se poderia supor, o que constitui o efeito flagrante da sistemática apropriação do discurso psicanalítico pelos discursos médico e psicológico, fenômeno rotineiro e instituído através de grande parte dos próprios psicanalistas ditos "ortodoxos".

O primeiro deles consiste em supor que Freud teria entendido a vida sexual humana, em sua amplitude temporal, até a infância, numa espécie de alargamento etário do processo de desenvolvimento que definiria um continuum mais amplo indo do nascimento até a maturidade. Digamos logo que um tal continuum temporal, a extensão no desenvolvimento, corresponde a um outro, este de ordem metodológica, que consiste em desfazer a ruptura, a descontinuidade radical que existe entre o pensamento psicanalítico e o pensamento psicobiológico, sobre o qual repousa toda a psicologia do desenvolvimento. Segundo essa leitura, Freud teria demonstrado que as crianças também têm sexualidade, tal como os adultos, tratando apenas de caracterizar a sexualidade infantil em suas especificidades, propriedades e particularidades: seu modo de manifestação, seus processos "internos", seus objetos, seus objetivos e sua forma de satisfação, em oposição diferencial às modalidades "adultas" de exercício do sexual.

Ora a idéia de uma extensão da sexualidade à infância, ainda que dando conta de suas diferenças e especificidades com relação à sexualidade adulta, e ainda que mantendo a irredutibi

lidade de uma à outra, é, em última instância, incompatível com a psicanálise freudiana. A começar pela própria noção que está na base dessa extensão: a idéia de que, em psicanálise, trata-se do indivíduo, da unidade psicofísica e suas funções, entre as quais figuraria a sexual. Esta é, a rigor, uma noção psicológica: qualquer que seja a psicologia, nela se trata sempre do indivíduo enquanto unidade psicofísica, categoria que constitui a própria essência do objeto da psicologia, o "objeto-psi" como o denominamos em trabalho anterior^[26], em que procuramos distingui-lo radicalmente do objeto da psicanálise, estruturalmente transindividual. Que se tomem em consideração os comportamentos observáveis, a estrutura isomórfica ao organismo da consciência perceptiva e aperceptiva, a gênese funcional-estrutural de suas formas de apreensão do mundo e de sua inteligência, de suas profundezas arquetípicas e filogenéticas, e enfim a sua sexualidade, centrada no eixo da genitalidade, enquanto função psicofísica de um indivíduo, ou ainda as relações, por mais complexas que sejam, entre diferentes indivíduos num grupo social — em todos os esses casos, a unidade central, a espinha dorsal é a categoria de indivíduo. Podemos assim perfilar as diferentes escolas psicológicas, respectivamente: o behaviorismo, o gestaltismo, a epistemologia genética de Piaget, a psicologia analítica de Jung, as teorias de Reich e a psicologia social experimental. Algumas correntes ditas psicanalíticas, e efetivamente abrigadas no campo instituído da psicanálise, de forma devida ou indevida, como é o caso da psicologia do Ego

[26] Elia, L.F. O Inconsciente filosófico da psicanálise. Dissertação de Mestrado apresentada e defendida ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio, em Janeiro de 1984. Inédito.

(mais uma vez o significante faz valerem os seus efeitos), tam bém poderiam perfilar-se entre as escolas psicológicas. Mais mo dernamente, têm-se procurado fazer do conceito freudiano de nar cisismo mais um pretexto para fazer recair o pensamento de Freud no campo dos saberes sobre o indivíduo psicofísico — legitima mente denominado psicologia: trata-se da psicologia do Self^[27]. Nesse rol, o que precisamente não cabe é a psicaná lise, tal como Freud a concebeu, e não vemos como permanecer no campo da psicanálise se a pensamos fora dos principais eixos es tabelecidos por aquele que a criou. Ora, o principal desses ei xos é a sexualidade, que privilegiamos neste capítulo como o veio através do qual podemos situar aquilo que esta noção traz de inaugural e radicalmente irreduzível a tudo que a precedeu, e o que a torna a mola de arremesso da psicanálise para fora do campo da psicologia.

É necessário, para isso, que partamos de um ponto de vista metodológico: na base do pensamento freudiano, em que pesem os ilusórios matizes positivistas de seu estilo cientifi cista, move-se a mais profunda razão dialética, e veremos como, para além do plano dialético do pensamento freudiano, move-se uma lógica mais-que-dialética, porquanto articula o processo de constituição do sujeito não mais a outro sujeito (plano dialéti co), mas ao significante, à fala, à linguagem, no ponto em que o significante se articula ao que lhe escapa, o Real. Mas per manecemos no terreno da dialética, a fim de prossequirmos em nosso exame da sexualidade infantil como ponto de ruptura com a

[27] Kohut, H. - The Analysis of the Self - (1971) - New York, Int. Univ. Press.

noção de uma sexualidade individual, portanto psicológico-biológica. Se não há, para a psicanálise, a rigor, o indivíduo psicofísico, se não é em torno dele que o pensamento de Freud se erigiu, é precisamente porque em Freud, é sempre como o efeito de uma relação de investimentos pulsionais em elementos de representação que a subjetividade se constitui. Em outras palavras, é sempre em face de uma Alteridade radical que o sujeito advém — não da alteridade de um outro sujeito, de um semelhante tomado, em sua "objetividade", como um "outro" para o primeiro sujeito — eixo em que se situam as teorias das relações-de-objeto, relações que se estabeleceriam entre o ego e o objeto, portanto num plano interobjetal ou interpessoal — mas de uma Alteridade que, situando-se para além da suposta objetividade da "Outra subjetividade" em questão (relação dual eu-tu), funda o próprio advento do sujeito, e, pelo mesmo ato, o faz evanescer. Trata-se, assim, de tomar o sujeito não na rede de uma relação intersubjetiva entendida no sentido fenomenológico (ou mesmo de uma "dialética da intersubjetividade"), mas no seu confronto com a Alteridade radical em que consistem, para ele, de um lado, a Linguagem, de outro, a Pulsão.

Retornaremos a esse ponto, que colocamos provisoriamente de lado para voltarmos à discussão, entretanto imprescindível à própria retomada daquelas categorias, do sexual em Freud.

Assim, a idéia de que Freud teria postulado uma versão infantil da sexualidade adulta colocaria, de saída, alguns problemas: como propor a existência de fenômenos sexuais, tal como são encarados pelo senso comum, e, por que não dizer, pelas concepções vigentes antes de Freud, num tempo em que ela, segun

do essas mesmas concepções, é impossível? Se pensarmos a se xualidade tal como é concebida fora do pensamento freudiano, is to é, como função psicofísica, entre outras, de uma individualide, torna-se paradoxal formular a idéia de uma "sexualidade infantil", já que, na infância, nosso indivíduo é maturacionalmente incapaz de exercer a função sexual, e portanto igualmente incapaz de representá-la psicologicamente para si mesmo. Das duas uma: ou Freud teria que demonstrar, fosse esse o seu propósito, como um indivíduo sexualmente imaturo exerce uma forma psicofísica de sexualidade, ou estaria ele propondo, sob o título de "infantil", uma outra sexualidade, absoluta e radicalmente distinta daquela vigente no saber de sua época, em seu estatuto lógico-conceitual, em sua estrutura. Esta outra sexualidade, dela não podemos dizer que será, no tempo do desenvolvimento individual, sucedida pela sexualidade adulta, e Freud, por diversas vezes, assinalou a sua convicção de que o homem é incapaz de atingir a denominada "maturidade sexual" — não apenas o dizendo explicitamente, como através de sua reiterada afirmação de que não somos capazes de abandonar posições de prazer que foram atingidas, e as repetimos infinitamente. Não se trata, assim, de uma "Infantil" que se oporia a um "não-mais-infantil" — o que levaria Freud a concluir que, por estranhas razões, permanecemos infantilizados quando teríamos a chance de amadurecer — o que evidentemente não é o caso, mas sim de um infantil que define o modo próprio de ser sexual dos humanos, o que quer dizer, dos seres falantes.

Não podendo a sexualidade infantil freudiana ser a precursora da sexualidade adulta, vemos que não há, a rigor, nenhu

ma possibilidade de se pensar a sexualidade de que tratam os discursos médico e psicológico em termos de uma solução de continuidade com relação à sexualidade infantil da psicanálise freudiana. Freud introduziu no saber um outro conceito de sexualidade irreduzível, incomparável e incompatível com toda e qualquer derivação conceitual a partir da sexualidade não-freudiana, que não mais denominaremos "adulta" porém "vigente" fora da psicanálise. Chamou-a, não sem razão, de infantil, porquanto ele a identificou ali onde a vigente é impossível, e gostaríamos de propor a idéia de que o atributo infantil da sexualidade, em Freud, vem desempenhar uma especialíssima função metodológica, sobretudo se lembrarmos que Freud o cunhou através da clínica de adultos, pois não analisava crianças. Função essa que revela todo o seu vigor por trazer, ao saber vigente sobre o sexual, um ponto de contradição, que inicia o processo de sua desmontagem.

Infantil é a sexualidade a partir da qual o sujeito humano advém, por ser falante: conjugação, portanto, das duas dimensões da Alteridade de que falávamos: a Pulsão e a Linguagem, e não um "outro sujeito", ainda que seja o outro "parental". Infantil não porque ocorrente na infância, embora, de fato, ela ali ocorra. Infantil como é para Freud toda a sexualidade, em qualquer tempo biográfico em que a captemos, na trajetória existencial do sujeito humano. Infantil como a reencontramos na análise. Freud batizou de infantil a sexualidade que conceitualizou a partir da clínica, afirmando, em contrapartida, a sua exclusividade: não há outra, só existe, do ponto de vista psicanalítico, a sexualidade infantil, a sexualidade própria ao sa

ber psicanalítico, por excelência, a sexualidade do falante.

Do equívoco de tomar a psicanálise por uma "psicologia da infância", decorrente da má compreensão do estatuto infantil da sexualidade em Freud, levando a considerar o adulto desde o prisma de seu passado sexual infantil, decorre um outro, que consiste em tomar, pelo mesmo motivo, a psicanálise por uma "psicologia profunda", que navegaria, em águas profundas, no mesmo mar em que navegam a psicologia e a biologia, em águas rasas, levando a considerar a superfície do indivíduo desde o prisma de sua profundidade "instintiva" e "inconsciente", como se o inconsciente freudiano fosse a parte submersa do "iceberg" psicofísico — a peça individual — que Freud teria descoberto, acrescentando a sua descoberta ao conhecimento acumulado da ciência psicológica, que já subsumiria a parte visível do mesmo monobloco. É como se, ao contrário do que nos adverte Lacan em seu escrito "A Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", o inconsciente fosse a sede dos instintos:

"Para além desta palavra, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. Colocando desde logo o espírito prevenido em alerta quanto a ter de reconsiderar a idéia de que o inconsciente não seja senão a sede dos instintos^[28]".

[28] Lacan, J. L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud; Écrits, Paris, Editions du Seuil, 1966, p. 495.

Destes equívocos derivam-se muitos outros, em sua de vastadora amplitude. Em se tratando da sexualidade, por que não partir do equívoco derivado mais imediato? A psicanálise se ria uma psicologia "pan-sexualista", o que equivale a dizer que estenderia o sexual, no sentido que denominamos "vigente", a to do o ser do indivíduo e a todos os seres individuais. Essa ar ticulação, ainda muito pregnante no meio psicanalítico, encon tra seu falso fundamento no ato de tomar o sexual em Freud pelo sexual vigente fora da psicanálise. Com efeito, Freud seria um pan-sexualista se tivesse estendido a sexualidade vigente até os limites da mais tenra infância, e feito recobrir, nesse sen tido, a etiologia de todas as formas de neurose, perversão e psicose pela sua teoria da libido. Diante de uma tal empreita da, tornar-se-ia incompreensível a abrangência e a importância conferida à sexualidade, em detrimento de outras "funções ditas "superiores" do indivíduo, para sua constituição e desenvolvi- mento. Se, de fato, Freud jamais abriu mão de sua teoria do se xual como fio condutor de seu pensamento, particularmente sobre a clínica e suas estruturas, é exatamente por oposição a um pan -sexualismo no sentido "vigente" da sexualidade. Se pôde fazê- -lo, foi em nome da diferença radical que cuidou de estabelecer entre o que se entendia por sexualidade e o que ele próprio veio a designar sob a categoria de sexualidade infantil. Exemplo e loquente da obstinada luta de Freud contra o pan-sexualismo en contra-se em sua discussão com Jung no texto "Para introduzir o narcisismo"^[29], onde, a um só tempo, combate a dessexualização

[29] Freud, S. Zur Einführung des Narzissmus, (1914), in Studienausgabe, Bd. III, p. 47.

da libido que vinha sendo empreendida por Jung, através do que mantém-se rigorosamente fiel à sua concepção do sexual, ali denominada teoria da libido, e rejeita a tese junguiana de totalizar a vida psíquica em torno de sua concepção dessexualizada da libido, através do que mantém-se contrário a toda e qualquer forma de pan-libidinização: para Freud, é fundamental que a libido sexual, a fim de manter a sua consistência, não se dissolva numa totalização, ainda que essa totalização não fosse, como pretendia Jung, no sentido da dessexualização. O sexual, para Freud, é necessariamente o que não se totaliza, o que não é o todo do psíquico, aspecto fundamental que situa a psicanálise nos antípodos dos sistemas especulativos filosóficos, caracterizados pelo totalitarismo. Não dizendo o todo, a sexualidade — e a psicanálise — deve confrontar-se com o não-sexual, com o fora-do-sexo: pan-sexualismo impossível.

Longe de ser, portanto, uma função alçada à hegemonia sobre outras, a sexualidade freudiana representa, pela operação de clivagem e conjugação simultânea que estabelece entre Pulsão e Linguagem, um novo referencial de construção da subjetividade, divisor de águas entre o registro simbólico do significante, que representa o sujeito, e o registro real do objeto, inapreensível pela via simbólica da representação significativa do sujeito, irrepresentável, que marca o sujeito no plano fantasmático, causando o seu desejo. O plano "individual", com o qual não cessamos de apontar a ruptura em relação à sexualidade (transindividual) freudiana, reduz-se, para o sujeito, à dimensão imaginária da ilusão — no entanto necessária à constituição do sujeito — de conter-se no interior de uma imagem corporal que lhe

concerne (o "eu"), uma imagem que é a sua. É no plano do narcisismo que a ilusão de individualidade encontra seu lugar em psicanálise. Mas que não nos iludamos quanto a termos reencontrado o objeto-psi na psicanálise — o nosso velho indivíduo psicofísico. Em se tratando da imagem narcísica (projeção de uma superfície, como Freud a definirá, constitutiva do eu, permanecemos no terreno da intersubjetividade: a experiência narcísica da constituição do eu é, mais do que qualquer outra, estritamente dependente da alteridade, na qual tem, primordialmente, a sua raiz: a imagem do semelhante é a fonte da imagem de si. Em psicanálise — e precisamente no momento crucial em que Freud sexualiza o eu, o faz entrar no circuito da libido, o faz efeito de investimento pulsional,— isto é, no momento de introduzir o narcisismo na teoria — o plano individual é um plano especular, imaginário e alteritariamente gerado.

A sexualidade ganha, portanto, em Freud, um estatuto axial, em oposição frontal àquele, periférico, que tem nos saberes vigentes — biológico, psicológico, sociológico, entre outros.

Na trilha dos equívocos que o não entendimento desse estatuto próprio que tem a sexualidade na psicanálise engendra, segue-se a proposição, também muito corrente, de que "Freud teoriza sobre o normal a partir do patológico". É precisamente o conceito de sexualidade infantil de Freud que impede, de saída, qualquer tentativa de delimitar como opostos excludentes os campos do "normal" e do "patológico". No primeiro de seus "Três

ensaios sobre a teoria da sexualidade"^[30], significativamente intitulado "As aberrações sexuais", Freud desconstitui, meticulosamente, fragmento por fragmento, a dita normalidade. O "patológico" para ele, é o que revela a verdade da estrutura do sujeito, enquanto que o normal a encobre, é enganoso, nos faz crer na ilusão de que haveria um objeto adequado à pulsão. O aberrante, o perverso, o anormal, é aquilo que produz uma fala portadora da verdade do sujeito, explicitando o seu processo de constituição.

"Chama-nos a atenção que a conexão entre pulsão sexual e objeto sexual seja tomada como tão estreita. A experiência com os casos anormais nos ensina que, entre pulsão sexual e objeto sexual coloca-se uma solda, o que a uniformidade da configuração normal, onde a pulsão parece trazer consigo o objeto, nos faz correr o risco de deixar passar^[31]".

No seu texto princeps sobre a pulsão, "As pulsões e seus destinos" de 1915, Freud, a respeito do objeto da pulsão, ali situado como um de seus quatro componentes, diz:

"O objeto da pulsão é aquilo no qual, ou pelo qual, a pulsão pode atingir a sua finalidade (objetivo). É o que há de variável na pulsão. Não é originalmente conectado à pulsão, mas a tribuído à ela apenas no caso de ser adequado à

[30] Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, op. cit.

[31] Ibidem, p. 58.

possibilitação da satisfação. Não é necessariamente um objeto estranho, podendo igualmente ser uma parte do próprio corpo. Pode ser trocado ao longo das vicissitudes da existência de uma pulsão, e a esses deslocamentos destinam-se os mais importantes papéis. Pode ocorrer que o mesmo objeto sirva à satisfação de várias pulsões ao mesmo tempo, o que Adler denominou confluência de pulsões. Uma atração (ligação) particularmente íntima da pulsão com o objeto é designada pelo termo de fixação. Ela recobre frequentemente os períodos iniciais do desenvolvimento da pulsão, pondo fim à mobilidade da pulsão, no que ela almeja intensivamente opor-se à separação"[32].

Mas é ainda nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade que Freud propõe que os estados ditos normais seriam aqueles que se situariam em algum ponto intermediário entre a neurose e a perversão, desfazendo, assim, qualquer possibilidade de se pensar, a partir do texto freudiano, um eixo, ainda que contínuo, em cujas extremidades opostas figurariam, polarizadas, a normalidade e a patologia. Dito de outro modo, mais do que desfazer o abismo ontológico e epistemológico que se interpunha, até Freud, entre o "normal" e o "patológico", e que se expressaria por uma visão puramente contínua, de graduações, tendo por pólos extremos um e outro — o que já seria uma ruptura com o pensamento essencialista que tomaria o patológico como degenerescência por relação ao normal — Freud vai além, e situa o que

[32] *Idem*, Triebe und Triebchicksale, (1915) in Studienausgabe, Bd. III, p. 86.

seria o normal (caso existisse estruturalmente) a "meio caminho" entre duas "patologias"! O mesmo procedimento metodológico é retomado por Freud, dessa vez em relação à oposição entre neurose e psicose, no texto de 1924 intitulado "Perda da Realidade na Neurose e na Psicose": a suposta normalidade seria uma certa combinação entre as duas.

"A neurose não recusa a realidade, apenas na da quer saber sobre ela. A psicose a recusa, e procura substituí-la. Chamamos um comportamento normal ou "sadio" se ele exibe de terminados traços de ambas as reações: se não recusa demasiadamente a realidade, como a neurose, e se depois, como a psicose, empenha-se em produzir alterações na realidade"[33].

Em todos os procedimentos que denominamos "equivocos" encontramos uma sã estratégia: recapturar a psicanálise pelos discursos vigentes, em particular o médico-psicológico, o que equivale a absorver o incômodo causado pela "pestilenta" novidade freudiana, no seu próprio dizer, por sua redução ao que é não-psicanalítico, pré-psicanalítico, comum, vigente, conforme à ordem, mitigando, assim, o impacto causado pelas pontudas arestas que o saber psicanalítico dirige à civilização, acabando por explicitar seu inevitável mal-estar [34].

[33] Freud, S. Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose (1924) in Studienausgabe, Band III. A nota 207, adiante, neste trabalho, refere-se a esta mesma passagem de Freud, 1a, contudo, concernindo a questão das psicoses. A passagem citada encontra-se na pág. 359.

[34] Idem - Das Unbehagen in der Kultur (1930) - in Studienausgabe, Bd. IX.

II.1.2. Sexualidade Infantil e Inconsciente

Um dos principais aspectos da sexualidade infantil, que é a sexualidade "tout-court" introduzida pela psicanálise, é o seu não recobrimento pelos elementos que constituem a sexualidade-função psicofísica, a saber, a representação psíquica (psíco) da diferença anatômica (física) entre os sexos, condição de funcionamento da sexualidade psico física, funcional, em suas finalidades de reprodução da espécie.

Assim, os genitais não existem como par-de-opostos complementares para a sexualidade infantil. Estando claro, desde logo, que dos genitais; não haveria nenhuma razão de ordem lógica para que se admitisse a existência, no plano da realidade psíquica — portanto, freudianamente, no plano das representações — de apenas um dos órgãos genitais, dada a inexistência da representação psíquica do outro. Tomados em seu estatuto de genitalidade, os órgãos genitais devem apresentar-se de uma só vez a dois, como um par e por oposição inclusiva: não há pênis sem vagina, tal como não há dia sem noite, e isso rege a biologia da sexualidade, e mesmo a psicologia da sexualidade, centrada, como é toda a psicologia, na unidade psico-física individual e suas funções, entre as quais a sexual. Entretanto, nos diz Freud, a diferença anatômica entre os sexos, uma vez percebida no real do corpo, não se inscreve como tal no inconsciente, senão por suas consequências^[35], em uma palavra: a castração.

[35] Freud, S. Einige psychische Folgen des Anatomischen Geschlechts-Unterschieds (1925) - in Studienausgabe, Bd. V

O falante registra, psiquicamente, no inconsciente, isto é, no sistema transindividual de inscrições e traços, apenas a representação de um dos órgãos "genitais", o masculino, o "pênis", no dito de Freud, e mantém a representação da vagina "unterdruken"^[36], inexistente no plano do inconsciente. Dito desse modo, estaríamos diante de uma contradição com o que dizíamos anteriormente, isto é, que os genitais devem apresentar-se e representar-se em sua relação biunívoca, a dois. Entretanto, como Freud sabia o que dizia e era autor de grande rigor lógico, não podemos entender a sua afirmação e conseqüentemente sua teoria do complexo de castração, sem imediatamente dela deprender a destituição do caráter genital do "pênis" de que fala Freud, sob pena de sermos obrigados, com as feministas, a considerá-lo um "falocêntrico", que teria estranha predileção por um dos órgãos genitais em detrimento do outro, ou um autor totalmente guiado, em seus escritos, por preconceitos ideológicos baratos. Se é do pênis "ímpar" que se trata, não estamos diante do pênis do homem, em sua configuração carnal ou imaginária, mas do falo, que é bem outra coisa, em sua alusão precisamente a falta-do-pênis na mulher. Pênis faltoso, o falo introduz a dimensão simbólica da castração, assinando a incompletude do sujeito em relação ao sexo, de forma estrutural, indefectível, inextorável, e inscrevendo definitivamente a ordem do sexual no registro da parcialidade. É portanto a sua representação e inscrição de modo ímpar na sexualidade infantil que dá a medida da radical diferença conceitual entre falo e pênis, o que leva La

[36] O termo alemão Unterdrückung, que significa "supressão", é utilizado por Freud em "Der Unter- gang des Ödipuskomplex" para referir-se ao estado em que permanece, no inconsciente, a representação do órgão genital feminino, em face da sexualidade infantil.

can a situar, contra os desvios pós-freudianos consistentes em tomar o falo como objeto — quando o falo, enquanto simbólico, é aquilo que precisamente se opõe ao objeto-presença a situá-lo como significante:

"O phallus tem aqui esclarecida a sua função. O phallus na doutrina freudiana não é um fantasma, se devemos entender por isto um efeito imaginário. Não é tampouco um objeto como tal (parcial, interno, bom, mau, etc), na medida em que este termo tende a apreciar a realidade interessada numa relação. É bem menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (...)... o phallus é um significante (...) destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significação, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante"[37].

O fato de que isto esteja suficientemente explicitado e elaborado na obra de Lacan e seus seguidores, não nos poupa da tarefa, por nós escolhida neste trabalho como objeto, de trabalhar a questão desde o texto freudiano em sua literalidade, que, como nos propusemos a demonstrar, traz a marca da impossibilidade de fazer superpor pênis e falo, sexualidade vigente e sexualidade infantil, ainda que Freud muitas vezes utilize um termo pelo outro, o que não desfaz os efeitos do fato de que, no próprio texto freudiano, a presença do "pênis-ímpar" da sexualidade infantil interdita sua confusão com o "pênis-par" da

[37] Lacan, J. - La Signification du phallus, Texto de conferência proferida em alemão no Instituto Max-Planck de Munich, em 9/5/58, com o título Die Bedeutung des Phallus, in Écrits, op. cit., p. 690.

sexualidade vigente. E é a isso que chega Freud em seu texto "A Organização Genital Infantil", de 1923, de cujo título já se depreende que uma organização infantil da genitalidade a desconstitui como tal, tratando-se, na verdade, de dizer que a organização genital infantil é uma organização fática:

"A principal característica dessa organização genital infantil é, ao mesmo tempo, sua diferença para com a organização genital definitiva do adulto. Ela reside nisto, que para ambos os sexos, só um genital, o masculino, desempenha um papel. Existe, portanto, não um primeiro genital, mas um primeiro do falo"^[38].

O falo, portanto, ganha o estatuto de significante da diferença sexual, diferença irreduzível entre a sexualidade fática, representável, própria ao falante, numa palavra, infantil, e o Outro Sexo, não representável no inconsciente. Articulam-se, assim, mais uma vez, Pulsão e Linguagem, Real e Simbólico (em terminologia lacaniana), do que não se deve depreender que a pulsão não se articula à representação, por ser "Real", e que a Linguagem não se acha atravessada pela Pulsão, por ser "Simbólica". É por marcar uma presença-ausente, por permitir uma alternância entre presença e ausência, que o falo ganha seu estatuto simbólico de significante, tal como o carretel que o neto de Freud lançava e recolhia a fim de simbolizar, respectivamente, a ausência e a presença da mãe, o que fazia acompanhar

[38] Freud, S. Die Infantile Genitalorganisation (Eine Einschaltung in die Sexualtheorie), 1923, in Studienausgabe, Bd. V, p. 238.

do som "Fort" (ausência) e "Da" (presença) [39]. Raiz do processo de simbolização, entretanto somente permitida pela pré-condição de que a Ordem Simbólica a pré-exista a experiência do Fort-Da se reproduz através da instalação da significação fálica, como inscrição primordial de um traço no inconsciente, marcando a perda de um gozo propriamente caracterizado pela presença do objeto. Fosse o falo o signo do pênis, estaríamos em posição de exigir o signo da vagina, reivindicação pueril de um feminismo psicologizado que exige a submersão no mundo objetivo das presenças objetais. Longe de ser o signo de uma presença-presente (imaginarização do falo por sua referência não mediatizada ao pênis), o falo é o significante da ausência e da perda do objeto, que permite que a diferença sexual, impossível de se representar psiquicamente a partir da anatomia, inscreva-se simbolicamente, vale dizer, inconscientemente, ao invés de se presentificar imaginariamente.

Se o que é pulsional articula-se ao que é inconsciente é precisamente porque é passível de, dissociando-se do objeto imaginário pulsionalmente investido, transformar-se em traço mnésico (representante-representação). Esse é o modo, segundo Freud, de organização e funcionamento do inconsciente: investimento pulsional de traços, que não poderiam inscrever-se senão por um processo de destruição, de decomposição do objeto imaginarizado (recalcamento).

[39] Freud, S. - Jenseits des Lustprinzips (1920), in Studienausgabe, Bd. III, p. 224-5.

Nesse ponto gostaríamos de transcrever um trecho dos Três Ensaios, de Freud, em que trata do "início bifásico da sexualidade :

"As resultantes da escolha de objeto infantil estendem-se para o período seguinte. Elas, ou são conservadas, permanecendo como tais, ou experimentam, no tempo próprio da puberdade, uma renovação. Em consequência do desenvolvimento do recalque que ocorreu entre as duas fases, e elas revelam-se, contudo, como imprestáveis. Seus objetivos sexuais experimentam uma atenuação, e agora representam o que podemos denominar a "corrente afetiva" da sexual (...) A escolha de objeto da puberdade deve renunciar aos objetos infantis e começar de novo como uma corrente sensual" [40].

Dissemos (p. 51 acima), que na base do pensamento freudiano move-se a mais profunda razão dialética, no que concordamos com Jacques Lacan, ao observar, en passant, num de seus escritos que: "A obra completa de Freud, nos apresenta uma página em três de referências filológicas, uma página em duas de inferências lógicas e em toda parte uma apreensão dialética da experiência"^[41]. Acreditamos que a citação acima, do segundo de seus Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade, é um dos momentos da obra freudiana em que a apreensão dialética da

[40] Freud, S. - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, op. cit., p. 105.

[41] Lacan, J. - L'Instance de la lettre dans l'inconscient ou la raison depuis Freud, (1957), in Écrits, Ed. du Seuil, 1966, p. 509.

experiência é mais depreensível.

Freud fala de duas fases (o início da sexualidade é bifásico) — uma primeira, cuja "excitação" responsável por manter o sujeito ligado ao objeto (nesse primeiro momento, diz Freud, o objeto edipiano) deve se tornar inutilizável a fim de dar lugar à segunda fase. Ora, se o que mantém a ligação objetiva da primeira fase é uma excitação (diríamos, a vertente do gozo) que deve tornar-se imprestável, então à sua eliminação deve corresponder, necessariamente, a perda do objeto. A persistir em seu movimento de investir o objeto, a excitação não o deixaria perder-se. A excitação deve cessar, a primeira "onda", como diz Freud, deve morrer, isto é, o objeto por ela investido deve ser perdido a fim de tornar-se um traço, condição de acesso ao sistema inconsciente, onde será investido pelo regime de energia livre e não fixa, ligada. Objeto não perdido, presença-presente, não se torna traço, não se torna significativa a integrar um sistema simbólico, não se recalca, em suma, não "vai" para o inconsciente. É nesse sentido que se deve apreender o sentido do conceito de recalçamento: pressão que calca, marca, traça, e constitui o sistema inconsciente. Se o recalque originário institui o inconsciente, o recalque "secundário" o constitui incessantemente. O recalçamento, portanto, pressupõe a perda do objeto e seu luto, processo que, como sabemos, é sempre acompanhado de uma identificação a traços do objeto perdido, e a perda do objeto é ocasionada, por sua vez, pelo cessar do investimento, a morte da excitação, da onda primeira.

Deduz-se, incidentalmente, dessa linha de pensamento

que a sexualidade infantil não comporta o emparelhamento complementar sujeito-objeto, a "interação" como se exprime a psicologia, mas implica uma relação eminentemente dialética entre os dois: O sujeito se constitui através do luto do objeto, que pode, uma vez perdido, fazer-se representar para o sujeito, pela via do recalque e do inconsciente. O princípio da negatividade dialética é aqui fundamental e estabelece entre sujeito e objeto uma relação de oposição inclusiva: a subjetivação é resultado de uma negativização no plano do objeto, correlata à sua transformação em traço, representação-objeto de recalque constitutiva do inconsciente. Há ainda um outro aspecto: se o que "morre" é a excitação, para que o objeto enquanto tal seja perdido e simbolizado, e para que outra "onda de excitação" radicalmente nova venha a, posteriormente, investir os traços construídos a partir da perda do primeiro objeto, vemos que o plano simbólico em que este objeto transita não "morre", mas atravessa as duas fases, oferecendo, à segunda "onda de excitação" os seus traços, a serem encarnados por novos objetos e assim reinvestidos, dessa vez por investimento radicalmente novo por relação ao primeiro. O que resta do primeiro, diz Freud, é uma "corrente afetiva". A sexualidade deve fazer suas novas ocupações^[42] entre os traços simbólicos deixados na esteira dos objetos perdidos.

Podemos, assim, ressituar o conceito de falo, em Freud, e demonstrar a sua insuperponibilidade com relação ao pênis, no

[42] Besetzung, no original.

próprio texto freudiano. O falo só pode impor-se ao e no inconsciente como inscrição da sexualidade, vale dizer, da diferença sexual, na medida em que referir-se, dialeticamente, à falta, à perda tomada no plano do objeto. Falo, portanto, é a marca de um pênis faltoso. Se o falo consistisse em um signo do sexo masculino, não atenderia às condições exigidas por Freud para entrar no regime de funcionamento inconsciente, razão pela qual a diferença anatômica entre os sexos não se inscreve no inconsciente senão por suas consequências, proposição, aliás, que contém quase todos os termos do título de um escrito de Freud^[43]. Se o falo contivesse, em si, a significação genital do órgão masculino, não haveria razão para que o sexual se articulasse ao inconsciente. Fosse a sexualidade infantil o correlato pueril de uma suposta sexualidade "adulta" ao longo de uma linha de desenvolvimento, não haveria, rigorosamente falando, nenhuma razão de ordem lógica para a postulação do recalçamento — que cria um sistema de representações significantes destituíuídas de significação porém eficazes na produção da significação (por isso mesmo significantes, porquanto operando em regime de ocupação livre (deslizamento) de traços. Tampouco haveria razão para que o período dito por Freud de "latência" da sexualidade, que traz consigo a marca de uma insuperável "amnésia" com relação à primeira "fase" (dialética) viesse demarcar de forma tão radical a divisão do sujeito em relação à sexualidade. A amnésia infantil, portanto, é a manifestação fenomenológica e concreta do processo de recalçamento a que deu lugar o luto do objeto pelo cessamento do investimento, ou seja, a definitiva

[43] Freud, S. Einige psychische Folgen des Anatomischen Geschlechts-Unterschieds (1925), op. cit.

inscrição no inconsciente da ordem do sexual.

Não "esquecemos" (psicologicamente) o que teríamos vivido em nossa infância sexual, mas recalamos (psicanaliticamente) o que pudemos perder em termos do investimento pulsional do objeto, razão pela qual "temos inconsciente disso", se quisermos utilizar um jogo de expressões em que se confrontam, de forma eloquente, o sentido, familiar a nós, que a fenomenologia dá a expressão "ter consciência" de um objeto, e o sentido psicanalítico de "ter a inscrição inconsciente" de um determinado traço do objeto.

É portanto, por ser designificada no plano psicobiológico que a sexualidade infantil, a sexualidade do falante, é articulável no inconsciente.

II.2. O Conceito de Pulsão como Ponto Ruptural (ou de Explosão) do Espaço Psicofísico — Objeto Específico da Psicologia — Na Definição do Inconsciente como Objeto da Psicanálise

É só por algum abuso na especificidade da categoria do **Trieb** freudiano que pode designá-la como um conceito. Mais do que isso, Pulsão, como se escreve a sua melhor tradução, é o Freud denominou, numa vertente conceitual, um **Grundbe-**

griff [44], isto é, um "conceito fundamental", aproximativamente, e, numa vertente meta-conceitual, "a (nossa) mitologia"[45].

Há, portanto, na psicanálise, categorias que se situam para além do campo estritamente conceitual, de cuja margem, limites ou confins sustentam a consistência atinente ao campo conceitual propriamente dito. Além da Pulsão, Lacan reuniu, a partir do pensamento, de Freud, mais três categorias, que compõe o objeto de seu Seminário 11 — Intitulado os "quatro conceitos fundamentais da psicanálise"[46]. São eles, além da pulsão: O inconsciente, a repetição e a transferência. Tais conceitos são ditos fundamentais na medida em que têm a característica de se imporem ao trabalho teórico do analista, mais do que dele decorrerem.

À luz do que dissemos, gostaríamos de problematizar a máxima freudiana "a pulsão" é um conceito limite entre o somático e o psíquico"[47] e pensá-la com relação à articulação, a bordada nas seções precedentes, entre a pulsão e a linguagem (o inconsciente em sua vertente do recalcado), ou, para usar os registros introduzidos por Lacan, entre o Real e o Simbólico.

Muita tinta fez correr essa proposição de Freud, e a muitas distorções deu ela igualmente lugar. Se o intérprete da

[44] Freud, S. Triebe und Triebchiksale, 1915, in Studienausgabe, Bd. III, p. 81.

[45] Idem, Neue Folge der Vorlesungen zur Einfuhrung in die Psychoanalyse, 1932, in Studienausgabe, Ed. I, p. 529, onde se lê: "A teoria das pulsões é por assim dizer a nossa mitologia. As pulsões são seres míticos, grandiosos na sua indeterminação".

[46] Freud, S. Le Seminaire, Livre XI - Les Quatre Concepts Fondamentaux de la psychanalyse - Paris, Éditions du Seuil, 1973.

[47] Freud, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, op. cit., p. 76.

frase não estiver comprometido com a démarche freudiana, torna-se fácil para ele fazer derrapar o seu sentido para uma compreensão psicobiológica da pulsão, que a faria situar-se no limite intraorgânico entre o somático e o psíquico, vale dizer, ali onde, ontologicamente, terminaria o espaço de incidência das fontes somáticas e começaria o espaço de atuação das forças "psíquicas", entendidas psicofisicamente. Trata-se de uma espécie de localização teoricamente alucinatória da pulsão em fronteiras intraorgânicas, interiores à unidade psicofísica em que consiste o indivíduo-organismo. Uma tal compreensão não é rara no meio psicanalítico, e se apresenta muitas vezes revestida de um certo matiz cientificista, supostamente garantido pela pseudo-positividade e objetividade dessa apreensão, em que pesem o caráter metafísico e mesmo delirante em que consiste semelhante hipostasia de um conceito.

Mas Freud felizmente preferiu a mitologia à metafísica para istuar a sua categoria de **Trieb**. Recorrer ao mítico é, com efeito, mais seguro do que ao metafísico, quando se trata, precisamente, de evitar a queda no senso comum das concepções psicobiológicas de seu tempo, e sobretudo quando falta o recurso ao lógico que poderia substituir o mítico. Pensamos que a obra de Lacan é, entre outras coisas, um grande empreendimento lógico para dar conta daquilo que Freud manteve no registro mítico, ao invés de buscar satisfazer-se com falsas soluções, de resto mais fáceis.

Contra a referida apreensão hipostasiante e psicobiológica do conceito de pulsão, temos que, no texto freudiano, não

é a pulsão que estaria situada no limite entre o somático e o psíquico, mas o conceito de pulsão que, em seu estatuto lógico-conceitual, situar-se-ia como limítrofe e como limite do conceitualizável, ponto de sustentação da teoria sobre a qual, entretanto, esta não pode falar através da linguagem (conceitual) que lhe é própria. Destitui-se, assim, a tão precária quanto corrente apreensão intraindividual da pulsão.

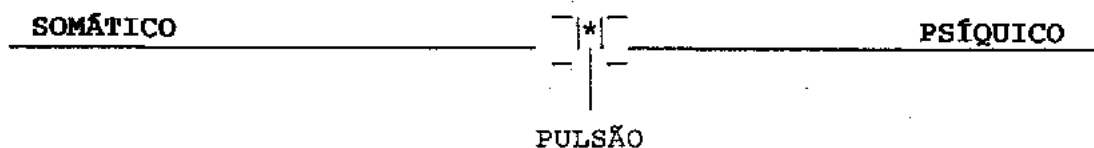
No principal texto de Freud sobre as pulsões, lemos:

"A pulsão se nos apresenta como um conceito-limite entre o anímico e o somático, como o representante psíquico de excitações procedentes do interior do corpo e que atingem o psiquismo como uma medida da exigência de trabalho feita ao psíquico em consequência de sua ligação com o corpo"^[48].

Mas há um outro viés pelo qual colocaríamos a questão, de forma mais lógica que epistemológica: contra a idéia de que limite entre somático e psíquico quer dizer algo que seria so mático e psíquico, propomos que se entenda o termo limite, nesse contexto, no sentido de aplicá-lo a algo que não é nem somático nem psíquico, que é precisamente limite, aproximando-se do sentido que a matemática dá a este termo, através da notação de colchetes abertos sobre uma linha reta: $_ | | _$. Assim, se tomarmos, como sendo a linha reta, a unidade psicofísica, o campo

[48] Idem, Triebe und Triebchicksale, op. cit. p. 85.

psicossomático em cujo "limite" situar-se-ia a pulsão, e demarcamos, sobre esta linha, um espaço limite dissociativo-disjuntivo, entre o que é somático e o que é psíquico, temos:



Articulando a esta representação uma outra proposição, a de que tudo aquilo que se produz, conceitualmente, em psicanálise, deriva, em última instância, da pulsão, "Grundbegriff" e a mitologia de Freud, teríamos, como terceiro tempo interpretacional, dedutivamente, a proposição-síntese seguinte: Tudo o que é da ordem do psicanalítico situa-se, necessariamente, num registro distinto, irreduzível e independente tanto do que é da ordem somática quanto do que é da ordem psíquica, estando dado que, a partir do registro pulsional (que define o psicanalítico), os fenômenos tanto somáticos quanto psíquicos devam ser redefinidos, ressignificados, como efeitos da referida determinação pulsional.

Armando-se um quadro esquemático em três proposições, teríamos:

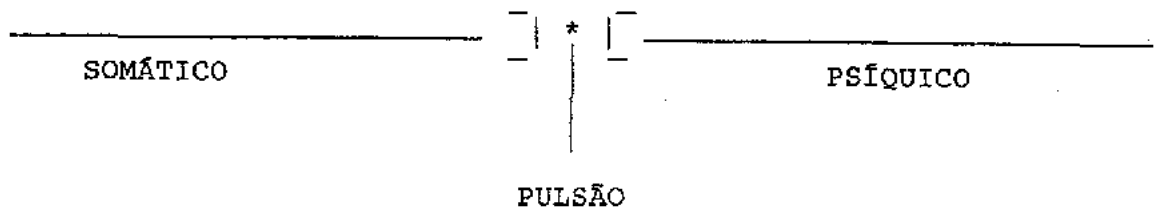
SE (PROPOSIÇÃO 1): A pulsão é um conceito-limite entre o somático e o psíquico, entendendo-se por isso que e la não é nem somática e nem psíquica;

E SE (PROPOSIÇÃO 2): A conceituação psicanalítica, em toda a sua extensão, depende em última instância do registro pulsional e de seu recalçamento originário;

ENTÃO (PROPOSIÇÃO 3): Tudo o que é da ordem do psicanalítico com tudo o que se constrói, teoricamente, a partir do conceito de pulsão, é necessariamente de uma ordem diversa e irreduzível tanto à ordem somática quanto à ordem psíquica em sua determinação, vindo, inclusive, a incidir sobre essas ordens de modo a ressignificá-las à luz do registro pulsional.

Formularíamos, assim, uma clara posição da psicanálise em face dos discursos sobre o registro do somático (medicina) e sobre o registro do psíquico (psicologia), através da explosão do espaço psicofísico que o conceito de pulsão viria a produzir, pela disjunção lógica introduzida por Freud no próprio ato de constituição deste conceito.

Graficamente teríamos:



CONSTRUÇÃO
DA TEORIA
PSICANALÍTICA

II.3. Sexualidade e Subjetividade: O Eu na Teoria Freudiana do Narcisismo

II.3.1. A teorização de Freud sobre o EU Anterior à Introdução do Narcisismo

Como se sabe, Freud nunca escrevia de forma diletante, pelo que queremos dizer: escrevia movido por alguma questão que lhe era imposta pelo real da clínica, escrevia, não diríamos compulsiva, mas compulsoriamente.

Assim, como podemos depreender da análise dos postulados metodológicos que propusemos no Capítulo I, a teoria psicanalítica, se ela estrutura o espaço clínico da análise, é contida determinada, em sua produção, pelas questões colocadas pela clínica, que se situa, assim, como lugar de produção e não de aplicação de saber. Pois o saber de que se trata teorizar é o saber do inconsciente, inarticulável num contexto puramente teórico, para o qual o discurso do sujeito é condição de articulação.

Com relação à questão que nos propomos abordar na presente seção — a teoria freudiana do sujeito — verificamos que a psicanálise, até um momento já avançado de sua elaboração, não a havia produzido. Diremos que é com a introdução do conceito de Narcisismo na teoria, através do artigo de 1914 que leva este nome, que Freud elabora, pela primeira vez, algo que poderia

mos legitimamente denominar uma teoria psicanalítica do sujeito. Examinemos o que já se havia produzido até então.

Podemos dividir a produção teórica de Freud até 1914 em três partes, a saber, a série de textos dos anos 90, que te matizavam a teoria da clínica das neuroses (bem como as correspondências com Fliess, cartas e rascunhos — e o Projeto para uma Psicologia^[49], na qual encontramos importantes indicações da quilo que viria a ser ulteriormente desenvolvido), e através da qual podemos identificar a emergência das hipóteses fundamen tais a respeito do Inconsciente e da Sexualidade; em segundo lugar, o momento marcante da Interpretação de Sonhos^[50], em que, como se sabe, Freud elabora, pela primeira vez, uma teoria do aparelho psíquico e do Inconsciente, a que se pode legitima mente denominar uma primeira teorização psicanalítica sobre o desejo, e sobre articulações com a linguagem, ou seja, sobre a dimensão simbólica do desejo no homem; Finalmente, o terceiro ciclo, os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)^[51], ao qual fizemos algumas referências na seção anterior do presen te Capítulo, dedicada à sexualidade infantil: é a introdução da teoria da pulsão na obra freudiana. Para os fins que nos o rientam aqui é suficiente este sumário esboço da psicanálise freudiana prévia à introdução do conceito de narcisismo, pois não pretendemos, aqui, tomar em consideração as obras menciona das, mas situá-las por relação a uma questão, assim formulável:

[49] Freud, S. Projeto para uma Psicologia, 1895 (1940), in Edição Standard Brasileira das O-bras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. I.

[50] Idem - Die Traumdeutung, (1900), in Studienangabe, Bd. II.

[51] Idem - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (op. cit.).

Poder-se-ia dizer, a rigor, que, nesses três ciclos teóricos — Teoria das Neuroses, Teoria do Desejo e do Inconsciente, Teoria das Pulsões — encontra-se uma Teoria do Sujeito? É a essa questão que pretendemos responder na presente seção, e é ela, portanto, que move esta elaboração.

Se tomarmos o esquema proposto por Freud nos Três Ensaios, a respeito de sua teoria pulsional, verificamos que tal esquema apresenta as pulsões como divididas em dois campos: a que, um tanto inapropriadamente — veremos por quê — costuma-se chamar o "dualismo pulsional": temos, de um lado, as pulsões do eu ou de auto-conservação, destituídas de qualquer caráter sexual, no sentido em que o trabalhamos na seção precedente, e portanto, com um acentuado caráter instintivo, próximo da psicobiologia do indivíduo psicofísico, em sua impelência instintual a se auto-conservar-vivo; de outro lado, temos as pulsões sexuais, ou libido, ou ainda, de conservação da espécie. Este esquema dual, aparentemente, situa a vida individual de um lado, e a vida da espécie através da sexualidade, de outro, em planos que, segundo pretendemos demonstrar, não são nivelados, razão pela qual preferimos não falar em dualismo, na medida em que essa noção remete a categorias de um mesmo patamar lógico.

O esquema, em sua formulação terminológica, é de grande matiz biológico: o indivíduo seria instintualmente determinado a uma existência dirigida a um duplo objetivo: conservar-se vivo e conservar viva a espécie. Deveríamos, assim, contentarmo-nos com uma interpretação instintual e biológica da teo

ria pulsional de Freud ? As pulsões, de auto-conservação de conservação da espécie, reduplicariam os instintos da biologia? O que se revela para além da configuração terminológica do esquema ? Sabemos que Freud, embora nos apresente as suas duas categorias pulsionais através de um tal esquema, escreveu todas as linhas de seus Três Ensaios, que, efetivamente proíbem qualquer apreensão da sexualidade como função psicofísica ou de conservação da espécie: seria necessário lembrar alguns de seus enunciados naquela obra ? O que dizer da proposição de Freud de que a pulsão não tem objeto adequado, situação que os estados normais, enganosamente, encobrem^[52]. O que dizer da reivindicação que, segundo Freud, a heterossexualidade faz à psicanálise, de ser explicada, tanto quando a homossexualidade^[53] ? O que dizer sobre as pulsões parciais e sua impossível unificação em torno da genitalidade, e de tudo mais que abordamos na seção precedente a respeito do estatuto freudiano da sexualidade infantil ?

Vemos, portanto, que, se por um lado Freud apresenta um esquema psicobiológico — como tal dualista — da teoria pulsional, dividindo as pulsões em conservação da vida individual e conservação da vida da espécie (sempre conservação de vida, ou seja, biologia), por outro lado, tudo o que diz das pulsões sexuais, da libido, contraria, ponto por ponto, a posição destas pulsões no interior de um tal esquema. Mas, e o que ele diz

[52] Idem, Ibidem, p. 58, Cf. Nota nº 76, adiante.

[53] Id. Ibid., nota de rodapé nº 1, da p. 56, do texto de Freud no original, onde se lê: "A psicanálise considera que a escolha de um objeto, independentemente do seu sexo, que incide, de forma equivalente, em objetos masculinos ou femininos, assim como se verifica na infância, nos estágios primitivos da sociedade e nos períodos iniciais da história, constitui a base a partir da qual, em função de restrições num sentido ou em outro, desenvolvem-se tanto os tipos normais como os invertidos. Assim, do ponto de vista da psicanálise, um interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui problema que precisa ser elucidado, na medida em que não é um fato auto-evidente, que possa basear-se, afinal de contas, numa atração de natureza química".

das pulsões do eu ? Haveria, quanto ao eu, a mesma subversão do discurso psicobiológico, como há quanto à sexualidade ? As pulsões do eu, ao contrário da libido, não se adaptariam bem ao esquema dualista-biológico que apresenta Freud ? Supomos que sim, a tal ponto que poderíamos mesmo dizer que, quanto ao eu, Freud ainda não tinha dado nenhum passo psicanalítico, a rigor, e que, no que concerne ao eu, poderia perfeitamente tratar-se do "instinto", nas Ich-Triebe [54], enquanto que, no que concerne à sexualidade, o passo já tinha sido todo dado: trata-se da pulsão.

Como entender essa cisão epistemológica ? Por que, quando se trata do eu, Freud silencia, em termos do discurso psicanalítico ? Ali estava um eu, lutando contra o sexual (conflito neurótico, por exemplo), a fim de manter-se íntegro, conservar-se vivo. Mas, de onde procede este "eu" ? Das células nervosas ? O que lhe daria uma origem inata ? hereditária ? De Deus, como dádiva ? Do lado de Freud, a pergunta não se formulava, e portanto não recebia nem respostas físicas, nem metafísicas. Permanecia intacta.

O eu é, assim, mantido em estado de aprisionamento pelo discurso psicobiológico até que, de forma cronologicamente tardia, venha a receber de Freud tratamento psicanalítico. Está do lado do indivíduo, da unidade psicofísica, e tem funções a exercer. Entretanto, convive com uma sexualidade que, esta, já

[54] "Ich-Triebe", Pulsões do eu, categoria introduzida no texto de Freud intitulado "Um distúrbio psicogênico da visão na concepção psicanalítica" (Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung, 1910, in Studienausgabe, Bd. VI, p. 210).

estava fora de seu escopo, escapava à condição de uma das funções do eu. Situação paradoxal, cindida, conflitual. É graças a essa cisão, graças a uma sexualidade subversiva e transindividual, que se articula com o desejo inconsciente, que o eu pôde manter-se dividido, como evidentemente, já havia sido pela própria introdução do conceito de inconsciente que, dividindo o in-divíduo, já não permitia qualquer apreensão do eu como locus sintetizante do indivíduo integral. Não estamos, portanto, a firmando que a teoria psicanalítica mantivesse o eu como indivíduo, já que, por força do inconsciente e da sexualidade que de le constitui a realidade, transindividual, como é concebida por Freud, todo eu, para a psicanálise, já é efeito de uma divisão. Entretanto, o que sustentamos é que, sobre o eu, Freud não havia elaborado uma teoria consistente, mantendo intactas, como dissemos, as questões referentes à sua origem, ao seu estatuto conceitual, às suas relações com a pulsão e com o próprio inconsciente. Do ponto de vista teórico, o eu poderia ser definido como o resumo do esforço de viver, o campo natural da vida, conexo porém oposto ao campo sexual, este perverso polimorfo, subversivo, voltado para o gozo e para o prazer, mais do que para a vida.

A que atribuir essa "defasagem" conceitual? A que ela responde? Talvez pudéssemos retomar a primeira frase desta seção, e dizer que Freud, já que não teorizava por diletantismo mas por impelência clínica, por exigência real, ainda não se havia confrontado com questões nascidas da clínica que o tivessem obrigado a elaborar uma teoria do Eu. É mais ou menos a isso que ele nos remete nas primeiras páginas do seu artigo sobre o

Narcisismo, quando efetivamente opera uma virada de tal envergadura que o quadro que descrevemos altera-se radicalmente^[55].

Antes, contudo, de entrarmos no teor deste explosivo artigo, gostaríamos de inserir, neste ponto, duas considerações de ordem filosófica, a fim de demonstrar que, com relação à filosofia, a teoria psicanalítica mantinha-se retrógrada, no que concerne ao eu, e avançada, no que concerne à sexualidade. Um antes e um depois, assim se delineiam os campos, respectivamente, do eu e da sexualidade, por relação à filosofia. Para isso tomaremos dois exemplos, dois marcos da filosofia moderna, dois pensadores que marcaram irreversivelmente o pensamento ocidental: Descartes e Hegel, para, de cada um, tomar apenas um traço, um aspecto de seu pensamento, articulável com que pretendemos desenvolver — a teoria freudiana do sujeito. Do primeiro, tomaremos o aspecto de sua virada metodológica, decisiva para o nascimento dos diferentes discursos sobre o sujeito. Do segundo, tomaremos um aspecto conceitual, igualmente decisivo para a elaboração dos referidos discursos.

II.3.2. Caráter pré-cartesiano da psicanálise freudiana anterior ao Narcisismo: a virada metodológica cartesiana de Freud

Sabe-se que Descartes introduziu, no campo da filosofia, a possibilidade de se tratar do sujeito, ao postular que o ser do pensamento, distinguindo-se do ser da coisa, é contudo

[55] Freud, S. Zur Einführung des Narzissmus op. cit.

(e por isso mesmo) também passível de ser objetivado, tomado como objeto do discurso, do conhecimento. Ao postular uma res cogitans distinta de uma res extensa ^[56], Descartes mantém, entretanto, a ambas, o estatuto de "res", de substância. Duas substâncias de natureza distinta, mas duas substâncias, o que resulta na formulação de uma ontologia do eu: o eu é, e seu mode de ser é pensar, o que não anula, tal como Descartes o formula, o fato de que ainda assim ele é. Poderíamos dizer que, até Descartes, os seres eram, e o eu os pensava, mas não era, não pertencia à ordem do ser. A máxima "cogito ergo sum" deve ser traduzida (como o é, corretamente em francês) "je pense donc je suis") por "penso logo sou" e não, como comumente encontramos, penso logo existo, o que dá um sentido inteiramente diferente à proposição, pois o ser do eu em nada garante a sua existência, o que leva Descartes, inclusive, a desenvolver a res infinita — Deus — a fim de resolver a questão da existência do eu através do que o transcende. Mas, se não garante a sua existência, garante, em contrapartida, a sua ontologia, o que equivale a dizer, no plano filosófico, que garante a sua objetivação para um discurso sobre o eu. "Penso logo sou" um ser — pensante — sobre o qual pode-se, a partir de então, pensar... Aberto estava assim o caminho para as ciências humanas, embora estas, ao se constituírem, muitas vezes ignorem, recalquem, essa sua digna origem.

[56] Descartes, R. - Discours de la méthode, Paris, Librairie Félix Alcan, 1927, 17^{ème} édition, org. Victor Brochard.

Pensamos que essa reversão, essa inclusão do eu, que pensava os seres, entre os seres pensáveis, objetiváveis, introduz uma dimensão que a psicanálise só irá teoricamente reconhecer ao introduzir o conceito de narcisismo. O que tínhamos até então? Uma pulsão sexual, sem sujeito, oriunda do inconsciente, a investir objetos (fora do eu-subjetivo), embora pudesse investir-se no corpo do indivíduo). O eu estava ali, incômoda e inexplicavelmente situado diante de tais investimentos, defendendo-se, reprimindo, produzindo e administrando conflitos, mas não entrava, enquanto instância subjetiva, no circuito pulsional.

Se pensarmos que a libido, ou antes, a teoria da libido, é o modo próprio do discursar psicanalítico, o que é atestado pelo próprio Freud, que considerava a sua teoria da libido como fio condutor da psicanálise, e não admitia ceder quanto a isso, concluiremos que o eu, enquanto tal, situava-se fora do discurso psicanalítico, na medida em que não era teorizável a partir da libido.

O que é o narcisismo senão a inclusão do eu na teoria da libido, e portanto no circuito discursivo próprio à psicanálise? Já na primeira página do artigo, Freud diz textualmente:

"e finalmente tornou-se próxima a suposição de que uma localização da libido que se caracterizasse como narcisismo estaria presente em muito maior extensão, podendo até reivindicar um lugar no desenvolvimento sexual regular dos

seres humanos^[57]».

Assim, de uma das duas categorias pulsionais vigentes até então (pulsões do eu e pulsões sexuais), (portanto, de categoria de mesmo nível), a libido passa, agora à condição de critério de construção de um novo esquema, em que o eu aparece como uma de suas duas localizações possíveis: também o eu é objeto para a pulsão sexual, tal como os objetos, de forma, no entanto, deles distinta. Tomar o eu como objeto da libido é, cartesianamente, incluí-lo entre os objetos do discurso psicanalítico, o pulsional — a teoria da libido. Entretanto, de modo igualmente cartesiano, a posição narcísica da libido (ou simplesmente, a libido narcísica) não é da mesma ordem que a posição objetal da libido — ou libido objetal. A esse propósito, citamos Lacan ao formular que, no narcisismo, trata-se de um investimento da **imago do corpo próprio**, ao que poderíamos opor, no tocante aos investimentos objetais, que, aí se trata da imagem (e não imago, que é de outra ordem), do objeto^[58]. Em Freud a questão se coloca nos seguintes termos: libido do eu e libido do objeto encontram-se confundidas no início, num "eu" ainda não diferenciado do objeto, portanto do não-eu, e "só se torna libido através do ato da investida de um objeto"^[59]. Embora,

[57] Freud, S. Zur Einführung des Narzissmus, op. cit.

[58] Lacan, J. Le Stade du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique, in Écrits, Paris, Ed. du Seuil, 1966, p. 95.

[59] Freud, S. op. cit., p. 45.

portanto, a constituição do eu seja correlata da constituição do mundo objetal (imagens investidas pelo eu) — realidade "interna-externa"—, é pré-condição lógica que um eu se constitua para que se possa falar em objetos para esse eu, posto que, na inexistência do eu, para quem se colocariam os objetos? Por outro lado, veremos que é pré-condição lógica para a constituição do eu a postulação de um objeto. Mas esse objeto é de um estatuto bem outro, diferente daquele que define os objetos da libido: é o objeto mítico, porque jamais existiu para um eu, uma vez que, de sua perda, e só a partir dela, é que se pode falar da constituição do eu.

Quanto à constituição do eu pela libido, Freud escreve, num dos momentos mais incisivos de seu artigo, que o eu não é e nem pode ser inato: deve ser construído, o que se dá através de uma "nova ação psíquica": Diz Freud:

"As pulsões auto-eróticas encontram-se presentes desde o momento inicial, sendo necessário que algo se acrescente ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se configure o narcisismo"^[60].

A despeito do que pôde-se, em psicanálise, falar de um eu rudimentar no nascimento, de uma força constitucional do eu, e, a partir daí, chegar-se à teoria das relações de objeto, que, nivelando eu e objeto numa relação interobjetal, desfaz o

[60] Idem, *ibidem*, p. 44.

momentoso passo de Freud quanto à constituição do eu. Não é por acaso que esses autores rejeitam o conceito de narcisismo^[61], que lhes colocaria espinhosos problemas em suas proposições adaptacionistas acerca das relações primitivas de objeto, que se reproduzem ao longo da vida, da análise, até a final introjeção de um bom objeto: "a cura". O risco da psicologização em psicanálise, como se vê, a acompanha a cada passo.

II.3.3. Caráter pré-hegeliano da psicanálise freudiana anterior à introdução do conceito de narcisismo

Se Descartes pôde, como dissemos, colocar o eu em posição de pensabilidade a partir do discurso, Hegel veio dar conta do processo de sua constituição, a partir do desejo (Begierde) e da dialética da intersubjetividade.

O fragmento do pensamento de Hegel, cuja complexidade impediria que nele incursionássemos no âmbito no presente trabalho, que não tem como objeto a filosofia hegeliana, refere-se ao quarto capítulo de sua "Fenomenologia do Espírito" intitulado "La Certitude de Soi-Même", que contém o alicerce da dialética do senhor e do escravo, pela qual Hegel introduz o processo de constituição do sujeito a partir da intersubjetividade^[62].

[61] Bleger, J. Esguizofrenia, autismo y simbiosis, in Acta Psiquiatrica y psicologica de América Latina, op. cit.
 [62] Hegel, G.W.F. La Phénoménologie de l'esprit, Paris, Aubier, Ed. Mouton, 1941.

Para compreendê-lo, é necessário partir da proposição hegeliana de que, através da dialética, passa-se do mundo natural ao mundo racional pela via do desejo, ou seja, por uma transformação qualitativa da necessidade. Os seres vivos, caracterizados pela incidência de falta de algo à conservação de sua condição viva (na natureza, a necessidade, a fome, por exemplo), buscam, através do desejo natural [(Naturbegierde)], termo pelo qual Hegel denomina aquilo que chamamos simplesmente necessidade, o objeto que viriam a suprir esta falta. Este é o circuito natural, facilmente redutível à teoria biológica dos instintos, segundo a qual há um objeto adequado a suprir a necessidade, já inscrito previamente na programação instintual. Entretanto, prossegue Hegel, a falta, ainda que apreciável a nível natural da necessidade, não tem, na própria natureza, porquanto é falta, vazio, buraco no ser. Portanto, há aqui uma diferença entre a falta (desejo natural) da necessidade, em Hegel, e aquela do instinto, que tem natureza, na medida em que seu objeto natural de satisfação já está contido em sua essência. A falta em Hegel, ainda que no nível natural, é um vazio no ser, e não um ser em vazio, à busca daquilo que o irá preencher, e que é previamente conhecido. Se, assim, a falta no ser depara-se com um objeto, assim como a natureza do objeto, pois, que, ela não tem natureza em si. Um buraco é de natureza daquilo que se coloca em seu interior, e não do ser que o envolve: buraco na rua, ou na floresta, é igualmente buraco. Se o objeto, ao invés de ser natural, for de outra ordem, qual seja, da ordem de uma outra falta, teremos então uma relação não mais natural, de falta-a-objeto, mas de falta-a-falta, e portanto não mais mediatizável pela natureza. É, assim, necessá

rio que uma ordem simbólica venha mediatizar essa relação de falta-a-falta, de desejo-a-desejo, que passa por essa virada dialética, a ser desejo antropogênico e não mais desejo natural.

Inicia-se, assim, uma luta, que não é mais pela vida, (já que o objeto, sendo ele próprio uma outra falta, não garante a conservação de vida alguma) mas pelo reconhecimento. O humano surge, portanto, dessa relação, que por isso é dita antropogênese: a luta pelo reconhecimento supera, no homem, a luta pela vida, característica do animal. O homem, para Hegel, distingue-se do animal precisamente por elevar o seu desejo a um plano mais alto do que o da vida, o valor mais elevado não sendo, para o homem, assim, a vida — e não o reconhecimento. Aquele que luta pelo reconhecimento não conta quando a este desejo e corre, portanto, o risco de morrer, arrisca sua própria vida, já que o reconhecimento supera a vida enquanto valor. Aquele que opta pela vida, abrindo mão do reconhecimento, não se constitui como homem, mantendo sua condição de animal: o ser para o qual a vida continua sendo o valor maior. O primeiro é o Senhor, e segundo o Escravo. A dialética hegeliana do senhor e do escravo tem, evidentemente, desdobramentos que o presente trabalho não comporta nem se propõe a comportar. Importa-nos, ao contrário, situar o plano da morte, e do reconhecimento, como aquilo que, desde Hegel, caracteriza o humano, para além do propósito de conservar a vida.

Voltemos a Freud, e à sua teoria do eu anterior ao narcisismo, que o situava como lugar das pulsões de auto-conservação, a fim de confrontá-la com o discurso hegeliano. O que ve

rificamos ? Que o eu de Freud, antes do narcisismo, além de pré-cartesiano, é também pré-hegeliano. Quer viver, mais que tudo, situa-se como escravo, como animal. Trincheira pulsional da vida, o eu se opõe à dialeticidade de uma sexualidade aferrada ao gozo. Dado que Freud não desconhecia a filosofia, nem cartesiana, nem hegeliana, a que atribuir tão fabulosa defasagem e anacronismo ? Dar conta do eu como lugar da vida impõe-nos a idéia de sua oposição ao sexual, pois era assim que Freud formulava: do lado do eu a vida, do outro lado a sexualidade, o desejo, o prazer. Teremos, pois, que retomar a questão do anacronismo pré-cartesiano/pré-hegeliano a partir do estatuto do não-sexual em Freud, pois se, em psicanálise, trata-se do sexual, trata-se, mais ainda, da forma pela qual o não-sexual, o aquém ou o além do sexual, determina, e ao com ele se articula. Pois é preciso não esquecer que, se quanto ao eu, Freud é filosoficamente anacrônico até determinado ponto de sua obra, ponto em que a clínica o impele a elaborar uma teoria psicanalítica do sujeito, com relação à sexualidade, Freud, dá, desde logo, um passo muito além da filosofia de seu tempo, como pretendemos demonstrar na primeira seção do presente capítulo.

Além das aludidas razões metodológicas, que concernem ao lugar que a clínica, o real da prática clínica, ocupava no processo de produção teórica em Freud, há razões de ordem extra-doutrinária, relacionadas com uma política do "desejo" freudiano de fazer da psicanálise um saber reconhecido, que não podemos deixar de, pelo menos, e, no máximo, mencionar: A despeito da incompatibilidade evidente entre a psicanálise e a

ciência do tempo de Freud, este mantinha-se numa posição muito mais próxima, em sua elaboração da psicanálise, do discurso científico do que do discurso filosófico. Isso, em nosso entender, não deve ser atribuído simplesmente à famosa "formação" de Freud, de neurologista, homem de ciência, de pesquisa, do século XIX. Quer-nos parecer que, se Freud desse à virada ruptural que operou no saber a ele contemporâneo um estatuto filosófico, se reverenciasse os pensadores que, como mencionamos, ao destacar Descartes e Hegel, lhe serviram inequivocamente de suporte, a psicanálise perderia toda a virulência e caráter perturbador que sempre a acompanhou, pelo menos nos tempos freudianos. Seria extremamente fácil para o discurso científico vigente na época de Freud transformar a psicanálise em mais uma filosofia "obscurantista", pois o que este saber vinha trazer à civilização não é de fácil absorção, nem mesmo no campo da filosofia. Se hoje, os próprios psicanalistas que trataram de institucionalizar a psicanálise "em nome de Freud" não cessam de tentar destruir o discurso analítico, imaginemos o que se passaria se Freud não tivesse utilizado de todos os meios para garantir alguma perfunctoriedade ao que seu pensamento propunha.

II.3.4. A Introdução do Narcisismo

Como já dissemos a propósito da virada metodológica de caráter cartesiano que operou Freud em relação ao eu, ao torná-lo objeto e efeito de investimento pulsional, inserindo-o na teoria da libido e portanto no modo próprio ao discurso psicaná-

lítico, vejamos agora como a inserção do eu no campo do desejo sexual tem consequências importantes no que concerne à questão hegeliana: a morte e o reconhecimento.

De que se trata no narcisismo senão do reconhecimento pelo eu, de sua imagem investida libidinalmente? O texto de Freud não deixa dúvidas quanto a este aspecto: não se trata mais, na libido narcísica, de conservar a vida, mas de produzir um efeito de reconhecimento, uma identificação, isto é, "uma alteração no eu pela assunção de uma imagem"^[63], a própria criação do eu pela libido. Freud diz que "a libido narcísica é o complemento libidinal das pulsões auto-conservação"^[64], marca da entrada em jogo do reconhecimento no âmbito da simples luta pela vida.

Mas é curioso observar que, se Freud é contundente quanto ao fato de, na constituição do eu a partir do "auto-erotismo" inicial, uma nova ação psíquica deve ter lugar, permanece ao longo de todo o artigo embaraço com a uma outra questão:

"por que, se introduzimos um novo dualismo pulsional entre libido do eu (narcísica, constitutiva do próprio eu) e libido objetal, devemos ainda distinguir da libido do eu uma outra energia, não-sexual, das pulsões do eu?"^[65].

[63] Lacan, L. Le stade du miroir..., op. cit., p. 94

[64] complemento libidinal do egoísmo das pulsões de autoconservação. Freud, S. op. cit. p.41.

[65] Idem, ibidem. p. 44.

Espinhosa questão, que Freud não abandona nem resolve no âmbito no artigo porque aponta para além do sexual. Com e feito, seria simplificador substituir o antigo dualismo: pulsões do eu X pulsões sexuais pelo novo: pulsões (sempre) sexuais do eu X do objeto. No entanto, isto equivaleria a unificar a pulsão em torno da sexualidade, a afirmar que toda pulsão é sexual e que toda a pulsão é de natureza sexual. Seria fazer, às avessas, o que fizera Jung; ao dessexualizar a libido, unificando-a como energia ou interesse psíquico geral, ao psicologizar a psicanálise. Mas Freud não é o avesso de Jung: toda a discussão que trava, no miolo do artigo, com Jung, o demonstra: não deseja Freud situar-se nos antípodas de Jung e afirmar uma libidinização geral (no sentido da sexualização) do que é psíquico. Para ele, é importante que a libido sexual, a fim de manter a sua consistência, não se dissolva numa totalização, ainda que essa totalização seja no sentido sexual. O sexual, para Freud, é necessariamente o que não se totaliza, o que não é o todo. Eis um aspecto que deixa bem claro, por exemplo, que a démarche de Freud não é e nem poderia ser hegeliana ou filosófica em sua essência: Hegel totaliza — a filosofia propriamente dita totaliza, produz sistemas especulativos — diz Freud. Mas a psicanálise não totaliza, não diz o todo, e portanto o sexual deve confrontar-se, a fim de manter a sua especificidade e contundência, com o não-sexual.

Freud está embaraçado. Elabora uma teoria do eu, finalmente, a partir do narcisismo que dá ao eu um lugar psicanalítico, libidinal, e explicita o modo pelo qual o eu se constitui: a partir do sexual. Mas a libidinização do eu, a sexuali

zação da subjetividade, ao retirar o eu do filosoficamente anacrônico lugar que lhe era reservado — a trincheira vitalista que se opunha à sexualidade — ameaça, por sua vez, a necessária parcialidade da sexualidade da psicanálise freudiana com um perigoso totalitarismo — filosófico — em sentido contrário. Como sair do anacronismo filosófico do eu sem cair no totalitarismo igualmente filosófico da libido ?

Não tendo como nomear o novo espaço do não-sexual que então se constitui, no lugar onde antes jazia a vida, Freud não tem outra alternativa senão manter, no interior da nova teoria pulsional introduzida pelo narcisismo, o quisto conceitual das antigas pulsões de auto-conservação. Com a ressalva de que tal manutenção não é, para inventar um termo, "teoricossintônica", mas profundamente embaraçosa para a teoria. O importante é que esse quisto permaneça como lugar-tenente do não-sexual, como é explícito no texto de Freud, sentinela a garantir que a psicanálise não totalize o sexual.

Sabemos que essa situação ficará por seis anos, até 1920, em suspenso, quando finalmente Freud poderá, numa nova virada teórica sobre as pulsões, nomear de forma mais adequada o lugar que a psicanálise reserva ao não-sexual, ao que se situa para além do princípio do prazer, nomeadamente, numa palavra: a pulsão de morte.

II.3.5. O Narcisismo entre a Vida e a Morte

Pela virada teórica introduzida através do conceito de narcisismo, portanto, várias conseqüências se produzem, entre as quais destacamos: a) o eu ganha estatuto conceitual psicanalítico, ao ser inserido no âmbito da teoria da libido — passa a existir uma teoria do sujeito; b) o sujeito é da ordem do sexual; a partir do que evidencia-se que até então o lugar do não-sexual era representado na teoria pelas pulsões do eu "pré-libidinal", anterior ao narcisismo, ou seja, o não-sexual, era coextensivo ao vital; de um lado a vida, de outro o sexo; posteriormente ao narcisismo, o lugar do não-sexual como equivalente ao vital torna-se embaraçoso, até que recebe de Freud novo estatuto conceitual: pulsões de morte.

Podemos assim depreender que, se o campo da sexualidade nunca é equivalente a todo o campo do psicanalítico, ou, dito de outro modo, o campo daquilo que é sexual não recobre a totalidade do campo daquilo que é psicanalítico, e que este, por sua vez, não recobrirá, pelo mesmo motivo, o campo da verdade, então as fronteiras do campo sexual alteram-se de tal modo, a partir da introdução do conceito de narcisismo, que seu campo adjacente, ainda que não delimitável, o campo sem circunscrição do não-sexual deixa de ser o campo da vida, como era até então, e passa a ser o campo da morte, a partir de então.

Divisor de águas entre vida e morte, o narcisismo representa, a nosso ver, o marco crucial da teoria freudiana do

sujeito. O sujeito, ocupando o lugar do sexual, do desejo, é precisamente o efeito de uma perda de vida, é o lugar, não do ser-não-vivo, mas do não-ser-vivo para tornar-se o lugar do ser falante, confrontado com a morte, mas não nela apreendido, ou a ela reduzido, precisamente dela separado pela sua condição sexual, isto é, simbólica, inconsciente, fálica. Efeito da incidência inconsciente do Simbólico mas não determinado inteiramente pelo Simbólico, o sujeito não será nem o ser vivo nem o objeto morto (ser-não-vivo), mas o não-ser-vivo, o sujeito desejante, o sujeito do inconsciente, desde que, no imaginário, tenha podido aceder à sexualização pela via do narcisismo.

Seguindo-se essa linha de pensamento, isto é, acompanhando Freud, não podemos deixar de fazer alguns comentários sobre a obra de um autor contemporâneo, que se ocupa precisamente da questão de investigar os destinos do conceito de narcisismo a partir da introdução da teoria pulsional de 1920, que supostamente opõe a vida à morte. Dizemos supostamente porque, na verdade, a teoria pulsional de 1920 opõe a sexualidade à morte, não como categorias de mesmo patamar, portanto não como dicotomia, dualidade, mas como o patamar do sexual e seu mais-além, situado, portanto, em outro patamar. Eros e Tanatos não representam, assim, a vida (no sentido que este termo assumia, por exemplo, na expressão "pulsões de vida", isto é, de auto-conservação, do Freud de antes do narcisismo) e a morte, como planos niveláveis do vivenciável. Eros como pulsão de união, conjunção, articulação entre a pulsão e o inconsciente, entre a sexualidade e a linguagem. Tanatos como pulsão de desagregação, disjun

tiva, isto é, como pulsão por excelência, desarticulada do plano da linguagem, do significante, do inconsciente, como lugar "inconsciente" mas para além do inconsciente recalçado, vale dizer, com Freud, como lugar do Isso, e com Lacan, como lugar do Real, como lugar, finalmente, do não-sexual.

Referimo-nos a André Green, psicanalista francês que, em seu livro "Narcisismo de Vida/Narcisismo de Morte"^[66] sustenta que, a partir da teoria pulsional de 1920, torna-se necessário ressituar o lugar do narcisismo na teoria freudiana. Parece-nos, em primeiro lugar, que uma questão como esta só pode ser posta na medida em que tomemos as pulsões de 1920 como dicotômicas, como expressões de tendências a construir e a destruir, a amar e a odiar, enfim, a viver e a morrer.

Como poderíamos reduzir a pulsão (seja ela dita de vida ou de morte) à condição de expressão de um afeto (amor ou ódio, por exemplo), se é o afeto que, segundo Freud, decorre da pulsão, como um de seus dois modos de inscrição no psíquico, ao lado do significante, o representante ideativo? Que o ódio se relacione à pulsão de morte e o amor, por exemplo, à de vida, é admissível. Mas cumpre estabelecer a lógica dessa relação, sob pena de destituirmos a construção freudiana da pulsão.

Assim, será a pulsão de morte de uma obscura tendência inata a odiar ou o ódio um efeito afetivo de uma lógica pulsional? Fazer nivelarem-se do ponto de vista lógico, afeto à pul

[66] Green, A. Narcissisme de Vie, narcissisme de mort, Paris, Minuit, 1987.

são, fazendo daquele uma expressão direta desta, parece ser o erro metodológico dos autores kleinianos, que acreditavam poder apreender, clinicamente, os impulsos (o termo traz a marca da pulsão) hostis e seus efeitos psíquicos — defesa, ansiedade, culpa, por exemplo.

Para apreender a relação entre a pulsão de morte (pulsão silenciosa, desarticulada da linguagem, resultado da decomposição libidinal) e o ódio, seria necessário empreender uma análise lógica da própria incidência da pulsão de morte no processo de constituição do eu, e na criação dos espaços subjetivo e objetivo, do dentro e do fora, do eu e do não-eu, o que faremos no capítulo subsequente.

Mas, retornando a André Green, perguntamos: por que o por um narcisismo de vida a um narcisismo de morte, se o narcisismo, como estruturação do imaginário, do eu entre o simbólico e o real, é precisamente aquilo que permite ao sujeito circunscrever o espaço de sua sexualidade, vale dizer, de sua subjetividade, em face do que se lhe apresenta como inefável, real, mortífero ?

Dessa forma, o narcisismo, como tudo o que se refere ao sujeito, é de vida e de morte ao mesmo tempo, é a entrada na ordem sexual, do dialetizável a partir do não-dialetizável da ordem da Morte.

CAPÍTULO III

A DIMENSÃO DO NÃO-SEXUAL

III.1. O Não-Sexual em Freud

Caracterizamos, ao longo do capítulo precedente, o estatuto do sexual em Freud, desde as suas primeiras elaborações teóricas a partir da clínica das psiconeuroses, passando pelo primeiro grande momento de teorização do sexual que representam os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905) e chegando a um segundo grande momento, o da sexualização, da libidinização do eu, que se faz a partir da elaboração teórica imposta pela clínica da psicose, principalmente, o que, como vimos, consiste na introdução do eu no circuito discursivo próprio à psicanálise, isto é, o discurso da libido (ou da pulsão, de modo mais fundamental) — momento representado pela introdução, na teoria, do conceito de narcisismo (1914).

Vimos que, em toda esta trajetória, o sexual se faz a acompanhar do não-sexual: mas primeiras teorias sobre o trauma o elemento traumático guardará o estatuto não-sexual precisamente de sua dimensão insignificável pelo sujeito, da qual deriva, exatamente, seu sentido propriamente traumático. Na teoria das pulsões apresentada no texto "Um distúrbio psicogênico da visão da concepção psicanalítica"^[67], que as dispõe ao longo de dois

[67] Freud, S. - Die Psychogene Sehstörung in Psychoanalytischen Auffassung op. cit.

eixos fundamentais — pulsões sexuais ou de conservação da espécie e pulsões do eu ou do auto-conservação, indetificamos que, em contraposição ao que é explicitamente nomeado sexual (libido, grupo das pulsões sexuais), Freud situa as pulsões voltadas à vida, à conservação, pelo indivíduo, de seu estado vivo, são as pulsões, assim, vitalistas, que se opõe à sexualidade, já que, embora estas supostamente também atendam a critérios vitalistas (biológicos, na expressão "conservação da espécie" por exemplo), nomeação que as faz aparentemente passar por instintos, depreende-se claramente da leitura dos Três Ensaios que pelo contrário, Freud não situa a libido sexual neste registro, demonstrando que, aliás, as pulsões sexuais contradizem ponto por ponto os objetivos biológicos e vitalistas da conservação da espécie. Há, assim, se quisermos colocar a questão nos termos com que trabalhamos — sexual e não sexual, uma oposição na primeira teoria pulsional de Freud que equivale a sexo x vida.

Na teoria do narcisismo, a questão se complica, não mais podendo ser enunciada nesses termos, na medida em que, o eu, antigo reduto das pulsões que propusemos como vitalistas, instância que representa, por excelência, as tendências pulsionais de conservação (da vida), passa a integrar o circuito da libido, o registro sexual. Freud detecta claramente a questão, e não se contenta em afirmar um pan-sexualismo (ainda que em sentido radicalmente distinto daquele que vigorava em sua época, que consistiria em generalizar uma das funções psicofísicas do indivíduo e tomá-la como central). Freud se recusa a afirmar a exclusividade do libidinal, do sexual, mesmo em se tratando

do sexual em sentido freudiano. Vimos como fazer isso equivaleria a dar o passo jungiano às avessas, ou seja, se Jung unificou toda a vida psíquica em torno de uma libido dessexualizada, universalizando o não-sexual, Freud unificaria a vida psíquica em torno da sexualidade: este é o grande perigo do narcisismo, e Freud o percebe, de forma que, embaraçado, diz haver, para a lém da libido narcísica, uma "energia não-sexual das pulsões do ego"^[68]. Sabemos que só seis anos mais tarde, em Além do Princípio do Prazer^[69], Freud nomeará de forma nova esta energia - pulsões de morte - ressitando, assim o não-sexual: a vida, an tes, morte, agora, e a partir de então.

Cumpramos que examinemos, neste ponto, uma questão que, com toda a pertinência, poderia ser colocada: é a relação en tre o sexual e o não-sexual em Freud, tal como a temos formulado, uma relação de natureza dialética? Teremos ocasião de re tomar a questão, já que seu exame requer maior instrumentalização e seu estatuto não é de pouca complexidade. Mas, como pri meiro passo nessa direção, poderíamos adiantar que uma relação de ordem dialética (como as expressões em oposição fazem supor através da partícula de negação, presença nominal do princípio de negatividade, sexual e não-sexual) — implica necessariamente que as grandezas em oposição sejam passíveis de uma interação processual, de uma articulação da qual resulte uma síntese, a ser novamente desfeita e refeita através das mediações intro

[68] Idem - Zur Einführung der Narzissmus, op. cit., p. 44 (Ver nota nº 65, acima)

[69] Idem - Jenseits des Lustprinzips - op. cit.

duzidas precisamente pelo princípio de negatividade. O oposto dialético é inclusivo ao termo a que se opõe, por negatividade, o que permite sua inserção discursiva no plano da contradição, e não sua simples oposição dicotômica, como pares de contrários excludentes. Ora, o sexual, enquanto oposto ao vital, em termos dialéticos, deveria representar aquilo que é da ordem da morte: se o termo tomado como tese é a pulsão vitalista, a antítese seria a pulsão não-vitalista, a pulsão mortífera. Mas o que verificamos é que a antítese do sexual é o vital, no primeiro momento, e o mortífero, no segundo. Mantém-se o sexual, e seu oposto transporta-se do pólo da vida ao pólo da morte. Não encontram-se, portanto, em oposição, a vida e a morte, embora insista-se em fazer da terceira teoria pulsional, a que é introduzida em Além do Princípio de Prazer e introduz a pulsão de morte, uma teoria dualista entre vida e morte. Trata-se de Eros (sexualidade, pulsão universal à unificação) e Thanatos (pulsão de morte). Mais do que oposição dialética, a oposição entre a sexualidade e o que é da ordem do não-sexual em psicanálise é uma oposição entre um nível de organização pulsional e outro, situado em seus limites, portanto um nível-aquém (ou além) do primeiro, portanto, um desnível em relação a ele. O sexual em Freud, é constituído a partir de sua possibilidade de estabelecer um para-além do sexual, e não numa relação de oposição dialética, patamarizável, nivelável com o não-sexual.

Como se apresenta, em Freud, o além-sexual? Começemos pelos Três Ensaios, em que a questão é posta pela primeira vez.

III.2. A Dimensão do Não-Sexual em "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade" de Freud (1905)

A leitura crítica de um texto de Freud é sempre promissora quanto à possibilidade de que ao relê-lo, o ler de novo produza o ler do novo. Em se tratando dos "Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade" [70], isto se torna ainda mais notável, já que é um texto primordial, inaugural, revolucionário.

Nosso objetivo na presente seção é tentar identificar a presença do estatuto do não-sexual na obra de Freud desde a sua primeira teorização sistematizada sobre a sexualidade, em preendida no texto sob exame. Procuramos assim demonstrar como a dimensão de um "para além do sexual", embora só tenha vindo a ser explicitada por Freud em 1920, no "Além do Princípio de Prazer" [71], já se encontrava indicada desde os primeiros escritos teóricos a respeito da sexualidade, e mesmo nos primeiros trabalhos freudianos que tiveram a teoria das neuroses e sua etiologia por objeto, através da noção de trauma como elemento não-assimilável pelas representações psíquicas (Vorstellungen) do sujeito, ou seja, como elemento não-subjetivável, ao qual o sujeito não era capaz de emprestar significação.

Para isso, tomaremos, neste trabalho, o texto dos "Três Ensaios" ao pé da letra, num esforço crítico mais arqueológico do que exegético, na medida em que, em nossa pesquisa, orientada sobre a própria textualidade desta obra no sentido de

[70] Freud, S. - Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, op. cit.

[71] Idem - Jenseits des Lustprinzips - op. cit.

nela rastrear as indicações da dimensão do não-sexual, verifi camos que esta dimensão foi por vezes encoberta, outras vezes suprimida através das numerosas reedições que o texto teve ao longo da obra de Freud, quer por enxertos, interpolações, su pressões e modificações no corpo do texto. Nossa análise impe liu-nos, assim, ao estudo do que podemos denominar a "história teórica" dos Três Ensaio, suas vicissitudes no curso ulterior da obra de Freud.

Trata-se de um texto que teve, só em alemão, oito edi ções: a primeira, de 1905, e depois, em 1910, 1915, 1920, 1922, 1924, 1925 e 1942. O que se passou com o corpo do texto ao longo des sas reedições, em particular nas duas edições subsequentes à primeira (1910 e 1915)? Será que podemos nos assegurar de que os acréscimos às frases, enxertos de períodos, interpolações de seções inteiras, supressões e alterações de texto atenderam ex clusiva ou primordialmente aos critérios do avanço do conhec imento psicanalítico? Se assim fosse, poderíamos nos contentar, salvo por curiosidade teórica ou erudição intelectual, com a leitura da última edição, o que nos pouparia da tarefa de ter que alterar nossa leitura inicial a partir dos supostos "avan ços" ulteriores.

Sustentamos, contudo, a idéia de que as alterações que Freud efetuou no texto inicial, se são o resultado de avan ços em sua elaboração teórica sobre a sexualidade, como é muitas ve zes o caso, por outro lado não se revestem na suposta neutralidade de um evolucionismo cientificista, numa palavra, não são inocentes, e nomeadamente visam a um esmaec imento, uma atenua

ção, quando não a uma supressão total da dimensão do não-sexual, objeto de nosso interesse e pesquisa. Podemos dizer que, quanto a esta dimensão, a história teórica dos Três Ensaios veio a se constituir como um grande esforço de recalçamento. Como, contudo, ao que é recalçado é devido retornar, podemos, tal como o psicanalista na clínica, fazer a reconstrução dessa dimensão a partir do próprio texto.

Dado que a configuração final do texto encobre a própria história de sua elaboração, nisso coincidindo com o discurso do sujeito sobre si no início da análise, decorre que, se cairmos no logro de tomá-lo como um todo uno, coeso, ordenado e sequencial, seremos inevitavelmente conduzidos a vários e graves equívocos, que serão indicados no decorrer da análise do texto.

Decidimos, assim, metodologicamente, extrair do texto final, aquele que se oferece, na íntegra, impresso, à nossa leitura, todas as referidas alterações (acrêscimos e supressões — caso em que restituímos ao corpo do texto sua redação original — ou interpolações e modificações de trechos), no que fomos auxiliados pelas indicações de suas respectivas inserções e sua cronologia, dadas pelas notas do editor alemão.

De saída, verificamos que a primeira versão dos Três Ensaios tratava apenas das pulsões parciais e zonas erógenas, no estudo das aberrações e perversões sexuais e da sexualidade infantil. No segundo ensaio, dedicado a esta última, verificamos que as famosas "fases" ou "organizações" da sexualidade in-

fantil, ditas "organizações pré-genitais", não foram introduzidas senão na terceira edição, de 1915. A própria categoria "organização pré-genital" não pertence ao texto dos Três Ensaios em nenhuma de suas edições, isto é, não resultou de revisões de Freud no texto original, tendo sido elaborada a propósito da teoria da clínica da neurose obsessiva num trabalho de 1913 intitulado "A Disposição à Neurose Obsessiva" [72], em que a própria categoria é cunhada em função do caráter sádico-anal das manifestações clínicas daquela neurose, o que significa dizer que Freud jamais produziu o conceito de "organização sexual pré-genital" *tourt-court*, como um constructo sem atributos, a ser aplicado a toda e qualquer formação organizada da sexualidade infantil "pré-genital". O que Freud produziu foi a categoria "organização sexual pré-genital sádico-anal", na qual o atributo "sádico-anal" não é periférico ou adjetivador, particularidade de uma generalidade mais fundamental, mas o próprio móbil gerador do conceito, o que é absolutamente diferente.

Esta diferença é fundamental, na medida em que mostra, com clareza, que foi em função de uma questão clínica — o sadismo-anal da neurose obsessiva — que Freud construiu a expressão organização sexual pré-genital sádico-anal, e, por extensão, organização sexual infantil. Freud não teoriza com intuítos especulativos, no sentido de elaborar uma "teoria geral do desenvolvimento psicosexual infantil"; a organização sexual infantil sádico-anal, por encarnar a questão teórico-clínica que a

[72] Idem - Die Disposition zur Zwangsneurose (Ein Beitrag zum Problem der Neurosenwahl), 1913, in Studienausgabe, Bd. VII, pp. 105-117.

engendrou, é produzida em anterioridade lógica, metodológica e cronológica por relação à "organização sexual pré-genital", a produção de uma passando a ser indissociável da produção da outra.

Eis aí um exemplo proeminente do modo de produção conceitual da psicanálise: é sempre a partir de uma questão localizável na clínica, entendida como prática discursiva dentro e fora do dispositivo analítico, que a produção teórica se faz, o que confere a esta última o caráter múltiplo, fragmentário, parcializado, não totalizável e não conforme a um paradigma científico que consistiria em "aplicar" à clínica uma teoria fechada em si mesma, totalitária, productível "antes" e "fora" da clínica.

Em 1915, já tendo, portanto, introduzido em sua teoria a organização sexual pré-genital sádico-anal, Freud a confronta com uma outra organização da sexualidade, que se lhe impõe como contrapartida, numa dialética dupla de reversão e de retorno: trata-se da organização sexual pré-genital oral-canibalística, momento primeiro da localização pulsional, a ser situado, portanto, "antes" da organização sádica, entendendo-se essa anterioridade mais como o tempo anterior de um movimento dialético do que como tempo anterior de gênese cronológica de um desenvolvimento. É só então — tendo constituído ambas as formas de organização pré-genital (oral e anal), que Freud as faz inserir no corpo do texto dos Três Ensaio, através da interpolação de toda uma seção nova, a seção "6", intitulada "As Fases do De

envolvimento da Organização Sexual" [73]. Vê-se claramente aí, num tempo em que Freud elaborava seus "Artigos Metapsicológicos", o que denota um esforço de elaboração de um paradigma científicista, a intenção de conferir aos Três Ensaios o sentido de uma teoria do desenvolvimento, através de "fases" ou "organizações" sequencialmente ordenadas, cuja elaboração, contudo, não seguiu absolutamente esta démarche. A organização fálica da sexualidade, por exemplo, só foi introduzida oito anos depois, em 1923, no escrito "A Organização Genital Infantil - Uma interpolação à teoria da sexualidade", texto em que o próprio sub-título explicita o caráter interpolativo por relação aos Três Ensaios. Neste texto, a organização ou "fase" fálica distingue-se, claramente, de uma organização genital, demonstrando que toda a sexualidade é infantil e, de resto, toda a sexualidade do falante, posto que ela é "infantil" por estrutura e não por pertencer a uma etapa inicial de um suposto desenvolvimento que a faria suceder por uma "sexualidade (genital) adulta": A "organização genital infantil" do título do texto é, na verdade, uma "organização fálica, à qual é dada a primazia [74].

No plano do conteúdo das proposições "ordenantes" das fases de desenvolvimento das organizações pré-genitais, vê-se que, ao fazer referirem-se as organizações da sexualidade infantil ao parâmetro da genitalidade, substitui-se o campo do sexual — anárquico, fragmentário, polimorficamente perverso —

[73] Seção 6 do Segundo Ensaio dos seus "Drei Abhandlungen", pp. 103-6, do Vol. V de "Studienausgabe", coleção utilizada nesta Tese.

[74] Freud, S. - Die Infantile Genitalorganisation, op. cit.

pelo eixo de um caminho evolutivo rumo ao genital. O que aí se perde é a possibilidade de um confronto entre o referido campo sexual e a dimensão não-sexual que o sustenta desde fora, como bem se evidencia em uma alteração textual feita por Freud em 1915, a propósito das relações das pulsões parciais com "o sexual":

(...) estas pulsões (escopofilia, exibicionismo e crueldade não entram em relações íntimas com a vida sexual* senão mais tarde, mas já podem ser observados na infância como impulsos independentes, distintos, no primeiro caso, da atividade sexual erógena" [75].

Em 1915, o termo grifado na citação acima — sexual — foi substituído por **genital**, o que evidentemente tem consequências importantes alterando todo o sentido das relações em jogo, entre as pulsões parciais e a ordem do sexual: se não entram em relação com o genital senão mais tarde, podem contudo estar, desde sempre, em relação com o sexual não-genital, pré-genital, por exemplo. Mas, se o termo é sexual, na frase, as pulsões parciais não estariam, desde sempre, em conexão com o sexual — e sim com a dimensão não-sexual, presente, como se vê, apenas na edição de 1905 e 1910 dos Três Ensaio, neste trecho.

O exame da forma pela qual as organizações sexuais pré-genitais foram introduzidas na teoria da sexualidade elaborada nos Três Ensaio nos adverte quanto aos riscos de tomarmos a

[75] Idem, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, p.98. A palavra alemã era, até 1915, Sexualleben tendo sido então substituída por Genitalleben.

configuração (Gestalt) freudiana, em sua forma totalizante e final a respeito de determinado tema, como eixo de abordagem. Como vimos, o resultado, no presente caso, é concluir erroneamente que Freud teria elaborado nos Três Ensaios uma teoria do desenvolvimento psicosssexual do indivíduo. Trata-se de um equívoco de consequências importantes, pois situa a psicanálise num eixo paradigmático, especulativo, teoricista, traíndo a sua forma própria de construção como saber, que é exatamente oposta, na medida em que guarde seu caráter fragmentário, propriamente analítico, destituído, por vocação e não por precariedade de um "holós" teórico-conceitual, característico das demárches científicas.

Devemos evocar aqui a advertência que o próprio Freud nos faz no texto dos Três Ensaios, a respeito do caráter enganoso gerado pela uniformidade do quadro normal, retranscrevendo parte de um trecho já citado por nós no Capítulo II (Ver nota 31):

"A experiência com casos anormais nos ensina que entre pulsão sexual e objeto sexual uma solda se coloca, fato que a uniformidade da configuração normal (Gleichformigkeit der normalen Gestaltung), onde a pulsão parece trazer consigo (mitzubringen) o objeto, nos leva a correr o risco de deixar passar"^[76].

Ou, a respeito do caráter composto da pulsão sexual,

[76] Idem, Ibidem, p. 58.

que pode ser diluído e elidido pela mesma uniformidade dos quadros normais reaberta pela clínica:

"A clínica nos adverte quanto a amálgamas que se perderam de vista em função do comportamento uniforme normal"^[77].

Ora, aplicando ao próprio Freud a sua advertência, verificamos o quanto o quadro uniforme sugerido por uma suposta psicologia "psicanalítica" do desenvolvimento psicosssexual é enganoso, encobrendo "amálgamas" teóricos que se teriam perdido de vista em função das reestruturações sucessivas feitas no corpo do texto dos Três Ensaio, das quais resulta uma configuração final que pode, inadvertidamente, ser tomada, em sua uniformidade aparente, tal como comportamento sexual normal, que Freud denuncia em seu caráter enganoso.

Retornando à nossa análise do texto, temos que a primeira edição dos Três Ensaio constrói-se basicamente em torno das pulsões parciais e as zonas erógenas, o auto-erotismo, as perversões e as diversas manifestações da sexualidade infantil, incluindo-se nelas o período de latência sexual.

Se a análise do sexual conduz Freud ao estudo das pulsões parciais é porque não há, para ele, a pulsão sexual una: a pulsão sexual não é um todo, uma unidade, mas o resultado da combinação de forças pulsionais parciais.

[77] Idem, Ibid., p. 71.

Quais são as pulsões parciais que Freud postula existirem na base da sexualidade? São duas, e cada uma organiza-se como um par de opostos: o par escopofilia-exibicionismo e o par sadismo-masochismo. As pulsões parciais ditas "orais", "anais" e "fálicas" não são, a rigor, pulsões parciais ou componentes, mas resultado da articulação da pulsão (sempre parcial) com as zonas erógenas correspondentes a essas organizações ou mapeamentos corporais.

É em torno de dois eixos, portanto, que Freud estabelece as bases do que virá a ser o sexual: o OLHAR e o DOMÍNIO. Cada um desses eixos organiza-se dialeticamente, o que implica, simultaneamente, as vicissitudes estudadas por Freud dez anos depois, da reversão no oposto e do retorno ao eu^[78]: dialética dupla, porquanto o olhar, revertendo-se em ser olhado, ou o dominar, revertendo-se em ser dominado, implica, no mesmo ato, que se invertam os pólos do sujeito e do objeto em jogo na relação.

Se a sexualidade não é, assim, algo que comporte uma unidade, o que só lhe seria conferido, por sua vez, pela unidade de de uma pulsão sexual que, no entanto, é o resultado artificial e aparente da combinatória de pulsões parciais, poderíamos então supor que a unidade mínima da pulsão, seu elemento indivisível, atômico, seriam as pulsões parciais. Entretanto, ainda assim estaríamos enganados. Numa passagem que foi integralmente suprimida por Freud na edição de 1915, e que está contida na citação a seguir, ele dizia:

[78] Idem, Triebe und Triebchicksale, op. cit.

"Reunindo o que já aprendemos sobre perversões positivas e negativas, podemos fazê-las remontar a diversas pulsões parciais, que, todavia, não são absolutamente de natureza primária mas passíveis de análise ulterior." (Grifo nosso; este trecho não foi suprimido, mas prosseguia, até 1915, com o que transcrevemos adiante, e que desapareceu nas edições subsequentes, quando foi substituído por outro trecho, transcrito na próxima citação nossa). "Podemos distinguir (nas pulsões parciais) uma pulsão que não é em si mesma sexual e que tem sua origem em fontes de impulso motor de uma contribuição de um órgão que retém excitações (p. ex., a pele, membrana mucosa ou órgão sensorial). Finalmente, um órgão dessa espécie será descrito como uma zona erógena, como sendo o órgão cuja excitação empresta à pulsão um caráter sexual"^[79]. (Grifo nosso).

Desse trecho, não por acaso suprimido, recalcado nas vicissitudes teóricas dos Três Ensaio, há vários elementos importantes: 1º) a pulsão parcial não é primária, "de forma alguma" diz Freud, podendo ela própria, ainda que parcial, ser de composta em partes ainda mais elementares; 2º) essas partes são, de um lado, um impulso motor em si mesmo não sexual e uma excitação sensorial, como tal proveniente de fora, que, através da zona erógena (área ou órgão capaz de reter excitações provindas não do interior do corpo mas de fora, inscrevendo-se na superfície, pele, membranas mucosas ou órgãos sensoriais, Freud

[79] Idem, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, op. cit., p. 76.

é bem claro) emprestaria à pulsão o seu caráter sexual . Em su ma, o sexual vem de fora, tem uma fonte alteritária externa ao corpo, e a pulsão, em seu elementos não-alteritário, interno essencial, é motora — não-sexual.

No lugar do trecho suprimido aparece, após 1915:

"Por pulsão deve-se entender provisoriamente o representante psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um estímulo, que é estabelecido por excitações simples, vindas de fora. (grifos de Freud)^[80].

Freud então substituiu o que, em sua primeira redação, permitia-nos deduzir que o caráter sexual da pulsão vinha de fo ra, via excitação sensorial da zona erógena, pela afirmação de que a pulsão sexual tem fonte endossomática, vem de dentro, im pondo-lhe o contraste com a excitação proveniente do estímulo, que, este sim, de forma enfática, é dito proceder de fora.

Privilegiaremos a primeira redação, não entrando aqui no mérito de analisar o que teria levado Freud a substituí-la pela segunda, porquanto, nela, vemos claramente que a dimensão sexual é adicionada a um impulso motor em si mesmo não-sexual . Em decorrência disso, impõe-se-nos a questão de saber o que se ja a sexualização de um impulso, já que, de início, nada garan te o seu caráter sexual. A sexualização já significa uma cons trução, uma articulação, em encontro com a dimensão alteritá-

[80] Idem, *ibidem*, p. 77.

ria, o que aponta para a subjetivação.

Se as pulsões parciais — pares de opostos — organizam-se em torno do olhar e do domínio, são elas próprias repartíveis em um elemento não-sexual e uma zona erógena que lhe confere o caráter sexual, defrontamo-nos com a formulação de que haveria um impulso motor tanto no ato de olhar quanto no de dominar, impulso que não seria a priori sexualizado e que receberia ou não das excitações providas de fora o elemento de erogeneização que permitiria então situarmos o olho — ou o objeto olhado — e a atividade muscular — ou a superfície do objeto — como zonas erógenas, o que não ocorreria de início.

Tanto a pulsão escópica quanto a pulsão sádica, enquanto pulsões parciais que se constituem, cada uma, como pares de opostos, em suas configurações ativa e passiva, são passíveis de serem subjetivadas, isto é, sexualizadas pelo e para o sujeito, por intermédio da vicissitude do recalcamento (*Verdrangung*) [81], definido por Freud, posteriormente, como uma das quatro vicissitudes de toda pulsão sexual [82], pela qual a pulsão articula-se ao inconsciente, organiza-se através de suas ligações a traços (significantes) no sistema inconsciente [83]. Retomaremos esta questão na seção subsequente do presente Capítulo, que tem por objeto o não-sexual nos escritos da chamada 'Primeira Tópica' de Freud, de 1915.

[81] Idem, *Die Verdrangung*, 1915, in Studienausgabe, Bd. III.

[82] Idem, *Triebe und Triebchicksale*, op. cit.

[83] Idem *Das Unbewusste*, 1915, in Studienausgabe Bd. III.

Entretanto, é precisamente na condição de pulsões parciais que as pulsões escópica e sádica podem permanecer no plano do não sexual, e engendrará-lo, tal como o abordaremos neste artigo.

Analisaremos separadamente as vicissitudes da pulsão escópica e da pulsão sádica, porquanto tiveram elas tratamentos diferenciados por Freud ao longo de sua obra.

Sabemos, por exemplo, que, se o sadismo é apresentado nos Três Ensaíos como pulsão parcial da sexualidade, como pulsão de domínio ou crueldade, será posteriormente destacada do campo da sexualidade e perfilada entre as configurações da pulsão de morte, aspecto que retomaremos adiante. Já a pulsão escópica nunca foi explicitamente concebida por Freud como não-sexual, como 'tanática', como derivando-se, diretamente, da pulsão de morte. Há, contudo, o plano mortífero do olhar, e Freud o diz claramente.

Partamos da pulsão escópica, em sua vertente além-sexual. Para isso recorreremos a um autor que escreve a terapia como um psicanalista, mais do que como um teórico da psicanálise. Trata-se de Alain Didier-Weill, num texto que tem como subtítulo 'Pesquisa sobre o Supereu e o Recalque Originário'. Sobre a estrutura do olhar que é da ordem do supereu arcaico, o autor retoma a análise do sonho da 'Injeção de Irma', como ponto de insistência que ganhará sua consistência com o tempo de fechamento de vinte anos depois, em 'Além do Princípio de Prazer':

'aquilo que insiste desde o primeiro sonho da Traumdeutung é estritamente da mesma natureza daquilo que (...) (accede à nomeação) num tempo de fechamento muito particular pelo qual Freud se torna enfim capaz de utilizar o efeito de sua própria insistência ...' (...) '...no sonho que abre a Traumdeutung (o sonho de Irma) já insiste o problema do Mais Além do Princípio de Prazer, cuja abordagem Freud inaugura, em 1920, pelo problema dos sonhos traumáticos, como se o trabalho de titã efetuado por Freud tivesse consistido no deslocamento pelo qual ele chegara a fazer insistir em sua doutrina aquilo que já insistia em seus sonhos', [84].

Pensamos que o autor considera que, se o sonho de Irma introduz a questão do sonho traumático é na medida em que, nele, situa-se um ponto de fascinação, derivado da estrutura do olhar em sua dimensão mortífera, fora do sexual. Trata-se do ponto em que Freud permanece paralisado diante da boca aberta de Irma, olhando-a, mas, antes, sendo por ela olhado,

'paralisado pelo que lhe é mostrado, (já) que a natureza do poder que o mantém sob seu fascínio decorre da categoria do fixo, daquilo que, por essência, não se desloca, fica sempre no mesmo lugar, -- o real. (...) O efeito da fascinação da qual Freud é objeto se define pelo fato de ser ele presa de uma presença observadora cuja fixidez pode se encarnar pelo fato de que, no único lugar ao qual está designado, não se trata, para o sujeito Freud, de se des

[84] Didier-Weill, A. - Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise, Rio, Jorge Zahar, Editor, Coleção Transmissão da Psicanálise, nº 6, 1988, p. 11, 13 e 14, do texto "Mais Além do Princípio de Prazer e a transmissibilidade da psicanálise"

locar, ou seja, de falar; o que significaria desdizer ou contradizer o comando veiculado pelo olhar fascinante,^[85].

Transcrevemos esses fragmentos do texto de Weill na medida em que eles nos dão bem a medida e o estatuto de um olhar que, não permitindo ao sujeito que se desloque, que se represente, que fale, inscreve-se na dimensão do não-sexual. A estrutura do olhar fascinante do supereu arcaico explicita, de forma particularmente clara, a dimensão da pulsão escópica que escapa à dimensão do sexual:

'Se tive o cuidado de enunciar que a boca diz 'Olha' e para marcar que, a nível do comando do supereu, a voz procede da estrutura do o lhar (...) Certamente e preciso, para conceber o que entendo aí por olhar, que se esqueça o suporte imaginário que o olho confere ao o lhar, na medida em que o olhar de que se trata de uma natureza inteiramente diferente, já que procede de alguma coisa que se ouve. (LACAN(...)) Digamos que o olhar é a forma pela qual se encarna a irrupção de uma descontinuidade radical no discurso, irrupção que confere à voz supereu-ótica este caráter de absoluta que tem o olhar, como se fosse por uma forclusão da dimensão diacrônica da fala que a voz supereu-ótica persistisse, persistência encarnada nessa pura sincronia que é o o lhar^[86].

[85] Idem, ibidem, p. 14.

[86] Id. Ibid., p. 15.

Quando Freud, pela primeira vez, trata da instância que vigia, que tudo sabe, sem entretanto ainda nomeá-la supereu, a faz vincular à estrutura da voz e, por suas metáforas, à de uma voz que vê (vigia), fascina, e de um olhar que se ouve^[87].

O comando do supereu e o do olhar fascinante são equivalentes, não tanto por força da metáfora do olho da consciência, mas porque a presença que olha, nesse plano não sexualizado em que se situa o supereu arcaico, é antes um furo no simbólico, isto é, uma presença real que, como os buracos feitos num papel, como na máscara, faz efeito de um olhar que apreende, que fascina e paralisa, na ausência de um suporte imaginário (que seria o olho no lugar vasado do puro buraco) que pudesse refletir a imagem do corpo, dimensão sexualizada do narcisismo, da experiência especular da constituição do eu.

É no registro desse olhar que se situa a imagem mitológica do olhar da Medusa^[88], cuja visão petrifica o sujeito, na medida em que não oferece, nem no plano imaginário, nem no simbólico, o suporte condicionante de uma apreensão subjetiva das castração, da ausência fálica da Mulher, situada, nesse registro, como ausência puramente real. E, da mesma forma, é esse o olhar que avassala o psicótico,

por não ser protegido do olhar pela imagem especular que é não toda observável (que o psicótico) será olhado por toda parte. Ao nível des

[87] Freud, S. Zur Einführung des Narzissmus, op. cit., p. 63.

[88] Idem, A Cabeça de Medusa, (1940 [1922]), (Das Medusenhanp), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. XVIII, 1976, pp. 329-30.

se 'por toda parte' articulam-se quem olha — todo o mundo, as pessoas, os animais, até mesmo o sol e os astros e aquilo que é olhado: seu próprio ser que é tão invisível quanto era, como Lacan mostra em seu primeiro seminário, aquele menino psicótico chamado Dick^[89].

A diferença entre o olhar de Medusa e o olhar do psicótico, por um lado, e o olhar fascinante do sonho de Irma, por outro, é que o olhar fascinante é circunscrito, no tempo e no espaço, permitindo um deslocamento do sujeito num tempo seguinte. Mas também o olhar fascinante alude à dimensão do não-sexual — embora revogável e superável — de que ora tratamos.

Pesquisando a etimologia do termo fascínio encontramos, no 'Dictionnaire Etymologique de la langue latine'

FASCINUS (fascinum n.): 1º) malefício, sorte que se lança a alguém; 2º) amuleto em forma de phallus que se usava para afastar o mau-olhado,... e, por extensão, 'phallus'^[90].

Depreende-se dessas origens que o termo 'fascínio' articula-se ao olhar — o que nada tem de surpreendente — mas em sua vertente de mau-olhado, de praga, vale dizer, em sua dimensão mortífera, daquilo que, para nós, faz menção à dimensão do não-sexual. O segundo sentido, bem mais surpreendente para

[89] Didier-Weill, A. - op. cit., p. 18.

[90] Ernout, A. e Meillet, A. - Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine, Histoire des mots - Paris, Librairie C. Klincksieck, 4^{ème} édition, 1959, p. 218.

nós do que o primeiro, vem precisamente inserir a dimensão sexual do fascínio, sua barragem, sua circunscrição a partir do não-sexual: o amuleto — phallus — que, afastando o mau-olhado, permite ao sujeito fazer-se representar através de sua inscrição na ordem do sexual, ordem que, para Freud, encontrava-se constituído sob o primado do falo, e que, para Lacan, decorre da indução, através da metáfora paterna^[91], da significação fálica, como forma de barrar, interditar o desejo da mãe.

Se o olhar, como objeto primordial da pulsão, escópica, pode assim ser articulado à dimensão do não-sexual em Freud, passemos agora ao exame das vicissitudes teóricas do outro par de pulsões parciais, introduzidas por Freud nos Três Ensaios: o sadismo-masochismo.

Concebido como pulsão parcial da sexualidade, o sado-masochismo é apreensível em duas vertentes: como forma de domínio sobre o objeto, visando à sua sujeição com vistas à satisfação da pulsão sexual (forma ativa, sadismo), e como forma de obter prazer sexual na dor ("die Lust am Schmerz"^[92]) (forma passiva, masochismo). Fora desse circuito de intrincação pulsional, o sado-masochismo isola-se como posição perversa, segundo a fórmula freudiana apresentada nos Três Ensaios: sobrepujança de um pulsão parcial sobre todas as outras e fixação desta pulsão na forma de satisfação única que disso decorre, ou segundo a fórmula apresentada por Freud a partir de 1920, em "Além do

[91] Lacan, J. - D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose, (1957/8) in Écrits, Paris, Ed. du Seuil, 1966, p. 557.

[92] Freud, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, op. cit., p. 67.

Princípio de Prazer" e em "O Eu e o Isso" (1923), que consiste na desintrincação pulsional entre Eros, pulsão sexual ou de vida, e as pulsões de destruição ou morte.

Ainda na condição de pulsão parcial da libido, o sado-masiquismo é situado, nos Três Ensaio, em cada uma de suas correntes opostas, em relação as respectivas zonas erógenas: os músculos, para o sadismo; a superfície da pele, para o masiquismo^[93].

As pulsões parciais — tanto o par escopofolia-exibicionismo quanto o par sadismo-masiquismo — articulam-se às organizações pré-genitais da sexualidade infantil, que, como dissemos, não foram introduzidas na primeira edição dos Três Ensaio. A organização pré-genital sádico-anal, a primeira que foi introduzida (1913) e que introduziu a própria categoria de organização sexual pré-genital, articula precisamente o sadismo à organização anal, isto é, ligada à erogeneidade da zona anal, o que, na medida em que escapa à apreensão do sadismo como forma de domínio sexual do objeto com finalidades genitais, requer alguma consideração.

Se o sado-masiquismo fosse, portanto, uma pulsão parcial a serviço da libido sexual, teria de haver, sempre, nas manifestações sadomasoquistas, um elemento erótico. Entretanto, ao vincular o sadismo à atividade muscular, e o masiquismo ao prazer na dor sensorialmente localizável na pele, Freud nos permite reencontrar o que, no trecho presente nas edições de 1905

[93]Ibidem, p. 78.

e 1910 e suprimido a partir de edição de 1915, que transcrevemos anteriormente nesta seção, em que postula o caráter com posto, da própria pulsão parcial, por um elemento muscular não sexual e uma excitação proveniente de fora que, através da capacidade de certos órgãos de retê-la, (zonas erógenas) conferiria à pulsão seu caráter sexual, alude principalmente à dimensão do não-sexual no sadomasoquismo.

Se dissermos que o sadomasoquismo vincula-se preponde rantemente ao elemento muscular componente da pulsão parcial di ta sadomasoquista, estaremos incorrendo num aparente erro lôgi co: se a própria pulsão parcial é dita sadomasoquista e se, na pulsão parcial (seja ela qual for) é possível distinguir o ele mento não sexual (muscular) do elemento sexual (fornecido pela excitação sensorial da zona erógena), como, como afirmar que o sadismo consistiria no elemento não-sexual da pulsão parcial que é, ela própria, dita sadomasoquista? Estaríamos confundindo parte e todo, classe e sub-classe. Entretanto, nossa afirmação fundamenta-se, e, assim, desfaz o suposto erro, na idéia de que a pulsão sado-masoquista não é uma pulsão parcial da se xualidade, tal como apresentada nos Três Ensaios, mas concerne aquilo que, no plano do sexual, figura como elemento não-sexual, indicado no trecho suprimido por Freud, o elemento muscular, na vertente ativa, sádica, e sua contrapartida, dialética, o ele mento sensorial não erógeno, a princípio. Freud, em 1920, vai afirmar precisamente isto, que o sadismo (e portanto também o masoquismo) não mais poderia ser subsumido pela pulsão sexual, ali denominada Eros, na medida em que visaria à destruição ou ao dano, a causar prejuízo ao objeto.

Da mesma forma, a pulsão escópica enquanto referenciada ao olhar que, com Didier-Weill, qualificamos de fascinante (tanto quanto o olhar da Medusa e o olhar do psicótico), concerne àquilo que, na pulsão parcial escopofílica-exibicionista, consiste no elemento não-sexual.

Concluindo, diríamos que o não-sexual, como dimensão presente no interior da própria categoria de pulsão parcial da sexualidade, expressa-se fundamentalmente através dos dois eixos constitutivos do que, nos Três Ensaio, Freud concebeu como núcleo dos dois pares de opostos das pulsões parciais o olhar e o domínio. Resta que, num outro nível, esses mesmos núcleos mais elementares do não-sexual, o olhar e o domínio, constituirão os suportes dos elementos sexualizáveis, erógenos, situação em que podemos concebê-los como pulsões parciais sexuais, desde que guardando o caráter secundário, construído, composto, dessa operação de sexualização, correlata à operação de constituição subjetiva. O sadismo, quando revertido em seu oposto — masoquismo — faz retorno ao próprio eu, ou, em outras palavras, cria condições de subjetivação. Analogamente o voyeurismo, revertido em seu oposto — exibicionismo — faz igualmente retorno ao eu, engendrando o ponto a partir do qual inicia-se o processo de sua sexualização, perfeitamente articulável à constituição narcísica do eu através do estágio do espelho, logo também do processo de subjetivação: ponto em que o não-sexual se constitui como elemento engendrador do sexual.

III.3 O Não-Sexual na Primeira Tópica: "Pulsões e Destinos das Pulsões"

O texto princeps sobre as pulsões, que integra a série de escritos "metapsicológicos" compreendidos entre os anos 1914-1917, e que dão o fechamento ao que, tendo-se iniciado com a "Interpretação dos Sonhos"^[94], define-se como "primeira tópi-ca" de Freud, em oposição a outra série, dos anos 1920-1926, de nominada "segunda tópica", intitula-se "Pulsões e destinos das Pulsões"^[95].

Nesse texto, Freud, define os quatro elementos componentes da pulsão:

"Podemos agora discutir alguns termos que, em relação com o conceito de pulsão, tornaram-se necessários, tais como: pressão (Drang), alvo (Ziel), objeto (Objekt) e fonte (Quelle) das pulsões"^[96] (Grifos e transcrições dos termos originais alemães são nossos).

Define também as suas, também quatro, vicissitudes:

"A observação nos ensina que são as seguintes as vicissitudes conhecidas da pulsão:

[94] Freud, S. Die Traumdeutung, op. cit.

[95] Idem, Triebe und Triebchicksale, op. cit.

[96] Idem, Ibidem, p. 85.

Reversão em seu contrário
 Retorno contra a própria pessoa
 Recalque
 Sublimação"^[97].

Da leitura do texto logo se depreende que Freud nele tratará exclusivamente das duas primeiras vicissitudes mencionadas — a reversão em seu contrário e o retorno contra a própria pessoa, (que preferimos denominar "retorno contra o próprio eu", visto que a "pessoa" em questão é o eu, em sua oposição ao objeto). O próprio Freud o explicita, aludindo ao fato de que dedicará um texto específico à vicissitude do recalque, texto imediatamente subsequente na série, intitulado "Die Verdrängung" (O Recalque) e afirmando que não tratará, no texto ora sob exame, da sublimação^[98]: "Não tratarei aqui da sublimação, mas o Recalque exigirá um capítulo particular"^[99].

Este fato já é, para nós, uma importante indicação: Num texto que tem por objeto, nomeado em seu título, a pulsão, Freud privilegia duas vicissitudes específicas — reversão em seu contrário e retorno contra o próprio eu — vicissitudes que, embora perfilhem-se, ao lado do recalque e da sublimação, como categorias de mesmo nível conceitual porquanto representam, tanto quanto esses últimos, destinos possíveis das pulsões, apresentam peculiaridades e especificidades que as distinguem, até mesmo em termos de seu patamar conceitual, das outras duas vicissitudes.

[97] Id. Ibid., p. 90.

[98] Ver nota de rodapé do editor da Studienausgabe, Bd. III, p. 90, onde é feita alusão a um artigo metapsicológico específico sobre a sublimação, que teria sido extraviado.

[99] Id. Ibid., p. 90. Freud refere-se, com a expressão "capítulo particular", ao que se tornou conhecido como o segundo artigo metapsicológico da série de 1915, intitulado "Die Verdrängung", (Cf. Studienausgabe, Bd. III, pp. 103-118), por nós mencionado no texto, logo acima.

Na verdade, um exame conceitualmente mais crítico e mais detido das quatro vicissitudes, pulsionais apontadas por Freud revela aspectos interessantes quanto às relações lógicas que tais vicissitudes podem estabelecer entre si.

Que relações lógicas são essas ? Se se trata de quatro vicissitudes, estaríamos autorizados a supor que elas compõem uma classe lógica de elementos homogêneos, um conjunto dotado de linearidade em seu critério de classificação ? Na ocorrência de uma delas, exclui-se a possibilidade de ocorrência de qualquer uma das outras ? São elas excludentes entre si ? Referem-se elas ao mesmo nível de constituição do sujeito, concernem ao mesmo registro de subjetivação ou, dito na linguagem que permeia o presente capítulo, referem-se a níveis equivalentes de sexualização do sujeito ?

De saída, verificamos, quanto à questão da implicação ou da exclusão recíproca que duas das quatro vicissitudes, precisamente aquelas que constituem o objeto de estudo de Freud nesse texto, comportam-se entre si como uma dupla, de modo inteiramente diverso daquele que caracteriza as suas relações com cada uma das outras.

Assim, com relação ao par "reversão em seu contrário" e "retorno contra o próprio eu", a ocorrência de uma dessas vicissitudes implica, necessariamente, a ocorrência da outra, no movimento dialético em que seu interjogo se trava.

A sequência da leitura do texto demonstra que o viés pelo qual Freud vai trabalhar essas duas vicissitudes consiste na referência às pulsões parciais da sexualidade, introduzidas

dez anos antes, em "Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Op. cit.), sobre cuja dimensão não-sexual detivemo-nos na seção precedente do presente capítulo.

Ora, as pulsões parciais organizam-se precisamente sob a configuração de pares-de-opostos, prestando-se particularmente bem ao estudo das vicissitudes mencionadas, e engendrando uma dialética dupla, constituída, de um lado, pela própria relação interna a cada um dos dois pares de pulsões parciais opostas e, de outro, pela relação interna ao par de vicissitudes que com elas se articulam. Um dos "opostos", (isto é, uma das faces constitutivas do par de opostos) de uma pulsão parcial, ao transforma-se no outro (que chamaremos de "contraface da pulsão"), passa exatamente pelas vicissitudes tratadas, e — fato que destacaríamos — passa pelas duas ao mesmo tempo. Assim, por exemplo, o sadismo (face do par de opostos em que consiste a pulsão parcial sado-masquista), revertendo em seu contrário, torna-se masoquismo, vicissitude que se faz acompanhar, por sua vez, da sua contrapartida (termo que reservamos a outra vicissitude em questão, a fim de evitar a confusão terminológica com a expressão "contraface", utilizada para o par de opostos da pulsão parcial): o sadismo, na reversão em seu contrário, implica, no mesmo ato, o retorno contra o próprio eu — a posição masquista (revertida) é efeito de um simultâneo retorno do sadismo contra o eu. Do mesmo modo, a escopofilia revertida em seu contrário — o exibicionismo — resulta de um correlato retorno contra o próprio eu da pulsão do olhar.

Tomando-se, assim, de um lado, os dois pares de opostos definidos por Freud como pulsões parciais — sadismo-maso-

quismo e escopofilia-exibicionismo, e, de outro, as duas vicissitudes abordadas em "Pulsões e destinos das pulsões", reversão em seu contrário e retorno contra o próprio eu, vemo-nos diante de uma dialética dupla: na passagem de cada uma das faces pulsionais à sua contraface respectiva, ocorre tanto uma das duas vicissitudes pulsionais consideradas quanto a sua contrapartida, o que pode ser representado graficamente no seguinte esquema:

EU olha um objeto	OBJETO é olhado pelo eu
:	(Situação das escopofilia)
:	<u>Reversão em seu contrário</u>
:	(Situação do exibicionismo)
:	:
EU exhibe-se a um objeto.....	OBJETO faz <u>retornar contra</u> <u>o eu</u> a pulsão de olhar

Ou, no caso do outro par de opostos:

EU tortura um objeto.....	OBJETO é torturado pelo eu
:	(Situação do sadismo)
:	<u>Reversão em seu contrário</u>
:	(Situação do masoquismo)
:	:
EU é torturado pelo objeto.....	OBJETO faz <u>retornar contra</u> <u>o eu</u> a pulsão de crueldade

Como destacamos na seção precedente, "O não-sexual nos Três Ensaios", OLHAR e DOMÍNIO constituem dois eixos de sustentação da atividade pulsional que, desde um ponto para além da ordem do sexual, vem a engendrã-la. Assim, articulando o olhar

e o domínio com as vicissitudes tratadas em "Pulsões e destinos das pulsões", a reversão em seu contrário e o retorno contra o próprio eu, pretendemos demonstrar que essas vicissitudes, analogamente, concernem à dimensão do não-sexual em Freud, ou pelo menos são passíveis de ocorrer fora do registro do sexual, (já que igualmente ocorrem no interior do registro do sexual), apresentando-se, antes, como vicissitudes que atravessam transversalmente, essas duas dimensões ou registros.

Assim, uma série de processos psíquicos podem ter lugar ao nível da dupla de vicissitudes "reversão em seu contrário/retorno contra o próprio eu", por exemplo, sem envolver o recalque e portanto sem registro inconsciente da castração, o que equivale a dizer, fora da ordem sexual. Ganham, dessa peculiaridade, grande importância teórica para o estudo e a direção clínica da análise das psicoses.

A posição do sujeito psicótico diante do Outro define-se por uma impossibilidade de exercer o sadismo, no que isto quer dizer a impossibilidade de expulsar o objeto, mantendo-o fora da ordem simbólica, ou, na linguagem de Lacan, constituir é manter o real como impossível, como insistência externa ao simbólico, como ex-sistência. Posição, portanto, marcada, nesse sentido, por um masoquismo radical, que define um total assujeitamento ao que, também com Lacan, denominamos o gozo do Outro, contra o qual não se constrói a barreira da significação fálica, via recalque, ou seja, não se constituindo para o sujeito o acesso ao gozo fálico, propriamente sexual. Por não poder responder à questão colocada pelo complexo de castração, ou seja, a escolha do sexo (ainda que com toda a problemática da dú

vida que esta escolha envolve na neurose), o psicótico fica excluído da ordem sexual, é um sujeito fora-de-sexo (horsesex), mas o estudo das vicissitudes pareadas "reversão no contrário/retor no contra o eu" permitem obter considerável grau de inteligibilidade teórico-clínica aos fenômenos psicóticos. Vimos, na seção anterior do presente capítulo, que além da questão do sadismo/masquismo como implicando em expulsão/incorporação do objeto, também o olhar e o ser olhado constituem-se, não no plano perverso-polimorfo das pulsões parciais mas no registro do não-sexual, eixos importantes da escuta das psicoses: o olhar absoluto que tudo vê, na paranóia, a voz que procede da estrutura do olhar, a vertente "fascinante" e paralisante do comando supereu-óico (lembre-se da etimologia latina do termo "fascinus" — mau olhado, mas também amuleto em forma de falo que protege contra aquele), foram temas tratadas na seção precedente.

Ao compararmos as respectivas formas pelas quais Freud aborda cada um dos pares de opostos, sadismo-masquismo e escopofilia-exibicionismo, verificamos algumas diferenças importantes.

Na época em que escreveu "Pulsões e destinos das pulsões", Freud situava o sadismo como mais primitivo do que o masoquismo, que dele se derivaria. Assim, numa sequência rigorosamente dialética, apresenta o modo pelo qual o sadismo se transforma em masquismo:

- 1º momento: o "eu tortura o objeto"
- 2º momento: o objeto do sadismo do eu é perdido ou abandonado. Há retorno contra o próprio eu e conseqüente troca de atividade para passividade.
- 3º momento: o eu volta a procurar o objeto, mas sua finalidade pulsional é agora passiva, devido ao retorno contra o próprio eu intercorrente: o objeto tomou o lugar do eu. Há reversão no contrário: finalidade de masoquista.

Curiosamente, ao abordar o par de opostos escopofilia-exibicionismo, Freud constrói outra série, que contém uma fase "zero", uma fase que ele denomina "alfa", na qual ambas as finalidades coincidem, superpõem-se em função do fato de situarem-no no registro auto-erótico: olhar (uma parte do próprio corpo, autoeroticamente) não se distinguiria de ser olhado, portanto. Desta fase, diz Freud:

"Esse estado preliminar é aqui interessante pelo fato de que dele resultam ambas as situações dos pares de opostos resultantes, conforme a mudança se processe em favor de uma ou outra posição. O esquema para a pulsão escopofílica poderia ser o seguinte:

(alfa) Alguém olhando para um órgão sexual	=	Um órgão sexual sendo olhado por alguém
(beta) Alguém olhando para um objeto estranho (escopofilia ativa)	(gama)	Um objeto que é alguém ou parte de alguém sendo olhado por uma pessoa estranha (exibicionismo)

As situações "beta" e "gama" dependem, assim, das modificações na fase auto-erótica, "alfa", como no diagrama acima.

Afirma, a seguir, que esta fase preliminar inexiste no par sadismo-masquismo, que, de início, seria ativo, iniciando, portanto, seu circuito, pela posição sádica, como demonstrado na série anterior. Ora, como entender essa diferença, explica por Freud, no tratamento dos dois pares de opostos ?

Pensamos que a resposta está no fato de que, a conceber, para o par sadismo-masquismo, uma fase auto-erótica, Freud engendraria um duplo problema teórico: 1) por um lado, conferiria ao eixo do sadomasquismo um atributo "Erótico", quando já se lhe afigurava bastante plausível que o sadomasquismo fosse progressivamente se tornando independente da sexualidade, (da qual fora, inicialmente, pulsão parcial), e viesse a constituir uma manifestação de outra ordem pulsional — da pulsão de morte; 2) por outro lado, mas em sentido rigorosamente oposto, a postulação de um sadismo — não diríamos "auto-erótico" pela razão apresentada no primeiro caso, porquanto o sadismo não poderia pertencer ao que viria a ser denominado "Eros" — mas dirigido

[100] Idem, Triebe und Triebschicksale, op. cit., p. 93.

contra o eu faria com que freud chegasse, por assim dizer, em 1915, a formular um "Além do Princípio de Prazer", antecipando-o em cinco anos, período esse que não consideramos prescindível: o tempo de elaboração, na construção da obra freudiana, não é descartável, não há "ociosidade" teórica em Freud. Se veio a publicar o "Além" em 1920 isso certamente não é casual, e a reestruturação de tal envergadura que este texto acarretou não era possível no âmbito da primeira tópica. Assim, se o sadismo não podia ser auto-erótico (portanto, idêntico ao masoquismo) porque já renunciava sua independência por relação a Eros e sua filiação à pulsão de morte, pela mesma razão Freud não poderia conceber um estado originário do masoquismo, porque isto não mais renunciaria porém precipitaria a postulação de uma pulsão de morte, um além do princípio de prazer. Não é por acaso que, justamente quando, finalmente, vem a postular a independência do sadismo em relação à sexualidade, no "Além", Freud é levado a reconsiderar o que afirmou em 1915 (inexistência da "fase preliminar" no sadomasoquismo, tal como afirma existir na escopofilia-exibicionismo), e vê-se sob a imposição de conceber o masoquismo como mais originário que o sadismo, na medida em que este último já representa uma expulsão, para fora do eu, da pulsão de morte, por intrincação com a sexualidade. O ra, se algo da ordem da pulsão de morte é expulso do eu em obediência ao princípio de prazer é porque lá se encontrava sob a forma revertida: o avesso do retorno contra o eu seria a exteriorização, a objetualização do sadismo, do que Freud deduz que há um "antes" dessa exteriorização, uma fase originariamente masoquista, ou, mais exatamente indiscriminada, uma "estase" inicial, originária, da pulsão de morte no eu.

Num ponto ulterior do texto, Freud analisa as relações antitéticas do amor. A importância dessa análise, para nós, está no fato de que distingue, pela primeira vez, a oposição amor-ódio, que viria a constituir a base de sua posterior antítese entre pulsões de vida (ou Eros) e pulsões de morte ou destruição (Tanatos), que, como já assinalamos, tem como correlato a retirada do sadismo do escopo da sexualidade, (da qual se torna independente deixando de constituir-lhe uma pulsão parcial), da oposição amar-ser amado, bem mais caracterizada pelo matiz dialético que atravessa todo o texto "Pulsões e destinos das pulsões", como vimos demonstrando. Distingue, ainda, essas duas oposições (amar-odiar, amar-ser amado) de uma outra, constituída, em um de seus pólos, pelo conjunto-união "amar e odiar", e, no outro, pela indiferença, aspecto que virá a engendrar, mais tarde, a teoria da constituição do eu através da interjogo do par incorporação/expulsão, teoria que será objeto do texto "Die Verneinung", de 1925^[101], em que o "mau" é identificado ao "estranho" e ao "exterior" ao eu, e que abordaremos na próxima seção do presente capítulo.

Dado que, segundo propusemos, as quatro vicissitudes da pulsão apresentam uma disparidade no interior da rede de suas relações recíprocas, no que concerne ao nível lógico que as define como elementos heterogêneos de um conjunto, resta ainda analisarmos essas relações quanto às outras duas vicissitudes não abordadas por Freud em seu texto: o recalque e sublimação.

[101] Freud, S. Die Verneinung, in Studienausgabe, Ed. III.

Antes de abordarmos as relações recíprocas entre essas duas vicissitudes, devemos observar a relação que se estabelece entre, por um lado, as duas vicissitudes já examinadas — a reversão em seu contrário e o retorno contra o próprio eu — tomas em conjunto, e, por outro, o recalque e a sublimação, também como um par. Verificamos que enquanto que as duas primeiras apresentam, como já assinalado, uma relação de mútua implicação, isto é, a ocorrência de uma implica necessariamente a ocorrência da outra, do ponto de vista lógico, as duas últimas, pelo contrário, apresentam uma relação de mútua exclusão, ou, pelo menos, uma relação em que uma delas, a sublimação, é definida como alternativa à outra, o recalque, merecendo, contudo, essa asserção um exame mais rigoroso. De qualquer modo, estabelece-se uma relação de oposição entre a relação interna ao par "reversão em seu contrário/retorno contra o próprio eu" que é de mútua implicação, e a relação interna ao par "recalque/sublimação", que impõe um certo grau de disjunção necessária entre suas vicissitudes pulsionais constituintes.

No caso da relação entre o recalque e a sublimação, podemos dizer, procurando, como assinalamos acima, examiná-las com maior rigor, que não há exatamente uma absoluta e necessária disjunção entre ambas, que elas não são, com efeito, mutuamente excludentes, no sentido de que a ocorrência do recalque interditaria a ocorrência da sublimação e vice-versa. Aqui se impõe a diferenciação, feita por Freud no texto "O Recalque"^[102], em

[102] Idem, Die Verdrängung, op. cit., p. 109.

tre o recalque originário, constitutivo do inconsciente dito propriamente recalcado, e o "recalque secundário", ou, como preferimos dizer, calcamento secundário, a "drang" (pressão, calcamento) posterior de Freud, sendo o primeiro condição lógica para a consecução do segundo. O recalque originário teria, assim, um estatuto antes lógico que psicológico: é a condição de possibilidade de recalques, é a própria constituição do topos, do lugar em que se advirá o recalcado. Nesse sentido, assemelha-se no campo filosófico, à idéia humeana segundo a qual não basta, como pensava Locke, conceber uma "tabula rasa" como lugar "a priori" sobre o qual se inscreveriam as experiências subjetivas: é preciso conceber que também a suposta "tábula" deve ser "inscrita", constituída. O recalque originário seria a inscrição primordial que tornaria possível o ato psíquico de inscrever representações no inconsciente já então, assim, constituído.

Freud afirma, quanto à sublimação, que esta constitui uma vicissitude que concerne à libido objetal, e não à libido narcísica, e que consiste num desvio, alteração, mudança no objetivo da pulsão, mas não necessariamente ao seu objeto. Incidentalmente, uma dessas peculiaridades relaciona-se com a outra: não incidindo sobre o objeto, não produz alterações no sentido da objetualização ou de sua contrapartida, o reinvestimento narcísico do eu. A sublimação é, assim, uma modificação nos objetivos da libido objetal no âmbito da teoria do narcisismo, anterior à introdução da última teoria pulsional, anterior à concepção da pulsão de morte.

É por esse viés que Freud distingue, com clareza intencional explícita, a sublimação da idealização: a primeira concernindo, como dissemos, à libido do objeto e a segunda podendo incidir tanto sobre a libido do objeto (no caso da idealização ou supervalorização de um objeto amoroso, por exemplo) quanto sobre a libido narcísica (caso em que o processo de idealização ganha sua consistência maior, por nele assumir uma função estruturante na constituição do sujeito, a da construção de suas instâncias ideais). É como corolário desse percurso que Freud chega finalmente a estabelecer a relação entre a sublimação e o recalque, como um desdobramento de sua argumentação, relação da qual vínhamos tratando:

"A construção de um ideal eleva, como vimos anteriormente, as exigências do eu, constituindo-se como o fator mais podroso em favor do recalque; a sublimação representa uma saída, o modo pelo qual essas exigências podem ser satisfeitas sem envolver recalque".
(grifos nossos) [103].

A sublimação, assim, pressupõe o recalque, mas para contorná-lo, e sua efetivação exige que haja, por assim dizer, suspensão do recalque, de forma análoga, mas com efeitos inteiramente diversos, à da denegação, que decorre de uma suspensão ("Aufhebung") do recalque.

[103] Idem, Zur Einführung des Narzissmus, op. cit., p. 62.

Caberia a questão: em relação a qual dos dois níveis do recalque — o originário ou o propriamente dito — a sublimação constitui uma alternativa, uma "saída que não o envolve"? Pode haver sublimação se o recalque originário não se tiver estabelecido? Essa questão nos introduz, na verdade, numa outra, que concerne, mais proximamente, ao tema que temos como alvo: as psicoses. Na medida em que aceitemos que na estrutura psicótica falha o recalque originário, como conceber a sublimação nessa estrutura, se esta vicissitude pressupuser aquela? A questão da sublimação como ponto de direcionamento da estabilização psicótica é problemática, e se encontra presente de modo recorrente na literatura psicanalítica que tematiza a teoria da clínica das psicoses, inclusive como possível direção da cura e em relação com o "término da análise" de psicóticos. Nesse sentido, citamos o trabalho de Gérard Pommier, "O Desenlace de uma Análise", onde o autor diz a propósito das relações recíprocas — e inversas — entre o ideal e a sublimação no que concerne à suplência do Nome-do-pai foracluído na psicose:

"Se sublimação traz uma solução ao vazio do nome, se o traço de estilo, a assinatura da obra faz do pai e de sua foraclusão, senão um problema ultrapassado, pelo menos uma questão relativa ao ato, será que se pode fazer da criação o fim mais lógico da análise das psicoses? (...) Nessa perspectiva, existe uma maior coação à sublimação na psicose que na neurose. Neste último caso, a sublimação não é uma necessidade da existência, porque a atividade fantasística oferece com pensações que podem perfeitamente prescindir

do desvio da criação. A bem dizer, o dévaneio antes a evita. Na neurose, a sublimação não é uma coação, apenas é um meio desviado para realizar uma fantasia que se serve de outros caminhos. Na psicose, em contrapartida, a sublimação não tem como função realizar uma fantasia. Mais gravemente, ela assegura a existência"^[104].

Incidentalmente, a tradicional vinculação das atividades ditas "terapêuticas", em particular no plano "ocupacional", praticadas em instituições de tratamento de psicóticos numa vertente de "expressiva", "socializadora" ou meramente "recreadora" com atividades de cunho artístico (artes plásticas, expressivas, cênicas, e até literárias), indica-nos que, historicamente, há uma pressão no sentido de vincular a psicose com a arte, o que impõe, para o analista, a questão de pensar a sublimação na psicose, não significando com isto que o resultado da vicissitude pulsional sublimatória tenha que, necessariamente, constituir-se como obra de arte e, em contrapartida, que a arte reduza-se à sublimação.

Muitas vezes os analistas, ao discutirem teórico-clinicamente uma experiência analítica com sujeitos psicóticos, poêm-se a discutir o valor artístico de determinada obra do sujeito, articulando esta discussão com o problema da sublimação, como se o eventual valor artístico de uma obra dependesse da decisão sobre uma questão teórica dos analistas, a respeito da pos

[104] Pomnier, G. Le dénouement d'une analyse, Paris, Point Hors Ligne, 1987, p. 219.

sibilidade ou não de sublimação na psicose. Pensamos que há, aí, duplo equívoco: por um lado, não é um problema para analistas resolverem o valor artístico de uma obra; por outro, é um problema teórico-clínico para analistas a possibilidade da sublimação em determinada estrutura psíquica, mas há um equívoco em supor que o resultado da sublimação deva ter, necessariamente, valor de arte. De universos distintos um do outro, psicanálise e arte não podem consistir em saber ou prática de valor instrumental, uma para a outra.

Mais do que resultar em produtos de valor artístico e levado ou não, e socialmente reconhecido, a sublimação concerne a uma mudança no alvo da pulsão, que altera significativamente a posição do sujeito diante do objeto de satisfação. Além disso, e sobretudo, na sublimação a satisfação é efetivamente atingida, sem substituição significativa, sem compromisso sintomático, sem adulteração do recalque. A esse respeito, diz Lacan:

"Trata-se na sublimação de uma certa forma, nos diz Freud, de satisfação dos Triebe, que se traduz impropriamente por instintos, e que é preciso traduzir severamente por pulsões — ou derivas, para marcar que o Trieb é desviado do que ele denomina seu Ziel, seu objetivo.

A sublimação nos é representada como distinta desta economia de substituição ou habitualmente se satisfaz a pulsão enquanto ela é recalçada. O sintoma é o retorno, por via de substituição significativa, do que se encontra no ponto terminal da pulsão como seu

objetivo. É aqui que a função do significante assume todo o seu alcance, pois é impossível, sem colocá-la em jogo, distinguir o retorno do recalque da sublimação como modo de satisfação possível da pulsão. É um paradoxo — a pulsão pode encontrar seu alvo em lugar distinto do que é o seu alvo, sem que se trate aí da substituição significante que constitui a estrutura sobredeterminada, a ambiguidade, a dupla causalidade, no que se denomina o compromisso sintomático"^[105].

Se os neuróticos são passíveis de sublimação, é porque a sublimação, embora contorne o recalque propriamente dito, escape a ele, não é incompatível com uma estrutura regida pelo recalque originário. Entendida como alternativa ao recalque originário, a sublimação não só seria impossível numa estrutura neurótica, o que evidentemente constitui um absurdo, como exigiria, como condição de possibilidade, uma estrutura psicótica "radical", ou, antes, entendida como aquela em que não se inscreve o recalque originário. Não é esse o sentido de sublimação: ela não é a antítese do recalque, mas a possibilidade de satisfação pulsional que não o pressupõe nem o implica mas, alterando o alvo pulsional, o burla.

Quanto às relações entre o recalque, por um lado, e a sublimação, por outro, em face da dupla reversão em seu contrário/retorno contra o próprio eu, perguntaríamos: pode haver, sob a égide do recalque, reversão em seu contrário e retorno

[105] Lacan, J. - Le Séminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse, Paris, Éditions du Seuil, 1986, p. 132.

contra o próprio eu simultaneamente ? E no caso de uma estrutura subjetiva em que ocorre sublimação da pulsão, podem-se identificar os processos de reversão no contrário e retorno contra o eu ? Pensamos que, no tocante às relações do recalque e da sublimação com a dupla vicissitude da "reversão" e do "retorno" (mutuamente implicadas e jamais mutuamente excludentes), verificamos que essas últimas vicissitudes não impõem nenhum tipo de restrição à ocorrência das outras: seu modo de funcionamento é tal que elas podem sempre ocorrer e o sujeito, em suas relações com seus objetos e objetivos pulsionais, está sempre submetido à dialética da reversão no contrário e retorno contra o eu, qualquer que seja a estrutura subjetiva considerada. Podemos depreender daí que essas duas vicissitudes, ou antes, essa vicissitude-dupla, objeto do texto de Freud, não apresentam, nisso também opondo-se, mais uma vez, ao recalque e à sublimação, respectivamente, condições estruturais de ocorrência, consistindo, antes, quase no próprio modo de funcionamento das pulsões parciais e na gênese do sexual a partir da polimorfia perversa que caracteriza o interjogo de relações constitutivas do eu em face do não-eu.

Nesse ponto, caberia abordar uma questão: dissemos que as vicissitudes reversão no contrário e retorno contra o eu, ao implicarem-se mutuamente e articularem-se de forma particularmente notável com os pares-de-opostos em que se apresentam as pulsões parciais sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo, configuravam o quadro de uma dupla-dialética, apresentado anteriormente sob a forma de esquema. No exame das relações entre o recalque e a sublimação, em contrapartida, verificamos

que há uma certa disjunção, um caráter alternante, numa pala
vra, uma certa negatividade entre ambas: a sublimação, pressu
 pondo o recalque, o nega, põe-no de lado, o contorna. A presen
 ça da negatividade introduz, assim, uma dimensão mais propria
mente dialética na relação entre o recalque e a sublimação do
 que aquela que se poderia, com efeito, atribuir ao par reversão
 no contrário/retorno contra o eu. Em qual das duas "duplas" de
 vicissitudes, por assim dizer, (já que sublimação e recalque es
 tão longe de constituir uma "dupla" análoga à das suas primei
ras vicissitudes consideradas), há uma relação verdadeiramente
 dialética? A considerar a complexidade introduzida pelo prin
 cípio da negatividade na relação entre a sublimação e o recal
 que, diríamos que é nesta relação que se pode identificar um
 plano verdadeiramente dialético. A relação entre as vicissitu
des que se implicam mutuamente seria antes de antinomia do que
 de dialética, já que, nela, há pura presença de dois efeitos si
multâneos, duas positivities que, embora contrapostas, não se
 negam, mas se afirmam reciprocamente.

Falta ainda analisar as relações das vicissitudes pul
sionais em face da ordem do sexual e do seu mais além, a dimen
são do não-sexual. Dissemos que, por concernirem fundamental
mente ao par de opostos com que se apresentam as pulsões par
ciais centradas no domínio (ou crueldade) e no olhar, a rever
são no contrário e o retorno contra o eu referiam-se ao plano
 do não-sexual, ou seja, ao plano de funcionamento pulsional que
 se processa sem necessária referência à primazia do significan
 te fálico, situando-se num registro a partir do qual a ordem fá
 lico ainda está por ser subjetivada, ainda está por advir para

o sujeito: sadismo-masiquismo e escopofilia-exibicionismo engendram o sexual, mas não o constituem propriamente como tal, pois prescindem da significação fálica.

Como sabemos, Freud sempre vinculou-se a sublimação a um processo de dessexualização e, depois de 1920, com a teoria pulsional que introduz as pulsões de morte e o conceito de intrincação pulsional (Triebmitschung), passou também a vincular a sublimação (e sua correlata dessexualização) com a desintrincação pulsional (Triebentmitschung). Estava, assim, constituída uma articulação definitiva da sublimação com as pulsões de morte:

"Reencontramos aqui, a possibilidade, já discutida, de que a sublimação possa ocorrer regularmente através da mediação do eu. Lembramos o outro caso, em que o eu lida com as primeiras investidas objetais do isso (e certamente com as posteriores também)(...).

Toda identificação deste tipo tem o caráter de uma dessexualização e mesmo de uma sublimação. Assim, parece que, sempre que uma transformação desse tipo tem lugar, ocorre simultaneamente uma desintrincação pulsional. O componente erótico, após a sublimação, não mais tem a força suficiente para unir a totalidade da agressividade antes a ele articulada, e agora liberada como uma tendência à agressão e à destruição. Esta desintrincação constituiria a base do caráter geral de dureza e crueldade do ideal — seu ditatorial Deverás [106]".

[106] Freud, S. ~ Das Ich und das Es, in Studienausgabe, Bd. III, p. 312.

Mais adiante, no texto de Freud, encontramos:

"A transformação (de libido erótica) em libido do eu envolve, naturalmente um abandono das finalidades sexuais, uma dessexualização (...) Apoderando-se assim da libido dos investimentos de objeto, constituindo-se como objeto amoroso único dessexualizando ou sublimando a libido, o eu está trabalhando contra os objetivos de Eros e colocando-se a serviço de movimentos pulsionais opostos"^[107].

A sublimação concerne, assim, em sua mudança de alvo, à passagem de uma investida em objetivos (supostos) sexuais para outros, dessexualizados, não sexuais, com um necessário grau de desintrincação pulsional intercorrente. Dissemos "suposto" sexual porque colocamos a questão de saber se o impulso destinado a sofrer a vicissitude da sublimação é, em sua origem, efetivamente sexual, ou se, pelo contrário, a sublimação concerne à passagem de um ponto (qualquer) do não-sexual, (isto é, da pulsão enquanto não articulada ao significante fãlico, pulsão de morte), para outro ponto (também) do não sexual (isto é, já esvaziado de um gozo sintomático, despida de gozo sexual, ainda que — e por isso mesmo — do gozo do significante, pulsão articulada ao significante puro, o significante enquanto que, como tal, não significa nada.

[107] Idem, *Ibidem*. p. 321.

Lacan utiliza, a respeito da sublimação, a fórmula: "O objeto é aqui elevado à dignidade da coisa"^[108].

Seriam objeto e Coisa pontos distintos da ordem sexual ? Ou devemos, antes, tomar "Objeto" como uma referência ao que Lacan virá a conceituar como objeto "a" mas na condição peculiar de não articulado, pela estrutura do fantasma, ao $\$$, ou seja, à ordem fálica marcada pelo recalque, e a Coisa como aquilo que pressupõe um esvaziamento, uma desimaginarização, uma destituição da significação, uma referência ao puro significante ? Se assim for, os dois pólos do movimento sublimatório — objeto e Coisa — constituiriam um aquém e um além da ordem significante enquanto produtora de significação, enquanto regida pelo falo. A sublimação, como na concepção dos antigos alquimistas, e ainda na utilização do termo pela física moderna, consiste na passagem de um estado sólido ao estado gasoso sem passar pelo líquido: aquém e além do sexual, sem passar pelo sexual.

A sublimação, portanto, é uma vicissitude pulsional que concerne à satisfação da pulsão por um viés não-sexual (vicissitude da pulsão de morte, em sua vertente de criação, necessariamente disruptiva, do novo ?) e alternativo ao recalque. Como se exprime Lacan no seu sétimo Seminário, a outra face do constrangimento moral dos seres humanos, a face voltada para a vertente de uma satisfação pulsional "derivada" — termo que utiliza pa

[108] Lacan, J. - Le Séminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse, Paris, Éditions du Seuil, 1986, p. 134.

ra fazer alusão ao sentido próprio, de equivocação, que teria a tradução inglesa, caso fosse adotada, do termo Trieb alemão (drive, deriva).

"A sublimação é com efeito a outra face da exploração que Freud faz como pioneiro das raízes do sentimento ético, na medida em que ele se impõe sob a forma de interdições, de consciência moral"^[109].

Resta, assim, o recalque, como a mais fundamental vicissitude da pulsão, no que concerne ao engendramento da ordem do sexual. Comparado às outras três vicissitudes, mas com cada uma de forma diferente, ou seja, com a dupla vicissitude constituída pelo par "reversão no seu contrário/retorno contra o próprio eu", e com a sublimação, como vicissitude isolada, o recalque apresenta-se como a única vicissitude que pertence, fundamental e essencialmente, à ordem, do sexual. Das demais, já tivemos ocasião de mostrar a sua inserção no plano do não-sexual. O recalque, por sua vez, é a vicissitude que, de modo privilegiado, articula a pulsão ao significante, como elo entre as duas grandes formas da alteridade com que se defronta a subjetividade: a Pulsão e a Linguagem.

Assim, a intrincação pulsional, a adjunção de componentes libidinais (de Eros) ao que, de Tanatos, produz a expulsão para fora do campo da subjetividade do que escapa à simbolização, isto é, ao objeto, ao Real, é propriedade do recalque. É

[109] Idem, Ibidem. p. 105.

ainda em função do lugar ocupado pelo recalque em face da pulsão, como sua vicissitude primordial com relação ao sexual, que temos o direito de invocar a distinção entre Eros e a ordem do sexual: Eros não coincide com o sexual, senão por mediação do recalque. O recalque, ao promover a intrincação pulsional entre um Eros cujo funcionamento é compulsivo, agregatório, unificador, sem limites, e a pulsão de morte, responsável pela expulsão do objeto pelo viés do sadismo primário, permite a tomada, a ocupação, a investida deste objeto exteriorizado por incidência da pulsão de morte pelos componentes libidinais que então podem sexualizá-lo. O sexual não é a atividade puramente agregatória, a "compulsão do princípio de prazer", a que se refere Freud no texto "Die Verneinung", examinado na próxima seção do presente capítulo, de Eros. O sexual só se constitui a partir da exteriorização (tanática) de um objeto, sobre o qual a ação agregatória, porém não mais compulsiva, de Eros, poderá incidir. Esse passo é, a rigor, efeito do recalque.

Poderíamos, em resumo, fazer um quadro diagramático das interrelações entre as quatro vicissitudes pulsionais postuladas por Freud, tanto no que concerne às relações que estabelecem entre si quanto em suas relações com às ordens do sexual e de seu mais além, o não-sexual:

	Reversão em seu contrário	Retorno contra o próprio eu	Sublimação	Recalque
Reversão em seu contrário	---	conjunção	interindependência	
Retorno contra o próprio eu	conjunção	---	interindependência	
Sublimação	interindependência		---	disjunção
Recalque	interindependência		disjunção	---

III.4. Do Isso ao Eu: A 2ª Tópica Freudiana como Momento de Explicitação da Dimensão do Não-Sexual na Teoria

III.4.1. Além do Princípio do Prazer

Como procuramos demonstrar, a dimensão do não-sexual esteve sempre presente na obra de Freud, como contrapartida não dialética do sexual, vale dizer, como seu ponto de origem e de ruptura, como lugar de seu não-fechamento, enfim, como seu para-além. Se em toda a extensão da obra freudiana é possível re encontrar os rastros dessa dimensão, é contudo em Além do Princípio de Prazer, de 1920, obra cujo título já traz, de modo nominalmente explícito, os termos da questão, que encontramos e laboradas as ferramentas conceituais mais adequadas para pensá-la.

A fim de demonstrar a existência, no psiquismo, de um "além do princípio de prazer", princípio que, no plano teórico, sempre mantivera completa hegemonia sobre os fenômenos psíquicos e ao qual Freud sempre retornava, reiterando sua dominância, após o exame de aparentes contradições — como se exemplifica no caso dos sonhos de angústia que, desde a Interpretação de Sonhos, puderam ser examinados à luz do princípio de prazer a despeito de sua aparente desobediência a este princípio — Freud desenvolve, no "Além", toda uma linha de pensamento e argumentação que, mais do que nunca, guarda o seu estilo: só e denuncia o que pretende após refazer a montagem do que se encontra estabelecido, e que será desestabilizado pela novidade teórica que se trata de inserir, pouco a pouco, derrubando, após

rigoroso exame, o quadro cuja suposta coesão começou por ser re editada. É um modo e um estilo de teorizar que tem, a nosso ver, a marca da clínica em sua própria tessitura, sempre inci dindo sobre o que se apresenta equivocadamente coeso, uno, total, a fim de desmontá-lo fazendo surgir suas contradições a partir de suas frestas.

Assim, já no primeiro capítulo, diante do quadro geral de dominância hegemônica do princípio de prazer na vida psíqui ca, que é reiterado, Freud aponta uma possível contradição: nem todos os processos psíquicos se fazem acompanhar de prazer, pe lo contrário, a maioria deles evoca desprazer. Esse ponto, Freud o faz absorver pelo próprio domínio do princípio que é por ele contrariado em aparência: trata-se das modificações im postas pelo princípio de realidade às pulsões de autoconserva ção do ego, que exigem renúncias à satisfação imediata e portanto envolvem convívio com o desprazer. As pulsões sexuais, diz Freud, permanecem muito mais tempo subordinadas, de modo dire to, ao princípio de prazer.

Essa retomada da antiga teoria das pulsões, que as o põe em pulsões de autoconservação e sexuais, demonstra bem que Freud ainda não extraiu as principais consequências da teoria introduzida no texto sobre o Narcisismo (1914), seis anos an tes, e que, a despeito das que pôde extrair, continua embaraça do com a questão das pulsões do ego, da autoconservação, e, se gundo a nossa linha de pensamento no presente trabalho, conti nua sobretudo sem saber como nomear o que escapa ao sexual; se não for o que é da ordem do ego, da autoconservação, o que se-

rá ? A manutenção deste embaraço num autor como Freud, cujo trabalho teórico era não só maciço como rigoroso, mostra bem que a questão é extremamente espinhosa: talvez fosse mais fácil ter fechado o circuito psíquico em torno da sexualidade, após a teoria do narcisismo, que faz subsumir a psicologia do ego à libido. Mas Freud não admitia uma teoria do sexual que circunscrevesse todo o espaço psíquico, e por isso mantém, como assinalamos, ainda no início do "Além", em 1920, a terminologia antiga da pulsões do ego ou de autoconservação.

No segundo capítulo, já mais embrenhado na questão do que se situa para além do princípio de prazer, Freud aborda 2 questões cruciais a seus objetivos: as neuroses e os sonhos traumáticos, e a brincadeiras de crianças.

Com relação aos fenômenos traumáticos, Freud modificou sua posição até então defendida de que consistiriam em esforços psíquicos de elaboração ativa de vivências passivas de desprazer, esforços esses ainda assimiláveis ao princípio de prazer, na medida em que corresponderiam a uma luta para produzir a descarga alinhando-se assim aos propósitos desse princípio. Especificamente em relação aos sonhos traumáticos, refuta pela primeira vez a tese de que também esses sonhos consistiriam em realizações de desejos — tal como asseverava 20 anos antes, na Interpretação de Sonhos a respeito dos sonhos de angústia. Considera agora que os sonhos traumáticos respondem a uma tarefa mais primordial e mais imperiosa do que realizar um desejo, e chega a atribuir aos sonhos, em geral, essa tarefa prioritária e anterior à dominância do princípio do prazer: mais que uma

fixação NO trauma, representariam uma tentativa de fixação DO trauma, ou seja, uma tentativa de tornar psíquico o que se a apresenta como irrepresentável psiquicamente (traço distintivo do traumático).

"Pareceria, assim, que a função dos sonhos, que consiste em remover os motivos da interrupção do sono através da realização dos de sejos dos impulsos perturbadores, não é a sua função originária. O sonho só poderia assumi-la depois que a totalidade da vida psíquica já se encontrasse sob o domínio do princípio de prazer. Se existe um "além do princípio de prazer, é plausível supor que a tendência dos sonhos à realização de desejos tenha um período de tempo anterior a si"^[110].

A frase de Freud, traduzida, como todas as que citamos, por nós diretamente do alemão, é bastante precisa, mas requer u ma explicitação: da mesma forma como existe um "além do princí pio de prazer", diz ele, existiria um período, anterior, a quem daquele em que a função primordial do sonho torna-se a realiza ção de desejos, em que sua função seria outra, da ordem do "pa ra além do prazer": uma função mais além do desejo, uma função que, obedecendo à compulsão a repetir, visaria a fixar o trau ma no psíquico, torná-lo representável, constituindo, assim, a base sobre a qual o sonho poderia então assumir a sua função se cundária: a realização do desejo, o que já se insere na ordem da representação.

[110] Freud, S. - Jenseits des Lustprinzips, (1920), N. Studienausgabe, Bd. III, p. 242.

Analogamente, analisa as brincadeiras infantis à luz do jogo paradigmático do FORT-DA (presença-ausência), base experiencial do simbólico. Freud assinala que a criança, ao fazer representar ludicamente a presença e a ausência da mãe (isto é, a duplicidade imaginária que a figura da mãe pode assumir), repete, estranhamente, a parte do jogo ligada à ausência (FORT) com muito mais contumácia do que aquela que representa a presença, ou o retorno da mãe (DA). A criança repete, assim, com mais empenho e demora, a parte do jogo que desperta desprazer, do que a que se faz acompanhar de prazer.

"Este seria o jogo completo: desaparecimento e retorno, do qual assistia-se, na maioria das vezes, o primeiro ato, que era repetido incansavelmente como um jogo em si, embora o maior prazer pertencesse, sem dúvida, ao segundo ato"^[111].

O "FORT-DA" é, assim, da ordem de um além do princípio de prazer, ao lado dos sonhos traumáticos em sua função de fixação do trauma no psiquismo.

No capítulo III, Freud introduz a noção de compulsão de repetição, já formulada em 1913, em seu artigo técnico "Recordar, Repetir e Elaborar", embora sem articulação com a temática agora em questão: o para além do princípio do prazer. Faz

[111] Id. Ibid., p. 225.

subsumir à compulsão de repetição tanto os fenômenos traumáticos como a brincadeira infantil do Fort-Da. Atribui à Compulsão de Repetição uma função mais primordial, mais imperiosa e mais fundamental do que a do princípio de prazer. Introduce então uma importante distinção em sua teoria do inconsciente e do recalque já antecipada, em linhas gerais, no artigo metapsicológico de 1915 sobre o inconsciente mas pronunciando ainda a grande reviravolta tópica que teria lugar três anos mais tarde, em 1923, em "O Eu e o Isso"^[112]: o inconsciente não é uniforme, não coincide com o "recalcado", isto é, com o pulsional representado mediante o recalque, mas diferencia-se num sistema de traços mnêmicos registrados (o recalcado) e num pólo de recalque, (ego inconsciente), que representa a porção inconsciente do ego do qual procedem as resistências. Diz então que, se a resistência provém do ego e obedece ao princípio de prazer, a atividade dos impulsos obedece à compulsão de repetição e provém do "recalcado". Distinguindo a Compulsão de Repetição da Resistência Egóica, cabe a pergunta: O que a compulsão de repetição leva o sujeito a repetir? Diz Freud, numa página inteira condensando o copioso fracasso da vida sexual infantil em seu "florescimento precoce": as experiências da sexualidade infantil, eis o que se repete^[113].

A "perpétua recorrência da mesma coisa", como diz Freud, liga-se de modo particularmente intenso às experiências

[112] Idem, Das Ich und das Es, in Studienausgabe, Bd. III.

[113] Idem, Jenseits des Lustprinzips, op. cit., pp. 230-231.

de uma sexualidade infantil "precoce" e voltada ao fracasso: uma sexualidade traumática, portanto, refratária à imediata apreensão e representação pelo psiquismo, fundamentalmente inadequada ao ser falante e radicalmente perturbadora. Reencontramos aqui grande parte do que desenvolvemos na seção II.1., do presente capítulo, dedicada à caracterização da sexualidade em Freud, e percebemos o quanto em seu pensamento, o sexual, desde que tomado em sua radicalidade, nos confronta, logo de saída, com o seu limite, com o não-sexual. Pois o que é o caráter traumático da sexualidade infantil (isto é, a sexualidade do falante) senão a sua referência ao que excede a capacidade de representação psíquica o que ultrapassa o simbólico, sendo, no mesmo ato, por ele introduzida? O que se repete, diz Freud, é o elemento traumático da sexualidade infantil, ou, diríamos nós, o que de não-sexual engendra, sustenta "para além" e excede o sexual infantil.

A seguir, no capítulo IV, Freud aborda uma outra via de acesso ao que para nós configura-se como a dimensão do não-sexual: a consciência. Demonstrando seu espanto diante de um "sistema" que foge, como aberrante exceção, à regra geral de efetuar, através de traços mnésicos, representações psíquicas, Freud afirma que: "A consciência surge no lugar de um traço de memória" [114].

A consciência seria, assim, um traço que, modificado de forma permanente, definitiva e radical, até o limite máximo, teria perdido o seu caráter de traço: uma memória sem esqueci

[114] Idem, *ibidem*, p. 235.

mento, e portanto também sem lembrança. História feita de presenças-presentes evanescentes e sucessivas. Uma não-história, portanto.

A consciência subjaz ao que Freud denomina o "escudo protetor", de substância morta, ou antes, que "renunciou à vida para salvar a dos sistemas subsequentes". A idéia de uma parte morta do aparelho a qual estaria vinculada a consciência tem particular interesse para nós, na medida em que possamos torná-la inteligível à luz do que Freud desenvolve mais adiante, ao introduzir as pulsões de morte na teoria psicanalítica. O rompimento do escudo protetor pela excitação ocasiona o trauma, que se faz acompanhar de um aumento geral de energia no aparelho e de uma convergência da energia assim aumentada para o ponto onde houve ruptura. O trauma, põe, assim, fora de ação o Princípio de Prazer, ou, em se tratando de uma condição originária, opera no psiquismo antes mesmo que o Princípio de Prazer vir a entrar em ação, precedendo-o tanto logica quanto cronologicamente. O excesso de energia só pode ser percebido como desprazer, ou antes, consiste num acúmulo que não é ainda passível de receber a qualificação de desprazer, o que só se torna possível no plano dialético inaugurado pela entrada em cena do Princípio de Prazer, quando o aumento de excitação se insere na série prazer-desprazer. Trata-se, portanto, no trauma, de um recrudescimento violento da energia psíquica em função da invasão de uma excitação externa, alteritária, estranha ao psiquismo, e de dificil sujeição por este. Tal recrudescimento é da ordem de um mal-estar que se situa para além do desprazer. Sujeitar a excitação: eis a função primordial do psiquismo, situando-se para

além do princípio de prazer, o qual pressupõe a excitação sujeitada (traço psíquico) tendendo à descarga. Ora, dado que o processo de sujeição ocasiona não a descarga mas uma necessária etapa de carregamento súbito, não pode situar-se ao nível do princípio de prazer. A compulsão de repetição, na medida em que representa a forma pela qual o psiquismo insiste em registrar a experiência traumática, constitui a primeira e mais fundamental operação psíquica, mais fundamental e primária do que o Princípio de Prazer, "agindo independentemente dele, e até certo ponto desprezando-o".

Faltava ainda a Freud relacionar a Compulsão de Repetição com a Pulsão: Considerando que a Compulsão de Repetição é a insistência de inscrição psíquica da experiência produzida por um excesso de excitação não-sujeitada e que a fonte de excitação interna (mas externa ao psiquismo) é a pulsão — (conceito-limite entre o psíquico e o somático e que constitui medida de trabalho feita ao psiquismo), decorre que a compulsão de repetição é um efeito direto da atividade pulsional, e tende a repetir o desagradável, do desprazeroso. Após examinar uma situação em que a repetição, como "reencontro da identidade", constituiu-se, ela própria numa fonte de prazer, não contradizendo, portanto, em nada, o princípio de prazer, Freud observa:

"No analisante, pelo contrário, torna-se claro que a compulsão para repetir os acontecimentos de sua vida infantil na transferência, sobrepõe-se, de todo modo, ao princípio de prazer. O paciente comporta-se, a esse respeito, de modo inteiramente infantil, mos-

trando-nos assim que os traços de memória recalçados de suas experiências primeiras não se encontram presentes nele em estado de submissão a uma vinculação psíquica, não sendo, de certo modo, capazes de processo secundário. A essa condição livre devem sua capacidade de formar fantasias de desejo manifestadas no sonho, através da ligação com resíduos do dia. (O grifo da palavra todo é de Freud).^[115]

Poderíamos então dizer que a dimensão ativa do inconsciente recalçado nas formações do inconsciente deriva do que, no inconsciente, se encontra em estado de não-recalcamento (sujeição) absoluto. O inconsciente estaria, assim, sempre situado numa tensão entre o que nele insiste (dimensão ativa, ligada à Compulsão de Repetição e ao estado de não-sujeição-total dos traços) e o que, nele, dá a consistência simbólica do sujeito, aquilo em que consiste o inconsciente, a saber, o conjunto de traços sujeitados, recalçados. De outro lado, temos a tensão entre o que RESISTE à pulsão (a resistência, até aqui situada ao nível do ego inconsciente, ou da parte inconsciente do ego) e o que DESISTE, no sujeito, em face da realização do desejo: a inibição.

[115] Idem, ibidem, p. 245-6.

Freud então enuncia a sua nova concepção da pulsão: longe de consistir numa força produtora de mudança e novidade, a pulsão é a tendência a restaurar um estado anterior de coisas [116]. Essa concepção, Freud evidentemente (em função do desenvolvimento de sua teoria, no texto) a extraiu como consequência da compulsão de repetição. Se a pulsão funciona de modo compulsivamente repetitivo, sua tendência é conservadora. Aqui deparamo-nos com um aspecto interessante: a subordinação formulada por Freud das antigas pulsões do ego (de autoconservação) às recém-introduzidas pulsões de morte. Se o que é vivo tende, por razões pulsionais, a morrer, então a conservação da vida (antigo objetivo das pulsões do ego) constitui apenas uma etapa de um processo pulsional que tende, e que finalmente chega, à morte. As pulsões do ego são, assim, pulsões parciais da pulsão de morte, de forma análoga à que, nos Três Ensaios, Freud propusera quanto às pulsões parciais em relação à libido. O indivíduo, invólucro psicofísico de funções, dirige-se para a morte. É contudo, atravessado pela sexualidade, que opera um desvio nessa tendência, produzindo a criação de uma outra vida para além do próprio indivíduo. As pulsões sexuais, assim, habitam, como gêrmen imortal, a carcaça mortal em que consiste um indivíduo. Freud aqui retoma uma idéia já indicada no texto sobre narcisismo:

[116] Id. *Ibid.*, p. 246.

"O indivíduo leva realmente uma dupla existência: como para servir as suas próprias finalidades e como o elo numa corrente, a qual ele serve contra ou, em todo caso, sem a sua vontade. O indivíduo mantém a sua sexualidade como uma de suas finalidades, enquanto que uma outra consideração mostra que é somente um apêndice de seu germoplasma, à disposição do qual entrega suas forças em troca de uma retribuição de prazer, o portador mortal de uma substância — talvez — imortal, como morgado*, tão-somente o proprietário interino de uma instituição que lhe sobrevive. (*O termo usado por Freud é Majoratsherr, que optamos por traduzir por morgado, cujo significado é herdeiro de uma propriedade ou bem inalienável, indisponível a quem herda, e que só pode ser usufruído)"^[117].

As pulsões sexuais seriam, assim, forças rebeldes à conservação. Entretanto, sua forma de funcionamento é a agregação, a unificação, a conjunção, e Freud chega a enumerar três formas pelas quais as pulsões sexuais seriam conservadoras. Eros é o conservador universal de todas as coisas. Enquanto pulsão de vida, a libido sexual é conservadora. A autoconservação é, assim, pulsão parcial de Eros ou das pulsões de morte? Vê-se que Freud vai, nesse texto, extrair todas as consequências do que introduzira seis anos antes, com o Narcisismo.

[117] Idem, Zur Einführung des Narzissmus, op. cit., p. 45-46.

As pulsões sexuais são, sim ou não, pulsões conservadoras ? On
de situar o que não é erótico no eu ?

A resposta vem, de certo modo, na análise que faz Freud da oposição não entre vida e morte, mas entre amor e ó
dio. Haveria um "concentrado" de pulsões de morte no eu, ori-
ginariamente, num momento anobjetal (e portanto mítico, na medi-
da em que também aneuóico): a criação do objeto decorreria do a
to de EXPULSÃO da PULSÃO de morte inicialmente colada ao eu. Es
sa ex/pulsão (colocação da pulsão para fora do eu, sentido que
se precipita pela escansão que fazemos da tradução, em portu-
guês, ou seja, expulsão, da palavra usada por Freud herausge-
drangen) cria o objeto — o não-eu — cuja re-apresentação simbó-
lica constituirá o eu. Só poderia haver reapresentação, por-
tanto, de algo que fora expulso, tendo havido expulsão, perda
daquilo que, por então ser perdido, torna-se, chama-se o objeto.
É por esta razão que, em psicanálise, todo o objeto, a rigor,
é perdido, decorre de uma colocação para fora do eu.

"Sim, podemos dizer que o sadismo expulso do
eu delinhou o caminho para os componentes li
bidinais da pulsão sexual, e que foi por e
les seguido até o objeto"^[118].

A representação do objeto expulso é a condição de pos
sibilidade de inscrição, no que então se torna o eu, do objeto
perdido, expulso, na forma de um traço, um vazio na consistên

[118] Idem, ibidem, p. 262-263.

cia imaginária do corpo do sujeito, um buraco simbólico no corpo. Aqui se insere a temática da sujeição da excitação de que tratava Freud na exposição de sua teoria do trauma, ao introduzir a compulsão de repetição. Sujeitar a excitação excessiva e traumática, o gozo da pulsão de morte no eu, equivale, assim, a tornar sujeito o objeto, subjéti-vá-lo mediante sua expulsão intercorrente. O sadismo originário (expulsão do objeto no ato de sua criação) abre o caminho em direção ao objeto para que a sexualidade o persiga e atinja. A pulsão de morte serve, assim, aos propósitos (e à ética) de Eros. Na fase originária (oral canibalística, como diz Freud), domínio e destruição do objeto coincidem. Não há, nesse momento lógico, portanto, possibilidade de expulsão: toda tentativa de chegar ao objeto resulta inexoravelmente na sua incorporação. Ver, a esse respeito, o Gráfico que construímos a partir de Die Verneinung, de Freud, na página adiante.

III.4.2. O Eu e o Isso

Nossa longa incursão na obra de Freud através de três dos seus mais importantes momentos teóricos em relação à teoria das pulsões — Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Introdução do Narcisismo e Além do princípio de Prazer — teve como objetivo identificar os indícios da presença, nas diferentes formas tomadas pela teoria das pulsões, da dimensão do não-sexual, como necessário "para-além" da sexualidade.

Desenhamos, assim, ao longo dessa trajetória, um mapa

do não-sexual, demonstrando que, embora Freud só tenha explicitado e sistematizado essa dimensão no terceiro tempo considerado — Além do princípio de Prazer — ela já se encontrava presente, através de notas de rodapé, trechos modificados, embaraços, contradições e impasses, que rastreamos nos momentos anteriores.

Alguns marcos cruciais da elaboração teórica freudiana na posterior a Além do princípio de Prazer, contudo, exigem agora nossa atenção, na medida em que, neles, Freud, precisamente, abordará a questão da constituição do eu a partir do ISSO. Já tendo formulado a sua terceira teoria pulsional em torno das pulsões de vida (EROS) e de morte (THANATOS), vai, com muito maior contundência, abordar as relações do sexual com o não-sexual, a constituição do sexualizável a partir do não-sexual, ou, se quisermos, a constituição do eu a partir do não-eu, ou ainda, do isso.

A terceira teoria pulsional foi o fator mais importante para a produção do que se convencionou chamar de "segunda tópica" de Freud, ou seja, a teoria do aparelho psíquico e seu funcionamento apresentada em "O Ego e o Id", em 1923. Note-se que é nesse texto que Freud introduz a categoria de ID, ou, como preferimos chamar, acompanhando o original alemão, ISSO, em contraposição do EU, termo que, pela mesma razão, deve ser preferido em relação a ego. Não é por acaso que, três anos após a formulação, em termos pulsionais, da dimensão do para além do sexual, Freud recrie a sua topologia psíquica em torno de duas estruturas fundamentais, o EU e o ISSO, ou, como pretendemos desenvolvê-los, a estrutura sexual e a não-sexual.

A reviravolta produzida por Além do princípio de Prazer, que, como procuramos demonstrar, veio na verdade conferir a toda a psicanálise tal como fora até então elaborada um estatuto teórico mais consistente à sua radicalidade e tem sua mais forte impelência no plano real da clínica, tornava necessária uma nota teoria topológica da subjetividade. Assim, se "segunda tópica" é uma expressão que se refere a todo o conjunto de obras ditas "metapsicológicas" que se iniciam com a publicação do "Além", concerne, no sentido mais precisamente tópico, ao texto "O Eu e o Isso", sob exame.

Era necessário retrazar as relações entre as instâncias recalcentes, o recalcado e as instâncias pulsionais. Freud confrontava-se com duas constatações: 1) o inconsciente é estruturado como um conjunto organizado de traços mnêmicos — coisa que, desde a Traumdeutung, já explicitara; 2) o inconsciente é maior do que o referido conjunto — aqui denominado "o recalcado", incluindo o que não é passível de sujeição ao recalcamento, o que é da ordem da compulsão de repetição, o que se situa para além do sistema simbólico de traços recalcados, como um ponto de fuga, um limite, um confinamento nesse sistema, que, sob a forma de buraco, o faz funcionar.

Assim, Freud começa com o que se poderia considerar uma "refutação popperiana" de suas assertivas da primeira tópica, em que fazia coincidir o que era da ordem de um eu consciente (e pré-consciente) com o "topos" psíquico produtor do recalcado. Começa por identificar uma "parte inconsciente do eu" — "e sabe Deus que parte importante", diz Freud (op. cit., p.287).

Podemos resumir isto numa proposição lógica: "Tudo que é recalcado é inconsciente mas nem tudo que é inconsciente é recalcado". O que, do inconsciente, não é recalcado? De um lado, o que é recalcante e, de outro, o que escapa, por definição, à ordem do recalcado. Freud abre, assim, a via para a postulação de um eu inconsciente, por um lado, e daquilo que chamará, no segundo capítulo da obra, o ISSO.

Para o que começa pela questão: "como algo se torna consciente?", à qual poderíamos acrescentar um desdobramento: como algo vem a se tornar inconsciente, isto é, entrar no regime do recalçamento? Responde Freud: transformando-se em percepções através do sistema Pcpt. - Cs. e recebendo, do sistema pré-consciente, os enlaces verbais intermediários, os Wortvorstellungen, os resíduos de palavras que foram ouvidas e que deixaram atrás de si os traços mnêmicos. Logo, uma palavra, ao sofrer recalçamento, necessariamente perde a dimensão de significação que tinha no Outro, enquanto ainda não subjetivado (situação prévia ao recalçamento). Há, assim, sempre uma dimensão de perda no recalque, em cujo registro a representação de coisa (Sachsvorstellung) dissocia-se da representação de palavra (Wortvorstellung). Se o recalque originário se dá, por ser fundador do próprio inconsciente, no plano de uma consciência mítica, anterior a divisão consciente-inconsciente, é porque consiste numa perda de sentido, perda de um gozo de sentido e de um gozo sentido.

A captação, pela consciência, do que é inconsciente se dá, assim, como uma percepção, e por via da linguagem: o incons

ciente é percebido como algo externo à consciência e pela via de enlaces verbais interpostos entre o impulso inconsciente objeto da percepção e sua representação final na consciência. Diferentemente do trajeto ideativo por associações de elementos de linguagem, das apreensões do inconsciente pela consciência, que impõem o pré-consciente como elo intermediário necessário à significação, a percepção interna, diz Freud, é sempre de sensações e sentimentos, que são sempre apreendidos no interior do gradiente dado pela série prazer-desprazer. Essa consideração dá a Freud a oportunidade para uma interessante observação: na da há de impelente no prazer: uma percepção interna de puro prazer não existiria, porquanto não viria a ser constituir como percepção. É preciso que haja retenção, impedimento a descarga, interrupção nos fluxos diretos, (logo produção de algum grau de desprazer) para que algo seja percebido desde dentro. Freud designa isto como precisamente "um algo", do qual a consciência só percebe os efeitos de tensão. Essa noção estará na base da problemática expressão "sentimento inconsciente de culpa". Os sentimentos, diz Freud, ou são conscientes ou inconscientes, não necessitam de elos intermediários de linguagem para serem percebidos. No lugar disto, necessitam de um bloqueio na descarga que é sentido como desprazer.

Mas Freud percebe que a noção de um "sentimento inconsciente" é problemática:

"De um modo abreviativo e não inteiramente correto, falamos então de "sentimentos inconscientes", sustentando uma analogia com as representações inconscientes que não é in

teiramente justificável. A distinção é particularmente que, para a representação, devem primeiro, ser criados vínculos de ligação para trazê-las ao sistema Consciente, ao passo que, para os sentimentos, que são transmitidos diretamente à consciência, isso não ocorre. Em outras palavras, a distinção entre inconsciente e pré-consciente não tem, para os sentimentos, nenhum sentido - o psíquico aqui fica de fora; os sentimentos ou são conscientes ou inconscientes. Mesmo quando ligados a representações de palavra, não devem a elas o seu tornar-se consciente, fazendo-o diretamente"^[119].

Se nada há de impelente no prazer, no desprazer há no mais alto grau. Evocamos aqui a questão da consciência e da consciência de si em Hegel. Para que a consciência se torne consciência-de-si ou auto-consciência (Selbstbewusstsein), é condição de possibilidade que se tenha estabelecido uma relação entre o sujeito e um objeto faltoso, ausente, da qual resulte um desejo (Begierde), um anseio. O que mantém a consciência desdobrada sobre si mesma (tendo o próprio fato de estar consciente como objeto) é a falta do objeto de desejo. Toda a questão da dialética antropogênica, que engendra o desejo antropogênico na constituição da autoconsciência, gira em torno do princípio da negatividade, que se articula, intimamente, com o estatuto da falta. Não entraremos em maiores considerações, aqui, na

[119] Idem, Das Ich und das Es, in Studienausgabe, Bd. III, p. 291.

dialética hegeliana da antropogênese, remetendo o leitor à obra em que o filósofo a desenvolve^[120]. O que pretendemos é estabelecer uma relação entre o caráter impelente do desprazer, em Freud, tal como o postula no Eu e o Isso, e o fato de que a passagem da consciência para a auto-consciência em Hegel pressupõe igualmente uma dialética de falta, negatividade, luta. Trata-se, para Freud, do "tornar-se consciente", ou seja, de uma consciência que não seja pura evanescência e fugacidade, como seria o caso quando ela está em presença do objeto de prazer, no qual se exaure, mas que se constitua como uma consciência-consciente de si. Levando a analogia mais longe, diríamos que uma tal consciência é, em Freud, necessariamente contraposta ao inconsciente, que lhe é assim, condição lógica de constituição. Sem o recalçamento, e a conseqüente produção de desprazer derivada da retenção de "algo" ("Anderes", como escreve Freud), não haveria nem inconsciente, nem consciência. O princípio de prazer é dialético, funda-se na dialética entre prazer e desprazer, prazer e realidade, presença e ausência do objeto.

Retornando ao texto de Freud, temos que o eu, assim, tem início no sistema perceptivo, que é seu núcleo, abrange o Pcs., e é adjacente aos resíduos mnêmicos. Mas o eu é também inconsciente.

Fundamentalmente, contudo, o eu é passivo: é vivido por forças que lhe são estranhas. Para abordar essas forças,

[120] Hegel, G.W.F. - La Phénoménologie de l'esprit, op. cit.

Freud faz apelo a um autor que criou um conceito e uma teoria sobre esse conceito, sem preocupações científicas e sem saber da teoria freudiana, ao criá-lo. Trata-se de Georg Groddeck, e o conceito criado é o ISSO^[121]. Freud observa que o termo remonta a Nietzsche, que o "utilizava para designar o que é da ordem do impessoal na natureza humana".

O Isso é assim o lugar, no psiquismo, de onde provêm as forças que habitam e "vivem" o eu. Cavalos cujo ginete é o eu, numa metáfora de Freud que é, sistematicamente, distorcida em seu sentido na maioria dos autores que a citam com o propósito de psicologizar o "eu" em sua retomada por Freud em "O eu e o isso". A distorção chega a transformar o sentido da metáfora em seu oposto e a estratégia é transcrever apenas a primeira parte da comparação de Freud, em que ele relaciona o eu ao ginete e o isso ao cavalo, dando, assim, a compreender que o eu controla o isso (por Groddeck definido como "incontrolável", atributo que é retomado por Freud). A continuação da frase freudiana, contudo, desfaz o equívoco (mas não é jamais citada pelos referidos autores, adeptos da psicologia do "ego"): transcreve-mo-la abaixo, grifando a parte elidida:

"Em relação ao isso (o eu) assemelha-se a um cavaleiro que deve dominar a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro procura fazê-lo com suas próprias forças,

[121] Groddeck, G. - Le livre du Ça, Paris, Gallimard, T.E.L., 1963.

e o eu com forças emprestadas. Essa semelhança pode ser levado um pouco além: como, para o cavaleiro, não querer separar-se do cavalo o obriga frequentemente a conduzi-lo para onde este quer ir, há também assim para o eu o hábito de transformar a vontade do isso em ação, como se ela fosse a sua própria vontade"^[122].

O eu, portanto, controla a motilidade que serve aos propósitos do isso, mas não controla, por essa mesma razão, o isso. Controla a motilidade, e é estruturalmente vinculado à imagem do corpo: o eu é a projeção da superfície do corpo, e é "primeiro e acima de tudo, eu eu corporal", frase com que Freud abre e fecha um trecho de seu escrito, em cujo desenvolvimento trata da questão de que, segundo a psicanálise, não existe uma hierarquia de valores (dos mais baixos aos mais elevados) a ser transposta para supostos níveis de uma hierarquia tópica: o que é mais elevado (moral ou intelectivamente) estaria correlacionado aos "estratos" mais elevados do psiquismo (consciência) e do eu; o que é mais baixo (paixões, impulsos), estaria o mais longe possível do eu consciente, no mais profundo inconsciente. A psicanálise decepciona quanto a essas expectativas.

Se o eu tem, por relação ao isso, uma posição de passividade, e, por relação a toda a topologia psíquica, a condição estruturalmente imaginária de ser a "projeção de uma superfi-

[122] Freud, S. Das Ich und das Es, op. cit., p. 294.

cie" nas palavras de Freud, manterá a mesma posição por relação as demais instâncias tópicas: as instâncias ideais, o su pereu e o ideal do eu.

Embora Freud, nominalmente, identifique supereu a i deal do eu, desde o título do terceiro capítulo de "O Eu e o Is so", a saber "O eu e o supereu" (ideal do eu)", a forma como trabalhará, ao longe dessa obra, os dois conceitos, mostrará as suas diferenças.

De que forma Freud introduz a instância ideal? Ele o faz através da dialética da ligação erótica e da identificação. Já o havia feito (em Luto e Melancolia, por exemplo) mas o que há de novo, diz Freud, é que o ideal do eu não é uma instância consciente: pelo contrário, encontra-se afastado dela.

A identificação primordial, anterior até mesmo ao pri meiro laço erótico, é uma identificação ao Pai. Essa idéia foi introduzida em "Psicologia das Massas e Análise do EU", no ca pítulo VII, intitulado "Identificação". É essa identificação que se encontra na origem mesma do ideal do eu, como condição estrutural da possibilidade de sua constituição:

"Isso nos reconduz à origem do Ideal do Eu, pois atrás dele esconde-se a primeira e mais significativa identificação de um indivíduo, aquela que se faz com o Pai em sua pré-histó ria pessoal. Isso parece, a princípio, não ser a consequência ou o resultado de uma in vestida no objeto, mas uma (identificação) di reta e imediata, e mais precoce do que qual quer investida em objetos. Mas as escolhas

de objeto pertencentes ao primeiro período sexual, relacionadas com o pai e a mãe, pa-
recem encontrar seu desfecho numa identifica-
ção similar que, assim, reforçaria a primá-
ria"^[123].

Esse laço identificatório primordial com o pai é dire-
to e imediato (termos por nós grifado na transcrição acima) e
não resulta de processo identificatório devido ao luto pela per-
da do objeto, pois antecede qualquer escolha de objeto. De que
"pai" se trata nessa identificação? Que quer dizer Freud com
"pai", na pré-história pessoal, senão uma instância simbólica
paterna, o conjunto das determinações simbólicas (e simbolicamente
hereditárias) que incidem sobre o sujeito de saída, antes
de qualquer relação de objeto que venha a estabelecer. Essa i-
dentificação tem relações, no mais alto grau, com a teoria so-
bre a função paterna desenvolvida por Freud em Totem e Tabu. O
pai de que se trata, não sendo de forma alguma o pai da reali-
dade (o que fica evidenciado pela alusão feita por Freud ao pai
e à mãe como objetos de ligação erótica posterior, cuja identi-
ficação resultante da perda e luto reforçariam a identificação
primária, que, contudo, teria que estar inscrita na estrutura
para que a secundária viesse a ocorrer, no segundo trecho por
nós grifado da transcrição acima), é o significante, o signifi-
cante paterno, o Nome-do-pai, ou seja, o nome que vem no lugar

[123] Idem, ibidem, p. 298-299.

do pai do gozo, ou ainda, o pai, mas já morto.

Nesses pontos da obra freudiana a referência simbólica, estrutural, ao significante, pela vertente de uma referência ao pai claramente distinto do indivíduo genitor, torna-se extremamente clara. Consideramos que é má leitura de Freud que conduz à dissipação desta referência em alguns autores pós-freudianos, em particular os kleinianos, e destacadamente Fairbairn, Winnicott, Balint e Kohut, no seu movimento psicologizador que consiste em tomar a referência triádica, portanto estrutural, de Freud, tendo sempre como elemento regente a linguagem, e o inconsciente como seu lugar psíquico, como a região profunda do que acaba por ser um puro dueto interpessoal ou interobjetal — a relação interindividual mãe-bebê, na qual o terceiro, entendido como um indivíduo a mais (portanto de mesmo patamar lógico que os demais personagens introduzidos no palco anteriormente) e não como termo estruturante, como tal externo ao conjunto estruturado porém nele representado, viria apenas juntar-se.

Assim, se o eu é um precipitado de ligações eróticas objetais abandonadas, se é um cemitério de objetos que foram amados, a história dos amores do sujeito, sua estruturação depende, contudo, que, no plano inconsciente, sub-jaça o ideal do eu, representante de sua referência identificatória primordial à vertente simbólica do Pai, do Nome (significante) do Pai, sua pertinência à ordem inconsciente dos seres falantes, aos quais é interdito, como impossível, o gozo absoluto.

Há uma grande aproximação entre as instâncias ideais, que representarão as exigências culturais mais elevadas, e a

vida pulsional do Isso. Essa relação, inaudita no campo do saber, rompe com antinomias do tipo "bem" x "mal", "baixo" x "elevado", "imoral" x "Moral". Contrariamente ao que parece (sobretudo nas leituras rasas, psicologicantes e moralizantes de Freud), a teoria do supereu mostra precisamente que não é no eixo da moralidade que convém, freudianamente, entendê-lo. Se o supereu representa a interdição, as exigências culturais e éticas, se é ele próprio uma poderosa formação reativa contra os impulsos incestuosos mais "primitivos", é na medida em que também os representa psiquicamente. O supereu mantém relações mais íntimas com o isso do que o eu, e do que com o eu.

É dessa familiaridade, dessa cumplicidade, por assim dizer, entre o supereu e o isso, que o primeiro extrai a sua força, sua crueldade e sua severidade. Se o supereu é lugar de interdição, é primordialmente lugar de gozo: "O supereu pode tornar-se hipermoralístico, e assim tornar-se tão cruel quanto só o Isso (pode ser)" [124].

E, dado que o supereu resulta de uma identificação com as figuras parentais, com as quais o isso mantinha as relações pulsionais mais intensas, resulta, da identificação igualmente intensa, uma des fusão pulsional, fator condicionante da dessexualização intercorrente: "Dessa desintrincação deriva o caráter completamente duro e cruel do Ideal, manifesto no categórico deverás" [125].

[124] Id., *ibid.*, p. 320.

[125] *Idem*, *Ibidem.*, p. 321.

É da própria pulsão que o supereu extrai suas forças, através de seu canal aberto com o isso. Uma lei é tão mais se vera e impiedosa quanto mais permeável ao gozo (mortífero) da pulsão. A lei é a contraface do gozo, como o pudor da obscenidade^[126]. O recuo (simbólico) diante do gozo pela intermediação do desejo consiste antes num deslocamento, acompanhado de perda (de gozo), tanto da posição propriamente aderida ao gozo quanto da posição de adição à condenação moral, na qual o gozo não é de forma alguma perdido. É o que diz Freud em Totem e Tabu, ao aproximar a consciência moral de uma condição em que houve não recalque mas rejeição (algo, portanto, de natureza psicótica): "A consciência moral é a percepção interna da Verwerfung de certos desejos que experimentamos^[127]".

O ideal do eu, na vertente do desejo e do amor de si (narcisismo) projetado na dimensão temporal e histórica da vida do sujeito, portanto em seu vir-a-ser, é a face "recuada do gozo", pelo viés do recalque e da conseqüente inserção na ordem sexual, das instâncias ideais. O supereu, enquanto representa uma interdição ditatorial ou um imperativo categórico, ambos representando uma perigosa proximidade entre Real e Simbólico, é a face "gozosa" dessas mesmas instâncias ideais. A fonte de ambas essas faces é a pulsão, dependendo de sua articulação com as dimensões do sexual ou do não-sexual, eixo de nosso capítulo, que o resultado preponderante seja a constituição de um ideal do eu amoroso ou de um supereu odioso, essas dimensões não se excluindo no sujeito, mas configurando-se co

[126] Pommier, G. - L'ordre sexuel, Paris, Point Hors Ligne, 1991, p. 85.

[127] Freud, S. - Totem und Tabu (Einige Überinstimmungen in Seelenleben der Wilden und der Neurotiker) (1912-13), in Studienausgabe, Band IX, pág. 358. Esta mesma citação é retomada na página 243 (adiante) desta Tese, em contexto diverso.

mo mais ou menos pregnantes segundo a estrutura da subjetividade.

O eu, na constelação tópica, é fraco. Aqui, mais uma vez, deparamo-nos com os perigos da psicologização, sempre iminentes na psicanálise. Pois é coisa bastante difundida na psicanálise atual a idéia de um eu forte, ou de um eu fraco. Procura-se fundamentar tal concepção da compleição do eu em palavras de Freud, que afirma que, quando da identificação primordial que deu origem ao supereu, o eu "ainda era fraco". Com efeito, Freud faz menção a um processo em que o eu "na medida em que fica mais forte, pode tornar-se mais resistente às influências de tais identificações^[128]. Trata-se da influência da identificação primordial que deu origem ao supereu, por intermédio das identificações com objetos do isso, que foram abandonados e substituídos pelo próprio eu, que se oferece como objeto, ele próprio, ao amor do isso, reforçando-se. A força crescente do eu é, portanto, produto de identificações imaginárias com objetos abandonados pelo isso, que dirige então seus investimentos libidinais agora para o eu.

"Quando o eu assume as características do objeto, impõe-se forçosamente, a si próprio, como objeto de amor para o isso procurando, restituir-lhe por sua perda, como se dissesse: "Veja, você também pode amar-me, sou tão parecido com o objeto"^[129].

[128] Freud, S. - Das Ich und das Es, op. cit., p. 315.

[129] Id. Ibid., p. 297-8.

De modo algum Freud estaria falando de um eu forte que se oporia a um eu fraco, em função de maior ou menor corpulência, num modo de conceber as coisas que privilegiaria a força constitutiva do eu. O eu é, estruturalmente, fraco, sobretudo por relação aos seus senhores, o isso, e o supereu. Torna-se "mais forte" na medida em que assume características, por identificação, da imagem dos objetos. Na definição psicanalítica da identificação, dada por Lacan, temos: "Basta entender identificação no sentido pleno que a análise dá a este termo: a modificação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem" [130].

É de sua posição eminentemente fraca que decorre a sua assujeitamento ao complexo paterno (Vaterkomplex), nome freudiano que Lacan (em seu trabalho titânico de formalização rigorosa da psicanálise freudiana) denominará a metáfora paterna. Sobre o complexo paterno, Freud escreve: "Ele é o registro da antiga fraqueza e dependência do eu, e o eu maduro permanece sujeito a sua dominação" [131].

Ainda que não mais "infantil", fenomenologicamente, o eu (sempre infantil, estruturalmente) permanece sujeito ao supereu por força do complexo paterno do qual esta instância se originou.

O que Lacan virá a conceituar como metáfora paterna [132] constitui uma formalização rigorosa do Complexo de Édipo em

[130] Lacan, J. - Le Stade du miroir, comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique - op. cit., p. 94.

[131] Freud, S. Das Ich und das Es, op. cit., p. 315.

[132] Lacan, J. - D'une question préliminaire a tout traitement possible de la psychose, in Écrits, Paris, Editions du Seuil, 1966, p. 557.

Freud, sobretudo na configuração avançada que esta estrutura adquire com a introdução, na segunda tópica, do superego, tanto como pré-condição à constituição do complexo (complexo paterno, identificação primordial ao Pai entendido como um não-objeto mas como uma instância) quanto na condição de herdeiro, resultado, produto da operação edípica. Retomaremos, no capítulo seguinte, a formalização lacaniana da metáfora paterna.

Por ora, cumpre ainda que ressaltemos o aspecto mais notável do isso, tal como Freud o concebe. Mais uma vez, aqui, encontramos um dos pontos nevrálgicos da teoria psicanalítica, aqueles que, como temos assinalado ao longo deste trabalho, prestam-se com mais facilidade aos reducionismos psicologizantes. Via de regra, considera-se (e assim se transmite no ensino da psicanálise) que o isso é a parte do psiquismo mais próxima da vida instintiva, no sentido em que instintivo significa animalesco, vitalista, natural. Trata-se do mesmo uso que se faz do conceito de pulsão, por Freud bastante aproximado do de isso. Psicologizar e biologizar, aqui, coincidem: em ambos os casos, trata-se de fazer com que a topologia freudiana recubra um aparelho circunscritível na unidade psicofísica individual e suas funções.

Ora, o que Freud atribui ao Isso, textualmente, interdita, de saída, uma tal leitura:

"A questão é a seguinte: quem adquiriu em seu tempo religião e moralidade a partir do complexo paterno, o Eu do primitivo ou o seu Isso? Se foi o Eu, por que não falamos simplesmente em transmissão no Eu? Se o Isso,

como se concilia isto com o caráter do Isso? A reflexão subsequentemente nos mostra que o Isso não pode sofrer ou experimentar nenhuma vicissitude exterior senão por intermédio do Eu, que é o substituto do mundo externo, para o Isso. Mas não se pode efetivamente falar de uma transmissão hereditária direta no eu. Aqui abre-se o abismo entre o indivíduo concreto e conceito de espécie. As experiências do Eu parecem, a princípio, perderem-se para a herança, mas se elas se repetem com grande frequência e intensidade em muitos indivíduos e em gerações sucessivas, elas se convertem, por assim dizer, em experiências do Isso, no qual as impressões herdadas são conservadas. Assim, alojam-se no Isso, que é herdável, resíduos da existência de inumeráveis Eus, e quando o Eu faz nascer no Isso o seu Supereu, talvez apenas traga de novo à luz antigas estruturas do Eu, ressuscitando-as"^[133].

Se neste trecho não se trata de uma dimensão transindividual, transgeracional, alteritária, do isso, então de que fala Freud? Sua alusão explícita é a filogênese, no contexto considerado. Entretanto, Freud sempre recusou as démarches teóricas que, em nome da psicanálise (ou de variantes, como é o caso da psicologia analítica de Jung) tomaram a filogênese, ou a herança da espécie, no plano literal de uma transmissão através

[133] Freud, S., "Das Ich und das Es" (1923), op. cit., p. 305).

das gerações por via genética, do que resultam caracteres hereditários inatos, parte, portanto, do patrimônio individual. O que se destaca, nesse trecho que transcrevemos, é que Freud estabelece um abismo entre o indivíduo e a espécie, e não uma continuidade, por assim dizer, genética. Se há um abismo, ruptura, descontinuidade, é porque Freud trata de duas ordens diferentes, irreduzíveis entre si. Se as chama de ontogênese e filogênese, parece-nos secundário. A interpretação simbólica, nos parece, nesse contexto, freudianamente muito mais fecunda, porquanto interdita a reabsorção do que é da ordem da herança pelo que é da ordem do indivíduo, do eu. A hereditariedade que interessa à psicanálise é a hereditariedade simbólica, a que se transmite pela via do significante, e não pela via do gen. Isso aproxima o isso da ordem simbólica, à qual, entretanto, ele tão pouco é assimilável. Transindividual, alteritário como a pulsão, o isso resiste, escapa, mantém-se inassimilável à ordem simbólica, do significante. Temos, portanto, de um lado, o Isso, a ordem pulsional, e, de outro, a Linguagem, como as duas vertentes transindividuais da alteridade radical em face da qual o eu se constitui.

Ainda no mesmo sentido, a propósito das relações recíprocas do isso e do supereu em face do eu, Freud escreve:

"O ponto de origem das primeiras investidas no objeto, pelo Isso, portanto do Complexo de Édipo, significa, contudo, ainda mais para o supereu. Ele o traz, como já mostramos, em relação com as aquisições filogenéticas do Isso e o faz para a reencarnação de antigas

estruturacoes do Eu que tinham deixado no Is so seus sedimentos. Desse modo, o supereu esta sempre próximo ao Isso, representando-o para o Eu. Ele mergulha fundo no Isso e as sim acha-se mais disntante da consciência que o eu"^[134].

Para os objetivos do presente capítulo, a questão que se coloca é: como se articula, na segunda tópica, a dimensão do não-sexual? Ao postular o ISSO como lugar inconsciente, mas não do sistema inconsciente (recalcado) de onde emanam os impul sos, lugar essencialmente pulsional, irredutível à simbolização, lugar real por excelência, será que Freud estaria situando-o co mo o lugar do sexual? A resposta a esta questão pareceria demasiado óbvia: "Sim, claro, o isso é o lugar da pulsão, e portanto do sexual, da libido". Entretanto, não é assim.

Se fizermos coincidir o sexual com o pulsional, estare^u mos, não só desconsiderando tudo o suporte da psicanálise esta belecido a partir de 1920 em Além do princípio de prazer, em que as Todestriebe são formuladas como as pulsões por excelência, como também estaremos considerando o sexual como uma ordem de natureza primária, como algo que seria pulsionalmente dado, de saída, e não o resultado de uma articulação.

Seria o sexual idêntico ao erótico, ao que concerne ao domínio de Eros, a pulsão agregatória, conjuntiva? Ou de

[134] Idem, ibidem, p. 315.

corre ele de uma intrincação pulsional entre Eros e a pulsão de morte? Para Freud, o melhor exemplo da intrincação ou fusão pulsional é o sadismo erótico, no qual a dimensão propriamente sexual emerge como resultado de uma contribuição necessária da pulsão de morte, a qual associa-se a libido, que, através de seus componentes, segue o caminho delineado pelo sadismo originário que, uma vez expulso do eu, aponta o objeto. Não se pode amar o que não está fora do eu, o que não é um objeto. Assim, o sexual já é o fruto da combinação do erótico com o tanático.

O eu, portanto, retira as pulsões de si (ou do isso, do qual deve diferenciar-se, em lugar do qual deve advir - "On de isso era, deve o eu devir" - na medida em que, na origem, nem o eu se diferencia do objeto, nem as pulsões encontram-se distintas entre si.

O processo de sexualização do que é da ordem do não sexual segue linhas combinadas e até certo ponto contraditórias: o eu retira as pulsões do isso e as sexualiza em relação a objetos, quando esses são expulsos de si. Primeiramente, a pulsão é "no" isso, mas só se sexualiza pelo ato de ocupar (besetzen) um objeto, o que pressupõe a passagem pelo eu - que contraditoriamente representa uma dessexualização, e serve à pulsão de morte, ou seja, de novo, ao não-sexual.

Essa contradição encontra-se expressa no texto de Freud: Tanatos é a pulsão muda, silenciosa. Eros é, em contrapartida, ruidoso. O clamor da vida procede de Eros... e da luta contra Eros! O princípio de prazer serve ao isso como bú

soa para orientar a descarga, mas toda descarga erótica, propiciada pelo isso acaba por servir à pulsão de morte: a ocupação de um objeto por Eros, na medida em que põs Eros fora do eu, deixa no eu, espaço a ser ocupado por Tanatos.

"Somos levados a concluir que as pulsões de morte são essencialmente mudas e que o clamor da vida procede de Eros.

E da luta contra Eros! Não devemos evitar a idéia de que o princípio de prazer serve ao Isso como uma bússola na luta contra a libido, que traz perturbações no decorrer da vida. (...) O isso defende-se, guiado pelo princípio de prazer, pela percepção do desprazer, por vários caminhos. Primeiro, por condescender o mais rapidamente possível com as exigências da libido não dessexualizada, portanto pelo esforço em satisfazer as tendências sexuais diretas (...) após a eliminação de Eros através da satisfação, as pulsões de morte ficam com as mãos livres para realizar os seus propósitos"^[135].

Essa questão é tal forma espinhosa para Freud que mereceu um Apêndice ao texto "O Eu e o Isso" na Standard Edition inglesa, intitulado "O grande reservatório da libido", em que o editor inglês discute, em vários pontos da obra de Freud, se a final é o eu (como indicado em "Para introduzir o narcisismo", por exemplo) o lugar primordial de onde procedem os investimentos pulsionais eróticos (da libido) ou o isso, como sugerido no texto O eu e o isso, por exemplo).

[135] Id. Ibid., p. 313.

Diríamos, concluindo, que o isso é o lugar da pulsão. Enquanto não articulada ao inconsciente, a seus traços e às imagens do objeto, a pulsão é de morte. Na medida em que a articulação significante se produz, a pulsão, então tornada erótica mas ainda operando na disjunção entre o isso e o eu, inicia o processo de sexualização. Este processo, contudo, requer que, abandonando sua forma inicialmente compulsiva, agregatória, incorporadora, Eros encontra o ponto-de-basta representado pela ex/pulsão do objeto, efeito da pulsão de morte. É preciso que a pulsão não esteja ocupando, ou antes, esteja não-ocupando o objeto, para que se dê a sexualização pulsional. Se a pulsão de morte é eminentemente compulsiva, é ela também que permite uma suspensão da compulsão erótica, pelo viés da expulsão (Ausstossung) do objeto.

Temos ainda, uma dupla oposição, em que cada par de o postos contém, além da oposição entre seus dois termos, uma antinomia interna a cada um: é do caráter da pulsão de morte ser compulsiva, engendrar a compulsão de repetição, veio, aliás, pelo qual Freud chegou a nomeá-la. Entretanto, é a pulsão de morte que faz o corte na atividade (compulsivamente) agregatória de Eros, através do ponto-de-basta ocasionado pela expulsão (ex/pulsão) do objeto, no plano do sadismo originário. Cria-se, assim, no próprio eixo da pulsão de morte, uma antinomia: caráter compulsivo e disruptivo a um só tempo, conservador e produtor da irrupção do novo. Por outro lado, a nível de Eros, temos a atividade unificadora, agregatória, organizadora, responsável pela quebra da continuidade da morte pela irrupção da vida, de caráter, portanto, descontínuo. Entretanto, Eros, desintrinca-

do da incidência disruptiva da pulsão de morte, visa a conservar suas organizações, estabilizá-las, e torná-las cada vez mais complexas, num movimento evolutivo e portanto preservador - conservador do mesmo.

Mas, mesmo assim caracterizados, num esforço de tornar inteligíveis essas complexas relações de duplicidade, antinomia e oposição, ainda não chegamos a uma aproximação satisfatória das relações entre pulsão de vida e pulsão de morte, pois, se gundo a forma como as situamos, depreenderíamos que as relações entre as duas seria de ordem dialética, e portanto que estaríamos tratando com categorias patamarizáveis, de mesmo nível lógico, quando não é esse o caso. A seguir com maior rigor a lógica introduzida por Freud entre as duas classes de pulsões, verificamos que a pulsão de morte constitui o plano do mais: a lém de Eros, e não simplesmente seu oposto dialético. A rigor, Eros introduz uma dialética, enquanto que a pulsão de morte, em seu caráter eminentemente mudo e disruptivo, a um só tempo, representa o que não é da ordem do dialetizável.

Essa complexidade na relação entre as pulsões transpõe-se para o plano tópico, no qual recria os mesmos problemas nas relações entre o eu e o isso. O isso, como lugar da pulsão, conteria, simultaneamente, as pulsões já diferenciadas em Eros e pulsão de morte? Não seria essa uma compreensão ingênua, supor que as pulsões se dão, originariamente, em duas classes? Por mais de uma vez em sua obra, Freud assevera que as pulsões, de início, são indiferenciadas, sendo necessária a operação de ocupação de traços ou objetos para que algum diferencial se pro

duza. Ele o afirma já em relação à diferenciação proposta em "Para introduzir o narcisismo" (op. cit.), entre libido do eu ou narcísica e libido do objeto.

"Finalmente concluímos, para a distinção das energias psíquicas, que elas a princípio, na situação narcísica, encontram-se em conjunto e, do ponto de vista de nossa análise, de masiado grosseira, são indistinguíveis, e que somente com a investida no objeto torna-se possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu (...)"^[136].

Retoma a mesma advertência, mais adiante, no mesmo texto:

"Para a aceitação de uma separação entre as pulsões sexuais e outras, as pulsões do Eu, muitos aspectos são favoráveis, além de sua utilidade para a análise da neurose de transferência. Admito que somente esta ponderação não seria inequívoca, pois poderia tratar-se de uma energia psíquica indiferenciada que somente se converteria em libido através do ato de investir um objeto"^[137].

Assim, de início, haveria uma suposta pulsão indiferenen

[136] Idem, Zur Einführung des Narzissmus, op. cit., p. 44.

[137] Ibidem., p. 44.

ciada no isso. Incidentalmente, convém observar que o isso não é, a rigor, uma instância inata para Freud, que a situa no plano de ancestralidade, "reunião da experiência de incontáveis eus", como assinalamos anteriormente. Em Lacan, o caráter não-individual da pulsão será mais claramente articulado: a pulsão será a relação conjuntiva-disjuntiva do sujeito do inconsciente com a demanda do Outro: § \diamond D.

A pulsão, inicialmente indiferenciada, na instância aliteritária e extrínseca ao indivíduo que é o isso, fará, antes e acima de tudo, um laço identificatório com o significante paterno, como Freud nos ensina. No nível da ancestralidade que caracteriza o isso, esse laço contém a referência à morte do Pai, porquanto é um laço ao Nome-do-Pai, aspecto que o atributo de identificação reitera. A não identificação ao Pai morto, ao Nome-do-Pai, significaria amor absoluto, ou gozo absoluto, pulsão + objeto sem interdição, incesto, Eros absolutamente desintrincado, reinante, despótico, ilimitado. Ponto máximo da ordem sexual? Não, pelo contrário, ponto fora do sexo, fora do discurso, posto que exterior à ordem da castração, fundadora do registro do ser falante: psicose radical, clinicamente inexistente, mítica e exclusivamente teórica, na íntegra. Pois os psicóticos são seres de linguagem, inseridos na ordem da castração, restando-nos a tarefa de explicitar o modo peculiar de sua inserção nesta ordem, o que significa tomar a psicose como estrutura clínica, e não como "a não-estrutura": é sempre na referência ao Édipo e à castração, eixos de base da estrutura, que convém interrogar a psicose, em sua especificidade, ou na especificidade de sua resposta à castração e ao Édipo.

Ora, se o primeiro movimento da pulsão, no isso, é o laço identificatório ao significante paterno, então podemos deduzir que, no coração da pulsão crava-se um vazio, o buraco no ser, o registro do significante enquanto que ele não visa a significação (o "significante, como tal, não significa nada", dirá Lacan no capítulo XV de seu terceiro seminário,^[138]). O primeiro ato é da pulsão de morte, ou "no início era o verbo...".

Esse ato é correlato da expulsão (Ausstossung) ou seja, da criação de um vazio no eu pela colocação fora da pulsão (ex/pulsão, na forma escandida que temos usado) e consequente criação do objeto, movimento que Freud denominou sadismo originário, e que, se é causado pela incidência da pulsão de morte, é um ato eminentemente erótico, ou antes, serve a Eros, pois traça o caminho em direção ao objeto para que os componentes libidinais possam percorrê-lo, e tomar eroticamente o objeto. Contudo, ao expulsar a pulsão de morte, abrindo caminho para a exteriorização de Eros, o sadismo deixa no campo do eu um vazio, que será recoberto no puro registro do significante, pelo retorno masoquista (masoquismo secundário) da representação do objeto alvo da expulsão e, no mesmo ato, perdido enquanto tal, a ser re-encontrado no primeiro encontro com algum objeto existente na realidade: o primeiro encontro com algum objeto da realidade é, assim, da ordem de um reencontro com relação ao objeto perdido do fantasma. Se o encontro é um reencontro, é porque o objeto é sempre um outro objeto; qualquer objeto é sempre um outro objeto, não havendo objeto existente que seja o "um" objeto.

[138] Lacan, J. - Le Séminaire, Livre III, Les Psychoses, Paris, Éditions du Seuil, 1981, cap. XIV, Le signifiant comme tel ne signifie rien. Leçon du 11 avril 1956.

A história da criação do eu é, portanto, a história da criação de um vazio no ser do que será o eu. O eu é um vazio no isso (re-citemos a frase de Freud: "onde era isso, deve o eu devir"), sendo essa a forma que consideramos mais fecunda de ler a frase: o eu é uma diferenciação do isso: a diferenciação é a abertura do vazio, o ponto em que a pulsão (por isso chamada, retroativamente, de morte) não investe.

O passo seguinte é, por contrapartida, de Eros: trata-se de erotizar o vazio do eu pela ocupação libidinal da imagem do corpo, ou seja, ornamento libidinal dos contornos do vazio, do ser corporal, tornado imagem sem conteúdo, figura imaterial, ilusória, desencarnada, à qual é preciso dar consistência através do investimento da pulsão na imagem do corpo próprio representado fora da consistência de sua carne.

O que podemos concluir? Onde situar o registro do sexual em toda essa démarche sinuosa, complexa, pluridimensional? No isso ou no eu? O que verificamos é que o sexual resulta de um engendramento a partir do não-sexual: a primeira expulsão, obedecendo a um movimento sádico (situado, portanto, fora da ordem do sexual a nível da pulsão de morte), serve contudo aos propósitos eróticos. É correlata a esta expulsão a criação de um vazio no eu, por retorno da pulsão de morte representada pelo vazio pulsional ocasionado na tomada do objeto pela pulsão (relação com o objeto primordial). Segue-se a erotização da imagem, como tal esvaziada de ser e projetada no campo do outro semelhante, onde o corpo próprio pode ganhar o estatuto de imagem, o estatuto imaginário que lhe dá uma consistência não mais

material mas precisamente imaginária. A partir disso, que Freud denomina "uma nova ação psíquica", a que ele dá o nome de narcisismo, o eu passa a ser o mediador da sexualização, o lugar (topos) psíquico onde se situa a ordem do sexual propriamente dita. O isso torna-se, num movimento retroativo, a causa do sexual, mas não o lugar psíquico do sexual, constituindo-se, pelo contrário, em seu ponto limite, ponto do limite do sexual, a partir do qual o sexual consiste. Contudo, o eu só medeia a sexualização na medida em que a pulsão, nele, é dessexualizada. O sexual é uma ordem evanescente: engendra-se a partir do que não é sexual, ou do que é limite do sexual, causa do sexual, e, ao passar ao registro propriamente sexual, no eu, é posto fora, investido no objeto, e dá lugar a dessexualização, sempre que a pulsão retorna ao eu, vicissitude pulsional que se encontra na base das identificações secundárias.

O sexual, assim, resulta da intrincação pulsão de Eros e Tanatos, fazendo com que o eu advenha no lugar do (vazio do) isso, quando isso não mais é o que era. Desintrincados, tanto Eros como Tanatos reconduzem-se à dimensão do fora-do-sexual. O sexual não coincide com o erótico: seu estatuto é evanescente, faz-se e se desfaz "au gré" (ao sabor) dos efeitos de intrincação ou desintrincação das pulsões, e consiste assim numa formação, a um só tempo, conjuntiva e disjuntiva.

III.4.3. O Não Sexual e a "Verneinung" de Freud

Die Verneinung é, talvez, o texto mais comentado de Freud, sobretudo a partir do ensino de Lacan, que, já em seu primeiro dos Seminários anuais em que professou oralmente o seu ensino, por quase trinta anos, dedicou um importante estudo a este denso, compacto e explosivo escrito freudiano, para cujo comentário convidou um filósofo, participante do seu Seminário com quem compartilhara, por sua vez, a audiência aos seminários sobre o pensamento de Hegel, na década de 30, conduzidos por Alexandre Kojève: trata-se de Jean Hyppolyte, especialista em Hegel e responsável pela principal edição francesa da "Fenomenologia do Espírito"^[139], a quem coube, portanto, comentar o texto de Freud nos Seminários de Lacan^[140], comentário que Lacan introduziu^[141] e respondeu^[142].

A partir desse resgate, Die Verneinung passou a ocupar um lugar proeminente na prática da transmissão da psicanálise e da formação de analistas, em particular na vertente lacaniana, tornando-se objeto de cartéis, seminários e jornadas e publicações específicas^[143].

Para nós, neste trabalho, o texto freudiano assume, mais uma vez, lugar de destaque na medida em que, constituindo-

[139] Tradutor e organizador de "La Phénoménologie de l'Esprit", de Hegel (op. cit.), por Aubier, de Paris, Editions Montaigne.

[140] "Commentaire parlé sur la "Verneinung" de Freud" Apêndice I dos "Écrits" (op. cit.), p. 879-887.

[141] Lacan, J. - Introduction au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud, in Écrits, op. cit., pp. 369-380.

[142] Idem - Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud, in Écrits, op. cit., pp. 381-399.

[143] Letra Freudiana (Revista), Ano VIII, nº 5, Die Verneinung.

-se como um dos pontos mais relevantes da segunda tópica, trata a constituição do eu a partir do que denominaremos a lógica do dentro e do fora.

No texto, que por ser extremamente sucinto torna-se o texto de maior densidade de Freud, pois cada uma de suas palavras é absolutamente imprescindível, não havendo luxo ou excesso, Freud começa e termina com referências clínicas. É curioso e comprovador de que, para Freud, nem no momento em que, elegante e economicamente, elabora um texto da densidade teórica de Die Verneinung, essa elaboração prescinde ou dissocia-se da experiência clínica da análise. Corroborando o princípio psicanalítico de que teoria e clínica são lados indissociáveis (embora assimétricos) da mesma moeda, o texto é um texto eminentemente clínico e eminentemente teórico, a um só tempo.

A partir, portanto, do achado clínico da negação de uma proposição que contém, modularmente, uma afirmação, Freud introduz a idéia de uma suspensão (Aufhebung) do recalque, que conserva, no mesmo ato, o que é essencial ao recalcado: a vertente econômica, como ele diz, afetiva.

Essa peculiaridade da denegação, de suspender o recalque (pela afirmação proposicional, discursiva — a denegação é um fenômeno eminentemente discursivo — do conteúdo recalcado) em conservando o que lhe é essencial (a posição não discursiva, a posição de gozo, do sujeito em face do mesmo conteúdo recalcado, que permanece, nessa operação, intacta), dá a Freud a oportunidade de trabalhar com a disjunção entre o afetivo e o intelectual, mostrando, numa bela concepção menos psicológica

do que filosófica, mais precisamente psicanalítica, que o processo intelectual tem seu começo num por/entre (par/ênteses), do afetivo. É de uma depuração do que é da ordem do gozo que o intelectual emerge. E o símbolo primordial dessa operação se melhante à "épokhé" do afeto é o "não".

Desenvolve, assim, uma teoria sobre o juízo, que deve ser distinguido do pensamento. Se o pensamento é uma ação experimental, em doses "homeopáticas", o juízo é o desencadeador de uma ação a ser concretamente executada. O juízo, diz Freud, é uma ação intelectual que põe fim ao adiamento causado pelo pensar e conduz do pensar ao agir.

Julgar, assim, opõe-se a pensar. O primeiro decide o que o segundo adia. Freud estabelece, então, dois tipos de decisões que concernem ao ato de julgar: atribuir a algo uma qualidade e atestar da existência ou não de uma representação na realidade. Vê-se, de saída, que o juízo de atribuição tem por objetivo uma coisa, enquanto que o juízo de existência tem por objeto uma representação. Só representações podem, portanto, existir ou não. Quando Freud quer referir-se às representações não-existentes, diz não-reais (Nichtreal), "apenas subjetivas"; que se encontram somente "dentro", chamando-nos a atenção que não as diga "imaginárias": imaginário não se opõe, assim, a real, existente: o que existe, existe imaginariamente.

O juízo de atribuição, que concerne, assim, a coisas, decide se o "eu" deve incorporá-las a "si", pô-las para dentro, ou, ao contrário, expeli-las de "si", pô-las para fora. Aqui se evidencia bem o que denominamos a lógica do dentro e do fo

ra. Há, contudo, um paradoxo: se é da constituição do eu que se trata nessa lógica, como conceber que o eu que julga, a nível de atribuição, sobre a incorporação ou a expulsão de uma coisa em relação a si já exista, como tal, nesse momento, que é, evidentemente, mítico? Aqui uma sutileza fina, porém (ou, antes, como tal) de extrema importância deve ser assinalada: Freud utiliza os tempos verbais no futuro do pretérito indicando que a operação da incorporação concerne a um eu ainda a advir.

O juízo de existência, aplicando-se exclusivamente a representações, concerne apenas a objetos que foram perdidos. Trata-se de saber, para o eu, se a representação do objeto (perdido, portanto, já que re(a)presentado) ainda pode ser reencontrada, na realidade (constituída, assim, de representações).

Ao relacionar as ações dos dois tipos de juízos com as pulsões primárias (Eros e pulsões de destruição), Freud estabelece que a própria função intelectual do julgamento deriva da ação recíproca dessas pulsões:

"O estudo do julgamento abre-nos talvez pela primeira vez à penetração na origem da função intelectual depreendida do jogo das primeiras manifestações da pulsão. Julgar é o adequado prosseguimento da inclusão no Eu ou expulsão do Eu realizada originariamente em obediência ao princípio de prazer"^[144].

[144] Freud, S. - Die Verneinung, (1925), in Studienausgabe, Bänd. VIII, págs. 371 e segs.

Deduzimos daí que o primeiro juízo, o de atribuição, não coincide com o momento da incorporação/expulsão de algo por parte do eu, mas já é uma continuação, um momento posterior ao ato incorporativo/expulsivo.

Aplica, então, a polaridade pulsional (incorporar, por para dentro, Eros e expulsar, por para fora, pulsão destrutiva) à própria polaridade de juízos (atribuição — incorporar o que será, por ter sido incorporado, bom/expulsar, por ter sido expulso, mantido exterior e estranho, mau; e existência — afirmar/negar a existência de uma representação na realidade), formam do uma relação duplamente dialética:

	EROS	PULSÕES DE DESTRUICÃO
JUÍZO DE ATRIBUIÇÃO	incorporar/bom = interno	expulsar/mau=externo
JUÍZO DE EXISTÊNCIA	afirmar o símbolo do objeto expulso	denegar o recalcado

Estabelece, contudo, uma assimetria: a afirmação é o substituto da união (incorporação pelo eu), mas a denegação é a sucessora (e não a substituta) da expulsão. Introduz, assim, uma dimensão diacrônica, temporal, no eixo das operações relacionadas com a pulsão de morte, e autorizamo-nos a dizer que mantém, no eixo das operações vinculadas a Eros, uma dimensão sincrônica, de simples substituição, palavra que, diferentemente de "sucessão", não implica uma ordenação temporal e sequencial. A dimensão da perda, da falta, portanto, da ausência que

põe em movimento o desejo, vinculado, como tal, ao objeto perdido e conseqüentemente ao plano da realidade, do juízo de existência das representações, e introduz a dimensão temporal, é dada pela pulsão de morte, pelo além do princípio de prazer. O que é da ordem do princípio de prazer, o que elide a falta, pela pura presentificação permanente do objeto a ser incorporado, e que permitirá a afirmação (por substituição) da representação na realidade já constituída pelo recobrimento simbólico do que fora expulso no momento oposto ao da incorporação, mantém-se no eixo de Eros.

Há, contudo, um fator complicador a mais: numa única passagem de toda a sua obra, até onde a pudemos pesquisar, Freud atribui ao princípio de prazer uma atividade compulsiva, caráter que, desde a introdução da pulsão de morte como algo que se situa precisamente para além do princípio de prazer, era específico e exclusivo desta última classe de pulsões. Não deixa de ser intrigante a idéia de uma "Zwang des Lustprinzips", quando este princípio constitui o que se situa numa ordem de representações recalçadas, diferente da ordem da "Wiederholungszwang".

Como entender esta compulsão do princípio de prazer? Pensamos que, pelo recurso ao tema de nosso capítulo, que é precisamente a dimensão do não Sexual, podemos avançar a resposta a esta questão. Como dissemos anteriormente, na seção precedente, dedicado ao texto "O eu e o isso", o erótico não coincide com o sexual. É da intrincação (ou fusão, como é por vezes traduzido o termo alemão Triebmischung) pulsional, de um Eros articulado à pulsão de morte, que resulta a ordem do sexual. Toda desintrincação (Triebentmischung) pulsional faria

retornar à dimensão do não-sexual, e portanto a um Eros desenfreado, tanto quanto a uma pulsão de morte puramente destrutiva, como ocorre no exemplo dado por Freud em Die Verneinung do negativismo dos psicóticos. Cada uma das pulsões, livre da outra, desintrincada, regride do sexual ao não-sexual. O termo regressão tem aqui um sentido estritamente estrutural, "progredir", seu oposto, quer dizer intrincar, adicionar ingredientes, componentes (libidinais), ao movimento tanático da expulsão, como no sadismo originário, processo já abordado que coincide com o que Freud denomina, no texto sob exame, a expulsão (Ausstossung). regressão, em contrapartida, significa retirada dos componentes libidinais da pulsão (de morte) expulsiva, sádica, ocasionando um abrupto retorno desta pulsão ao eu (masoquismo secundário, auto-destruição). A sublimação, como a consideramos na seção II deste capítulo, dedicada a dimensão do não-sexual em Pulsões e seus destinos, tem, por isso, uma vertente de desintrincação pulsional, e, nessa medida, é perigosa no que concerne à preservação amorosa (no plano de um narcisismo secundário) do eu. Toda sublimação envolve, em certa medida, uma desintrincação pulsional, razão pela qual refere-se ao plano do não-sexual.

Assim, uma compulsão do princípio de prazer concerne ao modo de funcionamento deste princípio em que as pulsões a ele subordinadas, as pulsões eróticas, agem livremente com relação às pulsões tanáticas. Não havendo "ponto de basta" para Eros, seu funcionamento é compulsivo, incorporador, fagocitótico, sem fim, ou, antes, com um fim mortal por ausência da incidência da pulsão que, por levar a morte em conta, põe fim à atividade

cujo fim seria, por não levar a morte em conta, a própria morte.

A fim de tentar uma formalização dessas complexas relações, construímos um Gráfico, apresentado na pag. , adiante, que dispõe, perpendicularmente, dois eixos, representando, cada um, as pulsões primárias: Eros, eixo vertical, engendrador da substituição (da unificação pela afirmação, como propõe Freud), sem envolver sucessão; Pulsão de morte, no eixo horizontal, cortando ortogonalmente Eros e envolvendo exatamente a dimensão da sucessão (da expulsão pela denegação, como propõe Freud).

O traçado do gráfico se inicia num ponto do eixo de Eros acima do ponto central, de cruzamento dos dois eixos pulsionais, ortogonais. Este ponto representa a VEREINIGUNG, ou unificação, termo utilizado por Freud em seu texto Die Verneinung, correspondente ao movimento de incorporação do eu-prazer que, textualmente, pertence a Eros:

"A polaridade de julgamento mostra-se correspondente à oposição dos dois grupos de pulsões aceitos por nós. A afirmação (Bejahung) —, como substituto da unificação, (Vereinigung) — pertence a Eros; a denegação (Verneinung) — como sucessora da expulsão (Ausstossung) — pertence às pulsões de destruição. O prazer geral em negar, o negativismo de muitos psicóticos, deve ser compreendido como indício de uma provável desintrincação das pulsões decorrente da retirada de componentes libidinais". (Grifos e transcrição das palavras originais em alemão são nossos) [145].

[145] Id. Ibid., p. 376.

Traçando uma linha circular, num movimento giratório em sentido horário, a partir do ponto superior demarcado em Eros, onde situamos a Vereinigung (em alemão, a unificação, incorporação primordial, a ação de integrar coisas a si do juízo de atribuição) em direção a um ponto demarcado no segmento do eixo da pulsão de morte situado à direita do ponto central onde se dá o cruzamento com Eros, onde situamos a Ausstossung (em alemão a expulsão), delineamos o "primeiro quadrante" do Gráfico. Nesse quadrante, definimos o movimento da linha circular como correspondendo ao Sadismo originário, o sadismo enquanto significa a exteriorização do masoquismo originário (condensado na Vereinigung mítica, inicial), e enquanto significa a expulsão para fora do campo da incorporação dos significantes do Outro primordial. Através do movimento sádico, chega-se ao ponto da Ausstossung, ponto em que a linha do gráfico, a linha circular, atinge, como ocorre em toda circunferência, seu ponto máximo de distância em relação ao eixo vertical, de Eros, do qual partiu sua trajetória: É também o ponto da criação do Real, ou seja, aquilo que é criado pela expulsão de algo para fora da cadeia de significantes indiscriminadamente incorporados ao nível da Vereinigung. O Eixo de Eros configura-se, assim, como o eixo da incorporação (e depois da afirmação) significativa.

O interior do quadrante assim constituído, a partir de seu ponto de acabamento que é a expulsão do objeto e correlata criação do Real, e daí, para trás (efeito de a posteriori), é o CAMPO DO ISSO. Em todo o gráfico, pelo efeito do a posteriori, o CAMPO delimitado pelo quadrante traçado é o que resul

ta no limite posterior, ponto extremo da linha curva, em que ela cruza um dos eixos: Eros ou Tanatos. Assim, CAMPO DO ISSO resulta do ponto da Ausstossung, e de sua aresta correspondente, a criação do Real. A única exceção a esta regra é o ponto originário do gráfico — a Vereinigung —, já caracterizada anteriormente, que não retro-constitui campo algum, por quanto representa o momento inicial do infans, sua relação de imersão no significante do Outro primordial. O que haveria entre da Vereinigung senão a pré-história de um sujeito ainda não infans ?

Prosseguindo nossa linha circular e mantido seu vetor de giro a partir do ponto "Ausstossung", ponto mais distante de Eros, inicia-se o traçado do segundo quadrante, o quadrante inferior direito do gráfico, e simultaneamente inicia-se também o retorno ao Eixo de Eros. Trata-se do movimento do masoquismo secundário, pelo qual aquilo que fora expulso no primeiro movimento, sádico, do eu, tornado, assim, o objeto enquanto perdido, retorna sob a forma de representação ao eu, o que é atingido no ponto terminal desse quadrante, ponto inferior do gráfico, mais distante possível, em Eros, do eixo de Tanatos, ponto no qual situamos a Bejahung, ou afirmação, no psiquismo inconsciente, do significante primordial, representante-representação do Real "Ausstossen", expulso no momento imediatamente anterior. Situamos aí o recalçamento originário e a criação do inconsciente enquanto instância subjetivada, momento do um (com minúsculas), do significante unário, S1.

O campo criado a partir deste ponto, em retroação, é o CAMPO DO OUTRO, ou CAMPO DO INCONSCIENTE, o que segue os mesmos critérios de construção gráfica explicitados a respeito do CAMPO DO ISSO, acima.

Nesse ponto, antes de prosseguirmos no traçado do gráfico, devemos nele assinalar o que ocorreria se a representação do objeto, que deve, segundo leis de estruturação do sujeito neurótico, constituir-se em função de sua perda, não adviesse no lugar do objeto perdido, ou, mais precisamente, o que ocorreria se o objeto não fosse efetivamente perdido, ocasionando a sua não-representação simbólica pelo significante, ou ainda, dito de outro modo, se no lugar da ausência do objeto real o significante que o demarca não adviesse. Trata-se da ejeção, para fora do campo psíquico, do significante primordial a ser, de outro modo, afirmado na *Bejahung* ou, nos termos freudianos, da *Verwerfung* do significante primordial, conceito que, em Freud, toma o lugar do de projeção, utilizado nos primeiros escritos freudianos sobre a paranóia^[146], como o mecanismo específico que a distingue das outras "neuroses", já que, como veremos no capítulo IV, adiante, em seus primeiros escritos, Freud agrupava os quadros hoje conhecidos como neuroses e psicoses num único grupo, o das neuropsicoses (de defesa), atribuindo, contudo, a cada um, um mecanismo específico e peculiar, o que atesta do caráter estrutural que confere a esses quadros.

A respeito da *Verwerfung* do significante primordial, processo que propõe denominar "forclusion", Lacan escreve:

"Tentemos agora, conceber uma circunstância da posição subjetiva na qual, ao apelo do Nome do Pai responde, não a ausência do pai real, pois esta ausência é mais que compati-

[146] Ver Rascunhos "H" e "K" da correspondência de Freud com Fliess, in "Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. I, 1978.

vel com a presença do significante, mas a carência do próprio significante^[147]”.

A partir do ponto da expulsão (ponto extremo direito do gráfico), demarcado sobre o eixo de tanatos onde o traçado da curva atinge a maior distância em relação ao eixo de Eros), a perda do objeto não se efetiva, e conseqüentemente a representação não se constitui, caindo sob o golpe da Verwerfung, isto é, sofrendo ejeção para fora do campo psíquico, no qual ins crever-se-ia através do traçado do segundo quadrante, que culmina na Bejahung, caso não tivesse havido Verwerfung. Traçamos, para retratar essa situação, uma linha partindo do ponto da Ausstossung e seguindo uma curva de direção oposta, através de um movimento, por assim dizer, centrífugo ao do gráfico.

É ainda Lacan quem explicita a alternativa entre a Bejahung e a Verwerfung:

“Ao nível deste Bejahung pura, primitiva, que pode ocorrer ou não, uma primeira dicotomia se estabelece: o que terá sido submetido à Bejahung, a simbolização primitiva, terá diversos destinos, o que cai sob o golpe da Verwerfung primitiva terá um outro”^[148].

“(...) Há portanto, na origem, Bejahung, isto é, afirmação do que é, ou Verwerfung”^[149].

[147] Lacan, J. - D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose, op. cit., p. 557.

[148] Idem, Le Séminaire, Livre III, Les Psychoses, Paris, Éditions du Seuil, 1981, p. 95.

[149] Idem, Ibidem., p. 95.

É preciso, contudo, esclarecer que, se inserimos a vicissitude da Verwerfung em nosso gráfico, é apenas para, através dele, representar essa importante condição da psicose no que seria o seu ponto de origem. Entretanto, a considerarmos a construção do gráfico com maior rigor, verificamos que na lógica que a rege, a vicissitude da Verwerfung não teria lugar: seria necessário construir um outro gráfico para a estrutura psicótica, porquanto para que a Verwerfung viesse a ter lugar, algumas condições prévias, estruturais e, assim, também graficamente representáveis, seriam necessárias. Pois todos os elementos se rearranjariam e, por exemplo, a Ausstossung do significante originariamente incorporado não poderia se dar da forma representada pelo traçado circunferencial do gráfico.

Proseguindo o traçado do gráfico, teríamos que, havendo do Bejahung, constitui-se o inconsciente recalcado pela inscrição, nele, do significante primordial pelo recalçamento originário. Perfaz-se, no segundo quadrante, assim, o campo do inconsciente, o campo simbólico, do Outro. O movimento seguinte é a criação do eu, instância imaginária, através da subjetivação, pela via do narcisismo primário, das determinações simbólicas do inconsciente: o complexo de significantes passa a concernir a um eu que faz dele uma interioridade psíquica através da imaginarização de um si mesmo e da erogeneização da imagem corporal. Esse movimento tem como ponto de mira a denegação, mecanismo exclusivo pelo qual o eu admite, reconhece e afirma o inconsciente recalcado.

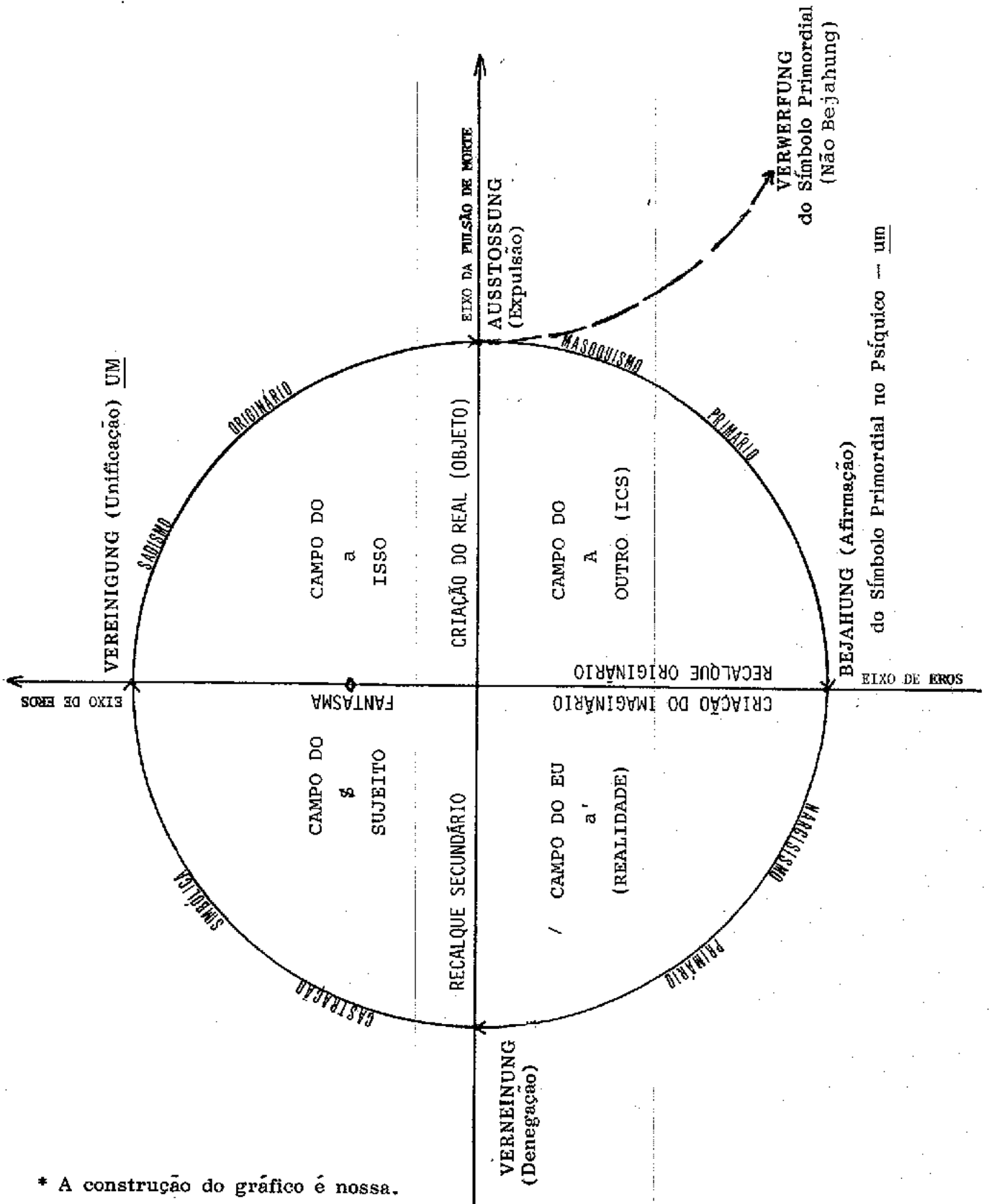
No ponto terminal do terceiro quadrante situa-se, as

sim, a Verneinung. ponto de acabamento do eu, e o por ela constituído, ainda nas mesmas condições retroativas já consideradas, é o CAMPO DO EU.

No último traçado da linha curva, constitutivo do quarto quadrante, situamos a castração simbólica ou assunção, pelo sujeito do inconsciente, da castração como vicissitude fundamental do Complexo de Édipo e constituição do supereu em sua dimensão simbólica do "Chê Vuoi?", seguindo a pesquisa sobre o supereu empreendida por Alain Didier-Weill^[150], em que este autor define três níveis do supereu: o primeiro, arcaico, fascinante, (Ver seção III.2. deste capítulo), o segundo, o da censura; e o terceiro, o do "Chê Vuoi?". Esse quadrante compreende o CAMPO DO SUJEITO DO INCONSCIENTE, do sujeito barrado, que, em sua contiguidade (gráfica) com o CAMPO DO ISSO, delineado pelo primeiro quadrante, define, pela aresta que os divide, onde podemos inscrever a notação matemática da "punção"^[1], que significa "conjunção-disjunção", a fórmula matemática do fantasma (§ \diamond a).

GRÁFICO DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

(NOS 4 TEMPOS DE "DIE VERNEINUNG", DE FREUD)*



* A construção do gráfico é nossa.



PUC

Luciano Elia

PARA ALÉM DA SEXUALIDADE:
A PSICOSE NA PSICANÁLISE

VOLUME II

TESE DE DOUTORADO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PSICOLOGIA CLÍNICA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1992

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 – CEP 22453

RIO DE JANEIRO – BRASIL

N.Cham. 150 E42p TESE UC
Título Para além da sexualidade



Ex.1 v. 2 PUCB

0141272

TERCEIRA PARTE

TEORIA DA CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS PSICOSES

96006

R/d



150
E42P
TESE UC
v.2

CAPÍTULO IV

A PSICOSE DE FREUD A LACAN

IV.1. Freud e a Psicose

IV.1.1. Rumo a Schreber

Psicose e psicanálise não mantêm, entre si, relações de fácil apreensão. A rigor, nenhuma relação entre temas psicanalíticos evoca serenidade, clareza imediata ou "facilidade de apreensão". Contudo, no caso da psicose, a questão assume matizes mais problemáticas. Sempre que enunciadas em conjunto, psicose e psicanálise evocam questões cruciais: será a primeira objeto possível da segunda? pode um analista levar a cabo uma análise com sujeito psicótico? A psicose não é assunto da psiquiatria, e pretender inseri-la no campo da psicanálise, como tema clinicamente abordável com relativo êxito não constituiria uma aspiração a que a psicanálise deve-se tratar de tudo? A psicose não está fora dos chamados "limites do analisável"? Por que Freud não construiu uma teoria da clínica das psicoses?

Os problemas são complexos, e, a rigor, pertencem à ordem dos impasses. Contudo, pensamos que, precisamente por provocar a psicanálise desde seus pontos-limite, a psicose permanece um veio privilegiado a incitar os analistas e teóri

cos da psicanálise a com ela se confrontarem: a psicanálise não avança senão por seus impasses. Foi assim com Freud, que, por inúmeras vezes, revirou suas teorias em função de impasses que a clínica lhe impunha, não abandonando, contudo, seu fio condutor, em função, aliás, do qual, os referidos impasses constituíam-se como tais, e ter-se-iam certamente diluído se, confrontando-se com o primeiro deles, Freud cedesse quanto ao que era essencial a fim de a ele acomodar seu pensamento. É porque Freud manteve o vigor de seu verbo que sua trajetória se fez através de impasses, que exigiram importantes reviravoltas teóricas na psicanálise freudiana.

No que concerne às psicoses, o trabalho de Freud, se não é tão farto e consistente quanto o é para as neuroses, não é tampouco tão raro e incipiente quando se alardeia. De qualquer modo, é um trabalho que, no mais das vezes, mantém-se intacto quanto às suas possibilidades teórico-clínicas. Nesse sentido, faríamos uma distinção entre os ditos de Freud, seus enunciados sobre a questão das psicoses, e seus dizeres, ou seja, aquilo que, em seus ditos, indica o lugar a partir do qual ele os diz. Façamos como Freud, em vez de repetir seus ditos. Caberia, neste ponto, enunciar, sob a forma de uma fantasia, o que na verdade constitui uma postura de trabalho e não uma posição de nossa subjetividade diante do objeto do gozo, razão pela qual merece ser enunciada: Se vivo fosse, Freud estaria certamente mergulhado na questão das psicoses, ouvindo os psicóticos como, no final do século passado, há precisamente 100 anos, ouvia histéricas sob o descrédito de neurologistas e psiquiatras. Hoje, calamos os psicóticos,

quer com recursos eletroconvulsivos, quer químicos, quer mecânicos, quer psicológicos. Os psicanalistas, a repetirem ditos freudianos sobre a impossibilidade do tratamento psicanalítico de psicóticos por ausência de transferência (e, de resto, a repetirem ditos freudianos sobre o que quer que seja, sem sequer entenderem o que repetem, pela simples razão de que, a entenderem com rigor o pensamento de Freud, deixariam de repetir seus ditos) também silenciam, à sua maneira, os psicóticos, numa frontal oposição à postura freudiana.

Na época do nascimento da psicanálise, a psicose recebeu de Freud a mesma atenção que a psicose, o que se reflete na preocupação de atribuir à psicose, tanto quanto às demais neuroses, o maior grau possível de intelegibilidade teórico-clínica, embora, no campo da teoria da clínica, a psicanálise seja notoriamente caracterizada como um corpo teórico e uma prática clínica que tem por objeto as psicose.

Nos primeiros tempos de sua obra, Freud não dividia o campo da clínica — ou, se quisermos, da psicopatologia psicanalítica — entre neuroses, psicose e perversões. Constituiu inicialmente sua teoria da clínica em torno da categoria de neuropsicose, que subsumia quadros como a histeria, as obsessões, as fobias, confusões alucinatórias, as psicose histéricas e a paranóia^[151]. Assim, podemos afirmar que, desde os seus primeiros escritos de cunho teórico-clínico, Freud

[151] Freud, S.: As Neuropsicose de defesa (Die Abwehr-Neuropsychosen) (1894), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. III, 1976, pp. 55-82.

abordou, de modo simultâneo, aplicando as suas elaborações teóricas sobre achados clínicos num mesmo processo lógico e metodológico, configurações clínicas que hoje organizam-se nos campos estruturalmente distintos das neuroses e das psicoses.

Como convém entender essa postura de Freud? Significaria ela que Freud não tinha, na construção de sua obra, a preocupação em distinguir diferentes estruturas clínicas, como hoje nos expressamos, ou que seu pensamento não era regido por critérios estruturais de constituição da subjetividade em suas diferentes configurações? Consideramos que a resposta a essas questões é negativa. O fato de que Freud, sob a rubrica de neuropsicoses, agrupou diferentes quadros clínicos, significa que, a todos eles, um por um, atribuía um mesmo critério estrutural — um mesmo fio condutor, o que atesta o estatuto estrutural de sua démarche — a saber, o atributo de defesa (Abwehr): todos os quadros clínicos deveriam, para Freud, exhibir este aspecto estrutural — a defesa — a fim de tornarem-se assimiláveis à teoria psicanalítica tal como ele começava a construí-la. Tratava-se, assim, em todos os casos, de neuropsicoses de defesa^[152], pelo que devemos entender: a constituição de uma clínica que tem a peculiaridade de ser analisável, uma clínica, portanto, passível de receber o atributo de psicanalítica, porquanto passível de constituir-se como objeto de uma teoria — a teoria psicanalítica.

[152]

Idem, Rascunho H, (1895) (dirigido a Fliess), in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. I, 1977, p. 283-291, que tem como título "Paranóia".

Conferir a todos os quadros assim articulados a di mensão estrutural de defesa não equivale, portanto, a confundi-los, a mantê-los no plano de indiscriminação, mas a torná-los, a todos, passíveis de análise. Pois, se o critério "e xibir uma dimensão de defesa" atravessa todos esses quadros, Freud, em contrapartida, procura, no mesmo ato, discriminar os diferentes mecanismos, as diferentes formas de defesa que, em cada caso, engendram determinada configuração clínica e não uma outra, ou seja, Freud estabelece, para cada quadro cli nico, um mecanismo específico, irreduzível e peculiar, respon sável pelo resultado respectivo.

Num escrito datado de 1895, Freud elaborou um estudo sobre a paranóia em que faz um quadro esquemático que relacio na, por um lado, os diferentes quadros clínicos mencionados a cima, e, por outro, atribui a cada um, de modo respectivo, as seguintes categorias: "afeto", "conteúdo da idéia", "alucina ção" e "resultado". Nesse estudo Freud atribui à paranóia o mecanismo da "projeção", o que coincide com a primeira vez em que utiliza o próprio termo [153].

Desde os seus primórdios, portanto, a obra freudia na estabeleceu mecanismos próprios, específicos, para diferen tes configurações, caráter rigorosamente reestabelecido por Lacan ao discernir as diferentes estruturas clínicas em seu ensino.

[153] (Ver no mesmo volume, Rascunho "X", p. "As neuroses de Defesa - (um conto de fadas pa- ra o Natal), anexo à carta nº 39, de 10 de janeiro de 1896).

Cabe entretanto, desde logo, uma consideração acerca do uso que Freud faz da categoria de "projeção" como mecanismo específico da paranóia no momento inaugural de sua teorização da clínica, tomado sob exame, ou seja, as suas "Neuropsicoses de Defesa" de 1894. Ao empregar esta categoria, quer Freud exprimir um movimento psíquico que tenha a necessária violência para expulsar, para fora do campo do simbolizável, tanto a representação quanto o afeto vinculados entre si e ao fato traumático. Esta colocação, para fora do campo psíquico, de um fragmento da experiência do sujeito, ao receber, de Freud, a denominação de projeção, engendra um equívoco, mantido na literatura psicanalítica por algum tempo, que consiste em fazer superpor a projeção de que se trata na paranóia, acima caracterizada, com toda a sua radicalidade, com a projeção, por exemplo, que se verifica na relação intersubjetiva, marcada pelo plano da identificação imaginária entre o sujeito (em sua dimensão narcísica, situada no plano do eu, portanto), e o seu parceiro, o outro semelhante. O sentido da "projeção", na paranóia, deve ser radicalmente distinguido desse último sentido considerado, o da projeção neurótica, por exemplo, que consiste em atribuir ao outro algo que pertence ao recalcado do sujeito de quem parte a projeção. Um bom exemplo dessa diferença é dado pela comparação do ciúme neurótico, necessariamente projetivo na medida em que, no plano imaginário, por identificação, atribui-se ao objeto do qual se tem ciúme intenções infiéis que na verdade existem no sujeito ciumento, com o delírio de ciúme encontrado na paranóia, onde efetivamente não se trata de uma mera identificação imaginária acompanhada de projeção de intenções subjetivas recal-

cadras.

Nesse ponto, gostaríamos de registrar um aspecto que nos parece relevante e que não foi assinalado pelos autores que abordamos em nossa revisão bibliográfica. Embora aparentemente questão terminológica, a troca dos prefixos verificada nas expressões "neuropsicoses" e "psiconeuroses" — cronologicamente sucessivas no texto de Freud, tendo a segunda substituído a primeira — não nos parece destituída de sentido conceitual mais profundo. Parece indicar-nos que as primeiras preocupações e considerações teóricas de Freud abrangiam, em sua amplitude conceitual, processos (posteriormente distintos), relativos às perturbações neuróticas e psicóticas, a tal ponto que a ambas Freud aplicava o atributo de defesa como processo dinâmico. O termo neuropsicose encaixa-se nessa atribuição dinâmica, e o texto de Freud a seu respeito o atesta claramente, visto que trata a paranóia como uma neuropsicose de defesa. A substituição por psiconeurose parece-nos restringir o campo dos fenômenos psicopatológicos aos distúrbios neuróticos propriamente ditos, e o prefixo |psico| viria a ter a dupla função de designar a etiologia psíquica das neuroses assim denominadas por oposição às neuroses atuais, categoria que conceitua e desenvolve na mesma época^[154], e de, por assim dizer, explicitar a psicogênese dos fenômenos neuróticos, (trata-se de psico(neuroses), deixando implícita ou duvidosa a etiologia específica das psicoses, anteriormente atestada

[154] Idem, Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einer bestimmten Symptomenkomplex als "Angstneurose" abzutrennen" (1895), in Studienausgabe, Bd. VI.

pela postulação das neuro|psicoses de defesa. Essa substituição veio a permitir, numa área de grande ambiguidade conceitual, as polêmicas que, até os dias de hoje, travam-se quanto à questão de saber se Freud acreditava ou não no processo psíquico do adoecimento psicótico.

O curso dos desenvolvimentos teóricos posteriores de Freud viria a tematizar, de modo privilegiado, as psiconeuroses. Assim, os textos "Obsessões e Fobias"^[155], "Estudos sobre a Histeria"^[156], "Hereditariedade e Etiologia das Neuroses"^[157], "Sexualidade na Etiologia das Neuroses"^[158], e outros, já citados, constituem uma riquíssima série de estudos psicopatológicos que vão conferir às neuroses em geral — psiconeuroses e neuroses ditas atuais — um grande grau de inteligibilidade teórico-clínica. Esse percurso culminará com a sistematização da Teoria da Sexualidade^[159] que, se por um lado, dá um fechamento, em função de seu caráter e densidade conceituais, a este ciclo teórico-clínico sobre as neuroses,

[155] Idem, Obsessões e Fobias (Seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia) in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, Vol. III, pp. 85-100. (O original foi escrito em francês e publicado, pela primeira vez em 1895), com o título "Obsessions et phobies (Leur mécanisme psychique et leur étiologie)". (1895)

[156] Idem, Estudos sobre a histeria (Studien über hysterie) (1895), in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. II, 1974.

[157] Idem, Hereditariedade e etiologia das neuroses, in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Vol. III, 1976, pp. 163-179. (O original foi escrito em francês e publicado pela primeira vez em 1896 com o título "L'hérédité et l'étiologie des névroses").

[158] Idem, A Sexualidade na Etiologia das Neuroses (Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen) (1898), in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. III, 1976, pp. 287-312.

[159] Idem, Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (1905), op. cit.

abre, pelo mesmo motivo, novos caminhos para a psicopatologia psicanalítica, através do estudo das perversões que então se torna possível.

O percurso freudiano sobre as perversões, contudo, sofrerá, analogamente ao seu percurso acerca das psicoses, que ora examinamos, importantes percalços com consequentes mudanças de rumo. As perversões, no âmbito dos "Três Ensaios", pouco ou nada se diferenciam de um fundo constituído pelo próprio funcionamento pulsional. Se, contudo, a perversão é uma resposta estrutural do sujeito à questão fundamental da castração, ela não pode confundir-se com a pulsão: perversão não é pulsão, mas uma estrutura clínica que, como tal requer uma construção psíquica, sintomático-fantasmática, configurando uma posição subjetiva. Assim, é só num texto tardio de Freud, datado de 1927, intitulado "Fetichismo"^[160], que a perversão ganhará seu pleno estatuto estrutural em Freud, não sem passar por várias e importantes etapas, entre as quais citamos, por ser particularmente notável e porque nosso propósito, neste trabalho, não é tomar a perversão como tema de investigação, o texto "Uma criança. é espancada"^[161], Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais", de 1919.

As primeiras elaborações teóricas de caráter metapsicológico, e não mais essencialmente psicopatológico, como até então se caracterizavam, foram empreendidas em 1900, como uma teoria do inconsciente e do aparelho psíquico^[162]. Tais

[160] Idem, Fetischismus (1927), in Studienausgabe, Bd. III, pp. 379-388.

[161] Idem, "Ein Kind wird Geschlagen" (Beitrag zur Kenntnis der Entstehung sexueller Perversionen) (1919), in Studienausgabe, Bd. VII, pp. 229-254.

[162] Idem, Die Traumdeutung (1900), in Studienausgabe, Bd. II.

teorizações bem como os conceitos elaborados em 1905 em torno da sexualidade e da introdução, na psicanálise, de uma teoria da pulsão — compõem a estrutura teórica de uma Psicanálise já então bem vertebrada. Para os fins que nos interessam, contudo, devemos observar que são as neuroses e não as psicoses que constituem o eixo clínico sobre o qual edifica-se essa Psicanálise, o que historicamente se verifica pela publicação, quatro anos após a teorização trazida pelos "Três Ensaaios sobre a Teoria da Sexualidade", do primeiro escrito clínico sobre um caso de fobia numa criança^[163].

Em 1911, contudo, Freud retoma o tema da paranóia, praticamente abandonado durante os quinze anos (1896-1911) em que se deu, como assinalado acima, o primeiro grande ciclo teórico da Psicanálise e do qual resultou sua constituição como saber autônomo.

Essa retomada clínica e teórica da psicose, através da paranóia ("dementia paranoides") efetuou-se através da análise das memórias do Presidente Schreber^[164], dessa vez para, ao lado do exame clínico, tecer Freud suas primeiras "notas psicaalíticas" (expressão que leva o título da obra) que, pela primeira vez, tratarão de tematizar a relação da paranóia como a teoria da sexualidade já então constituída, além de identificar, na paranóia, uma forma própria de estruturação, e não apenas um mecanismo específico de defesa, como nos primórdios mencionados. Se o processo psíquico de de

[163] Idem, Analyse der Phobie eines funfjährigen Knaben (1909), in Studienausgabe, Bd. VIII.

[164] Idem, Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia paranoides) (1911), in Studienausgabe, Bd. VII, pp. 133-204.

fesa já fora, portanto, atribuído à paranóia desde os primórdios da psicanálise (1894-5), é só então, (1911) que sua estruturação é explicitada.

IV.1.2. Com Schreber

Com efeito, a análise de Freud sobre as "Memórias" de Schreber^[165] constituem o mais importante estudo freudiano sobre a questão das psicoses. O fato de que este trabalho trata de uma situação clinicamente definível como paranóia não restringe, de modo algum, sua importância para o avanço de uma teoria da clínica das psicoses em geral, porquanto sabemos que a psicanálise não é um saber que proceda por expansões cumulativas de avanços no conhecimento, mas pela elaboração teórica do saber do inconsciente, entendido como estrutura significativa. Assim, trata-se de extrair da análise das "Memórias" os pontos de sustentação teórica da estrutura clínica da psicose, trazidos como material "clínico" para a elaboração teórica decorrente da análise sob a forma de um relato auto-biográfico escrito por um sujeito, no caso, paranóico.

A análise de Freud centrar-se-á, nisso atestando sua vertente estrutural, na referência paterna, que, como procuraremos demonstrar ao longo do presente capítulo, em particu

[165] Schreber, D.P. Memórias de um Doente dos Nervos, R.J., Ed. Graal, 2ª edição, 1985, Biblioteca Psicanálise e Sociedade, Vol. 5, tradução de Marilene Carone (original alemão publicado em 1903 com o título "Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken", por Ed. O. Mutze, de Leipzig).

lar na seção IV.3. (Com Lacan via Freud), não recobre nem é coextensiva a uma referência ao pai como indivíduo psicofísico genitor, a ser tomado na rede de relações interpessoais ou interobjetais do sujeito, mas como referência à ordem simbólica do inconsciente, no que esta ordem se estrutura como uma linguagem. A articulação ao Édipo, presente na análise de Schreber, quer precisamente exprimir esta referência sistemática de Freud à dimensão da subjetividade como estruturalmente constituída em sua relação com o que, com Fechner, denominava "uma outra cena" (eine anderer Schauplatz) a propósito do lugar inconsciente em sua articulação com os fenômenos oníricos. Édipo e inconsciente (como estruturas), se não são co-extensivos, são certamente consubstanciais.

A análise freudiana das "Memórias" de Schreber, embora centrada na referência estrutural ao Édipo e à função paterna, como assinalamos, apresenta aspectos problemáticos no que concerne à teoria que norteia a interpretação de Freud da gênese e dinâmica do conflito que estaria na base dos fenômenos paranóicos de Schreber, e que Freud estabelece como "mecanismo (geral) da paranóia" no capítulo III de sua análise.

Referimo-nos à teoria de Freud segundo a qual o cerne da questão paranóica seria um conflito contra impulsos homossexuais passivos. Sabemos que Freud, em sua análise das Memórias de Schreber, está iniciando um percurso teórico-clínico que o levará a, três anos mais tarde, introduzir o conceito de narcisismo na teoria psicanalítica, numa reformulação até então sem precedentes na história da psicanálise, que

consiste em empreender uma nova teoria pulsional, subordinando as antigas pulsões de auto-conservação do eu à libido, constituindo o que introduz como libido narcísica. Na seção do capítulo II deste trabalho, dedicamo-nos a examinar, extensamente, essa reviravolta e suas consequências, mostrando que, a rigor, ela consiste na elaboração da primeira teoria psicanalítica do eu, o que não é pouco.

Por outro lado, o recurso à tese de um conflito entre o eu e os impulsos homossexuais na base da paranóia, explícita no texto de Freud como indicaremos adiante, tem o mesmo sentido que toda a análise das "Memórias" assume no conjunto da obra freudiana: construir uma teoria analítica sobre as psicoses que tivesse como eixo — como fio condutor, a teoria da libido, ainda que na configuração que esta teoria apresentava na época (anterior à introdução do narcisismo) que sucede e decorre dos próprios impasses de Freud na análise das "Memórias"). Freud, assim, trazia as psicoses para o solo próprio em que seu discurso se estabelecera — o campo da sexualidade. Este objetivo lhe era muito caro, e fazia-o opor-se aos avanços da Escola de Zurich, de Jung e Bleuler, que desconstituíam o rigor e o vigor da teoria freudiana da sexualidade exatamente pelo viés do estudo e da análise das psicoses, descaracterizando a libido como pulsão sexual e parcial por excelência, atribuindo-lhe, a um só tempo, dois predicados desastrosos aos olhos de Freud: dessexualização e generalização — a libido seria a expressão da energia ou interesse psíquico geral.

Não tendo, portanto, ainda constituído uma teoria da libido que a diferenciasse em libido de objeto e libido narcísica, e que, portanto, lhe permitisse conceber a homossexualidade na paranóia não na vertente de uma investida de objeto (Objektbesetzung) mas na vertente da constituição libidinal-narcísica do eu, e, ao mesmo tempo, submetido à obstinada determinação de não ceder quanto à sua teoria da sexualidade na tentativa de elaborar uma teoria psicanalítica da paranóia, resta a Freud o recurso à insustentável tese de um conflito entre o eu e impulsos homossexuais objetais na base desta afecção clínica.

A fim de ilustrar o que acabamos de dizer, basta comparamos a forma pela qual Freud utiliza a noção de "Libido homossexual" na análise das "Memórias" e num trecho de seu artigo sobre o narcisismo, em que, após introduzir, de maneira genial, o "agente crítico da consciência", numa antecipação do que será, nove anos depois, concebido como supereu, explica a gênese do delírio de vigilância dos paranóicos pela retroação do processo de constituição do referido agente censório. Refere-se, então, a "grandes quantidades de libido de natureza homossexual", numa utilização flagrantemente diferente desta noção em relação àquela que faz na análise de Schreber. O atributo "homossexual" desta libido tem na gênese do delírio (que é a gênese da consciência crítica sob forma regressiva), antes o sentido de atestar o caráter narcísico, identificatório, na vertente imaginária do "duplo" do eu; do que fazer qualquer alusão à escolha de objetos homossexuais, como é o caso na interpretação de Schreber. Retomare

mos esta passagem de Freud mais adiante, ao abordarmos as consequências da introdução do conceito de narcisismo para a teoria freudiana das psicoses.

Retornando à análise das "Memórias", citamos o trecho em que Freud sustenta a tese, ora sob exame, do conflito entre o eu e os impulsos homossexuais na gênese da paranóia:

"Uma irrupção da libido homossexual foi também a causa desse adoecer, o objeto era mesmo provavelmente desde o início o médico Flechsig e a resistência contra essa moção libidinal testemunhava o conflito do qual surgiram os sintomas da doença"^[166].

É claríssimo: Freud constrói uma explicação etiológica da própria formação de sintomas baseada, à maneira das neuroses, num conflito entre o eu e a sexualidade, no caso, os impulsos homossexuais, e, explicitamente, toma-os na vertente objetal: o objeto (termo por nós grifado na citação) desses impulsos era o médico de Schreber, o "Geheimrat" Prof. Flechsig.

Há, contudo, um outro aspecto a considerar. A referência a Flechsig é, em outro momento da análise dos delírios, explicitamente distinta de uma relação interpessoal com a "pessoa real" de Flechsig, sua pessoa física. No delírio, Schreber relaciona-se com a alma de médico, diferenciando-a

[166] Freud, S. - Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides) Op. cit., p. 169.

radicalmente de sua pessoa:

"percebe-se claramente que ele está se es forçando para separar a "alma Flechsig" do homem vivo de mesmo nome, o Flechsig liga do a seu delírio do Flechsig ligado ao cor po próprio"^[167].

Feita a distinção entre o emprego da categoria de "libido homossexual" na análise das Memórias e no texto sobre o narcisismo, cabe, contudo, observar que, no próprio texto sobre as Memórias, na primeira das que Freud denomina suas "argumentações adicionais", no fim da seção III, Freud dá in dicações de que não lhe escapa, já nesse momento, esta dis tinção:

"Com base nessa manifestação clínica, consi deramos que os paranóicos trazem consigo u ma fixação no estágio do narcisismo e afir mamos que a regressão da homossexualidade su blimada no sentido do narcisismo revela a importância da regressão característica da paranóia"^[168].

[167] Id. *ibid.*, p. 166-7

[168] Id. *ibid.*, p. 195.

Outro aspecto notável da análise freudiana de Schreber é a sua apreensão do caráter estruturalmente fragmentário das psicoses em oposição às neuroses. As leis do inconsciente, que funcionam na neurose, cifrando uma linguagem a ser decifrada pelo analista, não têm, na psicose, esse efeito. O inconsciente psicótico apresenta seus elementos em estado de decomposição, fragmentação, elementarização, por assim dizer, mas não por efeito de análise — método que consiste exatamente em fragmentar o que se apresenta dotado de certa unidade, de certa organização e mesmo de certo nível de encobrimento. Seria, como se o inconsciente psicótico "fosse radicalmente analisado", por efeito de sua própria forma de estruturação. Incidentalmente isto constitui uma das dificuldades da análise de psicóticos: há uma aparente inexistência de recobrimento, de resistência, de tensão-na-ordem. Pois o que mais facilmente se oferece à análise é uma crise no interior de uma ordem, uma tensão que ameaça ruir o que, de outro modo, seria ordenado. Assim, a propósito da fragmentação da figura de Flechsig no delírio de Schreber, Freud diz:

"Uma tal fragmentação é perfeitamente característica da paranóia. A paranóia decompõe, tal como a histeria condensa. Ou antes, a paranóia reduz as condensações e identificações realizadas no inconsciente aos seus elementos"^[169] (Grifo nosso).

[169] Idem, *ibidem.*, p. 174.

Estrutura estilhaçada, a psicose coloca impasses para o ato que tem por objetivo analisá-la. Essa passagem do texto de Freud evoca aquela em que analisa a gênese do delírio de vigilância a partir da retroação do processo de constituição da consciência crítica, citado duas páginas acima na comparação que fizemos do uso da expressão libido homossexual, nesta gênese, com o uso que faz Freud dos impulsos homossexuais na gênese dos sintomas paranóicos.

Prosseguindo nosso breve exame do trabalho de Freud sobre as "Memórias" de Schreber analisaremos seu terceiro capítulo, intitulado "Sobre o Mecanismo da Paranóia".

Partindo da premissa de que, na base da paranóia en contra-se, de modo estrutural e não contingente, a posição subjetiva exprimível pela sentença "Eu (um homem) amo (um outro homem)", Freud examina três formas pelas quais esta proposição pode ser negada, extraíndo, de cada uma dessas formas de negação, cujo valor é mais lógico do que gramatical, (como observará Lacan no seu principal escrito sobre as psicoses [170] em que observa também o fato de que os autores e analistas jamais se detem nas questões lógicas que essa proposta de análise de Freud coloca), as três configurações estruturais do delírio paranóico; perseguição, erotomania e ciúme, nesta ordem.

[170] Lacan, J. - "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose" (1957-8), in *Écrits*, Paris, Éditions du Seuil, 1966, p. 541-2.

Apresentaremos, a fim de facilitar a leitura da sequência lógica interproposicional, as suas etapas em linhas consecutivas:

— 1ª Forma de Negação:

- 1) Eu o amo — proposição básica
- 2) Não, eu não o amo (negação simples, grifando o sin tagma a alterar)
- 3) Eu o odeio (inversão do verbo)
- 4) Ele me odeia (projeção com interversão entre sujei to e objeto).
- 5) Ele me persegue (delírio de perseguição).

Fica evidenciado que o objeto perseguidor fora, antes, amado, e que a "Projeção" de todo o complexo de representações inconscientes faz com que ele seja percebido desde o exterior, tornando-se consciente, o que ocorre sem recalque.

— 2ª Forma de Negação:

- 1) Eu o amo — proposição básica
- 2) Não, eu não o amo (negação simples, grifando o sin tagma a alterar)
- 3) Eu a amo (inversão do objeto)

- 4) Ela me ama (projeção, com interversão entre su jeito e objeto)
- 5) Elas (todas as mulheres) ou eles (homens) me a mam (erotomania).

— 3ª Forma de Negação:

- 1) Eu o amo — proposição básica
- 2) Não, eu não o amo (negação simples, grifando-se o sintagma que sofrerá alteração)
- 3) Ela (e não eu) o ama (inversão do sujeito).

Neste último caso o delírio de ciúme se define na terceira proposição, o que significa que não há projeção. É curioso observar que há uma relação lógica entre o fato de que, nessa forma de negação, é o sujeito que é invertido e outro fato, o de que, por isso mesmo, a projeção se torna desnecessária, porquanto foi subsumida pela inversão do sujeito. Nos outros dois casos, no que denominamos o "quarto momento" em nossa série, havia projeção com interversão entre sujeito e objeto. Uma vez que, já no "terceiro momento", o da inversão de um dos sintagmas da proposição, o que é invertido é o próprio sujeito, a projeção torna-se desnecessária.

Freud acrescenta uma quarta forma de negar a proposição "eu o amo", que consiste em negá-la em bloco, in totum :

"não amo de modo algum, não amo ninguém, só a mim mesmo". Resultaria, dessa forma de negação, o narcisismo radicalizado na megalomania.

Freud enuncia assim o que considera, neste momento do texto, como o mecanismo fundamental da paranóia: a projeção — o que, como já assinalamos, ele já havia afirmado nos primórdios da psicanálise, em 1894, no texto "Neuropsicoses de defesa":

"Na constituição da paranóia o traço mais notável é aquele que merece a denominação de projeção. Uma percepção interna é suprimida e, em substituição a ela, seu conteúdo a parece, após sofrer certa deformação, como uma percepção externa para a consciência"[171].

Passa então a analisar as três etapas do que ainda considera como recalque na paranóia, embora, como veremos, a tese de que haja recalque nas psicoses não será por ele sustentada posteriormente, sendo retificada, no mesmo capítulo, algumas páginas adiante, ainda que não explicitamente, e estando dado que, na própria forma como analisou as três formas de negação da proposição "eu o amo", como transcrevemos acima, já o indique, pela alusão ao fato de que o conteúdo das representações inconscientes, através do que Freud denomina

[171] Freud, S.- op. cit., p. 169.

"projeção", penetre, na psicose, invariavelmente, na consciência, o que interdita a utilização rigorosa do conceito de recalque.

As três etapas do suposto recalque são: a) fixação (da libido), no caso, numa posição homossexual; b) recalque propriamente dito, que descreve de forma exatamente análoga a que ocorre na neurose: trata-se de um processo ativo (enquanto a fixação seria um "retardamento passivo"), procede dos extratos mais "elevados" do eu e pressupõe um núcleo previamente recalcado como condição de possibilidade (recalque originário), razão pela qual é mais precisamente descrito como "Pós-calçamento"; c) retorno do recalcado, que irrompe justamente no ponto em que houve fixação na primeira etapa, e implica uma regressão da libido a este ponto.

Como efeito do retraimento da libido objetal ao eu, do que decorre sua transformação (quase) integral em libido narcísica, o mundo perde todo o sentido (pelo que se deve entender recobrimento dos objetos pela rede fantasmática em que consiste a realidade psíquica):

"O fim do mundo é a projeção dessa catástrofe interior; seu mundo subjetivo está destruído, desde que ele lhe retirou seu amor"^[172].

[172] Id. *ibid.*, p. 192-3.

O que constitui o mundo, enquanto realidade (interna-externa) é a libido, o amor, diz-nos Freud. Realidade, em psicanálise, é a realidade psíquica, interna-externa, enquanto recoberta pela libido, pela tela do fantasma, dir-nos-á Lacan. Realidade "descoberta, despida de fantasma, é Real, é invasão do não-simbolizável e não-imaginarizável, do gozo do Outro, correlato do fim do mundo subjetivo projetado, como diz Freud, em "fim do mundo" (considerado, em função dessa projeção, como externo ao sujeito). O que sucede ao fim do mundo (subjetivo) do psicótico, é a sua reconstrução:

"E o paranóico de novo o constrói, não mais, na verdade, esplêndido, mas pelo menos de forma que ele possa de novo viver nele. E le o constrói graças ao trabalho de seu de lírio. O que tomamos como produção da doença, a formação do delírio, é na realidade a busca da cura, a reconstrução"^[173].

Esta idéia, Freud a retomará pelo menos, em três momentos fundamentais e ulteriores de sua obra: em "Para introduzir o narcisismo (1914)", "O Inconsciente" (1915), "A Perda de Realidade na neurose e na psicose" (1924).

Aqui se impõe a Freud uma notável consideração: se e como o recalque, que ele supôs existir em suas três etapas,

[173] Idem, *ibidem.*, p. 193.

como apresentamos, na paranóia, se dá, não podemos saber, é um processo silencioso. Freud se dá conta de que não é o recalque suposto à psicose o essencial, o que se oferece à apreensão pelo analista.

Assim, diz ele:

"Diremos, portanto, o verdadeiro processo de recalque consiste numa dissociação da libido das pessoas — e coisas — anteriormente amadas. Ele torna-se mudo; não conseguimos nenhuma informação dele, somos forçados a obtê-la de acontecimentos posteriores. O que se faz notavelmente rumoroso é o processo de cura, que faz desaparecer o recalque e reconduz a libido de volta às pessoas por ela abandonadas. Tal processo se consuma na paranóia por via da projeção. Na verdade, não foi correto dizer que a percepção suprimida interiormente foi projetada para fora; entendemos, pelo contrário, que o que foi abolido internamente retorna desde fora"^[174] (Grifos nossos).

Abolição interna e retorno externo ou supressão e projeção? Freud afirma numa frase que o processo deve ser denominado "projeção" para, em seguida (frase final, grifada em negrito), negar que a representação tenha sido projetada, e afirmar que, uma vez abolida "dentro" (do campo subjetivo), retorna desde fora (do que escapa a este campo: o Real). É

[174] Id. *ibid.*, p. 193-4.

nesta proposição de Freud que Lacan lançará a âncora de seu conceito de "forclusion", que ele propõe como versão do termo alemão "Verwerfung", não utilizado por Freud na análise das "Memórias" de Schreber mas no caso do "Homem dos Lobos".

O eixo da análise de Freud, como vimos assinalando, é a relação de Schreber com a instância paterna. Assim, a primeira "transferência" paterna de Schreber é Flechsig:

"O sentimento de simpatia do doente pelo médico pode facilmente ter-se originado de um processo de "transferência", através do qual o investimento emocional de uma pessoa importante para ele transferiu-se para a pessoa, em si mesma indiferente, do médico, de modo que o médico foi escolhido como o substituto, o subrogado, no lugar de alguém muito mais próximo do doente. Falando mais concretamente, o doente se lembra, através do médico, de seu irmão ou de seu pai, reencontra, nele, seu irmão ou seu pai. Então, deixaremos de considerar estranho se, em certas condições, o anseio para com a pessoa substituta reaparecer nele e atuar com tal violência que só se torna inteligível à luz de sua procedência e significação primárias"^[175].

Inicialmente, Schreber estabelece uma relação amistosa com Flechsig que, pouco a pouco, vai se transformando num sentimento de perseguição: Flechsig teria cometido contra e

[175] *Ibidem.*, p. 172.

le o "assassinato de alma", ato que consiste na apropriação da alma de alguém vivo, com fins de abusos sexuais com o corpo desta pessoa cuja alma é entregue, para depois ser "deixada largada". O delírio primário da emasculação (transformação em mulher), que seria conforme ao assassinato da sua alma e portanto por ele recebido com indignação, era visto contudo, nesse primeiro momento do desenvolvimento delirante, como contrário a Ordem do Mundo (ou das Coisas). Progressivamente Schreber vai admitindo a emasculação, numa etapa intermediária como inevitável e numa etapa final como uma solução, um desfecho conforme a Ordem das Coisas, capaz de reestabelecê-la na humanidade e recriá-la, a partir de sua transformação em mulher e na gestação em seu ventre, de uma nova raça, de homens "schreberianos".

A relação, inicialmente amistosa, com Flechsig (e à qual Freud atribuirá os matizes de uma transferência erótica, baseada em fantasias "femininas" de desejo), vai, pouco a pouco, transformando-se numa relação hostil de perseguição, da qual Schreber é a vítima. Assim Freud afirma:

"Penso que não objetaríamos demasiadamente a idéia de que a causa do adoecer foi o aparecimento de uma fantasia feminina de desejo (homossexual passiva), a qual tomou a pessoa do médico por objeto. Contra ela levantou-se, da parte da personalidade de Schreber, uma resistência intensa, e a luta defensiva, que talvez pudesse ter-se realizado de outra forma, escolheu, por razões que desconhecemos, a forma do delírio de perseguição. Aquele a quem se dirigia o anseio

converteu-se no perseguidor, e o conteúdo da fantasia de desejo no conteúdo da perseguição"^[176].

A figura de Deus não é, inicialmente, hostil a Schreber. Pelo contrário, Deus é seu aliado contra a revolução que se estabeleceu nos Céus, contrária à Ordem das Coisas. Pouco a pouco, entretanto, Schreber percebe que Deus é cúmplice de Flechsig na perseguição que o tem como objeto. Inicia-se então a fase mais grave do surto. Entretanto, o curso do delírio avança em direção a solução do conflito, que consiste na aceitação, por parte de Schreber, de sua transformação em mulher de Deus, numa união da qual nascerá a nova humanidade, uma raça de homens "schreberianos", ponto no qual o delírio vai se estabilizar.

Há, entretanto, uma peculiaridade importante: a estabilização da psicose de Schreber através de sua transformação em mulher de Deus depende de que isto não se realize se não na perspectiva de uma projeção temporal, num devir que lança, para um tempo situado no futuro remoto, esta transformação. Freud utiliza, a esse respeito, a expressão "realização assintótica de desejo".

É interessante observar que o termo "assintótica" utilizado por Freud refere-se, em geometria, a uma curva que tende ao infinito na direção de determinada reta, a qual só será atingida, portanto, no infinito. É exatamente através

[176] *Ibidem*, p. 173.

de duas assintóticas que Lacan representará, em seu esquema "I" (ver página adiante), pela transformação do esquema "R" da estrutura da subjetividade, a torção ocorrida nos pontos de sustentação do campo da realidade fantasmática, na psicose. Este ponto será retomado adiante, ao abordarmos a teoria lacaniana das psicoses.

Comparando as vicissitudes que as personagens de Flechsig e de Deus têm para Schreber, Freud estabelece uma relação entre ambos com o pai de Schreber, retomando seu fio condutor, a referência ao "complexo paterno":

"Acompanhando essa sequência de pensamento, devemos dizer que essa outra pessoa não pode ser nenhuma outra senão o pai, em função do qual Flechsig é claramente compelido a entrar no papel do irmão, que, segundo esperamos, era mais velho. A raiz daquela fantasia feminina, que tanta repulsa desencadeou no paciente, teria sido, portanto, o anseio pelo pai e pelo irmão levados a uma intensificação erótica, e dos quais (pai e irmão), o último (irmão) passou, por transferência, para o médico Flechsig ao passo que sua recondução ao primeiro trouxe uma estabilização do conflito"^[177].

Outro símbolo do pai, presente no delírio do Schreber, é, para Freud, o Sol. São seus raios que falam a Schre-

[177] Idem, *ibidem.*, p. 175. Freud intui e depois vem a confirmar sua hipótese, que Schreber tinha um único irmão mais velho.

ber, são seres de linguagem. Frequentemente, Schreber dirige-se ao Sol com insultos e impropérios, e afirma que, em sua presença, o Sol empalidece. O Sol é, para Schreber, uma das manifestações de Deus e assume, por esta via, o lugar de simbolo paterno. No "Pós-Escrito" ao texto de sua análise das "Memórias" de Schreber, Freud faz alusão ao mito antigo segundo o qual só às águias era atribuído o poder de olhar fixamente o Sol sem ficar ofuscado, proeza que Schreber, após seu reestabelecimento, orgulha-se de conseguir realizar. Segundo o mito, a prova de filiação entre as águias consistia em fazer com que os filhotes olhassem fixamente o sol e verificar se ficavam ofuscados. Comportando-se como descendentes do Sol, as águias testavam, assim, a linhagem de seus próprios descendentes. Esta referência mitológica que Freud traz em seu "Pós-Escrito" é uma interessante forma de expressar a questão da filiação e da paternidade, questão crucial na psicose. O que se resume na frase de Freud: "Assim, também no caso de Schreber, achamo-nos no conhecido terreno do Complexo Paterno" [178].

Detenhamo-nos nesta insistência de Freud sobre a função paterna a função do complexo paterno, que ele encontra no âmago da questão paranóica. O que é o pai, nesse sentido? Trata-se do "Objeto" paterno, do indivíduo concreto, de carne e osso, da pessoa física que fecundou, no ventre de uma mulher, o que viria a ser uma criança? Se fosse este o

[178] Ibidem, p. 180.

caso, como entender diversas referências de Freud a esta função, entre as quais citaríamos a frase com que Freud abre o capítulo VII de seu escrito "Psicologia das massas e análise do eu", intitulado "Identificação"? A frase é: "A identificação é conhecida pela psicanálise como a expressão mais arcaica de um laço afetivo com outra pessoa"[179].

Trata-se de uma identificação que não resulta da elaboração, por luto, da perda de um objeto antes tomado pela libido, antes amado e erotizado, mas que antecede, tanto lógica quanto cronologicamente, qualquer laço objetal erótico, e que portanto não pode se referir a um objeto perdido.

Do mesmo modo, como entender, tomando o pai como indivíduo, o que Freud denomina o complexo paterno, acima mencionado, e retomado na primeira página do capítulo V de "O Eu e o Isso", denominado "As relações dependentes do eu", senão como a expressão do assujeitamento do eu, em função de seu estado de absoluto desamparo (Hilflosigkeit) inicial, ao Outro, cuja encarnação mais "ancestral" é o ideal, representante da função paterna, mais precisamente o supereu — e que tem por função primordial garantir proteção ao eu, assimilável à forma do amor, mas que, de modo ainda mais arcaico, representa a culpa primordial, a culpa originária, resultante do "assassinato do pai primitivo", pai mítico, da horda, enraizado no Isso. O supereu, portanto, tanto encarna o espírito an-

[179] Idem, Massenpsychologie und Ichanalyse, in Studienausgabe, Bd. IX, p. 98.

cestral, e espírito do Pai enquanto expatriado para o Simbólico (Pai Simbólico), herdeiro do complexo de Édipo, quanto o "mau espírito", o espectro do pai morto mas ainda não simbolizado que, como em Hamlet, retorna, para exigir que a dívida, isto é, a sua simbolização, seja feita. Se o supereu é herdeiro do Édipo é na exata medida em que é também o seu testamentário, é porque já se encontrava inscrito na estrutura (do Édipo) desde o início, pois, como diz Lacan em algumas passagens de seu ensino, "não se pode retirar um coelho de uma cartola sem que se o tenha colocado lá antes"^[180].

Esquecida a dimensão estrutural do pai, previamente inscrita na estrutura, cai-se no equívoco de tomar o pai, em psicanálise, como objeto da realidade, com o qual a criança só entrará em relação num momento segundo de seu "desenvolvimento", já que, de início, sua relação primordial de objeto é com a mãe que dela cuida, que a provê do que necessita, engendrando o que o casal Michael e Alice Balint denominam "amor primário"^[181], na "two-body's psychology" a partir do qual, por uma estranha e incompreensível lógica, o pai, como terceiro objeto, virá a entrar, produzindo o "amor genital". Em seu Seminário I, Lacan observa a impropriedade lógica da passagem do "primary" ao "genital love", demonstrando que, se a relação primária fosse realmente dual, a "two-body's psychology", não haveria nenhuma razão para que a mãe, diante de

[180] Lacan, J. - Le Seminaire, Livre II - Le Moi dans la théorie de Freud et dans le technique de la psychanalyse, op. cit., p. 132.

[181] Balint, M. e Balint, A. - Amour primaire et technique psychanalytique. Paris, Payot, 1972.

suas próprias necessidades fisiológicas, não engolissem a criança, analogamente ao que faz a criança ao sugá-la^[182]. Se não o faz, é porque a mãe encontra-se, a priori, referida a uma ordem que ultrapassa a relação supostamente dual, uma ordem terceira, a ordem simbólica, a ordem da linguagem, ou ainda, a ordem paterna.

Em nossas palavras, numa metáfora euclidiana, diríamos que um segmento de reta, como tal definido por dois pontos (dual), não se transforma em triângulo por nenhuma razão psicológica: para que haja triângulo, a lei simbólica de sua estruturação, isto é, que a soma dos ângulos internos seja igual a 180 graus, precisa estar inscrita de início. Dissemos lei "simbólica" e não "lógica" para contrapô-la ao plano imaginário do triângulo: este tampouco consiste numa figura, isto é, em algo da ordem do imaginário, fechada entre três lados, o que implica numa fixidez imagética à unicidade da figura considerada. A lei simbólica da estruturação do triângulo engendra todo e qualquer triângulo, permitindo que, a partir do traço unário do triângulo, que se repete, o mesmo, em todos os triângulos possíveis, produza-se a multiplicidade infinita de todos os triângulos possíveis, na diferença que cada um estabelece em relação a todos os outros.

Incidentalmente, poderíamos valer-nos desta diferença entre os planos do simbólico e do imaginário, que expressamos através de uma metáfora geométrica, no caso, para estabelecer a diferença entre a referência paterna em sua vertente

[182] Lacan, J. Le Séminaire, Livre I, Les Écrits techniques de Freud, Paris, Éditions du Seuil, 1975, p. 236.

simbólica e a queda da instância freudiana do pai no plano da psicologia das relações de objeto, para ilustrar a oposição e existente entre as instâncias ideais narcísicas — o eu ideal e o ideal de eu. Enquanto que, o primeiro sustenta-se de uma fixidez alienante numa imagem do corpo próprio investida libidinalmente pelo Outro, interditando, assim, o devir-um-outro-si-mesmo, (triângulo como figura geométrica única, o triângulo como aquele determinado triângulo delineado na imagem), o segundo engendra, a partir do que Freud denomina, em seu artigo sobre o narcisismo, já citado, "uma nova forma do ideal do eu", (a expressão "nova forma" devendo, neste contexto, ser tomada como "forma-formal", "forma-fórmula" e não mais "forma-imagem", "forma-gestalt"), o "devir-outro-si-mesmo", abrindo ao eu a possibilidade de amar-se a si próprio mas sob nova forma, amar outro-eu-mesmo, um eu a devir, o eu de amanhã, introduzindo, assim, a dimensão temporal da castração e da falta. Guardada a herança edipiana do pai, a marca, a regra de composição do triângulo, o eu abre-se à possibilidade de identificar-se, simbolicamente, a todo e qualquer triângulo, seja qual for a sua forma-imagem, porquanto será estruturado segundo a forma-fórmula de todos os triângulos.

Embora constitua aspecto polêmico se Freud estabeleçera ou não a distinção entre eu-ideal e ideal-de-eu, ou se esta distinção é de Lacan, sustentamos que, se ela é explícita e fundamentada em Lacan, encontra-se indicada em Freud, num parágrafo de "Para introduzir o narcisismo" em que essa distinção nos parece inequívoca.

A recusa a esta referência estrutural da função paterna, exemplificada na digressão que fizemos sobre as instâncias ideais em Freud, acarreta consequências importantes no plano da teoria da clínica da psicose: considerando-se que o Édipo seria precedido por fases "pré-edípianas" em que o pai não "entrava em cena", procura-se nelas identificar os pontos de fixação das psicoses — ou das "afecções psíquicas mais graves e arcaicas". Nesse sentido, todo sujeito teria "passado", em seu desenvolvimento, por fases em que a psicose poderia ter-se fixado, e, se não se tornou psicótico, é por que teria ultrapassado essas fases, "indo além" delas, o que explicaria os famosos "núcleos psicóticos" de todo sujeito, nas personalidades neuróticas, por exemplo.

Freud não estabelece, porém, como assinalamos no início do presente capítulo a respeito da categoria de "neuropsicoses de defesa", que abrangia configurações tanto neuróticas quanto psicóticas, um continuum de fases do desenvolvimento individual, (entre as quais figuraria a fase de fixação das psicoses), ou seja, uma continuidade de ordem genética, à qual corresponderia uma outra continuidade, esta de ordem metodológica, a diluir os limites estruturais entre diferentes configurações clínicas.

Pensamos, ao contrário, que, se existe algum "núcleo psicótico" em todo sujeito, este não é o resíduo remanescente de alguma fase de desenvolvimento, mas uma dimensão estrutural, sincrônica, de toda subjetividade na medida em que ela não é toda regida pelo recalçamento. O verdadeiro "núcleo psicótico" — que, contudo, jamais será suficiente para fazer

de alguém um sujeito psicótico porquanto, para isso, é necessário um modo de estruturação global da subjetividade — é a consciência (Gewissen) do sujeito, na medida em que ela contém elementos que, não se constituindo como manifestações do recalcado (configuração neurótica), expressam aquilo que, precisamente, escapa ao recalque. Referindo-se à consciência moral, Freud diz (frase que já citamos anteriormente, em contexto diverso): "A consciência moral é a percepção interna da Verwerfung de certos desejos que experimentamos"^[183].

O termo empregado por Freud "Verwerfung", ejeção, rejeição, e não "Verdrängung, recalque. A consciência, no caso, moral, resulta da percepção interna do buraco deixado aberto pela ejeção para fora do campo psíquico das representações recalçadas, isto é, para fora do campo da simbolização (verdrängtvorstellungen), do desejo experimentado pelo sujeito. Na constituição de um juízo de condenação moral, não se trata de recalque: não se condena algo (ou alguém, em seu comportamento, por exemplo), porque isto evoca algo do recalcado do condenante, mas exatamente porque o objeto de condenação encarna o que, por ter escapado ao recalque, por ter sido ejetado (verworfen), cria, no lugar deixado vazio por esta ejeção, uma consciência moral. Essa mesma idéia, agora referida à consciência como sistema (Bw.) e não como instância moral (Gewissen), é retomada no escrito "Além do princípio de prazer", já citado e trabalhado no capítulo III, seção 3, deste trabalho, em que Freud, referindo à consciência

[183] Freud, S. Toten und Tabu (Einige Übereinstimmungen in Seelenleben der Wilden und der Neurotiker (1912-3), in Studienausgabe, Bd., IX, p. 358.

como um sistema que foge à regra geral de representar, de deixar traços, numa palavra, de recalcar, diz: "A consciência surge no lugar de um traço de memória"[184].

O que desenvolvemos acerca do "Fora-do-sexo", do não-sexual, ao longo de todo o capítulo III concerne, como dissemos, ao que escapa ao recalque, tornando-se "inesquecível", "fascinante", "paralisante", "traumático" ou "ejetado" (fora cluído).

Numa estrutura neurótica, a consciência é suportada por um sistema recalcado de traços, o inconsciente — que absorve, por assim dizer, o "choque" traumático através do deslizamento (condensações, deslocamentos) dos traços (significantes) no inconsciente. Numa estrutura psicótica, por falta do registro inconsciente enquanto recalcado, a consciência revela-se em toda a sua dimensão, como sistema essencialmente psicótico. Com efeito, um significante inesquecível (irrecalcável), uma consciência que não esquece, é da ordem da psicose.

Opondo-nos, assim, a esta concepção genética da constituição do sujeito psicótico, acompanhamos o pensamento de Freud e sua interpretação feita por Lacan, que privilegia a concepção estrutural segundo a qual a instância paterna (o Nome-do-pai, para Lacan), referida, como vimos assinalando, à ordem simbólica, ou encontra-se inscrita na estrutura do su-

[184] Idem, Jenseits des Lustprinzips (1920), in Studienausgabe, Bd. III, 235, onde se lê no original grifado, em itálico: "... das Bewusstsein entstehe an Stelle der Erinnerungspur".

jeito, como referência não apenas ao Outro da Linguagem — a mãe, enquanto Outro que introduz o sujeito na ordem da linguagem — (pois, como é evidente, o psicótico, enquanto sujeito humano que é, fala), mas ou Outro da Lei, Outro enquanto representante da Lei do Pai, ou não está, disso dependendo fundamentalmente que esta estrutura se constitua como neurótica ou psicótica.

Na seção 3 do presente capítulo, intitulada "Com Lacan, via Freud", retomaremos esses pontos, destacadamente a posição ocupada pela instância paterna (P), no esquema "R" (dito da estrutura do sujeito), como desdobramento do vértice "A" do ternário simbólico (A-M-I), a posição ocupada pelo significante do objeto primordial — e não o próprio objeto — a mãe (M) no outro vértice do mesmo ternário e o ideal do eu (I) como terceiro vértice, indicando que o ideal do eu distinto do eu-ideal, miragem narcísica do eu, situa-se no ponto de interseção dos dois ternários (simbólico e imaginário), tendo, portanto, uma dimensão simbólica, referida à Lei do Pai, enquanto que o eu-ideal situa-se inteiramente no campo do imaginário (Ver página adiante).

IV.1.3. Após Schreber

Três anos após a análise das Memórias de Schreber, Freud escreve o texto "Para introduzir o narcisismo"^[185] em

[185] Freud, S. Zur Einführung des Narzissmus, in Studienausgabe, Bd. III.

que produz uma de suas maiores reviravoltas teóricas, já amplamente debatida no Capítulo II deste trabalho, onde, contudo, privilegiamos as consequências teórico-metodológicas da introdução do conceito de narcisismo. Que consequências a introdução do narcisismo trouxe, contudo, para a clínica das psicoses ?

De certo modo, este texto é uma consequência direta da análise das Memórias de Schreber. O próprio debate que Freud trava, no texto, com Jung, e que tem por objeto a questão da interpretação das psicoses, ali denominadas "neuroses narcísicas", à luz da nova teoria da libido, que faz do eu seu objeto primordial (libido narcísica) e introduz, contra o emprego jungiano de "Introversão" da libido, considerado por Freud como indiscriminado, a distinção entre introversão pa-ra objetos da fantasia (neurose) e retração da libido ao eu (megalomania, psicose), demonstra que Freud pretende resti-tuir à psicanálise, tal como ele a concebeu, o campo clínico configurado pelas psicoses.

Como tivemos ocasião de observar (seção do capítulo II), Freud foi impelido pela clínica das psicoses, através das Memórias a empreender uma primeira teoria legitimamente psicanalítica sobre a constituição do eu. A questão homossexual, situada por Freud na base do conflito paranóico, ganha, a partir da introdução do conceito de narcisismo, uma nova dimensão, não se trata mais, como Freud asseverara em seu texto sobre Schreber, de uma investida objetual (Objektbe-setzung) da libido homossexual, aspecto do qual fizemos objeto de nossa crítica no início da seção "Com Schreber", do pre

sente capítulo. A partir da teoria do narcisismo, torna-se claro que a questão homossexual da paranóia concerne, antes, a uma vicissitude malograda do próprio processo de constituição do eu a partir do narcisismo.

Além disso, Freud aborda a questão da hipocondria, estabelecendo um paralelo entre o papel desempenhado pela ansiedade neurótica (resultado do recalque da libido objetal, nessa época) na produção do sintoma neurótico e o papel desempenhado pela ansiedade hipocondríaca na produção dos fenômenos psicóticos. Curiosamente, vale lembrar que a primeira crise de Schreber, em 1884, nove anos de seu primeiro surto francamente psicótico, foi diagnosticada como "hipocondríaca".

A questão do "duplo" psíquico, presente de modo preminente nas manifestações psicóticas e em relação à qual a incidência do elemento terceiro — a invocação da instância paterna em oposição ao sujeito — vem desencadear a desagregação psicótica, é outro aspecto que só se torna inteligível à luz da teoria do narcisismo e das instâncias ideais da subjetividade, ali introduzidas.

Como observa Lacan em seu Seminário VII, "Para introduzir o narcisismo", embora preceda, em um ano, a elaboração dos chamados artigos metapsicológicos que compõem essencialmente a chamada "primeira tópica", consistem, sobretudo, numa introdução à segunda tópica: "Zur Einführung des Narzissmus (que) não é somente a introdução do narcisismo, mas a introdução à segunda tópica" [186].

[186] Lacan, J. Le Séminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse, Paris, Éditions du Seuil, 1986, p. 114.

Como uma última contribuição deste incisivo e condensado escrito freudiano para a teoria da clínica psicanalítica das psicoses, mencionaríamos, assim, o que, dele, antecipa a segunda tópica, seguindo a indicação de Lacan.

Referimo-nos a introdução, na seção III do artigo, da instância crítica, o "agente censor" da consciência, que tudo vigia, numa claríssima antecipação do que será o supereu na segunda tópica, como manifestação de um olhar que se expressa através da voz, ou como uma voz que procede da estrutura do olhar. Incidentalmente, esta introdução precoce do supereu no artigo sobre o narcisismo articula-se com a pulsão escopofílica em sua dimensão não-sexual, tal como tratada por nós na seção 2 do Capítulo III, anterior, porquanto trata-se, nesse caso, da "Schautrieb" (pulsão de olhar, como nos parece melhor traduzí-la) operando fora do registro do recalçado, de forma regressiva:

"(...) O delírio de observação mostra-se em sua forma regressiva, revela sua gênese e o fundamento pelo qual o paciente revolta-se contra ele.

Os estímulos para a formação de um ideal do qual a consciência constitui o guardião, haviam partido primordialmente da influência crítica dos pais transmitida através da voz, tendo, no decorrer do tempo, vindo juntar-se a esta influência a dos educadores, professores, e de todo o enxame indiscernível e indeterminado de outras pessoas do meio (os pares, a opinião pública).

Grandes quantidades de libido essencialmente homossexual foram assim atraídas para a constituição do ideal do eu narcisista, encontrando, na sua conservação, escoadouro e satisfação. A instituição da consciência foi, no fundo, uma corporificação, em primeiro lugar da crítica dos pais, subsequentemente da crítica da sociedade, processo que se repete na origem de uma tendência para o recalque nascida de uma primeira proibição ou obstáculo exterior. As vozes, asim como a multidão indefinida são agora levadas para o primeiro plano da doença, e com isso a história da evolução da consciência se reproduz regressivamente. Mas a resistência contra esta instância censória faz com que a pessoa, correspondendo ao caráter fundamental de sua doença, queira libertar-se de todas essas influências, a começar pela dos pais, delas retirando a libido homossexual. Sua consciência então se contrapõe a ela, numa configuração regressiva, como influência hostil vinda de fora (...). (Grifos nossos, exceto nos termos "instância censória", grifados por Freud^[187]).

Freud, ao analisar, em retroação, a gênese do supereu assim caracterizado, mostra que a voz, enquanto ouvida de fora (delírio de vigilância, acompanhado de alucinação), é uma regressão ao seu lugar de origem — O Outro. O amalgamento da voz na subjetividade, sua interiorização, é fruto da adição de "grandes quantidades" de libido homossexual à voz

[187] Freud, S. - Zur Einführung des Narzissmus, op. cit., p. 62-63.

ouvida, primeiramente de fora. A retirada da mesma libido, em contrapartida, faz com que a voz retorne ao seu lugar exterior de origem, confrontando o sujeito com esta exterioridade, percebida, assim, como hostil. A referência à libido (sua adjunção ou retirada), mostra, assim, com clareza, que progressão e regressão são processos a serem entendidos, nesse contexto, como tópicos e estruturais e nunca como genéticos ou temporais. É por um avanço na ordem do sexual (adjunção da libido) que o sujeito interioriza o Outro e, opostamente, é um recuo para o não-sexual (retirada da libido) que o sujeito exterioriza o Outro, e se vê em plena psicose, no caso, na paranóia, nisso não fazendo mais do que reproduzir, regressivamente, o processo de sua própria constituição. Fica suficientemente evidenciado que, nesse processo, a libido dita homossexual concerne ao plano das identificações narcísicas em que se constitui o eu, ao eixo imaginário que Lacan definirá como eixo "a-a" em seu esquema "L", dito "esquema da intersubjetividade", não admitindo, portanto, nenhuma apreensão no sentido de uma escolha de objeto homossexual. Aludimos a isto na seção "Com Schreber", do presente capítulo (p. acima).

No terceiro e mais importante, do ponto de vista tópico, de seus artigos chamados "metapsicológicos" de 1915, intitulado "O Inconsciente"^[188], Freud nos faz mais uma importante incursão na questão das psicoses, contrariando aqueles

[188] Freud, S. Das Unbewusste (1915), in Studienausgabe, Bd. III.

que supõem que esses artigos têm pouca incidência clínica^[189]

A contribuição trazida neste texto concerne à relação do sujeito psicótico com a ordem simbólica, através de importantes referências aos modos de representação psíquica na neurose e na psicose. Trata-se, portanto, de uma referência à ordem da linguagem.

A primazia da ordem da linguagem encontra-se presente desde os primeiros escritos de Freud. Assim, já no seu artigo "Interpretação das Afasia", de 1891^[190], Freud distinguia duas ordens no campo do registro psíquico da experiência subjetiva: a ordem das apresentações de objeto e a das representações de palavra, de cuja articulação dependia, essencialmente, a produção da significação.

No artigo metapsicológico sobre o inconsciente, ora sob exame, Freud retoma esta mesma distinção, dessa vez sob as denominações de representações de coisa (Sachsvorstellungen) e representações de palavra (Wortvorstellungen). É exatamente à psicose que recorre para explicitar um determinado modo de representação em que o sujeito investe, maciça e autonomamente, as representações de palavra, sem associá-las às representações de coisa.

Citamos, a esse respeito, o exemplo clínico que dá de um caso de Victor Tausk, em que uma paciente que havia si

[189] Bleger, J. Esquizofrenia, Autismo y Simbiosis in Acta Psycologica y Psiquiatrica de America Latina, Buenos Aires, 1972, Volumen XXIII onde o autor considera os textos metapsicológicos freudianos desprovidos de vigor e eficácia clínicos.

[190] Freud, S. A Interpretação das Afasia - Um Estudo Crítico (Zur Auffassung der Aphasien, Eine Kritische Studie), Franz Deuticke, Leipzig und Wien, 1891.

do enganada por seu noivo (por isso mesmo denominado, segundo uma expressão comum, um "entortador de olhos", ou seja, um "enganador"), apresenta-se queixando-se de estar com seus olhos entortados, sem que isto se fizesse acompanhar de qualuquer alteração na posição normal de seus globos oculares [191]. Freud observa que, numa estrutura histérico-conversiva, haveria uma alteração, por conversão, nos olhos, e nenhum saber consciente sobre o sintoma. No caso da paciente em questão, há uma declaração consciente, uma articulação, a nível da pura representação de palavra, entre o fato de seu noivo ser um "entortador de olhos" e o efeito "estar com os olhos entortados", e paralelamente, nenhuma formação conversiva de sintomas, que conferisse aos olhos qualquer forma de entortamento, como ocorreria na histeria, que além da conversão, teria produzido o recalçamento do saber sobre o sintoma. Na psicose não há recalque, não há, assim, representação de coisa que funcione como âncora, enterrada, como tal, no fundo, de onde orienta o que — bôia ou barco — (isto é, a representação de palavra), se mostra na superfície. A representação de palavra, desancorada da representação de coisa, é como barco à deriva, exibição consciente de convicção sem saber inconsciente.

O reinvestimento maciço da palavra é, para Freud, uma tentativa de religar a libido aos objetos, às coisas, para usar a expressão que qualifica a representação que, na psicose, divorcia-se das palavras. O delírio é, assim, tentativa

[191] Freud, S. Das Unbewusste, op. cit., pp. 156-7.

de cura, e não signo da doença, como, segundo Freud, pensam os "observadores psiquiátricos" [192].

Quanto mais Freud avança na compreensão das psicoses, mais parece recear a sua abordagem clínica, cercando-se de cuidados quanto às possibilidades terapêuticas, pela via da psicanálise, dessas neuroses ditas "narcísicas": refratárias ao processo transferencial e aos seus efeitos de interpretação seriam elas psicanaliticamente intratáveis. Curiosamente, tornam-se cada vez mais teoricamente tratadas, como se constata pela publicação, três anos mais tarde, de um artigo dedicado ao estudo dos processos identificatórios da melancolia [193].

Nesse ponto torna-se necessário que nos detenhamos na questão da transferência, já que constitui ela a espinhadorsal da clínica psicanalítica que, à época do texto em questão (1914) já havia sido sistematizada [194]. Significativamente subsequentes à análise das memórias do Presidente Schreber (1911-12), os Artigos sobre a Técnica organizam-se em torno da clínica das neuroses, ou antes, das psiconeuroses. Verificamos, a propósito, a substituição do atributo "de defesa", tal como era anteriormente aplicado (cf. neuropsicoses de defesa") à expressão "Psiconeuroses" pelo adjunto adnominal "de transferência" (Übertragung-neuroses) e consideramos que ela tem consequências importantes. Parece indicar —

[192] Freud, S. Psychoanalytische Bemerkungen über eines Autobiographische beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides), op. cit., p. 198.

[193] Idem, Trauer und Melancholie (1917), in Studienausgabe, Bd. III. pp. 193-212.

[194] Idem, Die Behandlungstechnischen Schriften von 1911 bis 1915, in Studienausgabe, Ergänzungsband, pp. 143-230.

e isto é uma hipótese teórica de nosso trabalho — que defe-
sa, enquanto processo psicodinâmico e etiopatogênico, vai ce-
dendo lugar, pouco a pouco, na teoria, à transferência, pro-
cesso que, de sintoma ou manifestação da neurose (exclusiva
mente, a princípio), vai ganhando a dimensão de mecanismo psi
codinâmico de caráter etiopatogênico. Como assinalam Nicéas,
C.A., e Birman, J.:

"Assumida a inevitabilidade da transferên-
cia, deslocando-a da periferia para o cen-
tro da teoria da prática psicanalítica, es-
ta vai se colocar no centro do ser da enfer-
midade, na estrutura mesma das psiconeuro-
ses, que produzem a transferência como uma
de suas manifestações. (...) É, contudo, u-
ma manifestação muito especial e particular
pois, ao invés de ser o produto final de
um processo simbólico como os sintomas visí-
veis, ela indica a própria produtividade do
processo neurótico, o campo dramático e di-
nâmico onde se articula a formação do sinto-
ma"[195].

Se, como propusemos, a transferência, ao assumir lu-
gar central e estratégico na produção da psiconeurose, confor-
me assinalado pelos autores citados, toma o lugar da defesa,
que detinha a primazia conceitual enquanto mecanismo etiopato
gênico — decorre que, supostamente autorizada pela teoria, a
clínica recusa a psicose na medida em que, se a psicose era
concebida como o resultado psicodinâmico de um processo espe-

[195] Birman, J. e Nicéas, C.A. - Constituição do Campo Transferencial e o lugar da interpre
tação psicanalítica in Transferência e Interpretação - Coleção Teoria da Prática Psica
nalítica nº 1, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1982, p. 19.

cífico de defesa (de início a projeção, depois a rejeição — Verwerfung), vê-se destituída de qualquer dimensão transferencial. Em síntese, as neuropsicoses de defesa são e eram, desde o início, objeto da teoria e da clínica, mas só permanecem analisáveis na medida em que se transformem em psiconeuroses de transferência, vicissitude que, em Freud, só uma parte dos quadros clínicos anteriormente subsumidos pelo conceito de neuropsicoses de defesa terá: aqueles que passam a ser denominados, transicionalmente, de "psiconeuroses de defesa" até assumirem a forma final "psiconeuroses de transferência", ou seja, a histeria, a neurose obsessiva e a fobia. As neuropsicoses de defesa que não seguem esse percurso, isto é, as "psicoses de defesa" (paranóia, parafrenias, confusões alucinatórias, psicose histérica), deixam de ocupar a atenção de Freud, voltando às páginas de Freud muito mais tarde, em 1914, sob a denominação de neuroses narcísicas — em oposição, dessa vez, às psiconeuroses de transferência, das quais se distinguem precisamente por não exibirem fenômenos transferenciais.

Se a transferência, ou melhor, a neurose de transferência (manifestação clínica das psiconeuroses de transferência) é condição de possibilidade do tratamento analítico, então as psicoses — neuroses narcísicas e não de transferência — não poderão beneficiar-se da psicanálise. É precisamente este o argumento de Freud, ao vaticinar o fracasso dos esforços terapêuticos com pacientes psicóticos, que não se mostravam acessíveis à influência da psicanálise, tal como esta era praticada com neuróticos. Esse argumento é exprimível na se

guinte série lógica de proposições:

— 1. Se é verdade que:

- A mola mestra do tratamento psicanalítico é a transferência tal como se apresenta na clínica da neurose, e que formula um determinado "pedido" à análise;

- A transferência assim configurada é fenômeno ausente na clínica das psicoses;

Então decorre que:

- As psicoses não admitem tratamento psicanalítico.

Ao que propomos uma outra série:

— 2. Se é verdade que:

- A Psicanálise não se define pelo que se denomina sua "técnica", mas por seu campo teórico e por uma ética específica;

- Os processos psíquicos atuantes na psicose são cognoscíveis pela psicanálise, que os torna, assim, inteligíveis, fazendo parte de seu campo teórico e integrando seu objeto.

Então propomos que:

- Os conceitos psicanalíticos elaborados sobre os fenômenos psicóticos autorizam a estruturação de uma clínica que, nessa medida, será igualmente psicanalítica porquanto de les derivada, permitindo uma atuação sobre o recorte fenomênico delimitado por esses conceitos.

Pode-se, portanto, elaborar os princípios de uma clínica psicanalítica não centrada na transferência neurótica mas estruturada a partir dos fenômenos psicóticos que, inclusive, determinam a configuração específica da demanda e dos fenômenos transferenciais tais como se apresentam na clínica das psicoses. Essa clínica constituiria um conjunto de princípios norteadores da psicanálise da psicose, já que a psicanálise não se define por uma técnica que produziu mas pela amplitude de sua estrutura conceitual, que subsume os fenômenos psicóticos, diferenciando-os dos derivados da clínica das neuroses.

Finalizando a abordagem dos fundamentos teóricos freudianos acerca da questão da psicose, invocariamos aquilo que, à maneira do que fizemos anteriormente, poderia ser denominado o terceiro ciclo teórico de Freud, que compreende a terceira teoria pulsional (1920)^[196], a chamada "segunda tópica" do aparelho psíquico (1923)^[197] e a revisão da teoria

[196] Freud, S. Jenseits des Lustprinzips, op. cit.

[197] Idem, Das Ich und das Es, op. cit.

da ansiedade (1926) [198]. Com base nas duas primeiras contribuições, Freud reorganiza a discussão do fenômeno psicótico em torno das relações e do interjogo entre as então constituídas estruturas psíquicas — ego e id — e a realidade [199], [200].

A terceira contribuição não está relacionada com essa reordenação estrutural dos fenômenos psicóticos de 1924, porquanto foi publicada dois anos mais tarde. Constituir-se-á, antes, como o terceiro suporte às reformulações introduzidas por Melanie Klein, como veremos adiante, na seção IV.2. deste capítulo.

No texto *Neurose e Psicose* [201], trata-se, para Freud, de extrair, das elaborações estruturais de sua segunda tópica, as consequências clínicas que se traduzem, assim, em, pela primeira vez, definir neurose e psicose como estruturas clínicas distintas, estabelecendo o divisor de águas em que Lacan se apoiará para recolocar a questão da clínica em termos de estruturas diferenciadas da subjetividade, com distintas configurações da demanda da entrada em análise, da direção do tratamento e dos critérios de final de análise, contra um encaminhamento da teoria da clínica que, após Freud, procurou, em direção oposta a Freud, estabelecer uma continuidade entre o que passou-se a denominar "estados" (e não estruturas) psíquicos, passíveis de transformarem-se um no outro,

[198] Idem, *Hemmung, Symptom und Angst* (1926), in Studienausgabe, Bd. VI.

[199] Idem, *Neurose und Psychose* (1924), in Studienausgabe, Bd. III. pp. 331-338.

[200] Idem, *Die Realitätsverlust bei Neurose und Psychose* (1924), in Studienausgabe, Bd. III, pp. 355-362.

[201] Idem, *Neurose und Psychose*, op. cit.

quer por agravamento, quer por melhora em função da análise.

A leitura ingênua de uma obra como "O eu e o isso" nela identifica o ressurgimento do eu como estrutura autônoma, e sobre cujos recursos adaptativos a análise deveria incidir, no sentido de reforçá-los a fim de que o eu, assim entendido, pudesse "dominar as paixões do isso" e assim expandir sua região de sanidade. Sobre isso, observa Lacan:

"O que Freud introduziu a partir de 1920 são as noções suplementares então necessá-rias para manter o princípio do descentramento do sujeito. Mas, longe de ser compreendido como seria necessário, houve uma arruaça geral, verdadeira liberação de escolares — Ah! ei-lo de volta, este bravo euzinho! Encontramo-nos de novo! Re-tornamos as vias da psicologia geral. Como não retornar-se-ia a elas com alegria, quan-do essa psicologia geral, não é apenas um assuto de escola ou de comodidade mental mas a psicologia de todo mundo? Ficou-se contente de poder acreditar de novo que o eu é central. E vemos as últimas manifesta-ções com as geniais elocubrações que, nesse momento, nos chegam de além-mar"^[202].

Lacan refere-se às produções da chamada "psicologia do ego", escola norte-americana que teve em Hartmann um de seus principais expoentes. Entre essas produções, Lacan destaca a reintrodução, no movimento psicanalítico, do "ego autônomo"

[202] Lacan, J. Le Séminaire, Livre II, Le Moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, Paris, Editions du Seuil, 1978, p. 20.

Contudo, o que Freud efetivamente introduz na segunda tópica é a irremediável divisão do eu, e mais ainda, a sua fragilidade em face do isso e do supereu. Não fragilidade contingente, a ser superada através do empenho antes terapêutico que analítico no sentido de seu reforço, mas fragilidade de estrutural. Este aspecto foi por nós desenvolvido na seção 3 do capítulo III, anterior, dedicado à questão do não-sexual na segunda tópica.

É em torno das estruturas psíquicas — eu, isso, supereu, realidade — que Freud vai, em "Neurose e Psicose", extrair as consequências clínicas de sua teoria tópica no movimento que compara, numa alusão à poesia de Goethe, como aquela que vai "da cinzenta teoria para o inextinguível verde da experiência" [203].

Enquanto a neurose consistiria num conflito entre o eu e o isso, no qual é sacrificado um fragmento do isso pelo recalçamento secundário da pulsão com conseqüente inibição, restrição ou interdição a realização do desejo em favor de uma "primazia" da realidade — instância à qual o eu, na neurose, se assujeita, na psicose haveria um conflito entre o eu e a realidade, instâncias em cuja relação uma fenda (Einriss) [204] ter-se-ia produzido originariamente, e na qual

[203] Alusão a uma fala de Mefistófeles, em Fausto, de Goethe, Cena 4 da parte I, em que diz:
 "Gau, teurer Freund, ist alle theorie
 Und Grün des Lebens goldner Baum"
 "Cinzenta, querido amigo, é toda teoria,
 E verde a arvore dourada da vida".

[204] O termo alemão é Einriss, que significa "rasgão", "rasgadura", e foi traduzido por "fenda": ver "Neurose und Psychose", in Studienausgabe, Bd. III, p. 335.

o delírio viria a ter a função de remendo (Fleck) [205]. O termo utilizado por Freud — "Aussenwelt", mundo externo, e não realidade — nos parece mais interessante no sentido de indicar que é na relação do eu com o que se lhe opõe como alteridade, exterioridade, que se dá a fratura. Não se constitui, assim, a realidade entendida precisamente como "mundo interno de fantasia", no sentido em que Freud concebe o lugar psíquico para o qual converge a libido quando retirada dos objetos na situação neurótica, movimento ao qual reserva o termo "introversão" (para objetos da fantasia), delimitando, assim, sua extensão conceitual, opondo-se ao uso indiscriminado que faz Jung desse termo, como já assinalamos. Na psicose, portanto, o eu, rompendo com o mundo externo, o recria, sob o comando do isso, instância à qual, assim, se assujeita, numa situação oposta à da neurose, em que o eu, assujeitado à realidade, sacrifica o isso. Freud observa ainda que se o conflito estabelecer-se entre o eu e o supereu, configura-se a melancolia, indicando, assim que, em sua concepção, há uma distinção estrutural entre psicoses propriamente ditas (esquizofrenia, paranóia) e melancolia, estando dado que, nesta última, o conflito é mais "interiorizado" que nas primeiras.

A idéia de que o delírio tem a função de remendar a fenda originária entre o eu e o mundo exterior, no sentido de sua reconstrução regida pelo isso, reitera uma concepção de Freud que atravessa sua obra, a saber, que o delírio é tenta

[205] Ver, na mesma frase, o termo alemão "Fleck", traduzido por remendo, para definir a função do delírio. (mesma página, 335, do original citado na nota 204, acima).

tiva de cura e não expressão de doença. Essa idéia já fora desenvolvida na análise das memórias de Schreber, e no texto sobre o narcisismo, como anteriormente assinalamos.

No texto "A Perda de realidade na neurose e na psicose"^[206], que é uma espécie de continuação de "Neurose e Psicose", escrito poucos meses após este, e segue a linha geral que atribuímos a este último, qual seja, a de extrair as consequências clínicas da segunda tópic, Freud faz uma retificação no que dissera a respeito dos diferentes pólos de conflito dos quais decorreriam as diferentes estruturas clínicas. A julgar pelo que estabelece em "Neurose e Psicose", parecia que apenas na psicose haveria sacrifício — perda — da realidade, e que na neurose a perda recairia sobre o isso, havendo, para o neurótico, uma preservação da realidade. A retificação consiste em mostrar que, em ambas as estruturas, há afastamento ou perda de um fragmento da realidade. A diferença recai, então, não mais sobre o que se perde, posto que em todo caso há perda, mas sobre o que advém no lugar da realidade ou de seu fragmento perdido: na neurose, a fantasia, ligando-se a um fragmento da realidade diferente daquele contra o qual o neurótico se defende, emprestando-lhe um significado secreto e especial, constituiu-se como uma suplência para o que foi perdido. Na psicose, um mundo recriado é colocado no lugar da realidade perdida, "in totum", não se ligando a fragmentos preservados da realidade, como na neurose.

[206] Freud, S. Die Realitätsverlust bei Neurose und Psychose, op. cit.

Numa relação comparável à que mencionamos na seção 1 do Capítulo II, acerca da sexualidade em Freud, na qual ele situa neurose e perversão como dois pólos extremos entre os quais situar-se-ia a "normalidade", Freud, no texto ora sob exame, estabelece uma relação entre a neurose e a psicose que, em face do que seria "a normalidade", guarda o mesmo matiz surpreendente, disruptivo quanto à idealização, ou mesmo da crença, num padrão de normalidade. Diz ele:

"A neurose não recusa a realidade, apenas nada quer saber sobre ela. A psicose a recusa, e procura substituí-la. Chamamos um comportamento normal ou "sadio" se ele exige determinados traços de ambas as reações se não recusa demasiadamente a realidade, como a neurose, e se depois, como a psicose, empenha-se em produzir alterações na realidade"^[207].

Essa passagem do texto freudiano demonstra, de forma cabal, que Freud não acreditava na existência de um parâmetro de normalidade em relação ao qual neurose e psicose constituiriam configurações mais ou menos distantes, na medida em que, pelo contrário, situa o que seria o normal como uma combinação de aspectos apresentados pelas estruturas neuróticas e psicóticas, mostrando, senão explicitamente, pelo menos de modo assim interpretável, que as estruturas existentes são a neurose e a psicose — sendo o "comportamento sadio ou normal", mencionado por Freud, uma manifestação fenomênica que con

[207] Idem, *Ibidem*, p. 359. Ver nota nº 33, desta Tese, em que a mesma passagem é citada, em contexto diferente.

grega determinados traços das referidas estruturas. Incidentalmente, poderíamos também extrair desse fragmento do texto freudiano que, a rigor, não existe uma superioridade "estrutural" da neurose em relação à psicose, para Freud, embora nós possamos identificar uma tendência, na literatura psicanalítica, inclusive contemporânea, e nomeadamente na corrente lacaniana, a tomar a neurose como a estrutura subjetiva em relação a qual a psicose é pensada, sobretudo pelo que, nesta última, constituiria "falta", "deficiência", "buraco", em suma, falha estrutural.

É preciso, pois, mesmo quando supomos seguir rigorosamente a trilha aberta por Freud, cuidar para não reproduzir em seu nome, posturas que no próprio texto freudiano, inexistem ou mesmo não se autorizam, como é o caso quando se adota o que denominamos o "neuroticocentrismo" para pensar a psicose.

IV.2. Com Melanie Klein, Sem Freud

É com base no terceiro ciclo teórico de Freud, como o denominamos, que Melanie Klein inicia sua trajetória teórica em Psicanálise, trajetória que marcará o surgimento de uma nova corrente no pensamento psicanalítico, cuja importância e efeitos só puderam ser dimensionados em sua verdadeira magnitude algum tempo depois. A importância da menção à obra de Melanie Klein e seguidores, nesse trabalho, decorre do fato de que esse movimento lançou-se ao estudo e ao tratamento

das psicoses, tendo, inclusive, nesse fato, um de seus principais estandartes e motivos de sua auto-concepção como contendo os "progressos" da Psicanálise — virtual preenchimento das lacunas deixadas por Freud e simultâneo encobrimento dos deslocamentos e rupturas que estabelece para com a psicanálise freudiana, efeitos que nos parecem mais verdadeiros, de resto.

Ancorada na concepção de pulsão de morte — a terceira teoria pulsional mencionada, introduzida em "Além do Princípio do Prazer" (1920), na concepção estrutural do ego, introduzida em "O Eu e o Isso" (1923) e, diríamos, principalmente, na revisão da teoria da ansiedade efetuada por Freud em "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926), Melanie Klein concebe uma estrutura de ego incipiente e originária, presente desde o nascimento, capaz de estabelecer a partir de então relações de objeto resultantes tanto de impulsos amorosos como de impulsos hostis (resultado das frustrações impostas às necessidades da criança mas também de um "sadismo infantil precoce" [208] conceito que vai progressivamente instalando-se em sua teoria, enquanto produção direta do 'instinto' de morte).

Um primeiro aspecto relevante a assinalar é que, ao conceber o ego como estrutura originária, Melanie Klein abandona a construção desenvolvida por Freud em "Para a Introdução do Narcisismo" a que nos referimos anteriormente, segundo

[208] Klein, M. Princípios Psicológicos da Análise Infantil, in Contribuições à Psicanálise, São Paulo, Mestre Jou Ed., 1970.

a qual é necessária uma "nova ação psíquica" para a constituição do ego a partir do auto-erotismo. Ocorre que, conforme assinalamos, os autores kleinianos como, por exemplo, Bleger, objetam ao conceito de narcisismo carecer de "uma clara definição clínica" (op. cit., p.), propondo sua substituição por "estrutura sincicial" designativa do sincretismo existente nas primeiras formas de vínculo objetal. Note-se que tais estruturas são preferidas — ao "Narcisismo" freudiano — por darem conta de um sistema relacional em que o ego do bebê e o objeto (seio, por exemplo, objeto parcial) encontram-se implicados, enquanto que, na concepção freudiana, trata-se da constituição do sujeito a partir das pulsões (estas são que são, então, parciais), vindas dos pais.

Muitos autores kleinianos e neo-kleinianos encaminham a questão da analisabilidade da psicose, no sentido de atribuir às manifestações clínicas das psicoses as mesmas condições de tratamento analítico atribuídas por Freud às psiconeuroses. Sob a alegação de que os fenômenos transferenciais da psicose "não teriam sido percebidos por Freud", reconstroem esses autores, entre os quais citamos José Bleger, com relação à psicose, os mesmos critérios de analisabilidade das neuroses, os mesmos princípios técnicos, centrados na interpretação da transferência, análise da resistência, manutenção do setting clássico, etc. Na concepção desses autores, a transferência psicótica distingue-se da neurótica por uma questão de intensidade e grau. Assim:

"Freud consideró la esquizofrenia como una neurosis narcisista y con ello quiso basicamente significar que no presentaba el fenô-

meno transferencial. (...) La investigación psicoanalítica posterior llegó, sin embargo, a constataciones opuestas: no sólo que el paciente esquizofrenico presenta fenómenos transferenciales, sino que, además, estos últimos son más intensos, tenaces, precoces, masivos y también lábiles"^[209].

O que distinguiria, então, a transferência psicótica da neurótica seria a intensidade, a tenacidade, a precocidade a massividade e a labilidade da primeira, estando dado que esses atributos ocorreriam na transferência neurótica, porém em menor grau. Nessa linha de raciocínio, não haveria uma estruturação diferente do sujeito psicótico, em relação ao neurótico, não haveria diferença estrutural entre neurose e psicose. Para garantir a analisabilidade do paciente psicótico, Bleger, seguindo a linha de pensamento introduzida por Melanie Klein, concebe o desenvolvimento do sujeito como um continuum sem rupturas ou cortes estruturais, ao longo do qual seriam demarcados os pontos de fixação dos diferentes quadros clínicos, dos mais "arcaicos" aos mais "recentes", pólos que corresponderiam a uma variação no nível de "gravidade" da doença.

Não se trata, a nosso ver, de provar que psicóticos fazem uma transferência mais precoce que neuróticos, porque isso seria, entre outros equívocos, admitir como condição de possibilidade de tratamento psicanalítico a presença da confi

[209] Bleger, J. Esquizofrenia, Autismo y Psicosis - in Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina, Buenos Aires, Agosto de 1972, Volumen XVIII, Numero 4, p. 228.

guração neurótica da transferência, ainda que em diferente grau dos seus atributos. Trata-se, antes, de examinar, do ponto de vista lógico-conceitual, a postulação de Freud segundo a qual o psicótico é inacessível à psicanálise a fim de criarmos condições teóricas tais que a derivação e elaboração dos princípios de uma clínica psicanalítica possam ser empreendidas a partir da teoria psicanalítica.

Em lugar das estruturações da libido em torno das zonas erógenas e tendo como referência estrutural o Édipo, o que Melanie Klein concebe são as "posições" (inicialmente, em sua obra, a depressiva, e depois a esquizoparanóide, que, no desenvolvimento, no entanto, a precede). Posições da libido? do ego? do objeto? Parece, apesar da intransitividade do termo na obra de Melanie Klein, tratar-se de posições do sistema interobjetal (ego-objeto) e suas vicissitudes.

A fantasia é então concebida como atividade mental inconsciente — correlato psíquico imediato do impulso instintivo (e não do ID — conceito pouco utilizado pela autora) a amoroso ou hostil. Acompanham os impulsos e suas correlatas fantasias (por exemplo: impulso "canibalístico" — fantasia de incorporação, do que resulta o processo psíquico da "introjeção") as ansiedades correspondentes (afetos do ego, tratados adiante) que, por sua vez, desencadeiam mecanismos de defesa respectivos.

A cada "posição" corresponderia, portanto: seus impulsos característicos; as fantasias que deles são os correlatos psíquicos; as ansiedades específicas e finalmente os

mecanismos de defesa respectivos.

Não se fala mais de "representantes psíquicos da pulsão — afeto e idéia", base do processo (freudiano) de recalque. A Verdrängung de Freud é substituída pelos mais precoces Splitting sem que, posteriormente, estes se articulem com aquela. Não é a estruturação edipiana, triangular que, recorrentemente, confere inteligibilidade às fases ditas pré-genitais, mas essas organizam-se, de per se, através de suas posições e mecanismos, engendrando pontos de fixação para as psicoses (posições esquizoparanóide e depressiva, às quais correspondem esquizofrenias, grosso modo — a melancolia, mania e depressões psicóticas). Curiosamente, nessa pré-genitalidade "sem recalçamento" também engendram-se o complexo de Édipo e o superego, o primeiro como resultado das frustrações (desmame, asseio corporal) ocorridas ao final do primeiro ano de vida^[210], o segundo como seu herdeiro — seguindo, nesse aspecto, a linha freudiana, — originado, no entanto, numa fase em que "Predominam os impulsos sádicos"^[211] do que decorre sua crueldade e rigor exercidos, sadicamente, sobre um ego ainda muito frágil. O sentimento de culpa decorrente dos impulsos hostis reintrojetados (impulso de retaliar o objeto é gerador da fantasia paranóide de ser retaliado por um superego resultante da introjeção do referido objeto) desencadeia os mecanismos esquizóides. Numa etapa subsequente, depressiva, as culpas e ansiedades então também depressivas desenca

[210] Klein, M. Primeiras Fases do Complexo de Édipo - in Contribuições à Psicanálise, op. cit.

[211] Idem - Ibidem.

dearão defesas maníacas. E assim sucessivamente, sem que o recalçamento entre em cena (como se produzem as neuroses ?) Parece que, ao nível da teoria, "psicotiza-se" o sujeito, enquanto que, no plano da clínica, procura-se "neurotizar" o psicótico, imputando-lhe transferências produzidas de modo dual, sem triangularização ou recalque. Dá-se por resolvido o complexo de Édipo e a relatividade do sadismo inicial do superego, através de "reparações" bem sucedidas, "integrações" bem produzidas no ego, enfim, pela "introjeção" de bons objetos. No plano da clínica, isso tem, entre outras coisas, a importante consequência de deixar de lado a preocupação com a história: o "recalcado" não há mais que ser resgatado pelo sujeito, mas revivido, numa hipertrofia da transferência pela qual se buscará a introjeção da "boa" figura do analista.

Todos esses desenvolvimentos teóricos-técnicos mereceriam uma profunda análise em suas consequências clínicas, sobretudo no plano do tratamento das psicoses, aspecto que nos interessa particularmente. E é exatamente isso que pretendemos empreender, com maior rigor e aprofundamento. Dentro dos limites do presente capítulo, contudo, limitar-nos-emos a assinalar o que seria, segundo consideramos, o ponto central para o qual convergem os desenvolvimentos kleinianos sucintamente mencionados, qual seja, a introdução, em 1946, do conceito de identificação projetiva, proposto como o mecanismo psíquico fundamental da psicose. Citemos o que diz Mela-

nie Klein a seu respeito:

"Muito do ódio contra algumas partes do eu é agora dirigido para a mãe. Isso conduz a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação objetal agressiva. Sugiro para esses processos a expressão "identificação projetiva". (...) Nas perturbações psicóticas, essa identificação de um objeto com as partes odiadas do eu contribui para a intensidade do ódio dirigido contra outras pessoas"^[212].

O mecanismo específico da psicose, para Melanie Klein, relaciona-se, assim, no mais alto grau, com o ódio. Isso nos enseja a finalizar o exame dos fundamentos kleinianos para a questão da teoria da clínica das psicoses com algumas considerações sobre a categoria do ódio e suas relações com a teoria das pulsões de Freud.

Considerando que demos especial atenção à questão das fronteiras entre as dimensões do sexual e do não-sexual na obra de Freud, privilegiando o viés do sadismo originário como o fundamento freudiano do que denominamos a "lógica do dentro e do fora" (ver página), e chegamos a construir um gráfico baseado nos quatro tempos dessa lógica, cujos eixos cardiais são as duas classes de pulsões (Eros e pulsões de morte) e sua intrincação (ali representada pela sua disposição ortogonal), torna-se interessante confrontar esta concep

[212] Klein, M. - Notas sobre Alguns Mecanismos Esquizóides, in Progressos na Psicanálise, Rio, Zahar, Ed. 1976, pág. 322.

ção com o ponto de vista de Melanie Klein, na medida em que sua obra é fundamentalmente construída sobre o eixo definido pela terceira teoria pulsional de Freud e seus desdobramentos, por nós tomados em consideração, mas em sentido bastante diverso da interpretação que deles fizemos.

Para isso, examinaremos o que denominamos o "erro metodológico" de Melanie Klein. Parece-nos que Freud, ao postular as duas classes (termo que ele próprio utiliza no título do IV de "O Eu e o Isso" — "Triebarten")^[213] de pulsões, e, de modo mais geral, em sua concepção da própria pulsão (Trieb), não faz com que um conceito tão fundamental (seu "Grundbegriff") subordine-se ao plano dos afetos, ou reduza-se ao nível da pura expressão direta de afetos. Essa questão está presente no texto "Pulsões e destinos das pulsões": a pulsão é representativa de forças internas (endossomáticas, por exemplo), ou ela tem representantes psíquicos, não podendo, ela própria, constituir-se como representação (e não havendo base lógica para dizer-se que ela se representa a si-mesma) ? A pulsão é o fundamento último do que, a partir dela, vem a constituir-se como representável ou seria ela uma forma de representação de forças que, nesse caso, seriam mais fundamentais do que ela ?

Examinando esta importante questão, e o modo como ela é teoricamente tratada por Melanie Klein, verificamos que, fazendo da pulsão de morte a expressão do ódio, ou do ódio

[213] Freud, S. Das Ich und das Es, op. cit., título do capítulo IV, na p. 307 de Studienausgabe, Bd. III, onde se lê "Die beiden Triebarten" esta última expressão podendo ser traduzida por "espécies", "modos" ou "tipos" de pulsões.

a expressão direta de uma pulsão (no caso, a de morte, a pulsão por excelência, porquanto a pulsão desarticulada de qualquer representação, a pulsão enquanto tal), esta autora inverte os pólos lógicos da relação entre a pulsão e um de seus representantes — o afeto, e desconsidera o aspecto mais importante, a saber, que a pulsão de morte define-se precisamente por não ter representante algum, nem mesmo o ódio. O ato, se assim pudermos expressar-nos, da pulsão de morte, é a disrupção, a incidência desagregadora, a disjunção. Assim, sua manifestação é, a princípio, concebível como exteriorização, colocação para fora de um todo uno, organizado ou não, mas certamente conjuntivo, agregatório. O ato primordial da pulsão de morte é a expulsão — Ausstossung — como Freud se exprime no texto "A Denegação": "A Verneinung, sucessora da Ausstossung pertence às pulsões de destruição" [214].

Se definirmos o sadismo originário, tal como Freud o concebe, como movimento da exteriorização primordial da pulsão de morte, então podemos dizer que o sadismo (entendido como movimento e não como afeto — ódio, por exemplo) é o seu único legítimo representante. É, aliás, o que Freud diz numa passagem do citado capítulo de "O Eu e o isso": "A segunda classe de pulsões não foi tão fácil de indicar: ao final, vimos a reconhecer o sadismo como seu representante" [215].

Ora, é a expressão afetiva que deve obedecer a uma

[214] Idem, Die Verneinung (1925), in Studienausgabe, Bd. III. p. 376.

[215] Idem, Das Ich und das Es, op. cit., p. 307.

lógica (pulsional) e não o contrário — a teoria das pulsões obedecendo a critérios de expressão afetiva, ou, mesmo equiva-
 lecerem a qualquer forma de expressão de afetos. O sujeito
 teria sentimentos fundamentais ou redutíveis às formas funda-
 mentais do sentimento, como seriam o amor e o ódio? Ou a
 psicanálise, nisso mais uma vez distinguindo-se radicalmente
 de toda psicologia dos afetos, estaria propondo que o sujeito
 é movido por pulsões, essas sim fundamentais, das quais os a-
 fetos são um modo de representação?

Para Melanie Klein, o ódio como, afeto fundamental,
 é elevado ao próprio patamar lógico-conceitual da pulsão de
 morte. Pensamos, ao contrário (com Freud), que o movimento
 é expulsivo, e o ódio é uma consequência de uma expulsão mal-
 -sucedida. Clinicamente, diríamos que um ato de violência,
 por exemplo, de violência concreta contra o semelhante, numa
 palavra, a agressividade, é um apelo à exteriorização que não
 pôde ser realizada. Bate-se em alguém para constatar que o
 objeto (no qual se bate) está fora daquele que bate, e, em ge-
 ral, chega-se a isto porque o objeto ameaça invadir a inte-
 rioridade psíquica do agressor. Inverter esta lógica seria
 dizer que se bate porque se odeia. E por que se odeia? Por-
 que o ódio é suposto ser um sentimento básico, suposta expres-
 são direta da pulsão fundamental, a pulsão de morte, e assim
 recai-se no círculo vicioso que denominamos "erro metodolôgi-
 co".

A importância clínica das considerações que ora de-
 senvolvemos sobre o ódio para o tratamento das psicoses é bas-
 tante significativa. Temos verificado, na clínica com sujei-

tos psicóticos, que há, invariavelmente, um obstáculo à exteriorização da pulsão de morte, o que equivale, em outros termos, à impossibilidade de expulsão do objeto. Quando há grandes manifestações de ódio, ou de agressividade, por parte dos psicóticos, é, em geral, por desintrincação pulsional, ou seja, por funcionamento autônomo e automático da pulsão de morte, impossibilitada de expulsar o objeto com objetivos eróticos subsequentes, ou pelo menos combinados.

Como todo afeto, o ódio é da ordem da significação — ou, nos termos freudianos da primeira tópica, é consciente ou pré-consciente. Ódio, assim, é a palavra, o nome, o significado atribuído ao sentimento pré-consciente/consciente que decorre de uma precária expulsão do objeto, ou de uma tentativa de expulsá-lo. Subordina-se à lógica do dentro e do fora, ao contrário de regê-la.

IV.3. Com Lacan, Via Freud

A psicanálise, já com Freud, mais ainda com Lacan, autoriza e até mesmo enseja uma tomada clínica da psicose pelo psicanalista. Devemos, contudo, precisar a direção em que se orienta o gigantesco esforço crítico que constitui a obra de Lacan por relação à de Freud.

Esta direção pode ser definida, em poucas palavras, pela restituição da referência paterna, pelo que queremos expressar, a referência estrutural, a uma psicanálise que, de-

pois de Freud, viu-se reiterada e insistentemente enfraquecida, em sua radical e inaudita referência simbólica à estrutura do inconsciente enquanto estritamente articulada pelo significante, através dos apelos a uma psicologização que, tomando por base o indivíduo, procurava apreendê-lo quer em suas profundezas, quer em suas relações interindividuais, cujo paradigma predileto é a relação "mãe-bebê" como protótipo da relação "analista-paciente".

Com efeito, já no primeiro ano de seu ensino, que veio a ser estabelecido como um Seminário que duraria quase trinta anos, Lacan fundamenta as críticas que marcariam a sua trajetória, tomando por base os escritos técnicos de Freud^[216], ou seja, partindo de um eixo eminentemente vinculado a prática clínica, a experiência analítica, a fim de lhe restituir a sua radicalidade.

Logo Lacan assinalaria a necessidade de abordar a questão das psicoses. Assim, em seu segundo Seminário, ele diz, citando uma frase de Jackson (citada por Freud na Traumdeutung), a propósito da psicologia dos processos do sonho:

"Encontrem a natureza do sonho, e terão encontrado tudo o que se pode saber sobre a demência e sobre a loucura" (Jackson, citado por Freud). (Prosegue Lacan): Pois bem, é falso. Não tem nada a ver. (...) Tudo

[216] Lacan, J. Le Séminaire, Livre I, Les Écrits Techniques de Freud, op. cit.

está nisso — por que um sonho não é uma loucura? E, inversamente, o que há a definir na loucura, é aquilo em que seu mecanismo determinate não tem nada a ver com o que se passa a cada noite no sonho. (...) o problema do sonho deixa inteiramente abertos todos os problemas econômicos da psicose. (...) É uma isca que lanço para o futuro. Poderemos talvez começar a ocupar-nos das psicoses já neste ano. Ser-nos-á preciso, em todo caso, ocupar-nos delas no próximo ano"[217].

Não atribuímos esta preocupação à formação psiquiátrica de Lacan, ou ao fato de que sua inserção na psicanálise tenha-se dado através de sua Tese de Doutorado, de 1932^[218], quando, ainda bastante jovem, Lacan lançou-se ao estudo da paranóia de modo já bastante inovador, chegando a por em questão os alicerces kraepelinianos, até então vigentes na psiquiatria, da concepção e da apreensão clínica desse quadro, embora ele mesmo afirme, em seu terceiro Seminário, que teve as psicoses como tema que:

"Um paranóico — pelo menos até que a tese de um certo Jacques Lacan tenha tentado lançar uma grande perturbação nos espíritos, o que limitou-se a um pequeno círculo, ao pequeno círculo que convém, o que faz com que não se fale mais hoje dos paranóicos como

[217] Lacan, J. Le Séminaire, Livre II, Le Moi dans la Théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, Paris, Éditions du Seuil, 1978, pp. 128-9.

[218] Lacan, J. De la psychose paranoïaque dans ses relations avec la personnalité, Paris, Éditions du Seuil, 1975.

antes, era um safado, um intolerante, um cara de mau humor, orgulho, desconfiança, suscetibilidade, superestimação de si mesmo" [219].

As psicoses urgiam a seus olhos, como tema de seu ensino, porque Lacan sabia muito bem, nisso apoiado pelo seu trajeto rumo à psicanálise, dos impasses clínico-teóricos que a psicose colocava (e coloca) para o analista e sobretudo porque conhecia os pontos de sustentação que o estudo das psicoses forneceria à sua concepção estrutural do inconsciente e do sujeito, porquanto, sabendo ler Freud, nele encontrou, particularmente nos escritos freudianos sobre as psicoses, uma estrita referência ao registro do significante.

Um dos pilares de sustentação da abordagem das psicoses por Lacan é, portanto, que, a tomá-las de modo estrutural, revelam, mais do que qualquer outra configuração da subjetividade, as relações do homem com o significante, e as revelam em sua crua nudez, seguindo o que nos afigura como uma vocação geral das psicoses: por a nu o que é da ordem da estrutura, e que aparece recoberto em outras estruturas clínicas.

A fim de melhor apreender a concepção lacaniana das psicoses, cumpre, portanto, que partamos da primazia da ordem da linguagem, já presente em Freud, e alçada por Lacan a um princípio fundamental de seu pensamento, ponto de articulação

[219] Lacan, J. Le Séminaire, Livre III, Les Psychoses, op. cit., p. 13

axial de sua leitura de Freud.

Lacan é um freudiano, como o declarou em diversas ocasiões e momentos de sua obra, entre os quais citamos uma passagem de seu seminário sobre as psicoses: "Meu trabalho é compreender o que fez Freud. Por conseguinte, interpretar mesmo o implícito em Freud, é a meus olhos, legítimo"[220].

O principal texto teórico de Lacan a respeito das psicoses, que compõe os seus "Escritos", situando-se, portanto, fora do campo da transmissão verbal de seu ensino através dos Seminários, é "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose"[221]. No referido campo do ensino, é claro que o terceiro ano de seus seminários, dedicado inteiramente a questão das psicoses (Livro III do Seminário de Jacques Lacan, compreendendo as sessões de novembro de 1955 a Julho de 1956) constitui uma obra muito mais extensa sobre o tema. Posteriormente, mais precisamente vinte anos, e vinte "seminários" depois, em 1975-6, no Livro XVIII, intitulado "O Sinthoma", Lacan retomará a questão desde outro ângulo, do qual trataremos mais adiante. E desta época o texto "Abertura da seção clínica"[222], muito importante para uma compreensão mais clara da posição final de Lacan a respeito das psicoses.

Uma leitura rigorosa do texto "De uma questão preli

[220] Ibidem, p. 18 (Ver capítulo I do Seminário de Jacques Lacan, Livro III, "As Psicoses")

[221] Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose, (1957-58), Paris, Editions du Seuil, 1966, pp. 531-583.

[222] Lacan, J. Ouverture de la Section Clinique, in Ornicar? Nº 9, Paris, Navarin, 1977. (O texto refere-se à Abertura da Seção Clínica de Vincennes, com intervenção oral proferida por Lacan na ocasião, 9 de abril de 1977, em Vincennes, Paris).

minar", citado, mostra que o veio central, o fio condutor em que se desenvolve a elaboração de Lacan é a restituição da referência simbólica ao exame das condições de possibilidade de uma clínica psicanalítica das psicoses. O texto é estruturado em cinco partes, sendo as três primeiras articuladas em torno de Freud: "Rumo a Freud", "Depois de Freud", "Com Freud", respectivamente I, II e III. Seguem-se "Do lado de Schreber" e "Pós-Escrito". Já a primeira frase do texto, que abre a seção "Rumo a Freud", é eloquente quanto as intenções de Lacan: "Meio século de freudismo aplicado à psicose deixa seu problema ainda a repensar, dito de outro modo", in statu quo ante" [223].

Continua, como num movimento de reiteração que visa a reestabelecer, a cada passo, o fio da meada que pretende firmemente segurar, na primeira frase da seção II, "Depois de Freud": "Que Freud nos trouxe sobre isso? Entramos no assunto afirmando que para o problema da psicose, essa contribuição havia resultado num recaída" [224]. Na última página do texto, como que para demonstrar que esta sua posição constitui um dos fios com que tece seu escrito, Lacan diz: "... a psicanálise, após Freud, retornou, como dissemos, à etapa anterior" [225].

Que Lacan nos diz em sua reiterada observação? Que Freud pouco contribuiu para a questão das psicoses? Que sua contribuição resulta num retrocesso, como pretendem alguns leitores seus? Não cremos. A leitura rigorosa da argumentação

[223] Lacan, J. "D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", op. cit., p. 531.

[224] Idem, Ibidem, p. 541.

[225] Idem, Ibidem, p. 583.

de Lacan compreendida entre as frases citadas, isto é, ao longo de todo o texto, demonstra que Lacan pretende apontar o que foi feito com as contribuições de Freud, no sentido oposto a Freud, depois de Freud.

Podemos resumir essa argumentação dizendo que toda a questão reside na destituição da função simbólica da linguagem na determinação de fenômenos clínicos como, por exemplo, a alucinação, privilegiada no exame de Lacan. Tomada no eixo interativo definido fenomenologicamente como articulando "percipiens" e "perceptum", ou seja, a consciência perceptiva do sujeito e seu correlato fenomênico — o objeto percebido — a alucinação deixa de se constituir como fenômeno de linguagem, a cuja ordem tanto o percipiens como o perceptum estão submetidos, a aparece como mera distorção nas relações, de outro modo harmoniosas, entre o percipiens, que, em seus diversos níveis de estruturação, é suposto conferir ao perceptum sua unidade, cujos diversos níveis de estruturação devem, por sua vez e igualmente, guardar homologia com os do percipiens.

É a própria cadeia dos significantes que, impondo-se, em sua dimensão de voz, ao sujeito, condiciona o perceptum em sua estrutura de fala, e deixa ao percipiens um sentido antes equívoco do que unívoco, como seria o caso pretendido pela concepção do percipiens como função constituinte da unidade do perceptum. O fenômeno alucinatório é, assim, da ordem verbal — e impensável no registro dito "auditivo", ou visual, nos quais os sensoriums teriam o privilégio de definir a natureza do fenômeno, quando, no nível do significante — ao

qual cabe esse privilégio — é inteiramente indiferente a consideração quanto a que sensorium (audição, visão, etc.), concerne o fenômeno alucinatório. Há, na alucinação dita auditiva, na escuta de vozes, por exemplo, uma atividade psicomotora que consiste em esboçar movimentos labiais simultâneos ao tempo de duração da escuta alucinatória. O fenômeno seria, então, sensorial ou motor? Sensório-motor? Sua estrutura é dada, contudo, por sua dimensão verbal, articulando-se assim ao plano das relações do sujeito com o significante:

"Em nenhum lugar, com efeito, a concepção falaciosa de um processo psíquico no sentido de Jaspers, do qual o sintoma não seria mais que o índice, está mais fora de propôsito do que na abordagem da psicose, porque em nenhum lugar o sintoma, se sabemos lê-lo, está mais claramente articulado na própria estrutura. O que nos imporá (a tarefa de) definir este processo pelas determinações as mais radicais da relação do homem com o significante"^[226].

Como exemplo da imposição estrutural da referência ao Édipo, citamos o comentário de Lacan sobre a crítica de Ida Macalpine da grosseira concepção da psicose paranóica de Schreber (tornada paradigmática da suposta concepção freudiana da paranóia em geral), como uma defesa contra impulsos homossexuais recalçados. Macalpine considera que, no lugar dessa teoria, da qual resultam, com efeito, desastrosos efeitos

[226] Idem, Ibidem., pp. 536-7

clínicos da interpretação analítica feita no sentido de levar o paciente a reconhecer tais impulsos, deve-se levar em conta uma fantasia de procriação primitiva, ligada, segundo ela, à estrutura da hipocondria, fantasia que, numa observação irônica de Lacan, a autora, "miraculosamente", tendo em vista a tendência geral da psicanálise vigente na época, percebe a necessidade de articulá-lo a uma estrutura simbólica. No entanto, a estrutura simbólica à qual Macalpine vai ligar a referida fantasia é o "tema heliolítico", que estaria na base, segundo a autora, de uma "procriação assexuada, presente em ambos os sexos, numa fase primitiva do desenvolvimento, como fantasia de gravidez. O ponto subjetivo sobre o qual deve incidir a interpretação do analista, assim, seria a incerteza do psicótico quanto ao seu próprio sexo. Ora, diz Lacan, isto é um traço banal da histeria, da qual a autora pretende justamente diferenciar o diagnóstico através da identificação da referida fantasia. Procriação assexuada, procriação destituída da referência ao pai, em sua função de procriação. O equívoco que se encontra na base dessa sistemática recusa do Édipo como estrutura simbólica que convém para sustentar o nível fantasmático do sujeito (note-se que a autora identifica a necessidade de articular a fantasia a uma estrutura simbólica, mas recusa a referência ao Édipo como constituindo essa estrutura) esclarece-se nas palavras de Lacan:

"É que nenhuma formação imaginária é específica, nenhuma é determinante nem da estrutura nem da dinâmica de um processo. E é porque condenamo-nos a fazer faltar uma

e outra quando, na esperança de melhor alcançá-las, quer-se negligenciar a articulação simbólica que Freud descobriu ao mesmo tempo que o inconsciente, e que lhe é, com efeito, consubstancial: é a necessidade desta articulação que ele nos significa em sua referência metódica ao Édipo"^[227].

Que relações há, efetivamente, entre a alucinação e aquilo que Lacan denomina a "estrutura da alusão"? A alusão é uma forma pela qual o sujeito é definido a partir da ordem simbólica sem inversão da mensagem do próprio sujeito e sem a mediação do Outro reconhecido enquanto tal e recoberto, superposto, na estrutura da alusão, com o outro semelhante. O exemplo princeps da alusão é dado por Lacan no caso da paciente que se queixa de ter sofrido a injúria de ouvir de um homem com quem cruzava num corredor o termo: "Porca!". Na sequência da sessão com Lacan, a paciente, respondendo a pergunta sobre o que dissera logo antes de ouvir semelhante injúria, admite ter pronunciado a frase, constitutiva da alusão propriamente dita: "Eu venho do salsicheiro". Na sequência temporal dos acontecimentos, portanto, a alusão precede a alucinação, a escuta de um significante no real, que vem por fim à oscilação, gerada pela alusão, quanto a saber a que sujeito (da enunciação) se refere o sujeito EU do enunciado "eu venho do salsicheiro", embora na sequência do relato o sujeito parta da menção ao significante alucinatório, no qual está fixado, para, em seguida, relatar a frase da alusão.

[227] Idem, Ibidem, p. 546.

O que depreende Lacan a partir disso ? Pela alusão, o sujeito não é situado, há uma oscilação, uma indeterminação do sujeito ao qual se refere o enunciado, o que impede que o sujeito se faça representar pelo significante para outro significante, condição fundamental do sujeito (\$) do inconsciente. O Outro não é reconhecido como o lugar simbólico por excelência, do qual o sujeito recebe a sua própria mensagem (Tu és aquele que...) sob a forma invertida (eu sou aquele que...), mas superposto com um "objeto" (indivíduo) semelhante ao sujeito, alguém, (no caso, o homem), de quem recebe a sua mensagem sem inversão e sem mediação simbólica: "Porca". É preciso, pois, que um significante se faça ouvir (alucinação) para dar um ponto-de-basta à indeterminação da frase alusiva "eu venho do salsicheiro", na qual não se sabe quem é o sujeito. É a alucinação que completa a estrutura da alusão, situando o sujeito, com o alto preço, contudo, de fixá-lo na condição de "porca", condição que evoca a fixidez da letra enquanto não referida, como o significante, à função simbólica de produzir a significação e representar o sujeito junto a outro significante.

Esse exemplo, que fundamenta a exposição de Lacan sobre a fala alusiva, é trabalhado no Livro III do Seminário (sobre as psicoses) em um capítulo inteiro a ele dedicado, e nos deu a oportunidade de formular a hipótese de que, homologamente à função do delírio (restauração do imaginário, do mundo objetal), a alucinação teria, também, uma função restitutiva na economia psíquica: situar o sujeito oscilante da alusão. Se a alucinação é o momento da presentificação do

real por excelência, a desimaginarização do objeto fantasmático pelo viés de sua corporificação real, diluição do parênteses que cerca, pela imagem, o objeto (como na fórmula $i(a)$, por exemplo), é por outro lado, um recurso que circunscreve, delimita, põe fim à dissolução imaginária do eu do psicótico. Haveria, segundo essa hipótese, uma vertente de positividade da alucinação, e não apenas um fenômeno elementar que atestaria do fracasso do sujeito em constituir-se pela exclusão do gozo do Outro.

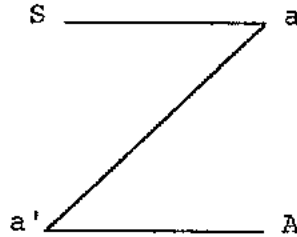
Em contraposição a essa falsa primazia do imaginário, Lacan evoca o inconsciente em Freud, essa Outra-Coisa, essa Outra-Cena ("ein anderer Schauplatz"), termo que Freud tomou de empréstimo a Fechner, concebida como:

"... um lugar, presente para todos e fechado a cada um, onde Freud descobre que, sem que nele se pense, e sem que ninguém possa pensar melhor que algum outro, isso pensa. Isso pensa sobretudo mal, mas isso pensa firme: pois é nesses termos que nos anuncia o inconsciente: pensamentos que, se suas leis não são absolutamente as mesmas que as de nossos pensamentos de todos os dias nobres ou vulgares, são perfeitamente articulados"^[228].

Para formular cientificamente a relação do sujeito com esse Outro que é o inconsciente, Lacan retoma o seu esque

[228] Idem, Ibidem., p. 548.

ma "L",



"em que a condição do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A. O que aí se desenrola é articulado como um discurso (o inconsciente é o discurso do Outro)" [229].

O sujeito é parte interessada no discurso do inconsciente, ou, a estrutura que convém à psicanálise é a estrutura que, ainda que descentre o sujeito, o inclui. Lacan demonstra que o sujeito está implicado nos quatro cantos do esquema:

"S, sua inegável e estúpida existência, a, seus objetos, a', seu eu, a saber o que se refletê de sua forma em seus objetos e A, o lugar de onde pode se colocar a ele a questão de sua existência" [230].

[229] Idem, Ibidem., p. 549.

[230] Idem, Ibidem., p. 549.

Existência que, a partir da questão posta desde o lugar de A, perde seu caráter de inefabilidade e estupidez, pois, a partir do inconsciente, a questão "Quem sou?" é uma questão articulada, e concerne a estar vivo, quando poderia não estar, e a ser homem ou mulher, posições do sujeito diante dos símbolos da procriação (e da castração) e da morte.

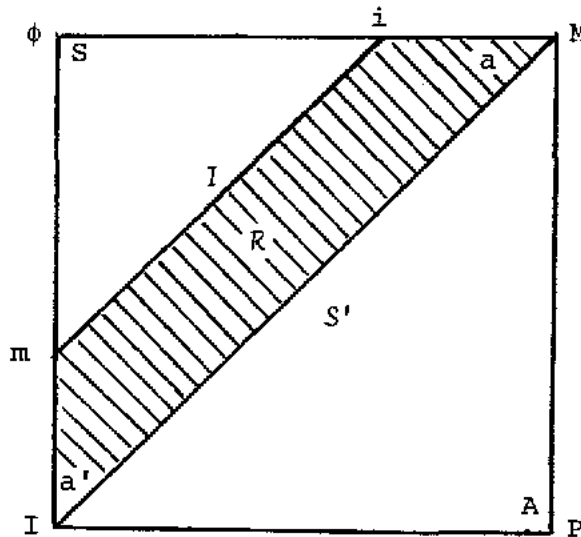
Reencontramos, nessa abordagem do inconsciente em suas incidências subjetivas, o eixo da primazia do significante, a referência paterna, estrutural, simbólica, a que nos referimos inicialmente, e que progressivamente se dissipou na abordagem da psicose (e demais configurações clínicas, não mais denominadas, em consequência, estruturas clínicas) nos autores pós-freudianos.

É próprio da referência estrutural ao significante que a questão do sujeito não se coloque verdadeiramente na profusão e riqueza das formações imaginárias, nas múltiplas e profusas formas que podem assumir as imagens; "as protomórficas profusões da imagem, em intumescências vegetativas, em franjas anímicas irradiando-se em palpitações da vida"^[231], como se exprime Lacan, mas, ao contrário, toma e feito na lei interna da articulação significante, que submete o material imaginário à pobreza que é essencial à lei simbólica. Essa diferença, Lacan a identifica no fato de que, ainda que os freudianos e os jungianos não saibam explicar teoricamente sua razão, as duas escolas mantenham-se inconfundíveis: Freud, rejeitando a "mântica do imaginário", ateve-se ao rigor das leis do significante, mas os analistas de hoje prova

[231] Idem, *Ibidem.*, p. 551

velmente atribuiriam sua diferença para com os adeptos da psicologia analítica das "transformações da libido" (Wandlungen der libido) ao fato de que as formas de imaginação são diferentes nos Alpes e no Atlântico^[232].

Lacan introduz, então, o seu novo esquema, dito esquema "R", da Estrutura da Subjetividade, que guarda uma certa homologia estrutural com o esquema L, anterior, mas nele introduz uma dimensão topológica-projetiva, num espaço (esquema L) que se constituía como somente euclidiano:



No lado externo do esquema situam-se SIGNIFICANTES, precisamente nesses vértices considerados -S e P.

O sujeito S é sustentado, em seu vértice, pela signi

[232] Idem, Ibidem., p. 551.

ficação fãlica (fi), induzida pelo Nome-do-Pai, através da metãfora paterna. Para formular esta metãfora, é necessãrio recorrer a fãrmula geral da metãfora, para Lacan, ou fãrmula da substituiãõ signifiicante:

(Um signifiicante \underline{S} substitui na cadeia, um signifiicante S' $\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x}$ (Cujo significado é incãgnito)



Elidido, substituído por S , o signifiicante $S' = 1$: $S \cdot (\frac{1}{S})$ e produz-se um significado novo para o que era incãgnito, de S' .

Assim, na fãrmula, temos:

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \longrightarrow S \left(\frac{1}{S} \right)$$

Tratando-se da metãfora paterna, os signifiicantes em jogo sãõ:

$$\frac{\text{Nome do Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{significado (incãgnito) para o sujeito}} \longrightarrow \text{Nome do Pai} \left(\frac{A}{\text{falo}} \right) \quad [233]$$

[233] Idem, Ibidem., p. 557

O significante metafórico, que substitui o outro significante na cadeia, é o Nome-do-Pai, condição de êxito da metáfora. O significante substituído, significante metonímico cujo deslizamento é interrompido pela metáfora, é o Desejo da Mãe, cujo significado ("o que a mãe quer?") é incógnito ao sujeito. Pelo efeito da metáfora, que consiste na produção de um novo significado por transposição da barreira resistente à significação, a elisão do Desejo da Mãe pelo Nome do Pai transforma aquele em A, lugar do Outro da linguagem, em face do Nome do pai como Outro da Lei. Há, na metáfora paterna, um desdobramento necessário do Outro em Outro da Linguagem, que, a operar sozinho, constitui uma lei "caprichosa", sem limites, e Outro da Lei, que interdita o uso do sujeito como um objeto do puro jogo de linguagem e desejo de um Outro absoluto. O resultado da metáfora é a indução do Falo como significado novo para o desejo da mãe, como indução da significação fática como suporte para o sujeito, razão pela qual, no esquema R, que contém, topologicamente, todos os elementos algébricos da metáfora, o sujeito sustenta-se, em seu vértice, da significação fática: o que quer que seja o objeto do desejo da mãe, a resposta do sujeito é uma falta: ao sujeito também falta o que falta a mãe.

O fracasso da metáfora paterna é, por conseguinte, o fracasso da representação simbólica do sujeito, que se faz através da significação fática. Se, ao apelo do nome-do-pai, responde um puro buraco no simbólico, o sujeito não pode responder senão com seu próprio corpo, que oferece ao gozo do Outro. Por isso, o gozo do Outro é o gozo do Corpo, gozo não

fálico, não mediatizado pela significação faltosa do falo, não sexual. Se o gozo fálico é o gozo sexual por excelência, que introduz os sujeitos falantes na dialética da partilha dos se xos através do complexo de castração, o psicótico, na medida em que não acede, por fracasso da metáfora paterna, a signifi ca ção fálica, é um sujeito fora-do-sexual. A ordem que o re ge é a dimensão do não-sexual, objeto do capítulo precedente.

Para conferir alguma formalização aos efeitos do de sastre psicótico em relação à metáfora paterna, seu fracasso, Lacan elabora o esquema I, cujas estrutura só pode ser apre endida em relação ao esquema R. Deve-se, entretanto, obser var que o esquema I concerne a uma situação da psicose em que o sujeito já atingiu um determinado grau de estabilização através do delírio, no que Lacan denomina a constituição da metáfora delirante. Veremos como isso se processa na análi se lacaniana do delírio do Presidente Schreber.

Assim, se o sujeito entra no jogo estrutural como o "morto", é contudo como vivo que ele vai jogá-lo, e servindo -se do material imaginário, certamente. Não se trata de des prezar ou ignorar o registro do imaginário, essencial ao su jeito, mas de submetê-lo à referência simbólica dada pela ar ticulação significante. Esta submissão reduz, circunscreve, limita o inesgotável manancial que o imaginário, desarticula- do do simbólico, poderia produzir.

Como assinalamos anteriormente, o esquema "R", conhecido como "esquema da estrutura do su jeito", guar da, em suas linhas vetoriais de força, a estrutura do esque

ma "L", mantendo, por exemplo, as incidências, em diagonais cruzadas, que o esquema "L" completo engendra a partir de seus quatro vértices: o sujeito, o outro semelhante, o eu e o Outro da Ordem simbólica, da linguagem e da Lei. Se guarda um homologia estrutural com o esquema L, o esquema R, contudo, o ultrapassa em vários aspectos: cria espaços topológicos, desdobra o eixo imaginário, antes reduzido a uma linha diagonal, em dois vetores paralelos compreendendo um campo, resultado da espessura criada no que antes era uma linha, forma, assim, dois ternários — o ternário imaginário I-S-M (ver gráfico, a seguir) e o ternário simbólico I-P-M, cujos vértices opostos e não comuns, S e P, designam respectivamente o lugar do sujeito em sua estreita referência estrutural ao lugar do Outro enquanto ocupado pelo significante do Nome-do-pai. Note-se que os dois ternários são equivalentes, em área, dois triângulos retângulos cuja hipotenusa, comum aos dois, é a linha de fronteira entre os campos imaginário e Simbólico. Essa equivalência quer exprimir a necessária redução, a que já nos referimos, de profusão do imaginário às leis estruturantes do simbólico.

No campo que, como assinalado acima, resulta da duplicação, em dois vetores paralelos, da antiga (no esquema L) diagonal imaginária, chamado campo da Realidade (campo "R"), Lacan virá a situar, numa famosa nota introduzida em 1966, a no da publicação do volume único dos "Écrits", do qual faz parte este texto de 1958, a referência ao objeto a, já então formulado por Lacan (inexistente na teoria na época da redação

do escrito mas já formulado quando da publicação dos "Escritos"). O objeto a estaria barrado pelo campo da realidade, hachuriado no gráfico, campo que, assim, é co-extensivo ao campo do fantasma, formação que articula o sujeito barrado do inconsciente (§) ao objeto a. Se o campo da realidade é o campo do fantasma, então o próprio objeto não pode estar situado neste campo, na medida em que o fantasma articulado de § com a, sustenta-se precisamente da extração do objeto a deste campo, que o barra.

No lado do ternário imaginário que liga o sujeito (S) ao Ideal do eu (I), situam-se as identificações do sujeito, desde sua "Urbild" (imagem primordial, originária) especular até a identificação paterna (note-se que o ponto I situa-se no vértice extremo inferior do ternário imaginário, ponto, portanto, de interseção com o ternário simbólico, cuja base liga I a Nome-do-Pai em A) do ideal do eu.

No lado superior do ternário imaginário, que liga o sujeito (S) ao significante do objeto primordial (M), situam-se as relações objetais de agressão erótica. Note-se que, em função da referida duplicação do que no esquema L era a simples diagonal imaginária (que tinha, no ponto extremo, a notação a, outro semelhante, objeto), e da qual resultou a constituição do campo da realidade, o vértice superior direito do gráfico passa ao estatuto de significante (M = significante do objeto primordial, e não mais apenas "objeto", outro semelhante), porquanto esse vértice, tanto quanto o ponto I, já considerado acima, é ponto de interseção dos dois ternários, imaginário e simbólico (S-I-M e P-I-M, respectivamente:

Assim:

— Conjunto S (ternário Simbólico) :=	{ I, M, P }	Conjunto Interseção S I = { I, M }
— Conjunto I (ternário Imaginário) :=	{ I, M, S }	
— Conjunto Sô Simbólico "S" (— Imaginário) :=	{ P }	Nome do pai, elemento sô do conjunto simbólico
— Conjunto Sô Imaginário "I" (— Simbólico) :=	{ S }	sujeito, elemento sô do conjunto Imaginário.

Os elementos componentes dos dois conjuntos vazios "Sô Imaginário" e "Sô Simbólico", excluídos os elementos do conjunto interseção, são aqueles que se relacionam com ângulos opostos (dois ângulos retos de cada um dos triângulos-retângulos, formados pelos catetos), e opostos a hipotenusa (fronteira entre o imaginário e o simbólico, formada pelos pontos da interseção). São os pontos essenciais do gráfico, o que se passa em "P".

A falência da metáfora paterna significa que, no lugar do Nome-do-Pai existe um puro buraco, um vazio na ordem do significante, a falta do significante não exprimindo, nes

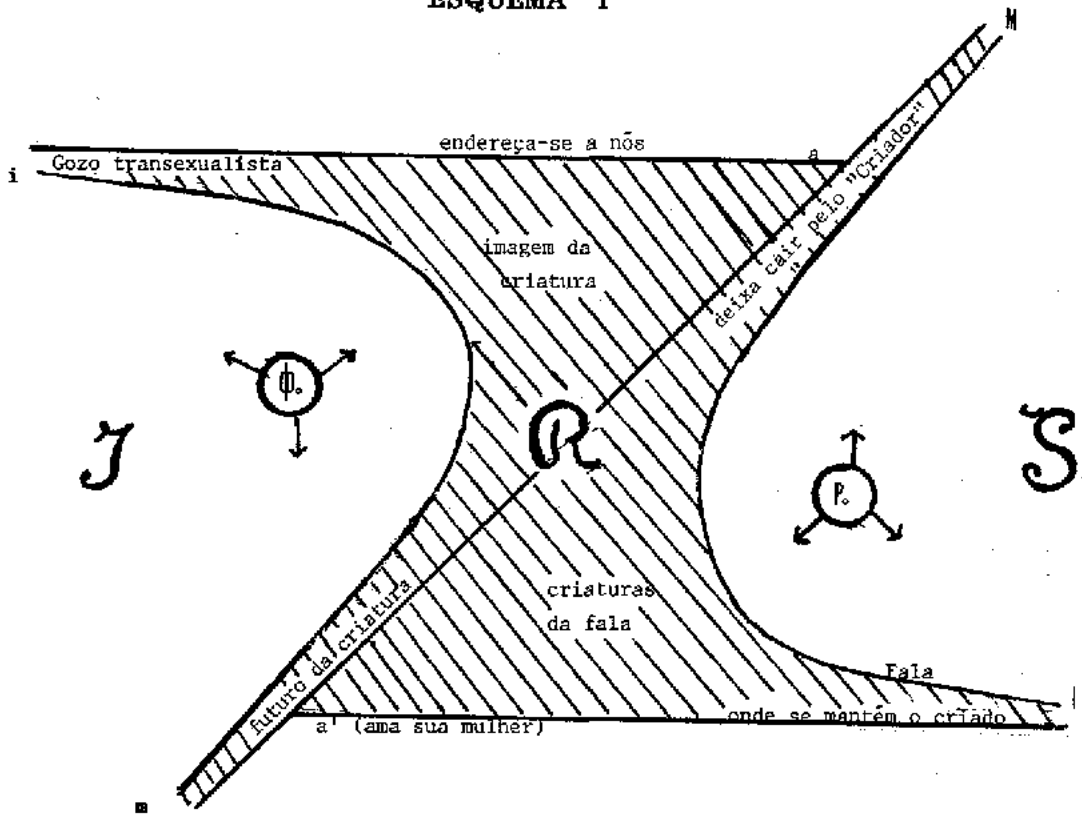
se contexto, o significante da falta do Outro S(\bar{A})), mas pelo contrário, a sua consistência absoluta. Em outras palavras, se há Nome-do-Pai, se o inconsciente se organiza segundo uma ordem fálica, então o que se situa para além do falo pode se constituir: a ordem fálica define o seu interior e o que a ultrapassa, o seu mais-além, (que é, assim, dela deduzido) a um só tempo. A não inscrição da significação fálica interdita igualmente que se estabeleça um além do fálico, lugar, por exemplo, da Mulher como inexistente, do Real como impossível, do objeto a como extraído do campo da realidade fantasmática, e portanto, da ausência de biunivocidade entre o conjunto dos elementos regidos pela ordem do falo (homens) e o conjunto dos elementos que, embora submetidos a essa mesma ordem fálica, constituem, em si mesmos, cada um, uma exceção a ela (mulheres). Não entrando aqui na "tábua quântica da sexuação", que Lacan elabora em seu vigésimo Seminário, intitulado "Encore", por situar-se, esta questão, fora do objeto primordial deste trabalho, diremos somente que a situação descrita, a título de exemplos, entre outros, da falta de um significante no campo do Outro, buraco real no simbólico, para além da ordem fálica e por isso mesmo por ela definida, interdita a existência da relação sexual, entendida como relação biunívoca entre dois conjuntos sexuados, "homem" e "mulher": há a ordem do sexual, e o Outro sexo, o Outro do sexual, que é, a rigor, um correlato inexistente à ordem fálica do sexual. A importância das presentes considerações no que concerne à psicose reside exatamente no fato de que o psicótico, em sua metáfora delirante, faz com que exista a Mulher, obtura, com seu delí-

rio, a falta no Outro e reestabelece a relação sexual como forma de estabilizar-se.

A falta do significante paterno não equivale, diziamos, ao significante da falta no Outro, mas, pelo contrário, põe-se a essa última falta, engendrando a sua obturação.

Assim é que, inexistente, com valência igual a zero, o Nome-do-pai acarreta uma cascata de consequências, a começar pelo desabamento da sustentação fálica do sujeito S , configurando o esquema R . Eclodido o ternário simbólico, encode igualmente o ternário imaginário enquanto sustentado pela significação fálica correlata da metáfora paterna. Resta o campo da realidade, hachuriado no esquema R (e também no I), cujos vértices m (eu, instância imaginária, um dos pólos da relação narcísica $m-i$, remanescente do que, no esquema R , constituía a diagonal imaginária $a-a'$), i (o outro pólo dessa mesma relação, imagem especular do corpo próprio), I (Ideal do Eu) e M (significante do objeto primordial) por não mais estarem sustentados pelos pontos P e S , elementos constitutivos do conjunto da não-interseção entre os ternários simbólico e imaginário, como assinalamos anteriormente, e principais suportes do esquema R , esgarçam-se numa nova configuração que visa a sustentar o sujeito na precária estabilização psicótica. (Ver esquema I).

ESQUEMA I



[234]

Como se observa, o esquema I representa uma transfiguração a partir da estrutura do esquema R. Com a soltura dos pontos de amarração estrutural P (em A) e ϕ (em S), cuja valência torna-se zero, o campo da Realidade, antes enquadrado pelos vértices I-m-i-M, espraia-se pelos quatro cantos do esquema. Note-se que, na área adjacente ao campo S (nulo), as "criaturas da fala", acompanhando a assintótica M-I, representam o papel de linguagem na reconstrução delirante. Homologamente, na assintótica m-i, adjacente ao campo igualmente nulo do Imaginário, a imagem da criatura faz suplência à sustentação fálica no plano imaginário do sujeito.

Os vetores m-i e M-I, que no esquema R apresentavam-se retilíneos e que nele enquadravam o campo da realidade,

[234] Idem, *Ibidem*, p. 571.

tornam-se, no esquema I, assintóticos: do ponto m (eu), parte uma curva assintótica que lança o ponto i, infinitamente, para o lugar correspondente ao que, no esquema R, fora o vértice do sujeito S. Do ponto M (significante do objeto primordial) parte a curva que, pelo mesmo efeito assintótico, lança o ponto I (Ideal do eu) infinitamente em direção ao que, no esquema R, fora o lugar do Outro, ocupado pelo Nome-do-Pai. O sujeito reduz-se a imagem narcísica do corpo próprio, e o Significante primordial reduz-se à instância do Ideal.

É pelo esgarçamento do campo da realidade que, sob a égide das instâncias imaginárias m e i e das instâncias de interseção M e I simbólico-imaginária (ver explicação do esquema R, acima) porém destituídas de sua referência simbólica pelo desvanecimento de P (tornado nulo) e S (tornado igualmente nulo, em consequência) espalha-se pelos quatro cantos do esquema, que a reconstituição do mundo objetal do psicótico se faz. O campo esgarçado mantém afastadas as instâncias imaginárias, impedindo sua colaboração, sua fusão, o que ocorre no momento da dissolução imaginária. O esquema I é, assim, o esquema da estabilização psicótica, tornada possível pela construção da metáfora delirante.

Ao constituir-se como a mulher de Deus, Schreber constrói essa metáfora, à condição, contudo, de fazer existir o que, simbolicamente, não existe: a Mulher. O que, no momento da fase dita pré-psicótica, fora a sua experiência hipnôptica, de caráter pré-consciente, da qual o eu estaria longe de ter conhecimento, como assinala Lacan e que con

sistiu no pensamento "como seria bonito ser uma mulher em vias de submeter-se ao coito", transforma-se, na fase de estabilização delirante, em tornar-se a mulher de Deus. Na experiência hipnopômica, a idéia indignou o sujeito Schreber. Posteriormente, em uma fase intermediária de seu delírio, ele a considerou inevitável, para, ao final, assumi-la plenamente como redenção. Fora da ordem do sexual, não podendo estabelecer nenhuma identificação ao falo, ainda que imaginário, da mãe, porquanto isso seria admitir a castração, a falta de um significante no Outro, só restou a Schreber ser a Mulher. Na frase de Lacan: "... na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens [235].

A estrutura psicótica se deflagra em surto sempre que o sujeito é chamado, levado a invocar a instância do Nome-do-pai para responder a uma situação da vida, a uma experiência vivencial, para a qual sua sustentação fálica pelo Nome-do-pai é exigida. Nesse sentido, diz Lacan:

"Para que uma psicose se desencadeie é preciso que o Nome-do-pai, verworfen, foracluído, isto é, jamais advindo ao lugar do Outro, aí seja chamado em oposição simbólica ao sujeito. E a falta do Nome-do-pai neste lugar que, pelo buraco que abre no significado, engendra a cascata de remanejamentos

[235] Idem, Ibidem., p. 566

do significante da qual procede o desastre crescente do imaginário, até que seja atingido o nível em que significante e significado estabilizam-se na metáfora delirante. Mas como o Nome-do-pai pode ser chamado pelo sujeito único lugar de onde ele lhe teria podido advir e no qual ele nunca esteve? Por nada além de um pai real, de modo nenhum forçosamente o pai do sujeito, por Um-pai. (...) Basta que este Um-pai situe-se em posição terceira em qualquer relação que tenha por base o par imaginário a-a', isto é eu-objeto ou ideal-realidade, implicando o sujeito no campo de agressão erotizada que este par induz"[236].

O encontro com Um-pai sempre existirá no desencadeamento de uma psicose, para Lacan. Trata-se de uma situação vivida, uma experiência integrante do drama histórico-biográfico do sujeito, e deve sempre ser procurado pelo analista. Situações como dar à luz, para uma mulher, ou tornar-se pai, para um homem, ou assumir determinado cargo, como em Schreber, ou ainda confrontar-se com a morte quando não se a levava em conta, enfim, toda situação em que, rompendo a díade imaginária, um elemento terceiro se presentifica, diante do qual o apelo ao Nome-do-Pai é infrutífero.

Podemos dividir a contribuição de Lacan para uma teoria da clínica psicanalítica das psicoses em momentos distintos: o primeiro, o momento de sua Tese de Doutorado, intitua-

[236] Idem, *Ibidem*, p. 577.

lada "Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade", defendida e publicada em 1932, momento de sua aproximação inicial da psicanálise, como ele mesmo afirma: "...um primeiro estudo sobre a paranóia nos levou, há trinta anos, ao limiar da psicanálise" [236].

Posteriormente, a partir de sua teoria sobre o estágio do espelho como ponto de constituição do eu como instância estruturalmente paranóica, Lacan dirá que não há relação alguma entre a paranóia e a personalidade, mas uma coincidência entre essas duas categorias: toda personalidade se estrutura de forma paranóica. "Não há relação alguma entre a personalidade e a paranóia porque elas são uma só e mesma coisa" [237].

O segundo momento é o de seu Seminário dos anos 1955-56, o terceiro da série, dedicado às psicoses, mencionado anteriormente. O texto, escrito em dezembro de 1957/janeiro de 1958 e intitulado "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", por nós trabalhado na primeira parte da presente seção, é uma elaboração teórica fundamentada na transmissão realizada através do Seminário III, integrante, portanto, este segundo momento.

O que caracteriza esta etapa do pensamento de Lacan sobre as psicoses é, como já assinalamos, a referência à ordem simbólica como aquela a que deve ser dada a primazia e a

[236] Lacan, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", op. cit., p. 536.

[237] Lacan, J. Le Sinthome, seminário inédito, mimeo.

primazia do significante — como critério estrutural e divisor de águas entre as diferentes estruturas clínicas: psicose, neurose, perversão. Essa referência visava a restituir, a u ma psicanálise cada vez mais invertibrada, a radicalidade que a caracteriza em Freud, centrada nas leis do inconsciente e na estrutura que lhe é consubstancial: o Édipo, articulado em torno da instância paterna, distinta do indivíduo psicofísico genitor.

Num terceiro momento, a fase final do ensino e do pensamento de Lacan, suas formulações modificam sensivelmente o que seria uma primazia da ordem simbólica e do significante, pelo avanço da formalização cada vez mais rigorosa que em preende na direção, não tanto de uma primazia do Real, como muito frequentemente se diz, mas das formas de nodulação dos três registros. Essas modificações terão considerável impor tância na teoria e na clínica das psicoses, como, de resto, em toda a psicanálise.

Vinte anos separam o Seminário III, das Psicoses, marco da segunda fase das contribuições de Lacan sobre as psi coses, e o Seminário XXIII, intitulado "O Sinthoma", (grafia que adotamos, em português, diferentemente da forma como tem-se escrito o nome deste Seminário, simplesmente "O Sintoma", em função do fato de que, em francês a grafia Le Sinthome já consiste numa criação de Lacan, porquanto "sintoma", nessa língua, escreve-se "le symptôme", e optamos por manter a dife rença entre as duas formas de se escrever também em portu

guês [238]), tanto quanto vinte anos separam a publicação, por Freud, da Traumdeutung e do Jenseits des Lustprinzips, marco e remarco da teoria freudiana, dois tempos, de abertura e de fechamento, das mesmas e cruciais questões.

"Demonstrar, como procurarei fazer, que aquilo que insistia desde o primeiro sonho da Traumdeutung é estritamente da mesma natureza daquilo que insiste no ensino freudiano, implica reconhecer que o passo decisivo de Mais Além do Princípio de Prazer reside num tempo de fechamento muito particular pelo qual Freud se torna enfim capaz de utilizar o efeito de sua própria insistência, apontando-a no próprio ponto em que, nele, insiste e que acede, dessa forma, a nomeação: ponto de mais além do princípio de prazer. (...) insistência que não o trabalhara menos, vinte anos antes, na Traumdeutung" [239].

Os dois seminários imediatamente anteriores a "O Sinthoma" são "Les non dupes errent" [240] e "R.S.I." [241] o que é importante assinalar na medida em que constituem as bases para o que, em "O Sinthoma", será proposto.

[238] Lacan, J. Le Séminaire, Livre XXIII, Le Sinthome, algumas sessões publicadas, em partes, em Ornicar ?

[239] Didier-Weill, A. Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise, op. cit., p.11.

[240] Lacan, J. Les non-dupes errent (Seminário inédito, Livro XXI-1973-4, mimeo), cujo título, que se pode traduzir como "Os não-tolos erram", é, em francês, a equivocação de "Les noms-dupère", "Os nomes-do-pai", homofonia, portanto, que se perde na tradução (por isso inconveniente) para o português.

[241] Idem, R.S.I. Seminário inédito, Livro XXII, 1974-5, mimeo, cujo título é a sigla das iniciais dos três registros, Real, Simbólico e Imaginário, respectivamente.

Em "Les non dupes errent", cujo equivalente homofônico é "Les Noms-du père", razão pela qual mantemos o título em francês, Lacan formula, como está explícito no título, a categoria de Nome-do-pai no plural, constatação óbvia que conduz à conclusão, entretanto não tão óbvia, de que a primazia do registro simbólico como aquele que subsume o Nome-do-pai, suporte da estrutura, deixa de existir. Cada um dos registros — Real, Simbólico e Imaginário, passa a ter a mesma valência estrutural, tornam-se, assim, equivalentes. Essa idéia é retomada, no ano seguinte, em R.S.I., onde Lacan elabora o essencial de sua teorização sobre o nó borromeano, e reiterada em "Le Sinthome".

É a forma de nodulação dos registros que decide sobre a configuração estrutural do sujeito. O nó não é nem real, nem simbólico, nem Imaginário, mas uma forma de articulação, de amarração desses registros. Entretanto, o nó não é totalmente independente dos registros que amarra. A nodulação pode ser feita a partir de um dos registros que, então, apesar de manter sua equivalência para com os outros, tem, na nodulação, um lugar diferenciado.

Não será mais, assim, do Simbólico que dependerá a estruturação — neurose ou psicose — da subjetividade. A elaboração topológica de Lacan a respeito da nodulação dos três registros — simbólico, imaginário e real — permite que a questão da estrutura psicótica seja pensada, pela primeira vez, em termos diferentes da referência paterna, da exclusiva referência ao Nome-do-pai, e sua forclusão.

"Há que se ter em conta o ingente esforço que realiza Lacan, especialmente nos Seminários R.S.I. e Le Sinthome, para encontrar a via pela qual a psicanálise possa prescindir da referência paterna. Reduzir os nomes-do-pai a real, simbólico e imaginário, é a heresia que Lacan tenta por essa ocasião excluir a realidade psíquica do Édipo, quer dizer, a realidade religiosa, da nodulação que, ao modificar os pontos de encontro do real com o simbólico, permita reduzir a função paterna — o dar um nome — a uma distinção interior ao simbólico"^[242].

Uma estrutura subjetiva pode sustentar-se por um tipo de nodulação que tenha função de suplência para o Nome-do-pai foracluído. Não se trata, assim, de refutação da referência à metáfora paterna e, portanto, da função do significante metafórico (O Nome-do-pai) na produção da significação fálica, suporte do sujeito. A esta suplência, Lacan dá o nome de "sinthoma", o que permite que se fale em "estruturas sinthomadas", isto é, estruturas que, embora não neuróticas, na medida em que destituídas da inscrição primordial do significante do Nome-do-pai, tampouco apresentam um franco desencadeamento psicótico. A expressão "pré-psicose" ganha, assim, um estatuto estrutural, não coincidindo, como equivocadamente poder-se-ia concluir, com as categorias de "borderline", "casos

[242] Mazzuca, R. - Algunas cuestiones sobre la prepsicosis, in Clínica Diferencial de las psicosis, relatório do V Encontro Internacional do Campo Freudiano, Buenos Aires, 13 a 16 de julho de 1988, Fundação do Campo Freudiano, Buenos Aires, Ediciones Manantial, 1988, p. 13.

difíceis" ou "personalidades narcísicas", hoje muito em voga em outras correntes psicanalíticas, entre cujos expoentes citamos Otto Kernberg, Heinz Kohut e outros.

A categoria de "borderline", por exemplo, pretende expressar um "estado limítrofe" entre neurose e psicose. Trata-se, portanto, de um estado, e implica a idéia de um trânsito numa ou noutra direção — na direção neurótica, o que é entendido como melhora do quadro clínico, ou na direção psicótica, seu agravamento.

A estrutura "sinthomada" não transita para outras formas de estruturação subjetiva: trata-se de uma estrutura. Lacan, no seminário "Le Sinthome"; centra suas elaborações na obra de James Joyce, do qual não diz, em nenhum momento do seminário, tratar-se de um psicótico, mas ao qual aplica todos os critérios, parâmetros e concepções que desenvolvera, em sua obra, sobre a estrutura psicótica. A escrita, em Joyce, teria a função de suplência ao furo (real) no valor de sinthoma.

"Joyce não é psicótico porque o sinthoma no dula a estrutura. O decisivo já não passa pela linha divisória entre Édipo e psicose, mas entre estrutura sinthomada e não sinthomada. Joyce seria louco se já não tivesse o sinthoma, quer dizer, se fosse normal. Deve notar-se que, à diferença do Seminário III, onde Lacan fala de psicose imaginariamente compensada, aqui o que se compensa não é a psicose, mas a Verwerfung da referência

paterna. O que permite evitar rigorosamente falar de psicose quando não se desenca-deou clinicamente"[243].

A configuração pré-psicótica é, assim, estável, tanto quanto qualquer outra estrutura subjetiva. Não se trata de um "pré" que será sucedido por um "já" psicótico: a morte chegará antes, diz Lacan.

A questão do sintoma coloca assim um importante percurso para os analistas que se dedicam ao estudo e ao tratamento das psicoses. A suplência, sob a forma da escrita, da assinatura de um nome próprio, da criação, da sublimação forçada, como propõe Gerard Pommier, citado na seção 2 do capítulo III deste trabalho, (ver p.), enfim, apontam caminhos a serem investigados na direção da cura e nos critérios de término de análise com psicóticos.

[243] Idem, Ibidem., p. 15.

CAPÍTULO V

A CLÍNICA PSICANALÍTICA DAS PSICOSES:

DO IMPASSE À FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E À TENTATIVA DE

CONSTRUÇÃO DE UMA POSSÍVEL RESPOSTA

Impasse é um termo que, com muita justiça, concerne à psicanálise. Movidos por força da Pulsão — medida da exigência de trabalho feita ao nosso psiquismo — somos levados a nos confrontar com situações que só o termo impasse tem a força suficiente para nomear. E é justamente pelo viés da clínica, entendida não como lugar de aplicação de um saber supostamente produzido fora e antes dela, mas como lugar próprio de produção desse saber, que se configuram os impasses.

No impasse há, portanto, uma moção pulsional como condição de sua constituição. O sujeito não tem, diante do impasse, o recurso à impostura de uma autonomia egóica que lhe desse a possibilidade de mascará-lo: impasse não é desafio. O desafio poderia concernir a um eu que tivesse a presunção de ter-se, a si próprio, conduzido até o ponto de ter que enfrentá-lo. Desafio evoca motivação e emancipação do eu, categorias estranhas à psicanálise. Impasse, pelo contrário, evoca moção para além do eu, que é por ela impelido (e não motivado) a tal ponto que recuar se torna impossível, o que coloca uma questão antes ética do que moral ou técnica, isto é, uma questão propriamente

clínica, se é de psicanálise que se trata.

Tampouco é teórico o impasse. Nada, a rigor, é "teórico" na psicanálise, pois ao saber em psicanálise, ao saber do analista, não lhe é dado ser diletante, nem especulativo, vale dizer, meramente teórico: se um saber é psicanalítico é porque não é inócuo, não se desprende nem dissocia, por exigência estrutural, de uma clínica que dele se extraia, porquanto foi dessa clínica que ele nasceu.

Por isso pretendemos abordar, a título de desenvolver, no presente capítulo, a questão eminentemente clínica do impasse, um dos muitos impasses da clínica psicanalítica aquele que se constitui como objeto de nossa investigação nesta tese: O impasse da clínica psicanalítica das psicoses.

Não é fortuita a distinção que fizemos entre impasse e desafio, tal como os definimos. Esta distinção, não sendo muito clara entre os analistas, engendra equívocos que cumpre denunciar, no caso aqui privilegiado, no que concerne às psicoses.

Nos campos em que a clínica psicanalítica é levada a se confrontar com impasses, como ocorre nas psicoses, é muito comum ouvirmos falar em "alternativas". Diante do impasse, espíritos muitas vezes bem formados e inspirados acenam-nos com a necessidade de se buscarem alternativas ditas "mais eficazes" para o devido enfrentamento do problema, julgando assim estarem propondo o novo, o revolucionário, o inventivo, em oposição ao tomado como "ortodoxo" e dito ineficaz no campo em questão, que

deve, assim, ser abandonado em nome das exigências da clínica, às quais associam-se, nesses propósitos, matizes de nobreza humanitária: atender ao sofrimento do paciente, sejam quais forem os meios (alternativos) — eis o que se apresenta como projeto ético do psicanalista de psicóticos, por exemplo, nessa demarcação.

É preciso cuidado no exame dessa questão. Muitas vezes, preconceitos ideológicos os mais arraigados revestem-se de embalagens tão sutis que a posição mais reacionária pode exibir os ares do mais revolucionário dos avanços. Freud nos alertou para os diferentes modos que poderia assumir a resistência à psicanálise, significando, com isso, não serem eles tão facilmente identificáveis. Sustentamos, portanto, que a proposta de "alternativas" à psicanálise no tratamento com psicóticos constitui um dos mais bem sucedidos modos de resistência à psicanálise em nossos dias, e carrega os preconceitos ideológicos mais retrógrados no que concerne a esta questão, sobretudo porque se apresenta revestida dos propósitos ditos clínicos mais humanitários, mais nobres e inatacáveis por qualquer um que não queira ser considerado cruel ou indiferente ao sofrimento humano. O efeito de resistência à psicanálise torna-se tão mais eficaz quanto percebemos que este discurso permeia os círculos psicanalíticos com a mesma desenvoltura com que o faz nos demais meios profissionais de saúde mental, que lidam, em seu cotidiano, com pacientes psicóticos, dentro e fora das instituições de assistência.

Não pretendemos, obviamente, com isso, sustentar que

devamos permanecer paralisados, ou a pensar que o discurso psicanalítico uma vez estabelecido por Freud seja eficaz com relação ao tratamento da psicose, ou que permita, com facilidade, que dele se extraiam os princípios norteadores desse tratamento, e que, em função disso, não se justifiquem as iniciativas de investigação e estabelecimento de uma clínica-de-pesquisa sobre a psicose. A psicanálise freudiana deixa a questão da clínica (e portanto também da teoria) das psicoses em estado de absoluta incipiência, o que, por si só, tem valor significativo e sintomático de que a psicose constitui-se como um impasse para o analista, razão pela qual o abordamos aqui. É nosso propósito, assim, constituir a clínica da psicose como uma clínica-de-investigação, e, na medida do possível, já fazemos isso há algum tempo. Não nos esqueçamos, aliás, que, para Freud, toda clínica psicanalítica é, a rigor, uma clínica-de-pesquisa, o que não deve ser entendido em sentido acadêmico, porquanto precisamente, no meio acadêmico, a pesquisa e a clínica, via de regra, encontram-se em permanente estado de divórcio. No artigo "técnico" intitulado "Recomendações aos médicos que praticam a psicanálise", diz Freud, textualmente, (recomendação "d"):

"Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é, indubitavelmente, o fato de que, em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem" [244].

[244] Freud, S. Ratschläge für den Arzt bei der Psychoanalytischen Behandlung (1912), in Studienausgabe, Ergänzungsband, p. 174 (recomendação d), já citados, nesta tese, em sua primeira parte, discussão metodológica, (ver nota nº 16, da pág. 31, acima).

A sequência do texto freudiano tratará, contudo, imediatamente, de impedir a superposição da démarche psicanalítica com a da ciência:

"Não é bom elaborar cientificamente um caso antes que o seu tratamento tenha sido terminado; querer armar a sua estrutura, adivinhar o seu processo de desenvolvimento, de quando em vez fazer uma avaliação do momento atual, como o interesse científico o exigiria. O bom resultado fica prejudicado em casos tais em que, de antemão, se determina a utilização científica e de cujas condições se trata; pelo contrário, têm os melhores êxitos aqueles casos nos quais se procede sem idéias preconcebidas, deixa-se surpreender por cada mudança e aos quais continuamente contrapõe-se a forma imparcial e desprovida de pressuposições"^[245]

A referida incipiência da teoria-clínica psicanalítica freudiana da psicose incita-nos, entretanto, a interrogá-la e examiná-la desde o seu interior, o discurso analítico, onde pensamos encontrarem-se, precisamente, as razões estruturais de seu impasse, ao invés de, numa busca que nos parece mais fácil, lançarmo-nos às alternativas de forma demasiado apressada, deixando intacta a questão que é, entretanto chamada a justificar a busca dessas mesmas alternativas. Caberia, portanto, perguntar como se poderia procurar estabelecer um "modo alternativo" de tratar psicóticos se o modo em relação ao qual aquele se define como alternativo foi deixado, ao longo do percurso, absolutamente intacto? Trata-se de promover uma alternativa a quê?

[245] Idem, Ibidem., p. 174.

À Psicanálise, é a resposta, e aí se revela o sentido próprio de resistência que essas propostas carregam. Transformando o impasse em desafio, o analista resiste à psicanálise: "Que posso fazer para sair do lugar, para não permanecer imóvel?" é a pergunta que conduz a isso. Se a questão é mobilizar-se, toda iniciativa é válida. Mas se a questão for: "O que posso fazer para continuar sendo um analista diante do psicótico?", nem todo movimento será a consistência da pergunta, e algum rigor terá que ser, aí, articulado — permanecemos no terreno, a nosso ver mais fértil, do impasse.

Nada temos a opor, portanto, a que se faça o que quer que seja para ajudar os pacientes psicóticos a sofrerem menos. Não podemos, num gesto de arrogância, rotular de "resistência à psicanálise" uma iniciativa que não se pretenda psicanalítica. Nossa crítica incide, antes, sobre iniciativas que, dizendo-se psicanalíticas, procuram avançar em qualquer direção, em nome de propósitos de uma clínica pretensamente humanitária, antes mesmo de examinar a questão a partir e no interior do discurso psicanalítico, que, como dissemos, permanece intacto nessa dé-
marche.

Delimitamos, assim, o nosso propósito: pesquisar a questão do tratamento psicanalítico a partir dos impasses que a própria teoria e clínica psicanalíticas — o discurso analítico — colocam para o analista que se propõe a empreender e dirigir o tratamento desses pacientes.

Um exame da máxima de Lacan "Não recuar diante da psi

cose", pode conduzir, assim, às duas posições mencionadas. "Não recuar" pode ser lido: "avançar, não importa em que direção, diante da psicose" — ou "não recuar, não arredar pé do discurso analítico, permanecer no lugar de analista, não ceder quanto ao desejo do analista" diante da psicose, não recuar diante do impasse até que o avanço, na direção analítica, se produza. Se a clínica, desde que teoricamente amparada, produz saber teórico, façamo-lo com a clínica das psicoses.

Contudo, ainda não estamos livres dos mal-entendidos: "Manter-se fiel ao discurso analítico" é um propósito que pode engendrar também um outro tipo de distorção, a do conservadorismo teórico-clínico, que consiste na monótona reprodução de enunciados, e ditos do Mestre, e sua correlata recusa àquilo que, de uma escuta corajosa da clínica, pudesse abalar as frágeis vértebras de suas crenças e estrebilhos teórico-clínicos. O equívoco, neste caso, consiste numa confusão entre o "lugar real do dizer analítico" e os "instantes simbólicos dos ditos" (analíticos, mas do Mestre, os já ditos), para seguirmos uma terminologia proposta por Alain Didier-Weill^[246]. Seguindo, ainda, uma sugestão deste autor-analista, proporíamos chamar o primeiro desvio, que qualificamos como resistencial à psicanálise, o discurso das alternativas, de pensamento "frígido" — o que não mais se deixa afetar pelo real ex-sistente — no caso, pelo lugar real do dizer analítico. O segundo desvio, não menos resistencial à psicanálise, embora declaradamente fiel a ela, propo

[246] Weill, A.-D., op. cit., p. 14.

mos chamara de pensamento "da pureza", na terminologia daquele autor. Não se trata, para nós, de fazer com que a clínica psicanalítica das psicoses venha a se encaixar em qualquer desses dispositivos discursivos. O dispositivo analítico caracteriza-se, em sua radical novidade, precisamente por não consistir em um rol de preceitos técnicos — entre os quais situaríamos a própria disposição espacial do "setting" a dois (corpos) ou a três ou quatro (instâncias) — ou, o que é menos óbvio, a um conjunto de enunciados cujo valor semântico das significações conceituais que engendram (o que denominamos, com Weill, os ditos) viesse a prevalecer sobre a forma própria de produzi-las. Não concebemos o dispositivo analítico, e portanto também o discurso analítico, como dispositivo de interdição do novo, do disruptivo, do surpreendente. Não se trata, para nós, de um dispositivo que vise a manutenção do saber estabelecido. Se a intervenção analítica tem caráter disruptivo para o sujeito (o que é bem aceito com relação ao neurótico mas gera problemas, aliás pertinentes, para o psicótico), deve, em contrapartida, ser também disruptível, pelo que, em vez de desconstituir-se como analítica, precisamente por isto mantém-se digna desse atributo.

Entramos, assim, em duas questões concretas que desejamos abordar, após essa longa mas indispensável discussão introdutória, a saber:

(a) o estatuto propriamente analítico, enquanto disruptivo, da intervenção analítica com pacientes psicóticos;

(b) a configuração do dispositivo analítico, e as consequências de sua estruturação nos registros simbólico e real,

no plano imaginário de sua vertente espaço-temporal, na clínica psicanalítica das psicoses,

uma questão não podendo ser abordada, a nosso ver, sem a outra.

Iniciaremos nosso exame pela primeira questão, da qual a segunda é derivada. Todo ato analítico — e a própria etimologia do termo análise o indica — é fragmentador, disruptivo, desconstituente daquilo que se apresenta como uno, coeso, total. Eis uma proposição que, no capítulo I, página , alçamos à categoria de um postulado metodológico da psicanálise, embora circule, por força do discurso analítico, entre os analistas que o conhecem e o sustentam. Admitida essa proposição, a ela associamos uma outra, sobre o lugar e o desejo do analista e sua função como operadores, na condição de agente do discurso analítico: trata-se da função "causa de desejo", representada pela notação matemática "Objeto a", tal como articulado por Lacan no matema do discurso analítico, exprimindo a necessária dessubjetivação do analista na condução da análise, que Freud não cessou de recomendar e sobre a qual não deixou de insistir, embora não possamos dizer que maioria dos seus "seguidores" — os analistas — o tenham percebido. Operando desde o lugar do semblante de objeto causa do desejo, o analista se dirige em seu discurso a um outro, o analisante, que se faz representar como sujeito dividido do inconsciente, o sujeito "barra do" do significante, sujeito, portanto, em termos freudianos, submetido ao recalque originário. A análise processa-se no sentido de levar o sujeito-analisante ($\$$), na notação matemática

de Lacan), a produzir um saber sobre os seus significantes primordiais, o que se expressa no matema pela colocação de S1 no lugar da produção do discurso (termo inferior, sob recalque, do campo do outro do analista, que é o analisante). A verdade do analista, o saber com que opera, situada no termo inferior de seu campo, lugar do que, nele, opera desde o recalcado, é representada por S2, que propomos aqui fazer equivaler à teoria que o analista produz em seu discurso, que se sobrepõe à teoria com que trabalha. Deslocada pela barreira do recalque, do lado do analista, a posição do saber que tem valor de verdade para ele, impede de modo definitivo qualquer superposição do discurso analítico com o discurso universitário, em cuja estrutura o saber funciona como agente e não como verdade, e situa-se fora do campo do recalque (termo superior do lado do agente). No discurso analítico, sendo o agente um objeto, do qual o analista faz função, o saber só pode fazer suas, aliás imprescindíveis, incidências a partir de uma posição homóloga à do recalcado para o sujeito analisante, o que mais uma vez, encontra-se em Freud sob a fórmula teórico-clínica da atenção equiflutuante e por sua recomendação aos analistas de que se despojem de todo saber previamente acumulado (à maneira científica) no ato de analisar.

Assim explicados, temos os termos do discurso analítico na formulação matemática que lhe dá Lacan em seu Seminário XVII [247].

[247] Lacan, J. Le Seminaire, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse, Paris, Editions du Seuil, 1991.

Para qualquer discurso: $\frac{\text{lugar do agente}}{\text{lugar da verdade}} \longrightarrow \frac{\text{lugar do outro}}{\text{lugar da produção}}$

No discurso analítico: $\frac{a}{S2} \longrightarrow \frac{\$}{S1}$

Definida a estrutura do discurso analítico, examinemos a questão de saber como poderia o analista fazê-lo agenciar com um paciente psicótico, isto é, acionar a função causa-de-desejo desde a sua posição de semblante de a , e dirigi-la a um outro (o paciente psicótico) em posição de sujeito barrado do inconsciente, deixando, provisoriamente, de lado, no presente exame, a questão dos termos inferiores do matema, a saber o significantes-mestres do outro analisante e o saber do analista em posição de verdade.

Ora, para que o discurso analítico funcionasse com o psicótico, seria necessário que este pudesse nele situar-se como $\$$, o que contraria a sua condição estrutural de sujeito não-barrado, não submetido ao recalque originário e não podendo, portanto, operar a necessária disjunção entre $S1$ e $S2$, condição para a suposição de saber ao analista (transferência neurótica) e não podendo produzir o saber sobre seus significantes primordiais ($S1$), na medida em que estes não se encontram recalcados, mas em estado de "holófrase" — o que significa "fusão num todo único" com $S2$.

Se o psicótico, em sua estruturação subjetiva, não se constitui, em suma, como $\$$, não teria condições de inserir-se no discurso analítico. Eis, formulado, o impasse de que se trata.

Deixando a formulação matemática de lado por um instante, examinemos as soluções que, no plano da clínica, são por vezes propostas: O analista, então, impossibilitado de agir como objeto causa de desejo, ou, em outras palavras, impossibilitado de acionar a sua prática propriamente analítica, comparada por Freud, citando uma bela metáfora de Leonardo da Vinci, às "artes di levare", em oposição às "artes di porre"^[248], isto é, impossibilitado de agir disruptivamente como um escultor (artes di levare, artes do tirar), seria levado a agir constitutivamente como um pintor (artes di porre, artes do por), para mantermos os termos e imagens da metáfora Da Vinciana. Sua ação clínica seria antes construtiva, constitutiva do que não fora constituído no sujeito, ao invés de ser disruptiva, o que, no limite, reconduziria ao impasse: seria tudo, menos analítica, se a analítica significa desconstitutiva, disruptiva. Tendo que constituir o que não fora jamais constituído, o analista seria impedido a operar desde o recalqué e sobre o recalçado, teria, pois, que, de algum modo, promovê-lo. Seria sua função pedagógica? A julgar pela comparação de Freud (as artes di porre) a dimensão eminentemente pedagógica de uma intervenção que põe, coloca algo sobre uma "superfície" que não o continha, teria que ser colocada

[248] Freud, S. Über Psychotherapie (1905), in Studienausgabe, Ergänzungsband, p. 112.

em questão.

Esta formulação faria o lugar do analista (a) perder a sua sustentação estrutural, girando, trôpego, entre três posições agenciadoras: 1ª) S — que, no lugar de agente faria do discurso analítico simulacro do discurso histérico, em que o agente é sujeito do inconsciente, situação em que o analista desejaria, como sujeito, algo para o outro, o seu "bem", por exemplo; 2ª) S2, que, no lugar de agente, faria do discurso analítico simulacro do discurso universitário, em que o agente é o saber do Outro, situação em que o analista "saberia" sobre o psicótico, lugar, portanto, próximo ao da medicina psiquiátrica ou do perseguidor do paranóico; 3ª) S1 — que, no lugar de agente, faria do discurso analítico simulacro do discurso do Mestre, em que o agente é o Significante-Mestre, situação em que o analista se dirigiria ao psicótico como a um campo do saber sobre o qual procuraria produzir um objeto, lugar próximo ao da ciência, lugar sustentado, no nível do recalçado, por um sujeito mas em que o outro é remetido ao objeto de investigação. Das três situações desconstituíntes do discurso analítico, esta última é sem dúvida a mais problemática, por ser aquela em que o risco de uma clínica-de-investigação degradar-se em uma investigação-sem-clínica-alguma é mais intenso. É aquela com que temos que manter a máxima atenção e cuidado, portanto, como analistas interessados na pesquisa clínica com pacientes psicóticos.

Dado que procuramos nos abster das soluções imediatas, movidas, quer por resistência, como já foi assinaldo (discurso

frígido), quer por angústia (discurso da pureza) [249], que não se desvincula, necessariamente, da resistência, resta-nos constatar a reinstalação do mesmo e recorrente impasse: como ser um analista com psicóticos ?

Mas, se nos detivermos por um certo tempo, que não é só um tempo cronológico, mas um tempo também de densidade lógica, um tempo de compreensão e elaboração, enfim, se nos detivermos diante do impasse, não recuando dele, encarando-o por este tempo, e não desistindo logo de sermos analistas de psicóticos, talvez consigamos por fim formular um problema sobre o impasse, ou, dito de outro modo, talvez consigamos problematizar o próprio impasse.

O problema que formulados é o seguinte: ao traçar as linhas do discurso analítico, Freud estabeleceu o seu modo de operar, desconstituente, disruptivo, propriamente analítico, do qual não devemos, e não desejamos, recuar. Entretanto, quem é, fundamentalmente, o outro de Freud ? O neurótico, cuja estrutura apresenta seus termos componentes de determinada forma, em determinado arranjo, o que define, precisamente, o seu valor de estrutura. Sabemos, e devemos interpolá-lo aqui, que o que define uma estrutura é a forma específica pela qual encontram-se arranjados, segundo uma regra de composição, os seus elementos, e não a existência consubstancial desses elementos em questão per se, tampouco a pura forma (lugar) despojada do elemento, desubstancializada, por assim dizer, em sua configuração puramen

[249] Weill, A.-D. - O Porvir da Psicanálise, prefácio a edição brasileira de "Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise", op. cit., pp. 8-9.

te formal. Se o estruturalismo interessa à psicanálise, não é no sentido de que esta vá reduzir-se àquele, não é enquanto puro formalismo, o que não significa, por outro lado, dizer que interesse enquanto estruturalismo puramente dialético, em que a estrutura é entendida como conteúdo organizado. Descartados o formalismo estruturalista, e a conceituação dialética da estrutura, o que, do estruturalismo e da noção de estrutura, interessa à psicanálise? Que estrutura lhe convém?

A estrutura que interessa à psicanálise, não entrando aqui em considerações de ordem filosófica de maior complexidade porquanto isso não só fugiria aos nossos propósitos como também à nossa área — é a estrutura inclusiva do sujeito, a estrutura enquanto o sujeito dela faz parte, a estrutura que, ainda que o descentre, o inclui.

Ora, o neurótico é o sujeito que faz parte da estrutura de determinada forma, e a neurose é o nome de uma determinada forma de estruturação do sujeito. Se Lacan, seguindo Freud, insiste na categorização das estruturas clínicas diferenciadas é precisamente para não permitir a perda do fio condutor da psicanálise, que ele encontra em Freud.

Distinguir-se-ia, assim, a estrutura psicótica da neurótica por conter outros elementos? Tratar-se-ia de uma outra essência subjetiva porquanto os elementos consubstanciais seriam outros? Ou, antes, trata-se de um outro arranjo, radicalmente distinto, dos mesmos elementos estruturais, do que resulta uma outra estrutura subjetiva?

Em determinada altura de seu ensino, nomeadamente no texto "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", de 1957-§, Lacan sustenta que, na estrutura da psicose, faltaria a instância do Nome-do-Pai, significante condic^onante do recalque originário (portanto da constituição de §) e do acesso do sujeito do inconsciente à significação fálica, ou seja, sua entrada na ordem sexual do inconsciente, conceito do qual se aproxima o de "complexo paterno", tal como Freud o formula na página 315 de seu O Eu e o Isso^[250]. Por ter sido fo^racluído (verworfen) do registro do simbólico, deixa uma ausên^ccia, não do objeto, mas do próprio significante:

"Tentemos conceber agora uma circunstância da posição subjetiva em que, ao apelo do Nome-do-Pai responde, não a ausência do pai real, pois esta ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carêⁿcia do próprio significante"^[251].

Essa carência produziria, em avalanche, uma série de outras "faltas estruturais": Não havendo metáfora paterna, não há recalque originário, que por sua vez acarreta a inexistência de um sujeito barrado e sua relação com o objeto do gozo, o que interdita que se formule a noção de fantasma na psicose, (§ a) etc. Posteriormente, contudo, Lacan introduz a idéia de que

[250] Freud, S. - Das Ich und das Es, op. cit., p. 315.

[251] Lacan, J. - D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose, op. cit., p. 557.

não há um, mas vários nomes-do-pai, idéia que é correlata de sua elaboração da noção de nó-borromeano, como quarto termo articulador da estrutura constituída pelos registros do real, do simbólico e do imaginário. (Ver p. , acima).

Na fase final de seu ensino, Lacan chega a formular que todos os elementos da estrutura neurótica encontram-se presentes na psicótica, sob uma outra forma [252],[253],[254]. Tratava-se de uma forma que requeria ser formulada. Sua posição final é, nesse aspecto, mais próxima da de Freud, que, se nunca deixou de diferenciar estruturalmente neurose e psicose, tampouco deixou de aproximá-las em termos de seus elementos estruturais, embora, ao nível de texto de Freud, não tenhamos quase nenhum avanço da questão, tal como vemos em Lacan.

De que modo o neurótico apresenta seus elementos? Qual é o arranjo de suas instâncias estruturais? E que relações podemos estabelecer entre essa forma e o discurso analítico e o dispositivo analítico? Seriam estes últimos aplicáveis exclusivamente, enquanto tais, à forma específica da estruturação da subjetividade neurótica?

Freud diz, nos seus "Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade", que a neurose encobre, recalca, o que a perversão revela, encena: o que para o neurótico é o seu fantasma (perverso), no perverso é o seu ato. Félix Guattari faz uma formulação bastante parecida, ao afirmar que a psicose explode o que a neurose esconde, na forma de fazer parecer uno o que na verdade é múltiplo, estilhaçado.

[252]Idem, Le Séminaire, Livre XXI, Les Non-dupes errent (inédito, mimeo)

[253]Idem, Le Séminaire, Livre XXII, R.S.I. (inédito, mimeo)

[254]Idem, Ouverture de la Section Clinique, op. cit.

Que consequências podemos tirar disso ? Na neurose, há o que podemos chamar de "individualização", interiorização, unificação para um eu, do conjunto de suas determinações simbólicas, inconscientes. Há, pela via do imaginário, a possibilidade de que os elementos simbólicos, os elementos estruturais, se apresentem como se eles efetivamente fossem interiores ao eu, o que constitui evidentemente, uma construção da ordem da ficção. O imaginário, com seu valor estrutural de ficção e desconhecimento, faz valer, na neurose, o seus direitos — numa palavra, funciona. Mas o funcionamento do imaginário depende estritamente de que a ordem simbólica esteja estruturada de forma favorável, dependência que se expressa de modo exemplar na elaboração lacaniana do estágio do espelho^[255], e da explanação que dá, no seu primeiro Seminário, do "esquema do vaso invertido", no qual o resultado depende estritamente da posição em que se encontra o "olho" — lugar do Outro primordial^[256]. Deparamo-nos com a necessária articulação entre o recalque originário e o narcisismo dito primário, constitutivo da instância do eu. Diríamos mesmo que o correlato imaginário do recalque originário é o narcisismo, e propomos o termo de intrincação, usado por Freud a respeito das pulsões, para designar este tipo de articulação. Para que o eu venha a se constituir como lugar de uma interioridade psíquica, para que a ficção individual se construa, para que o eu considere que as coisas lhe concernem e ao mesmo tempo o atravessam, é necessário que, no plano do sujeito, no registro simbólico, em suma, no inconsciente, tenha se dado a operação

[255] Idem, Le stage du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique, op. cit.

[256] Idem, Le Séminaire, Livre I, Les Écrits techniques de Freud, op. cit.

ção do recalque originário. Se o eu é, nos termos de Freud, a projeção de uma superfície—um eu corporal—^[257] é porque situa, no espaço configurado, a nível do imaginário, por sua unidade psicofísica, o lugar de sua subjetividade. Assim, pensa-se como sendo si-mesmo, pensa seu pensamento como se fosse situado na cabeça, suas "emoções" no peito, sua sexualidade ele a organiza em regiões privilegiadas do corpo, etc., sem que nada e rigorosamente nada, a não ser precisamente a função imaginária do eu, sustente que deva ser assim ou garante que o seja de verdade.

No seu Seminário, Lacan faz duas afirmações importantes para esta questão: Uma: "O inconsciente é transindividual"^[258]; Outra: "A realidade do inconsciente é sexual"^[259]. Em Freud, vemos que o inconsciente é constituído por marcas e traços mnêmicos que atravessam o indivíduo — que é, portanto, uma instância alteritária, transindividual o que é ainda mais claramente atribuído no texto freudiano à sexualidade: qualquer que seja a configuração da teoria das pulsões, há sempre uma tensão entre libido ou pulsão sexual e o eu, e suas pulsões, por exemplo, de auto-conservação, Freud, para falar de sexualidade, sempre preferiu recorrer à biologia de uma "sexualidade da espécie", por exemplo, do que a uma psicologia da sexualidade, que a situasse dessa forma, a sexualidade no estrito plano da transindividualidade. Mesmo quando unifica as pulsões eróticas em torno da idéia de conservação, de agregação, em oposição às

[257] Freud, S. - Das Ich und das Es, op. cit., p. 294.

[258] Lacan, J. - Le Séminaire, Livre I, Les Écrits techniques de Freud, op. cit., p.

[259] Idem - Le Séminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Paris, Édition du Seuil, , p.

pulsões de morte, não se trata mais da conservação do eu, em Eros, mas do princípio da conservação universal (novamente trans individual) e as antigas pulsões do eu passam a ser subsumidas pela pulsão de morte, e não por Eros. Apesar da transindividualidade que tanto o inconsciente quanto a sexualidade a ele articulada (na neurose), o neurótico mantém-se em sua referência, sempre instável e revogável, mas estabilizada, à noção de indivíduo, de unidade, de EU^[260]. Enfim, é uma determinada construção imaginária, narcísica, que permite que, no neurótico, os elementos da estrutura se apresentem organizados em torno de um certo mapeamento que tem como continente a unidade psicofísica, a interioridade psíquica, correlata àquela unidade, ao corpo, ao indivíduo.

Se Freud criou o dispositivo analítico em sua configuração espacial de um setting para dois corpos, dispostos em divivã e poltrona-fora-do-campo-visual-do-divã, foi em função da construção narcísica e imaginária do eu neurótico. E aqui dedeparamo-nos, inusitadamente, com um grande equívoco: a configuração espacial do dispositivo analítico, num ponto profundamente enganoso, sugere que na psicanálise, privilegia-se a dimensão do individual, da relação a dois, e chega-se a justificar o uso corrente da expressão "psicanálise individual", em sua oposição, por exemplo, à dita "análise de grupo", com base num suposto "individualismo" da psicanálise. Na sua forma erudita, essa démarche chega ao ponto de fazer filiar a psicanálise a diferentes correntes sociológicas do chamado individualismo"

[260] Idem, Le Séminaire, Livre II, Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, op. cit., p.

(francês, inglês, alemão, etc.). Não entrando no mérito da questão de saber se as referidas correntes do pensamento individualista influenciaram ou não a psicanálise, e em que, o que interessa mais aos sociólogos da psicanálise do que aos psicanalistas interessados em conduzir de forma crítica e não-ingênua o enfrentamento de seus impasses, o que importa aqui é denunciar o fato tão oculto quando óbvio de que, se Freud manteve-se, ao longo de toda a sua vida, recebendo pacientes individualmente, um por um, e fazendo-os deitarem-se num divã atrás do qual ele os escutava, é antes para produzir um efeito disruptivo nas crenças individuais e individualizantes dos ditos indivíduos, quebrar sua suposta unidade, furar a barreira imaginária interindividual/interpessoal/interobjetal que esses sujeitos interpunham entre si e as determinações do inconsciente como estrutura transindividual, do que para promover um suposto individualismo do qual teria sofrido as influências sociológicas.

Assim, o enganoso duo interindividual do "setting" neurótico visa precisamente desconstituir o que, da dimensão falaciosamente intraindividual do sujeito neurótico, de sua ficção individualista ou, para utilizarmos uma expressão que Lacan cunhou, seu "mito individual", funciona como barreira resistencial às incidências do inconsciente, cuja realidade (sexual) é transindividual. A vertente imaginária da transferência é um dos exemplos clínicos mais eloquentes do que denominamos barreira resistencial, tal como se manifesta, por exemplo, no amor de transferência, especificamente tratado por Freud em um de seus

escritos técnicos^[261].

O pretense indivíduo é posto de costas, deitado não mais podendo sustentar-se como tal no suporte do olhar do semelhante, que o manteria fixado no eixo imaginário do "affaire à deux", da **two-body's psychology**, numa relação interpessoal, interindividual, interobjetal. Cabe esclarecer que não pretendemos afirmar com isso a necessária implicação do plano do imaginário numa disposição espacial tipo "face-a-face", como se fosse esse o critério decisivo para a abertura ao inconsciente em sua dimensão simbólica, e como se bastasse a instalação dos corpos de analista e analisante na forma espacial de poltrona e divã para que a análise se instalasse. O que pretendemos, através da análise do dispositivo analítico em sua configuração espacial, é desmontar a idéia de que, em psicanálise, por tratar-se de uma experiência em que o analisante comparece individualmente à presença do analista, e em que este recebe analisantes um por um, estamos diante de um processo individualizante ou que afirme a primazia do indivíduo.

Se o narcisismo e o registro do imaginário são, assim, os vetores da interiorização que é peculiar à estrutura neurótica e que, na experiência clínica, trata-se exatamente de desconstituir em sua dimensão essencialmente resistencial, cumpre agora examinarmos a vertente simbólica de uma estrutura assim constituída. Sabemos que o narcisismo não se constitui na ausência de uma referência simbólica, e que o eu neurótico não se

[261] Freud, S. - Bemerkungen über die Übertragungsliebe, in Studienausgabe, Ergänzungsband, pp. 217-230.

forma na inexistência do recalçamento originário, que lhe é, portanto, condição de possibilidade. O dispositivo analítico mais uma vez o atesta, porquanto possibilita a emergência das formações do inconsciente, as incidências do Simbólico, através de um rearranjo da configuração imaginária e narcísica, quer na recusa à satisfação das demandas, quer na própria estruturação espacial do "setting", ocasionando as vacilações do discurso proferido pelo sujeito, pelas quais o inconsciente "fala".

No neurótico, portanto, o inconsciente produz as suas incidências, suas "aparições" através do discurso de um sujeito que fala na primeira pessoa (um "eu" interiorizado) e que apresenta essa fala sob a forma imaginária de ditos que "brotam" de sua interioridade, tomando-se como seu "objeto", como seu assunto.

O discurso do neurótico apresenta assim, pela vertente imaginária, a sua procedência a partir de uma interioridade, de um "eu", e, pela vertente simbólica, que nele distingue os planos do enunciado e da enunciação (um eu que se representa no que fala e um eu que sustenta o ato de falar), a sua referência ao inconsciente. Os planos do inconsciente e da interioridade não são coextensivos: o que é da ordem do inconsciente só é percebido pelo sujeito como interior em função de um artifício possibilitado, ao nível simbólico, pelo recalçamento, e ao nível imaginário, pela experiência narcísica da constituição do eu. É desde o recalque, portanto, que o sujeito neurótico fala, e é graças ao recalque que pode ele constituir-se simbólica e imaginariamente, como eu, na dupla inserção do explicitamente

retomada por Freud em seu texto mais importante sobre o eu: su jeito do inconsciente (o eu inconsciente, lugar do conjunto de processos "secundários" do inconsciente recalçado) e a projeção de uma superfície (o eu que se toma por totalidade de, para e em um corpo) [262].

Para proceder à análise do eu, isto é, para levantar o recalque a partir da escuta de seus retornos sob a forma de um saber inconsciente (conjunto dos significantes da cadeia inconsciente menos um, para Lacan, seja S2) e levar o sujeito à produção e a assunção subjetiva de seus significantes primordiais (conjunto dos significantes que representam o sujeito para S2 sob a forma de um significante unário, para Lacan, seja S1), e dos quais ele se encontra alienado, é preciso fazê-lo falar, fazer trabalhar a sua divisão e, finalmente, fazê-lo defrontar-se não apenas com aquilo que sua estrutura de sujeito fará sempre faltar-lhe (histericização ou entrada em análise, pelo viés de um pedido feito ao Outro), mas sobretudo com o que lhe é, ao sujeito, mais doloroso descobrir: que ao Outro também lhe falta, que o Outro é, de fato, inconsistente e não poderá suprir a falta do sujeito por impossibilidade estrutural e não por eventual contingência, destituição definitiva da possibilidade de vir a receber, do Outro, o que lhe demanda para continuar a sustentar-se como sujeito, (destituição subjetiva ou final da análise). Um desenlace como este, entretanto, só é pos

[262] Idem, Das Ich und das Es, op. cit., pp. 174 e segs.

sível se a inconsistência do Outro já se encontrava inscrita na estruturação do sujeito desde o início, como é o caso da neurose.

Todos esses passos e movimentos, que desenvolvemos a título de confrontá-los, como essenciais ao desenrolar da experiência analítica, com a situação clínica da psicanálise com psicóticos, só podem ter lugar na análise dita "individual" dos neuróticos, porquanto é somente na medida em que o sujeito se vê diante de um analista não "indivíduo", não lugar de uma subjetividade — mas como alguém que, admitindo ser imaginarizado pelo analisante como sujeito agencia a análise, contudo, a partir de sua condição de semblante de objeto, é só assim que podem transcorrer todos os momentos que vimos mencionando. Nas situações de "grupo de análise", por exemplo, é impossível, de nosso ponto de vista, sustentar o discurso analítico — e portanto o próprio dispositivo analítico — na medida em que o sujeito, em sua configuração imaginária (o eu-projeção-de-uma-superfície, de Freud, imagem-interiorizada-a-partir-do-semelhante, para Lacan), sempre encontrará outros eus para suportar sua constituição narcísica através das identificações eu-óicas, como demonstrou Freud em sua "Massenpsychologie und Ich-Analyse" [263], texto que, desde o seu título, deixa patente a associação íntima que, estabelece entre o "eu" e os "grupos": curiosa a psicanálise, porquanto é, segundo ela, justamente nos "gru-

[263] Idem, Massenpsychologie und Ich-Analyse, op. cit., p. 85.

pos" — onde a sociologia ou a psicologia dita social identifi
 caria o oposto do indivíduo — é justamente nos grupos que so
 brevive o indivíduo...

Como fundamentar clinicamente o discurso analítico na
 ausência do recalcamente, da constituição imaginária do eu e
 das formações do inconsciente? A questão permanece de pé, re
 sistente a respostas fáceis, o mesmo quanto ao impasse-objeto
 deste Capítulo. Mas não intactos: a longa discussão que de
 senvolvemos, sobre o caráter não-individual da démarche psicana
 lítica, mesmo (e sobretudo) quando exercida com neuróticos e é
 dita individual nos traz alguns frutos.

Se os elementos da estrutura subjetiva encontram-se
 na neurose, interiorizados, a ponto de podermos dizer que é es
 ta situação, com tudo o que implica, que define a própria es
 trutura como neurótica, de que outra forma poderiam eles orga
 nizar-se? Em outras palavras, se neurose é o nome de uma de
 terminada forma de estruturação dos elementos, por assim dizer,
 de subjetividade, e não uma formação essencialmente diferente
 (isto é, de elementos de natureza diferente) de subjetividade,
 então podemos procurar definir a forma pela qual os elementos
 subjetivos se organizam nas psicoses e, a partir daí, estabele
 cer formas de intervenção clínica sobre subjetividades psicoti
 camente estruturadas.

De tudo o que elaboramos no capítulo anterior da tese,
 podemos resumir: O psicótico é o sujeito estruturado de tal
 forma que, para ele, o inconsciente se apresenta sob uma forma
 não interiorizada, não concernente à sua subjetividade enquan

to passível de uma apreensão individualizável; b) O Outro do psicótico é consistente, absoluto, gozador, não-barrado; c) O Real não se constitui como impossível, perfurando a barreira do recalçamento originário e presentificando-se para o sujeito, como no exemplo princeps da alucinação; d) O campo da realidade, enquanto campo marcado, em psicanálise, fundamentalmente pela perda do objeto alucinatório de desejo, não se constitui, porquanto o objeto, na psicose, não é perdido, não se constituindo como falta-de-ser e portanto como causa de desejo; e) O eu não-se configura imaginariamente como unidade ficcional a suportar as instâncias ideais da subjetividade e a remeter o gozo para um campo extrínseco ao do corpo demarcado e erogeneizado: o psicótico não tem a sua subjetividade sexualizada, parcializada, mas situa-se fora-do-sexo (horsexe), do que decorre a sua invasão pelo gozo do Outro (absoluto), e pelo correlato gozo do corpo (real).

Há, assim, uma condição subjetiva em que os elementos estruturais encontram-se decompostos, expostos e dispostos em seu estado fragmentário, elementar, desvelado.

Na medida em que não nos situemos, como psicanalistas, no eixo de uma ação constitutiva, a primeira possibilidade que a explicitação da estrutura psicótica nos abre é a de perguntarmo-nos em que instância, em que nível e em que estatuto encontra-se o que é da ordem do extremamente constituído, do excessivamente consistente. É nessa direção que o analista poderã exercer sua ação disruptiva, portanto, propriamente analítica. Essa instância é o Outro do psicótico.

É preciso, portanto, que o analista possa, de alguma forma, tornar inconsistente o Outro do psicótico, furá-lo, barrá-lo de sua condição de Outro absoluto e gozador. Esse ato, contudo, ele só poderá realizá-lo no campo da transferência, onde o psicótico não cessará de constituir a consistência do Outro, a começar pelo próprio psicanalista, e em condições tais que seja possível ao sujeito suportar o confronto com o que, em cada momento, fizer-se presente para ele como ausência, como falta, como furo no Outro.

A direção ética da análise de psicóticos, formulada como tentativa de abrir para o sujeito o acesso a falta, é demasiado geral. Sabemos que não se trata, para o analista de psicóticos, de neurotizá-los, de produzir recalçamento, de torná-los sujeitos "barrados". Trata-se, antes, de fazê-los deslocarem-se de sua posição de objeto do gozo do Outro, a fim de que organizem sua subjetividade como lhes for possível, no interior de suas formas próprias de organização subjetiva, que são diferentes das formas neuróticas.

Assim, cabe ao analista pensar as formas pelas quais poderá ele produzir o deslocamento da posição do sujeito de sua condição de objeto, e de produzir, assim, "subjetividade" no psicótico, homologamente ao que, com o neurótico, faz, ao causar o desejo, ao causar efeitos de subjetivação. Entre essas formas, pensamos que se destaca a rediscussão do dispositivo analítico em sua configuração, espacial e consideramos que a discussão do caráter pseudo-individual do "setting" clássico, que empreendemos ao longo do presente capítulo, contribui para

a formulação de princípios de uma clínica da psicose. Se o dispositivo "a dois" da situação analítica tem, como pretendemos demonstrar, o objetivo não de produzir "individualidades" a partir de uma situação suposta "individual" mas o de produzir subjetividade precisamente através da desestruturação das ilusões individualistas do neurótico, (que resistem à produção do sujeito), então podemos supor que a análise com psicóticos pode — e talvez deva — prescindir da situação dual. Se é verdade que a transindividualidade do inconsciente assume, no psicótico, a drástica forma de sua desindividualidade, não se trata, portanto, na análise de fazer emergir a dimensão transindividual através da quebra da unidade imaginária individualmente (porquanto ela já se apresenta "quebrada"), mas de fazer incidir a ação analítica no ponto de sustentação da impossibilidade do psicótico de aceder a dimensão transindividual, múltipla, das determinações simbólicas. Se o neurótico encobre, por sua ficção individual, a dimensão da transindividualidade inconsciente, o psicótico, por sua impossibilidade de constituir-se no plano individual, encontra-se igual e equidistantemente situado por relação à abertura do inconsciente. Trata-se, assim, de abrir ao neurótico a dimensão da multiplicidade própria as formações do inconsciente, e ao psicótico a subjetivação, pelo viés de um interdito ao Outro, das formas que para ele já são mais-que-múltiplas — porém inarticuláveis — de funcionamento do inconsciente.

Pensamos, assim, ter problematizado o impasse, ou seja, ter formulado, para o impasse, um problema que, ao nível do

impasse, é impossível. De posse do problema, cumpre tentar construir as suas possíveis respostas, entre as quais a que formulamos no Apêndice da Tese, após a discussão de duas experiências clínicas concretas e a apresentação da construção que pudemos fazer a partir delas.

CAPÍTULO VI

A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA DA CLÍNICA DA PSICOSE

VI.1. A Construção do Autista pela Análise da Mãe (Teoria do Discurso Produtor da Psicose) : Um Caso Clínico — "Terá ela Inconsciente Disso"? *

"Escrever a partir do encontro com o autista desfaz o logro de supor que, quando o sujeito fala, escrevemos sobre o material dele, sobre os seus ditos".

*François-Daniel Villa***

VI.1.1. Nota Introdutória

Derivado da subjetivação da morte, o desejo do analis_ta é da ordem da compulsão de repetição (Wiederholungszwang), o que sustenta a sua radical diferença por relação ao desejo sub_jetivo de analisar, embora tal diferença muitas vezes ainda es_cape aos analistas, como escapava à teorização freudiana anterior a "Mais Além do Princípio de Prazer" (1920). Nesse texto,

* Neste capítulo, dedicado à experiência analítica com a psicose, utilizaremos a primeira pessoa do singular (e não do plural) como forma de referirmo-nos a nossa pessoa, como autor de de um trabalho que busca dar conta de uma experiência singular, numa função também singular.

**Villa, F.-D. Algumas Reflexões sobre o Autismo, em "Roda de "A Noite Serena". in Nos Limites da Transferência, S. Juan-David Nasio, Campinas, in Papyrus Editora, Coleção Freud-Lacan, 1987, p. 120

que subverte profundamente a elaboração teórica da experiência analítica, reconstituindo na forma do a posteriori, a consistência da teoria e da clínica freudianas desde o início, Freud introduz a dimensão de uma insistência "que não se define pela preocupação de não se contradizer" (regime de inconsciente simbolicamente organizado pelo recalçamento), "mas pela de não se desdizer" [264]. A compulsão de repetição, portanto, como nome dessa presença insistente situada num para-além da consistência do inconsciente, de onde a sustenta, significa o reestabelecimento de um lugar, a restauração incessante do ponto a partir do qual o analista ancora o seu dizer, e de modo algum a repetição dos seus ditos, ou dos ditos do Mestre, o que basta para desfazer o equívoco de tomá-la, a compulsão de repetição, como força conservadora que buscaria um retorno incessante não ao lugar real do dizer mas aos instantes simbólicos dos ditos.

Dizer, contudo, o que o desejo do analista é da ordem da compulsão de repetição requer uma advertência: Referida ao sujeito do significante, $\$$ do inconsciente, a compulsão de repetição o situa numa posição de gozo em relação direta ao objeto "a", posição expressa pela fórmula matemática do fantasma, para Lacan: $\$ \tilde{a}$. Não se tratando, no desejo do analista, de um desejo subjetivo, porquanto a posição do analista não é a do $\$$ mas a do objeto "a" causa de desejo, não podemos tomar a sua referência à compulsão de repetição na vertente do gozo — que implica um sujeito — já que, ao analista, como sabemos, não é da

[264] Didier-Weill, A. - Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise, op. cit., p.12.

do gozar, mas fazer a função de causar o desejo. Assim, o desejo do analista, não sendo o de um "g" mas agenciado por "a", concerne à compulsão de repetição no que esta instaura um lugar a ser incessantemente restaurado, reestabelecido, lugar real de dizer a partir do qual se produzem e se recriam, a todo instante, os ditos, os enunciados do saber do analista.

Por isso escolhi o viés freudiano da compulsão de repetição para situar a categoria lacaniana de desejo do analista, presente na tão conhecida quanto ignorada, em suas consequências clínicas, proposição de Lacan: "Não recuar diante da psicose". "Não recuar" deve ser entendido como "repetir do mesmo lugar", o lugar do analista, ainda que diante do psicótico mais "psiquiátrico", ou do autista, o que evidentemente não equivale a "repetir as mesmas coisas" já ditas, na psicanálise, sobre tais sujeitos — ou "sujeitos" — ainda que tenham sido ditas pelo Mestre. Entretanto, no mais das vezes, essa mesma proposição é tomada como "avançar" — em qualquer direção — a da "flexibilidade", a da "alternativa" ou a da "conjunção de esforços, saberes e práticas" a fim de fazer "o bem" ao paciente, aliviá-lo de seu sofrimento psíquico "já que o analista não é onipotente e que a psicose é dita impossível de analisar".

Pretendo situar-me, nesse capítulo, nos antípodas mais extremos dessas démarches flexíveis, alternativas ou mistas, não para fazer ou deixar sofrerem os pacientes em nome de purismos teóricos-clínicos, que quando assumem esta forma revelam-se, na verdade, técnicos, mas para produzir, do lugar real do dizer analítico, algum dito ou ditos analíticos sobre psicóticos — o

caso em questão, sobre um autista — que pelo menos transformem o impasse analítico diante dessa clínica em problema. Creio que é assim que podemos fazer avançar — não recuando — a psicanálise diante da psicose.

Tenho, assim, a aspiração de haver conduzido, nessa direção a análise de um paciente autista com que me encontrei no ambulatório de um serviço de psicoterapia da infância e adolescência de um hospital público. Fui, portanto, ao seu encontro, o que interdita qualquer discussão de uma demanda a priori de uma análise comigo, por parte do sujeito materno que o acompanhava ao hospital (e a todos os lugares onde ia). A demanda de tratamento, entretanto, era evidente, o que havia levado a referida mãe a pelo menos três lugares instituídos de tratamento, e a mais algumas tantas escolas "especializadas".

Após um ano de tratamento no ambulatório do hospital, num segundo ato do meu desejo (ainda distinto, como procurei demonstrar de início, do desejo do analista), propus continuar o atendimento em meu consultório, pois deixaria, nesse momento, o Serviço, (que inclusive estava sendo extinto, pelo menos em seus moldes até então vigentes marcadas por orientação psicanalítica que considero bastante fecunda), o que colocava um problema a mais na permanência do paciente no hospital. De qualquer modo, o que sustentou a minha proposta foi primordialmente o desejo de continuar a experiência, o que se sobrepunha a qualquer expectativa de remuneração, pois a família, de classe social desfavorecida, habitantes de área urbanizada de um morro da cidade, não poderia arcar com despesas de um tratamento particular. Não quero com isso dizer que o dinheiro não tenha en

trado na análise: desprovido de seu valor numérico, "aquisitivo", o dinheiro ganhou, inadvertidamente, um valor tanto simbólico (no sentido comum de "quase nada") quanto Simbólico: haveria agora um custo a arcar, (o que, no(s) hospital(is) anteriores era "arcado" pelo INAMPS), e variável segundo critérios da análise.

VI.1.2. O mito familiar da doença

Num primeiro tempo da análise, em que atendia o paciente a sós e em conjunto com sua mãe em momentos diferentes da sessão, fui informado, obviamente pela mãe — o sujeito falante — do que denominarei o "Mito familiar da doença", numa aproximação às expressões freudianas "romance familiar"^[265], "recordação encobridora"^[266], (aplicadas à neurose) e à expressão lacaniana "o mito individual do neurótico"^[267], textualmente atribuída a neurose. Penso que as relações entre a expressão que escolhi e as que cito, dos Mestres, só poderão ficar mais claras no decurso do texto.

[265] Freud, S. - Der Familienroman der Neurotiker (1909), in Stiedienausgabe, Bd. IV.

[266] Idem - Lembranças encobridoras (Über Deckerrinnerungen) in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. III, 1976, pp. 329-354.

[267] Lacan, J. - Le mythe individuel du névrosé, Conferência proferida no Colège Philosophique Jean Wahl em 1953, mimeo.

Consiste o mito em que o paciente, a quem chamarei de D., desenvolvia-se normalmente até a idade de um ano e meio, quando, tal qualquer criança normal, apresentava movimentos compatíveis com a idade, pronunciava sons repetindo a fala dos adultos, tais como "rua", "pipa", "papai", "titia", etc. Note-se que D. não falava "mamãe", o que é significativo da não-exclusão do outro materno como objeto do gozo e sua manutenção como Outro de um gozo absoluto, e a consequente impossibilidade de se fazer representar pelo significante. A mãe diz: "D só não dizia o meu nome", com um notável ressentimento, como se se tratasse de uma exclusão, uma rejeição a ela por parte de le, e não uma inclusão por impossibilidade de sua expulsão (Ausstossung). Nas férias de verão — prosseguia o mito — a família de D. recebe a visita de uma tia, na época com 14 anos, S., à qual D. teria se ligado de forma excessivamente intensa. Terminadas as férias, a tia, devendo retornar para casa, em cidade próxima ao Rio, onde mora com a família (avós e tios de D.), foi embora sem despedir-se de D., a conselho da própria mãe de D., que considerou ser extremamente doloroso para o filho despedir-se (separar-se) da tia à qual estava tão ligado. Esperaram então que D. estivesse dormindo para que a tia então saísse. Ao acordar e perceber sua ausência, D. teria começado a ficar estranho, triste, até chegar progressivamente a um tal apatia e, aos dois anos e meio, estava completamente prostrado, sem reações, movimentos ou queixas de qualquer espécie: se o deixassem sem comer, ficava imóvel, sem reclamar; se o deixassem em determinado lugar e posição, ali ficava imóvel, o lhos parados, sem tocar em nada: se o retirassem dali, igual

mente não reagia. Desse período, a mãe relata um fato que considera estranho: um entregador de compras que D. jamais havia visto teria brincado com ele, ao deixar em casa as compras e, ao sair, teria desencadeado um convulsivo choro na criança, que parecia estar sentindo profundamente a sua falta e saída. Relata também que D. por vezes reagia com grande agressividade às tentativas de algumas crianças de brincar com ele, chegando a mordê-las.

Eis aí a teoria da gênese do autismo de D., segundo a família. Digo família porque o mito é compartilhado não só pe lo pai como também pelos parentes da mãe, entre os quais a tia em questão, que moram todos na referida cidade próxima, onde a mãe de D. passou grande parte de sua vida, até vir morar sozi nha no Rio.

Esse mito, aparentemente desarticulado a qualquer sa ber do inconsciente - S2 - seria tomado, à luz do discurso médi co-psicológico, que não raro rege não apenas a prática dos médi cos e psicólogos mas também a de analistas, como tolice, igno rância ou ingenuidade de uma família humilde. Veio contudo a constituir-se, no a posteriori da análise, como importante viés de acesso ao saber do inconsciente, restando saber a que sujei to concerne o saber inconsciente em pauta, questão expressa nos termos de nosso título, quando, imprevisivelmente articulado com determinados significantes da história materna, através precisa mente do significante-ponte encarnado pela tia personagem do mi to, produziu um efeito de significação essencial à reconstrução da pré-história do caso e suas incidências na subjetividade da

mãe. Nesse sentido aproximamos o mito familiar da doença à noção freudiana de recordação encobridora.

VI.1.3. O Parto: Primeira Versão

No mesmo período de "sessões de acompanhamento à mãe" em que o "mito familiar da doença" foi enunciado, ouço, da mãe, a história do parto de D.: "Nunca mais nascia. Fiquei de sãba do a quarta-feira sentindo dores e contrações, ia para o hospital e me mandavam de volta para casa, dizendo que não estava ainda na hora. Não aguentava mais, pensei que nunca mais queria ter filhos, tinha muito medo de morrer". Na hora do parto, a mãe de D. diz, nesse momento, ter sentido muito medo de morrer. Repito, nesse escrito, esse seu dito porque ele será retomado, em ressignificação, num momento posterior.

Digo, no momento desse relato, que D. ainda não havia nascido, o que produz um riso absolutamente distinto dos seus risos habituais, aparentemente reduzidos a conjuntos de sons e caretas, interrompendo sua atividade sobre objetos da caixa de "brinquedos", que utilizava enquanto eu falava à sua mãe. Esta nota o riso, a diferença marcada por este riso, e comenta sua percepção comigo.

VI.1.4. Os Primeiros Enunciados da Mãe sobre D.

Ainda nessa fase, escuto: "quando saio de casa sem D. é como se tivesse deixado a bolsa em casa"; ou: "se entro no ônibus sozinha pago sempre duas passagens, como se estivesse com D.; o trocador pensa que eu sou maluca"; "quando eu fiz um tratamento, emagreci, e D., que continuou comendo tanto quanto antes, também emagreceu; não entendo isso" — dito que se articula com alguns outros, no mesmo sentido: "quando tenho insônia, vou às vezes ao quarto de D. e vejo que ele também está acordado, apesar de ter tomado remédio para dormir e de sempre "apagar" às 11 da noite; como é que ele, às 2 da manhã, pode estar acordado? Como é que ele sabe da minha insônia sem eu falar nada?". Procuro assinalar o sentido que suas próprias frases engendram, reconstruindo-as para a mãe de D., que, contudo, nesse momento do atendimento, parece não aceitar. Relata ainda, com orgulho, que nunca deixou "faltar nada a D.: antes que ele tivesse fome, eu lhe dava comida, trocava fralda antes que a sujasse". Se eu sublinhava em sua fala o sentido da não separação, de dois corpos em um (bolsa, passagem paga na ausência física do filho, captação direta do estado de humor, e mesmo do corpo — emagrecer/engordar —) ela sorria, benevolente, como se estivesse ouvindo tolices.

VI.1.5. As Sessões com D.:

Os atendimentos a D. resumiam-se a acompanhá-lo em suas atividades motoras — D. "bate" sobre objetos, com a palma das mãos abertas, fazendo-os quicarem, traz sempre para a sessão algum objeto do qual não pode separar-se (progressivamente este objeto foi se definindo como de um só tipo: moedas que coleciona), por vezes, seguindo sugestão minha, "desenha" — primeiro "garatujas", e em dado momento começou a fazer linhas retas, como um jogo da velha, em paralelas perpendiculares duas a duas. Muitas vezes jogamos bola, um para o outro, com as mãos, atividade que parece agradar muito a D., que foi progressivamente conseguindo jogar a bola para o alto, pois, de início, só conseguia jogá-la para o chão. Sempre peço para que me mostre as suas moedas, o que ele faz com relutância extrema: vai dando uma por uma a mim e, se por acaso eu escondo alguma, às vezes entre mais de uma dezena, ele, ainda que não tenha visto o meu gesto, ao receber de volta as moedas, sabe exatamente que falta uma e qual é a falta, pois cheguei a procurar logrã-lo devolvendo outra — minha. Depois de receber de volta as moedas, passa seus dedos sobre a palma da minha mão, ainda que visivelmente esteja vazia, a fim de saber se fiquei com alguma moeda sua mergulhada na pele. Tentei algumas vezes que ele consentisse em deixar uma só moeda no consultório, guardada. O estado de angústia em que entra quando insisto nisso é de tal ordem que começa a pular com força no chão, bater na própria cabeça, morder-se ou tentar me morder, só se acalmando quando se certi

fica de que eu não vou mais insistir em ficar com sua moeda.

O único som proferido por D. ao longo de todo o atendimento que pareceu articular-se a algum significado — razão pela qual penso poder, com todas as ressalvas conceituais, dizê-lo um significante — foi "pão". Foneticamente "pom", este som era proferido quando eu lhe perguntava, certa vez, o que gostava de comer no café da manhã, antes da sessão. A partir daí, toda vez que eu lhe fazia essa pergunta, com variações propositais na formulação, ele respondia "Pom". Um dia fizemos, eu e D., um pão na sessão, embora eu não possa dar conta desse feito, do ponto de vista analítico, até agora.

VI.1.6. A Entrada da Mãe em Análise

Nas sessões com a mãe presente, fui pouco a pouco ou vindo dela questões de sua própria vida, desde a infância. Foi-se configurando assim o que eu percebi como uma demanda de análise, um pedido para ser ouvida a respeito de si mesma, para além das questões diretamente relacionadas com D.. Num primeiro momento, encaminhei-a a uma analista. Contudo, a mãe de D. não admitia falar "com outra pessoa que não seja o Sr". Já se havia então constituído um terreno transferencial do qual eu não podia recuar. Fui impelido pela transferência a colocar a mãe de D. em análise comigo. Pensava, por um lado, que poderia estar cometendo um grande erro, que consistiria, por exemplo, em

operar no sentido contrário ao da separação, misturando, ainda mais, mãe e filho, ou mesmo reforçando sua autística união, e não fazendo incidir minha intervenção no sentido de produzir o corte. Sua recusa à analista a quem eu a encaminhara não faria parte de seu desejo englobador, autístico? Sua transferência comigo não seria exatamente uma consequência dessa sua posição subjetiva? Fazendo-me essas perguntas, eu só poderia responder afirmativamente. Entretanto, algo me impelia a aceitá-la em análise, embora, na época, não pudesse dizer mais do que isso. Só depois pude responder-me "Sim, tudo isso é verdade, mas com que conta o analista do autista senão com a transferência possível no autismo, que inclui evidentemente a mãe, e a transferência da mãe? Como ir contra o que o sujeito falante em questão — único, no caso — diz de seu desejo? Recusar seu pedido implícito de análise seria inaceitável para o analista. Restava fazê-lo explicitar pelo sujeito, fazê-lo subjetivar. A mãe de D., então, que passo agora a nomear Ana-D., (não apenas porque nomeei o filho D. mas porque, efetivamente, seu nome é duplo e a segunda parte tem a inicial D.), pôde explicitar seu desejo de falar de si. Iniciou-se a sua análise, em dia diferente da sessão de D..

VI.1.7. A Análise de Ana-D.

"Não gosto de dar trabalho a ninguém; sempre fui as sim, desde pequena, eu ajudava todo mundo, mas não gosto de pe dir ajuda não". Posição absolutamente decisiva na vida desse sujeito, cujos pedidos ao Outro (e a especialíssimos outros) e ram, como se verá, da ordem do absoluto. A primeira incidência transferencial dessa posição manifesta foi a dificuldade de ir à sessão: como pedir a alguém que "Olhasse D." para que ela saísse... com o objetivo de fazer alguma coisa para si — que não fosse em benefício do outro (D., o marido, etc.), tal como fazer compras, levar D. a médicos, à sessão comigo, etc.? Mas não deixava, por isso, de ir.

Logo a sua história na família de origem, a sua posição em face de sua mãe e irmãos, foi situada: objeto-auxiliar da mãe para cuidar dos filhos que nasciam sucessivamente (ela é a segunda filha — tendo a primeira uma importância decisiva no caso). Quando sua mãe desmamava um filho seu, este passava pa ra a cama de Ana D. pois já havido nascido o seguinte. Ana D. diz que nunca pôde falar com sua mãe sobre o que quer que fosse a seu próprio respeito: a mãe não a ouvia. Não lhe permitia u sar roupas de moça, namorar, sair. Não lhe dava bonecas ou brinquedos — só "irmãozinhos" para ajudar a criar. Ana D. teve um estrabismo acentuadamente divergente, tinha horror de sua ima gem — "não suportava olhar-me no espelho" — e não suportava ser olhada. Passou a vida inteira sem atenção dos pais sobre

isso, e, aos 19 anos, tendo vindo morar sozinha no Rio, procurou, por sua própria conta, um médico, e operou-se duas vezes, corrigindo praticamente todo o estrabismo, e veio a tomar conhecimento de que, se tivesse sido tratada na infância, não teria precisado operar-se e a correção seria total.

Outro aspecto importante da atribuição significante de sua mãe (a avó de D.) a si concerne à maternidade, e portanto relaciona-se de modo mais direto com a disposição geracional dessa atribuição significante na determinação do autismo de D. Contrariamente ao que dizia às demais filhas, sua mãe negava a Ana-D. — mais ainda à sua irmã mais velha, acima referida, a quem chamarei de Mais-A, o direito ao desejo da maternidade. Nunca cessou de desencorajar Ana-D a ter filhos e, durante a gravidez de D., sistematicamente a assustava: "Você não deve ficar grávida, não dá prá isso". Quanto às demais filhas (mais jovens que Ana-D) colocava-se em posição oposta, sempre incentivando e apoiando a procriação, que, note-se de passagem, era um traço seu, pois teve 11 filhos. Não me refiro aqui aos atos da mãe de Ana-D como fazendo parte de uma pretensa realidade vivencial, mas à posição de Ana-D no fantasma da mãe, tal como lhe foi possível constituir-lo, e à inserção desse fantasma na construção da pré-história ao autismo de D..

Em dado momento, Ana-D me relata uma terrível experiência vivida em sua adolescência: assistiu à morte da irmã — Mais-A — no momento do parto. Não há, nos ditos familiares, um saber sobre isso — por que morreu Mais-A ? — apenas a cena: "Morta com o filho dentro", cena de um corpo morto com o volume

no ventre, e o horror. Proponho que essa cena, em seu inevitável escape ao recalçamento, constituiu-se para Ana-D, como o "significante inesquecível" de que fala Alain Didier-Weill^[268], o significante inesquecível da maternidade. Mais-A morreu, no real, com o filho dentro — comando supereuóico ao qual Ana-D não poderia responder senão fantasmaticamente, com o seu próprio ser.

Interpõe-se, nesse momento, a doença de Ana-D: tem câncer no ovário e é submetida a duas operações, aparentemente bem sucedidas, pois que o período subsequente foi assintomático, sugerindo a remissão total do processo canceroso. As sessões posteriores ao afastamento imposto pelas cirurgias revelaram uma inesperada ressignificação da primeira versão do parto de D., anteriormente descrita (item 2, acima). Ana-D diz ter sentido muito medo de morrer agora, por causa do câncer, e contrasta, em sua rememoração, esse sentimento com aquele que sentira no parto de D.: "Não era assim, não era medo, como eu disse ao Sr., era um desejo, um desejo frio de morrer, desde que D. morresse junto comigo. Não tinha medo, tinha desejo de morrer com ele dentro". Frase do fantasma, encarnação do significante inesquecível da morte de Mais-A.

As associações que Ana-D pôde fazer na análise a partir do relato da morte-da-irmã-com-o-filho-dentro e da redescoberta de seu desejo-frio-de-morrer-com-D-dentro levaram-nos,

[268] Weill, A.-D. - Inconsciente freudiano e transmissão da psicanálise, op. cit., p. 15.

mais uma vez, a uma reconstituição imprevisível da história contada: começou a lembrar-se de, após a morte da irmã, Mais-A, a mãe ficou logo grávida de novo e que então usava as roupas de gestante da filha morta, e, quando nasceu a criança, usou o enxoval do neto morto, o filho morto na barriga da irmã, cena fantasmática. Diz que ficava horrorizada com isso, mas não tinha coragem de dizer nada, efeito paralisante do comando supereu-ôico que, siderando, não permite ao sujeito deslocar-se, porquanto não se faz representável, diante do significante inesquecível, por nenhum outro significante.

À minha pergunta "Quem nasceu dessa gravidez de sua mãe?" Ana-D fica absolutamente transtornada e, ineditamente, responde-me, após alguns segundos, com outra pergunta — indício de que algo pôde constituir-se, para ela, na minha pergunta, como um enigma, e não como reedição do efeito siderante do comando que, pelo contrário, interdita ao sujeito qualquer pergunta, qualquer deslocamento significante: Diz: "será que é possível que a minha irmã que nasceu dessa gravidez da minha mãe tenha alguma coisa a ver com..." — "Com o quê?" — "Foi S., aquela que veio visitar a gente quando D. ficou doente". A irmã personagem do que descrevi como o "mito familiar da doença" (item 1 acima). Articulavam-se, assim, inesperadamente, a irmã da cena fantasmática, cena a justo título denominável traumática - e a irmã do mito, a recordação encobridora destinada a explicar, — ao nível da censura do eu, o autismo de D..

Algumas sessões depois, Ana-D, chega dizendo que havia feito uma viagem à cidade onde mora a família, para ir ao casa

mento de uma de suas irmãs. Essas viagens eram frequentes, nu ma regularidade talvez bimestral, mas, invariavelmente, acompa nhada de D.. A novidade, desta vez, é que foi sozinha, contra os receios do marido, e contra os seus próprios. Mas foi, e chega à sessão contando, com prazer, que, apesar de ter sido censurada, ao chegar, por toda a família e pelos vizinhos (!) que se haviam habituado a vê-la chegar pela rua, através de seus portões, sempre junto a D., sentiu-se muito bem: "Como é bom não ter que passar o tempo todo controlando D., dando uma de porteira para impedir que ele saia e seja atropelado pelo trem, pois não posso obrigar todo mundo lá a ficar com o portão trancado!". "Como foi bom poder conversar com minhas irmãs no quarto, fofocando, e poder me arrumar para o casamento com calma!". "Só não gostei de uma coisa: Disse a G. (o pai de D.seu marido) que chegaria domingo de manhã, mas resolvi só vir de tarde. Quando salto do ônibus perto de casa ele estava lá, a flito, me esperando no ponto, eu já o vi de dentro do ônibus. I mediatamente pensei no que uma analista tinha falado na televi são na semana passada — e eu não tinha concordado com ela — que cuidado demais sufoca a criança, faz mal. Quando eu vi o programa, pensei: — Que absurdo, carinho demais só pode fazer bem, foi o que eu não tive e que sempre dei a D.. Mas ali, sal tando do ônibus e vendo G. me esperando, fique tão irritada que pensei na mesma hora que a tal analista tinha razão, eu me sen ti muito sufocada". Ana-D começava a poder dizer não, à famí lia, a seu marido, ao gozo do objeto inseparável de si e a si mesma como objeto de um gozo inseparável. "Só não consigo ain da ir ao Coral da Igreja (protestante, que frequentam) para can

tar, que é a única coisa que eu sempre desejei fazer e tive que parar por causa de D.. Fico em casa com D. para que G. possa ir ao Coral, há 12 anos!" Disse a Ana-D que fosse ao coral, no próximo domingo. Mas ela não foi.

Um outro efeito de separação deve ser mencionado. Na ocasião de sua primeira doença e cirurgia, impossibilitada, portanto, de vir ao consultório para suas sessões e para trazer D. às dele, decidi atendê-lo em casa. Ao chegar, percebi, na disposição dos cômodos da casa, um aspecto bastante curioso: havia um quarto que, um dia, fôra aberto para a sala, pois as marcas do fechamento de sua porta com alvenaria eram visíveis, e que agora era aberto para a área de serviço, servindo de lavanderia, quarto de costura, etc. Em contrapartida, não havia, além do quarto dos pais, um quarto propriamente dito para D.. Ao final do corredor, sem porta, um vão, um prolongamento perpendicular e mais largo do mesmo corredor "era" o "quarto" de D. O quarto dos pais tinha uma janela que dava exatamente para esse lugar, o dito "quarto de D", sob a qual ficava precisamente a cama de D.. A ventilação dos pais era, portanto, feita através desse cômodo onde dormia D.. Após a sessão com D., nesse cômodo, perguntei à mãe por que o outro quarto havia sido fechado. Disse-me ela que não poderiam ficar tão longe de D., que era perigoso, etc. Mostro-lhe que não era tão longe, que se a porta fosse reaberta ficaria praticamente ao lado de seu quarto. E então, numa intervenção que eu qualificaria de "paterna" disse-lhe que ela deveria pensar nisso, dar o quarto a D., trocar a porta de lugar, etc., pois o lugar onde ele dormia não e

ra um quarto, mas um "puxado" do corredor, e um prolongamento do seu próprio quarto, como D. era um prolongamento de seu próprio corpo. Respondeu-me, ressituando o lugar do analista, que conversaria com o seu marido a respeito.

Nas sessões seguintes, Ana-D, com muita dificuldade, relata-me um impulso que tem, muito frequentemente, fazendo preceder o relato de algumas retificações de sua escuta subjetiva na transferência: "Quando o Sr. me dizia, antigamente, que eu e D. éramos dois corpos mas não tínhamos nos separado na cabeça (sic)"; ou "que ele não tinha nascido totalmente", ou: "que eu não podia suportar que lhe faltasse nada, que ele era um pedaço de mim para mim" (e outras formulações dela a partir de intervenções minhas de diferentes momentos da análise, que aqui condensou), "eu — prosseguia ela — sinceramente pensava que o Sr. era maluco", e sorri. Mas agora eu estou entendendo isso, pois acontecem uma coisas muito esquisitas, como aquela de D. captar tudo que se passa comigo sem eu falar nada, e até emagrecer quando eu emagreci". Fiquei ouvindo, pois isso já havia sido objeto de sessões anteriores. Então Ana-D resolve contar-me o algo novo, sobre o referido impulso: "Outro dia, pela primeira vez, eu estranhei uma vontade maluca que eu tenho, mas nunca tinha estranhado: vendo a perna cabeluda de D. eu fico tentada — mas olhe, não vá pensar que eu faço isso não — eu fico tentada a raspar a perna dele. Isso acontece quando eu acabo de raspar a minha. Penso: seu eu fiz comigo, tenho que fazer igual com ele. D. está, nesse momento, com 16 anos. Limitei-me a pontuar e sublinhar, em sua fala, o que já se constituía como efeito de interpretação do próprio sujeito em seu relato: tinha

que fazer com D. o mesmo que fazia consigo, era repulsivo (palavra utilizada por ela) ver a perna cabeluda do filho, não tanto por um horror-repulsão da ordem do sexual, da ordem da significação fálica, do desejo, mas porque os cabelos da perna não refletiam, imaginariamente, ou antes, no próprio ser do corpo, as suas próprias pernas raspadas. Quebra insuportável do espelho, incitava à passagem ao ato de recompor a correspondência — se tanto — imagética — se não tanto — no real dos corpos.

Algum tempo depois, Ana-D chega ao consultório para levar D. à sua sessão e exibe uma expressão que se define por dois atributos: cansada e satisfeita. Digo-lhe exatamente isto, perguntando-lhe se havia algum problema ou algum fato importante a me comunicar. Nega, diz que está tudo bem. Na sessão sua, a seguir, chega, como quem aquer afirmar a pertinência daquele assunto à sua análise e não à de D., dizendo: "O Sr. percebe tudo, é impressionante". "Por quê a Sr^a está me dizendo isso?", pergunto-lhe. Ana-D então me conta o que está acontecendo em relação à construção do quarto de D.. O marido concordara em fazer a obra, embora a considerasse uma tolice, mas não tinha o dinheiro necessário à compra do material (piso, cimento, esquadria para a janela, porta etc.). Ana-D decidiu então usar uma antiga habilidade sua, fazer doces e salgados, para "fora", a fim de ajudar na construção do quarto. Já vinha fazendo isso há algum tempo, sem me contar, e, como os pedidos aumentassem, para sua satisfação, estava muito cansada, pois havia trabalhado até tarde da noite em preparar encomendas. Estava, assim, cansada mas satisfeita, exatamente os termos que eu havia utili

zado. Preocupado com o risco de permitir a minha transformação num outro absolutamente consistente, que "percebe tudo", que "sabe, adivinha" sem que ela tenha que falar, começo a desconstituir isso: "A Srª quer fazer-se crer que eu possa saber de tudo que se passa em sua cabeça sem que a Srª me esteja, de al gum modo, mostrando isso: sua expressão, outro dia, o dizia claramente, eu apenas prestei atenção". É de se notar, para a lém da transferência tomada em seu sentido mais imediato, que um importante deslocamento (e também um descolamento) estava se fazendo: Ana-D, segundo suas próprias e costumeiras palavras, não fazia nada que não fosse cuidar de D., do marido e da casa. Não desviava o seu olhar para nenhum alhures. Poder-se-ia ques tionar que essa sua nova atividade — fazer salgados para fora — constituísse efetivamente um "desvio do olhar", na medida em que o ponto de mira ainda era, nesse caso, D., o seu quarto. Mas eu responderia que a metonímia ultrapassa, nesse caso, o simples prolongamento. Havia a ajuda financeira ao marido, a decisão dos pais de fazerem o quarto de D., um novo quarto, um quarto com porta de abrir e fechar, o que representa, no concre to da arquitetura, a operação simbólica da tentativa de separa ção psíquica. Certamente não equivale à própria separação, que talvez a possibilidade de frequentar o Coral representasse de alguma forma. Mas é um passo, e notável. Quanto ao Coral, ela não foi, e, pelas vicissitudes que vem tendo a sua vida, na ver tente de uma tragédia entretanto inscrita em seus desígnios, não mais irá.

VI.1.8. O Pai

O pai sempre foi, como o meu escrito vem mostrando, o grande ausente do atendimento. Seu nome, que representei por G., tem, como S1, a marca bíblica do gênesis, mas em sua quase-total redução ao elemento material, objeto fisiológico — o gen. É um homem desfalicizado, que entra no trio-círculo da família como suporte financeiro, aparentemente, a princípio. Sempre dificultou a ida às sessões de acompanhamento, alegando problemas de horário de trabalho. Na fala de Ana-D, aparece como "uma mãe para D., faz tudo o que ele quer, não tem autoridade com ele, e considera que D. tem apenas um "probleminha passageiro". Fixado em sua mãe, a sogra, sempre permitiu suas intrusões na vida da família. Num momento recente, consegui fazê-lo vir às sessões, que então se impuseram, de atendimento aos pais.

Ao chegar ao consultório, olha para o divã e pergunta: "É aí que a Ana deita?", indicando, em sua interrogação transferencial, alguns pontos importantes: seu ciúme, pelo qual as sinala sua posição masculina, sexual, no casamento — num vertente fálica de seu dito, mas também sua inveja, seu desejo de ter também um lugar — divã ? — no tratamento. Aproveito essa abertura ao Outro inaugurada por G. para tentar fazê-la trabalhar-lo: "Como é isso ? o Sr. tem ciúmes de Ana-D ?". — "Não, Dr., a Ana-D é muito ligada a mim, e eu a ela, sabe ?". "Sei, e D. ? Como é a ligação dela com ele, e como o Sr. se vê frente a isso ?" — "Não, Dr., lá em casa não tem isso de ser mais li

gado não, lá é tudo igual, todo mundo é igual, não tem diferença não, gostamos dos três igual". Como, graças a Deus, quando o sujeito fala, ele diz, o analista pode trabalhar. E, a partir das intervenções do analista sobre o trio-círculo-todo-i-gual, o Sr. G. pôde dizer, ao final da sessão: "Ana dá mais a atenção a D. que a mim, eu sempre senti isso mas achava que era assim mesmo, ele tem um probleminha...". "Probleminha?"

A partir desses encontros — poucos — com Ana-D. e G., a fala dela começou a incluí-lo, cada vez mais. Apareceu, por exemplo, o seu grande pedido: quando está nervosa (passou a vida tendo desmaios considerados neurológicos, pois afinal "era a mais calma da família") grita pelo nome da mãe, ou melhor, pelo nome MÃE. Não entende por que, já que a mãe nunca lhe valeu. Passa agora a falar de G.: "Não poderia viver sem ele. Quando ele teve que operar (de hérnia, recentemente), eu não aguentava sua ausência, ficava ansiosa, parecia que tinha um buraco no meu peito e eu ia dormir num colchonete no quarto de D.". Assumiu, assim, na fala de Ana-D, um lugar de provimento materno, possivelmente, o lugar que o nome MÃE ocupara ao longo de sua vida, na tentativa de barrar a angústia. De qualquer modo, entrou em seu circuito discursivo, em sua fala, em seu desejo, em sua análise. Descortinava-se, assim, por trás da auto-suficiência do início da análise "eu não peço nada a ninguém, só consigo ajudar os outros", a ponto de não dizer ao marido, por exemplo, que D. havia sido, em dado momento, rejeitado de uma escola, o que a deixara absolutamente mortificada, aparentemente "para não preocupá-lo com problemas", um pedido de ordem extre

mamente intensa, um vazio abismal, uma demanda de provimento e de preenchimento fantasmático absoluto. É claro que isso sempre estivera em jogo: a novidade era a possibilidade de trazer o pedido para o plano da fala, e da fala transferencial.

VI.1.9. O Retorno da Doença

Nos últimos meses de análise, Ana-D começou a ficar silenciosa nas sessões: "É mais fácil falar de D.". Sob meus encorajamentos para que fale, dá a entender que há coisas que não pode ou não consegue falar. Pergunto-lhe claramente se sabe quais são essas coisas, e ela confirma com a cabeça, sem dizer sequer "sim". Começa então a faltar sem avisar (nunca havia faltado, exceto em casos de doença ou viagem), tanto às sessões dela quanto às de D., que ela trazia. Diz-se doente nos telefonemas que lhe dou chamando a comparecer às sessões, mas não esclarece de que doença se trata. Finalmente, vem a uma sessão que considero crucial em todo o seu curso de análise. Diz estar dormindo há oito dias, não cuida da casa, não faz comida, não cuida de D. nem do marido, acorda e quer dormir novamente, chama o sono de "paraíso celeste". Pouco a pouco, consegue dizer o que se passa em seu pensamento a respeito de D.: "não a guento olhá-lo quando acordo, ele ali, andando de um lado para o outro, com aquelas moedas barulhentas, insuportáveis; Ah! como eu gostaria que ele fosse uma menina de 16 anos, e não aquilo. Meu Deus ! É horrível eu estar dizendo isso dele, a pró

pria mãe... Mas o que eu sinto é isso, vontade de trancá-lo naquele quarto e deixá-lo lá dentro, o resto da vida". O sujeito desengrenou então o seu esquema provedor, no qual estava morto para o seu desejo, e fez a irrupção do ódio. Pôde, o que me parece fundamental, fazer uma atribuição significativa a D., talvez um primeiro ponto passível de suportar alguma alienação: "Como eu gostaria que ele fosse uma menina de 16 anos", "que me ajudasse na casa, quando eu não pudesse fazer as coisas". O analista assinala isso, e procura sustentar o sujeito em sua possibilidade de odiar, o que se distingue da destruição. Ana-D. pergunta se está ficando louca, e eu respondo que está falando da loucura, do ódio, o que significa que está mais distanciada dela. Dias depois, recebo um telefonema informando que Ana-D está internada no Hospital de Oncologia, após queda no banheiro causada por uma paralisia na perna esquerda. Vou ao hospital, converso com os médicos numa reunião do tipo "junta", exponho o que posso a fim de auxiliar no diagnóstico e, por outro lado, saber do quadro médico-clínico de Ana-D, que me é exposto de forma muito confusa: há metástases de coluna que justifiquem a paralisia da perna? Sim ou não? Não há resposta, o que, entretanto, não me poupa de ouvir as tolices que os médicos dizem acerca da possibilidade de uma conversão. Suporto, pois minha presença ali não tinha os médicos como objeto. De qualquer modo, permanece a questão de saber se Ana-D estava com um quadro metastático que atingira sua perna ou se havia produzido um sintoma que, de forma histérico-conversiva, pudesse representá-la, operando, uma cisão entre a significação fálica, marcada pelo sintoma, de um lado, e o objeto a do outro, o que permiti

ria, por sua vez, a operação da separação. Nas sessões no hospital, Ana-D reitera que tem coisas a dizer sobre a perna, que sabe o que é, mas que não consegue dizer. Desprezando a dúvida médico-obsessiva, persisto a escutá-la no que tem a dizer, ou no que não consegue dizer. Em determinada sessão, no hospital, do qual aliás ainda não saiu, ela me diz: "Eu estou aqui, presa nessa cama, e D. está bem, andando. Agora o problema dele perdeu a sua importância". Chora. Eu continuo a ouvi-la. E prossegue: "Era isso que eu não conseguia dizer ao Senhor e que não posso suportar: eu vou morrer, mas ele não".

* * * *

A análise foi até o fim, não apenas da análise, mas da vida. Fim trágico que parece fechar o circuito do fantasma na constatação de que separar-se é impossível. A única coisa possível parece ser a presença do Real no coração do simbólico, não como furo, ou interdito — o que manteria o Real como impossível e ex-sistente ao Simbólico, mas como presença mortífera e mortal para o sujeito. Agonizante como indivíduo psicofísico, o sujeito também agoniza de sua condição fantasmática: "como posso morrer e deixá-lo viver", se o comando supereu-óico do significante inesquecível era: "Morrer com o filho dentro"? Resta ainda saber se a separação, ocasionada pela morte física, será apenas de corpos, ou de outra ordem.

VI.1.10. A Construção do Analista

A análise da mãe de D. permitiu-me uma pequena construção, que responde pela tentativa, de início anunciada, de produzir, a partir do lugar real do dizer analítico, ditos sobre a análise de autista, ou do psicótico em geral, tema clínico central desta tese.

Tomo os momentos cruciais da análise em que foram ressignificados fragmentos da história da mãe, no regime do tempo a posteriori em que se dá a análise, na reconstrução da pré-história do autista de D.. Penso que o analista deve fazer avançar a questão antes de, por exemplo, fazer precipitarem-se respostas aparentemente abertas à indeterminação, mas que na verdade fecham as condições de determinação que ainda não foram examinadas. Explico-me. Se partirmos da premissa de que Ana-D é um sujeito neuroticamente estruturado, um sujeito histérico, como sua análise aparentemente sugere, como explicar, sem engendrar um paradoxo, que seu único filho seja autista? Como alguém para quem a castração, a barragem significativa e a exclusão do objeto a fez seus efeitos, possa não transmiti-los ao filho? Essa questão, na verdade mais ampla, concerne a todo caso de psicose em que a geração parental, a "hereditariedade simbólica" [269], constitui-se segundo a estruturação da neurose. A resposta que qualifiquei de precipitada e aparentemente aber

[269] Elia, L.F. - O inconsciente filosófico da psicanálise, Dissertação de Mestrado, defendida no Departamento de Psicologia da PUC-Rio em 27/01/84, inédito, onde o autor introduz e trabalha esta expressão.

ta consiste em afirmar a existência de um "ponto de indeterminação" na estrutura, que concerne ao encontro do sujeito com o Outro parental, ao encontro que faz destacarem-se Real e Simbólico. Não se trata de recusar o que é da ordem do indeterminável num ingênuo desprezo à herança nietzschiana da dita resposta. Trata-se, para mim, e creio que se trata para o analista, de não recuar diante da possibilidade de encontrar pontos de determinação ainda intactos no que concerne à constituição do sujeito psicótico ou do "pré-sujeito" autista, e conseqüentemente, seguindo a démarche psicanalítica, na qual a clínica e a teoria são dois lados assimétricos da mesma moeda de um lado só, mas furada, encontrar referências de escuta, inauditas para a clínica desses sujeitos.

Foi nesse eixo ético que procurei elaborar a construção que se segue, e que, evidentemente, ficará, como toda tentativa parcial, precária, embrionária, muito aquém da altura do projeto ético em que se encontra implicada, o que não é a lamentar, na medida em que por mais inútil ou incipiente que seja, ganha seu valor de seus propósitos e não de seu sucesso exigido por um narcisismo que não convém nem ao analista, nem ao autor de uma pesquisa acadêmica.

A construção consiste em procurar, na estrutura da psicose, situar os elementos constitutivos da estrutura, ela pró-pria, e que Lacan, na fase final de seu ensino, afirmou existirem na psicose, deixando a nós a tarefa de elaborar a teoria de suas disposições específicas na estruturação psicótica. Se a psicose expõe, decompostos, ou compostos de outro modo, explodi

dos, os elementos que a neurose organiza, encobre e dos quais faz ficções, por exemplo, individualizantes, é possível encontrar a disposição psicótica dos elementos estruturais fora-do-indivíduo-ficção em que consiste o neurótico. Isso se compatibiliza com a hipótese de que aquilo que no neurótico encontra-se sob o regime do recalque, correlato necessário da subjetivação que encontra sua via primordial de possibilidade na imaginação do eu através do narcisismo, no psicótico pode encontrar-se fora do eu, por exemplo, numa disposição geracional, onde a transindividualidade do inconsciente assume a drástica forma de sua desindividualidade.

Nesse sentido, como forma de articular os elementos da estrutura subjetiva em sua relação com o caso em análise — um caso de autismo — e com a questão da estrutura das psicoses em geral — proponho que se possa pensar a disposição dos elementos da série complementar de Freud com quatro pontos cruciais da análise do caso, circunscritos no material clínico na análise da mãe do paciente.

Tomo a série complementar de Freud no sentido estrutural que me parece o mais rigoroso, em oposição às não raras leituras lineares que dela se faz no sentido de reinseri-las na problemática hereditariedade X (ou +) ambiente, que é própria à psicologia porém radicalmente estranha ao pensamento de Freud, a meu ver.

Por estrutural quero exprimir a necessária solidariedade entre os quatro termos da série, um não podendo existir sem o outro, e o valor da retroação que o último termo assume por

relação aos anteriores. Assim, temos, na série:

Termo 1: Fator-constitucional, pelo que não se deve entender a carga hereditária genética, mas o conjunto de de terminações, com efeito, hereditárias, mas que se transmitem por via simbólica à criança;

Termo 2: Trauma infantil — o encontro do ser vivente com o Outro sexualizado, por exemplo, ou simplesmente com o Outro (no caso da psicose, que não sexualiza o infans, mas que certamente lhe impõe um universo de linguagem).

Termo 3: Disposição (no caso da série de Freud, à neurose), que não é senão o termo resultante da relação do ter mo 1 com o termo 2, termo inessencial que dá à série seu valor de estrutura;

Termo 4: Fator desencadeante na vida adulta: elemento de res significação do termo 2, portanto também de 3, que produz um efeito de ruptura no funcionamento (até en tão estável) da estrutura e produz a doença.

Dispondo geralcionalmente esses quatro termos — ou se ja, tomando-os como concernindo não só à cronologia ontogenética da vida individual do sujeito mas sobretudo à de suas gera-

ções precedentes, e semantizando-os com quatro fragmentos cruciais do material clínico, podemos construir:

1 — O que proponho chamar "os desígnios da avó (de D.)", no lugar do 1º termo da série — fatores constitucionais— referindo-me: a) às questões próprias à relação da avó de D. com a mãe de D., e seu desejo explícito e contrário ao nascimento de D. (por ser contrário à maternidade da filha), encarnado na morte da primeira filha, e do primeiro neto da barriga da filha. Cabe aqui lembrar que me refiro a esses elementos clínicos como elementos fantasmáticos, ou seja, componentes do fantasma de Ana-D, porquanto a eles pude chegar através de sua análise, não pretendendo, de forma alguma, fundamentar a presente construção na pretensa ocorrência vivencial desses elementos enquanto fatos da vida real de Ana-D.

2 — No lugar ocupado pelo "trauma infantil" da série complementar de Freud, proponho situar a cena da morte da irmã — "morta com o filho dentro", como aparece na fala do sujeito, como encarnação, no nível do fantasma, do desígnio "não sejas mãe" — aqui supostamente atribuído à avó — e como concretização, no real, as consequências a uma transgressão desses desígnios. Diante da cena traumática o sujeito se silencia, e não mais a esquece — vale dizer, não a recalca: reencontramos, assim, a questão do título deste trabalho, já retomada no paradoxo enunciado no início da presente seção: terá ela, a mãe do autista, inconsciente de suas determinações simbólico-hereditárias ? terá ele recalcado os significantes primordiais de sua

constituição subjetiva (S1) ? terá ela saber inconsciente (S2) sobre isso, e sobre o que, ao eu, escapa, constituindo o isso ?

3 — A disposição à constituição de um filho autista fica assim articulada: desígnios irrecalcáveis (S1 fora-do-inconsciente), inexistência de saber (portanto também de recalque) inconsciente (S2) a respeito dos desígnios e da cena traumática, que permanece assim inarticulável no inconsciente, como significante inesquecível, no sentido que lhe dá Alain Didier - Weill, já citado.

4 — Fator desencadeante do quadro clínico de autismo: a visita da irmã nascida da gravidez da mãe subsequente à morte-personagem da cena traumática do fantasma — irmã que usou o enxoval do filho morto dentro da barriga da outra irmã e resultado — da gravidez da mãe na qual esta usou o enxoval da filha morta com o neto dentro. O fator desencadeante consistiria, assim, no que, no trabalho, denominei o mito familiar da doença.

A questão de saber como poderia uma mulher histérica, em que a castração fez os seus efeitos, vir a constituir uma "subjetividade" autista em seu filho pode, assim, ser reformulada. Será ela histérica ? Embora sua vida, enquanto sujeito, pudesse transcorrer à base de um funcionamento histérico, o encontro com a maternidade não poderia fazer deflagrar (à maneira do que Lacan nomeou o encontro-com-Um-Pai na psicose) o que, em sua estrutura subjetiva, não se encontrava sob o efeito do re-

calque, e portanto fora do funcionamento inconsciente ? Enfim, teria esse sujeito "inconsciente" de sua posição materna, no sentido de um saber (S2) inconsciente sobre o que a designava (S1) como mãe ? significante cuja articulação poderia então produzir o desejo materno que não se enunciasse como "desejo-frio-de-morrer-com-ele-dentro" ? O jogo de palavras contido na questão "terá ela inconsciente d'isso" permite que se tome o isso da frase como, precisamente, aquilo que escapa ao sujeito em termos de possibilidade de significação, ou, dito de outro modo, aquilo que se encontra ejetado para fora da cadeia significante inconsciente, e que produz, assim, numa espécie de transmissão geracional em três tempos, sendo o primeiro o da avô, o segundo o da mãe e portanto o do não recalçamento disso, o terceiro tempo: o autismo de D.. Como condição de possibilidade do resultado autista desse processo, situa-se precisamente, portanto, que, no tempo que o antecede na série geracional — o tempo segundo, o tempo materno — não haja inscrição inconsciente, que falhe a histeria: **ela não tem inconsciente disso.**

* * * *

VI.2. A Experiência Analítica com um Sujeito Psicótico.

"Se o Analista não Recua diante da Psicose, o Psicótico Avança Diante do Analista"

I. Nota Introdutória

Gostaria de começar retomando o modo pelo qual interpreto a proposição de Lacan "Não recuar diante da psicose" já abordada no capítulo anterior e na 1ª seção (clínica) do presente capítulo. Candidata a mal-entendidos, essa fórmula me parece, contudo, fundamental: Se a psicose coloca para a psicanálise questões cruciais, inclusive da ordem de um impasse clínico-conceitual, o não-recuar significa, a meu ver, manter-se, a qualquer preço ou custo, no lugar do analista, ainda que diante do psicótico, quando isto significa — diante de um impasse. Refiro-me para dar um exemplo do que aqui estou chamando de impasse, à questão da situação de analista e analisando na estrutura do discurso analítico, isto é, a posição do agente desse discurso — semblante de a — e a do outro (analisante), — sujeito do inconsciente, sujeito barrado. Como articular o dispositivo analítico segundo a estrutura matemática do discurso analítico se o outro não se situa como $\$$ e o analista se vê, por exemplo, impedido de situar-se como o semblante de a? Penso entretanto que sustentar analiticamente o impasse significa mantê-lo constituído — evitando as soluções que se apresentam sob a forma de sua dissolução — até que se transforme em problema, o que

já é um grande passo, enquanto faz sair do im-passe.

Proponho, a título de ponto de partida para o desenvolvimento deste trabalho, que a insistência do analista em seu lugar — ou, na expressão de Lacan, o desejo do analista como o operador da cura — radicalmente distinto do desejo subjetivo, do desejo inconsciente do sujeito, seja ele o analista, deve sua radicalidade e sua irreduzibilidade a este último pelo fato de situar-se na dimensão do para-além do significante, mais-além do simbólico, isto é, ao nível do Real. Se o Real é o que retorna ao mesmo lugar, é também o que permite que, desde o mesmo lugar real do dizer, sustente a articulação de novos ditos. Repetir é repetir de novo e repetir o novo, o que não havia. Repetindo do mesmo lugar de analista de psicóticos, poderíamos assim, inserir-nos no devir, no vir a formular novos ditos (diferentes, por exemplo, dos enunciados teórico-clínicos "já ditos" pelos Mestres, pois basta um quarto de volta para que o analista, situando o saber (S2) em posição de agente, passe a repeti-lo incessantemente, ao invés de, radicado em seu lugar, reinventar a teoria, se isso se fizer necessário para fazer avançar a questão da análise de psicóticos. Questão que, como a situamos, é da ordem do impasse. Se repetir é reestabelecer o lugar de onde se faz a enunciação do dizer analítico, produzindo diferentes ditos teórico-clínicos, então devemos sustentar este lugar, se quisermos ser analistas de psicóticos e, a partir dele, ir além da perplexidade das perguntas, da interminabilidade metonímica das questões que se satisfazem no ato mesmo de serem formuladas, e começar a tentar construir a sua resposta, parcial, precária, incipiente, mas possível em cada momen

to. Dito de outro modo, transformar o impasse em problema, porquanto a psicanálise, já com Freud, mais ainda com Lacan, o permite.

Por isso penso que o analista de psicóticos deve recusar o apelo, a tentação às vezes quase irresistível de escamotear seus impasses e aplacar sua angústia diante do silêncio teórico-clínico que cerca a psicanálise da psicose, apelo que às vezes toma a forma do recurso a outros saberes que dela se ocuparam — particularmente o saber psiquiátrico — situado nos antípodas da démarche psicanalítica, ou para usar a expressão de Alain-Didier Weill — saber que se apresenta ora como frígido, ora como purificador, sobretudo em sua vertente cristã de ajuda/assistência/beneficência humanas diante da experiência psicótica. Nesse sentido, o não-recuar diante da psicose pode se transformar aí num "avançar em qualquer direção" desde que se mostre eficaz com propósitos terapêutico-cristãos.

Não tenho a pretensão de ter atendido a essas exigências éticas que formulo na condução do caso clínico de que se trata neste trabalho. Servem elas, contudo, como eixo de trabalho, direção de análise, referencial para o debate sobre a psicanálise de psicóticos.

II. A Experiência Analítica

Começo pelas questões que a experiência clínica objeto do presente trabalho me suscitou. A primeira questão refere-se, para não variar, ao diagnóstico. Tenho observado que, quan

do um paciente apresentado como psicótico exibe certo tipo de avanço na análise, certas manifestações transferenciais, certas formações do inconsciente (lapsos, sonhos, no caso), imediata mente instala-se no analista, ou entre seus pares, uma dúvida, absolutamente pertinente enquanto referida à problemática do diagnóstico de estrutura, baseado, como convém, na teoria das estruturas clínicas, mas que por vezes assume matizes obsessivos, que consiste em perguntar-se se não se trataria de uma histeria. Em que pese a importância da questão, como dissemos, ab solutamente fundamental, quero apontar o que nela existe de uma atitude mais pre-conceitual que conceitual, que traduz-se em considerar que o psicótico não faz isto ou aquilo, que não faz lapsos, sonhos, transferências de aspecto fenomenologicamente neurótico. Ora, se o diagnóstico é de estrutura, esta atitude, aparentemente preocupada com a questão clínica da estrutura, privilegia a fenomenologia que supostamente deveria corresponder àquilo que a teoria pronta (os ditos) diz sobre as manifestações clínicas respectivas, ao invés de manter fecundamente aberta a questão, a fim de produzir algum novo saber acerca do funcionamento clínico na estrutura psicótica.

Sustento, assim, na provisoriedade suficiente para fundamentar uma direção clínica com algum rigor, que a paciente em questão, a quem chamarei de Silvia, seja uma psicótica, a despeito de algumas manifestações clínicas que, em sua análise, sugerem a possibilidade de um funcionamento histórico. Esta, ao que pretendo, é uma questão aberta deste trabalho, e não um postulado, um princípio e um fim para ele.

Silvia tem 38 anos, tem dois irmãos — o terceiro suicidou-se utilizando gás de banheiro, não havendo nada que ela possa dizer sobre as razões desse suicídio — é caçula, única filha e mora, atualmente, com os pais. Descreve o pai, que a acompanhou até o consultório na primeira entrevista, como um sujeito "bronco", que "não entende nada", "inculto" (é consertador de TV e técnico de eletrônica) e a mãe como "muito afetiva", "meu esteio afetivo", o que, posteriormente, revela-se como sendo um eufemismo para uma relação intensamente carregada de excitação física ("ficamos agarradas, fazendo carinho", ela dirá).

Silvia chega a mim através da indicação de uma amiga sua que é analista em outra cidade. Como as duas se corresponderem, essa analista é informada por uma carta sua que o atual "analista" (na verdade trata-se de um tratamento psiquiátrico combinado com "apoio" que Silvia mantém há cinco anos) teria ordenado que Silvia jogasse fora todos os seus escritos do período, já que ela se queixara de estar sentindo uma angústia em relação a eles. Silvia escreve e lê muito, e, em seus escritos, exprime suas experiências através de cartas, contos, etc. Sob o comando supereu-óico da fala do psiquiatra, Silvia obedeceu prontamente, sem poder deslocar-se como sujeito nesse ato, e entrou em profunda depressão a seguir. Chega, assim, até mim.

Na primeira entrevista, relata o episódio da eliminação de seus escritos, e, sob a minha pergunta acerca do que a levou a obedecer o "conselho" do psiquiatra, responde: "Ele deve saber o que é melhor para mim, disse que eu devia jogar tudo

fora e eu joguei", resposta imediata que já situa o sujeito em face do outro numa posição de submissão paralisada e incapaz de dizer não. Pedes para ler uma carta escrita à sua amiga (a ana lista) na qual eu percebo que quer me dizer uma série de coisas através de um terceiro, pois, nessa carta, faz uma espécie de resumo alusivo à sua história: fico sabendo, da leitura, por exemplo, da experiência "traumática" que acabou por levá-la à primeira internação, há cerca de 20 anos. Após a leitura da carta, digo-lhe que ela está mostrando o seu desejo de que eu saiba dessas coisas, de falar-me sobre elas, mas não pode ainda falar-me diretamente. Pergunto sobre os fatos relatados na carta: A primeira experiência sexual: em meio à relação, Silvia sente enorme dor e angústia, e pede para que o rapaz pare, interrompendo a penetração, mas ele não pára, insiste. Ela diz: "foi horrível, é como se eu estivesse cagando prá dentro".

A representação do ato sexual como uma evacuação diri gida para o interior sugere reflexões teóricas importantes. Penso na lógica, que denominarei aqui "do dentro e do fora", que Freud vem a estabelecer a partir de sua teoria do sadismo e do masoquismo originários, enquanto não mais concebidos como pulsões parciais da libido, como o foram inicialmente (Três Ensaaios), mas como formas de manifestação da pulsão de morte. Em Além do Princípio de Prazer Freud estabelece que o sadis mo, anteriormente pulsão parcial a serviço da sexualidade, deve passar a ser entendido como exteriorização da pulsão de morte que, num início mítico, estaria situada no eu, o que lhe impõe a conclusão de que a condição masoquista é mais originária do que a posição sádica: na dialética de reversão ao oposto/retor

no ao eu, um sadismo que só o é na medida em que exteriorizado em direção ao objeto pressupõe um masoquismo, que logicamente o precede enquanto não voltado para fora. Cf. p. acima.

A rigor, portanto, o sadismo é o próprio veio pelo qual o objeto se constitui para o eu, que então dele se diferencia. A libido só pode vincular-se ao objeto na condição de que este se tenha constituído como tal, fora do eu, o que é decorrência do sadismo. Daí se conclui que o ato amoroso depende, decorre, resulta de um primeiro movimento sádico, exteriorizador da pulsão de morte e constitutivo do objeto que pode ser então amado.

O fragmento do material clínico, referente à experiência sexual, indica que não houve suficiente expulsão do objeto, o que incidentalmente se articula com a queda da significação fálica, sua "regressão" tópica, estrutural, à condição em que o eu é objeto e não sujeito do gozo. É interessante notar que o ódio só pode legitimamente articular-se ao registro anal na medida em que é o mapeamento imaginário do corpo delineado por este registro que expressa as relações entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objeto.

Um dos suportes pelos quais se pode interpretar a exclusão do sujeito psicótico da ordem sexual — sua condição de "fora do sexo" (horsexe), é precisamente, em termos freudianos, a teoria do sadismo originário que, sucedendo do ponto de vista lógico a um masoquismo ainda mais originário, separa eu e objeto, o que se articula, no plano da dialética pulsional, com o que Freud chama de intrincação pulsional: Eros desintrincado na incidência de Tanatos que expulsa do eu o objeto significa, i

gualmente, um Tanatos desintrincado da possibilidade da sexua lização por Eros, e voltado para a destruição do eu.

Seria este um indício clínico de que Silvia, na impos sibilidade de ter expulso, pelo viés do sadismo originário, o objeto então tornado passível de erotização, experimenta o pēnis penetrante como reintrodução desse objeto e não como presença marcada pela falta do objeto (falo negativizado,

No texto "A Denegação" que é, em si próprio, uma decorr ência da teoria pulsional de 1920 e da segunda tópica, Freud articula essa lógica pelos quatro termos de "Vereinigung" (uni ficação, agregação compulsiva de uma atividade erótica desin tricada, enquanto tal, da pulsão de morte); "Ausstossung" (ex pulsão do objeto, por incidência da pulsão de morte sobre a atividade agregatória de Eros, impondo-lhe um "ponto-de-basta", mo mento que coincide com o sadismo originário); "Bejahung" (afir mação significativa primordial), recalcamente originário no incon sciente da representação do objeto expulso, "perdido", permi tindo seu re-encontro no campo da realidade que já então se constitui como externa, pelo viés da Ausstossung, mas que, a fi car no puro registro expulsivo desta última, torna a Bejahung impossível, ocasionando, em seu lugar a Verwerfung (ejeção da representação do objeto para fora do campo das representações); e Verneinung, como juízo da existência e de constituição do sím bolo subjetivado, disponível para o eu, e como condição de aber tura do sujeito ao campo da realidade, entendido como campo do objeto enquanto perdido, logo, como campo do desejo propriamente dito.

Esses momentos lógicos estão representados na última sessão do capítulo IV, anterior, sobre Die Verneinung, de Freud (Ver Gráfico p.).

Seguiu-se, à experiência mencionada, uma crise: Silvia não poderia voltar para casa, pois em sua fantasia a mãe a expulsaria, por ter tido sexo com um homem. Fica então perambulando pelas casas de amigos até que um irmão vai buscá-la e a interna. Impossibilidade de expulsar o objeto, ofereceu-se, a si própria, à expulsão.

Refiro-me, então, à segunda experiência mencionada na carta: a "vozinha". Conta-me que, tempos depois da primeira internação, foi morar em outra cidade, pois um de seus irmãos — (ela idolatra um e abomina outro, o terceiro tendo-se suicidado) — o idolatrado —, foi morar lá e ela o acompanhou. Vou conduzindo as perguntas sobre o surgimento da vozinha até saber que esta surgiu ao cabo de longas experiências com maconha, em que ela sentia-se muito só, na ausência da mãe. A voz então a parece, como ela diz, "bem-vinda": uma companhia. "Depois é que foi se tornando insuportável, e hoje não me deixa em paz, re tira as minhas forças para ela usá-las". Isto tem 20 anos, e nunca mais a voz a deixou. Pergunto: "Mas então o que tem a ver o aparecimento dessa voz com o afastamento de sua mãe?" Fi ca meio confusa e diz: "Não sei, mas deve ter alguma coisa sim, porque foi logo que me separei dela e me sentia muito só sem e la, e a voz me confortava". Procuro então situar o estatuto dessa voz — se alucinatória ou delirante — e ela me faz entender que a voz não é ouvida de fora, como as vozes dos outros,

mas de dentro de seu pensamento, como se fosse uma parte separa da deste. Relata-me que foi a mesma voz que fez com que deixas se o emprego público numa repartição federal que tinha e que voltasse para o Rio, seguindo, mais uma vez, o irmão.

Do período vivido fora do Rio, destaco duas menções que me parecem importantes: o namoro com "Z" e a vida promiscua que diz ter vivido lá. Desse namoro, Silvia diz ter sido o único homem que a fez ter prazer sexual. Ela se entregou a e le, e acha que ele gostava dela, mas brigavam muito e a voz acabou por fazê-la afastar-se dele. Foi morar em outra cidade e é casado. As demais relações que teve parecem inserir-se nesse a tributo "promiscuo" que ela dá, pelo que podemos entender algu ma coisa da ordem do fora-do-sexo. A respeito de Z, produz o que me parece um lapso importante e que submeto aqui à discus são sobre o seu estatuto de formação do inconsciente: querendo dizer o que era para Z., diz: "Eu era a sua... teúda e conteúda". Percebe o lapso, e diz — "acho que troquei a palavra, é teúda e manteúda, não é?" Situa-se, assim, como sujeito, na condição de conteúdo para um outro, que é o continente. Pensei na forma de responder ao desejo do outro, tornando-se, ela mes ma, seu conteúdo — sua conteúda.

A relação com o irmão adorado é, pouco a pouco, revela da em sua dimensão incestuosa: Silvia quer ter um grande amor com ele, ressentido-se de que ele seja casado, e relata o episó dio em que, tendo ido à casa dele, da qual tinha chave, e entra do sem tocar a campainha, encontrou-o "trepando", o que o dei xou furioso e ela "decepcionadíssima": "nunca podia esperar is

so dele, ou imaginar que ele fazia essas coisas".

Na sessão seguinte traz um sonho: ela, o irmão, a mulher dele num hotel. O irmão está com cara feia, e acaba entrando num quarto com a mulher, barrando-a (Silvia) na porta. Ela então vai embora, muito chateada, e encontra um homem desconhecido, com quem flerta e depois vai para outro quarto do hotel (com o irmão). Peço-lhe associações. Diz que não sabe quem é este homem desconhecido, que sua cara não lhe lembra ninguém, mas que acha que se vingou do irmão. Assinalo que, se há, como ela diz, uma vingança, há também, no sonho, a criação de uma porta fechada entre ela e o irmão com a sua mulher, uma porta que ela não vai abrir como me contou no episódio da sessão anterior, com sua chave, mas que, ao contrário, com seu sonho, e ela mesma a fechou, o que lhe permite buscar outro homem.

Além da vizinha, Silvia tem o que denomina "distúrbios de percepção", nome sugerido pelo psiquiatra, que consistem em, por volta das quatro da tarde, começar a ouvir todos os barulhos da rua de forma atordoante. Isto surge na transferência, quando lhe proponho um horário à tarde, que ela recusa alegando não poder estar na rua, em trânsito, por volta dessa hora em função desses distúrbios. Mais tarde, na análise, esse fragmento será retomado e ressignificado.

Em outra sessão, Silvia chega querendo contar-me algo, mas tem receio de minha reação. Pergunta: "Você não vai rir de mim, vai?" "Só contei isso ao meu primeiro analista e ele riu; depois nunca mais falei com ninguém". Asseguro-lhe de que não vou rir dela, e então me conta de suas três experiências de

sedução sexual infantil: aos 5/6 anos, pelo avô, que a punha no colo e a "holinava" pelos cantos da casa, sem que ninguém visse ou desse importância: aos 10/12 anos, quando o irmão que detestava entrava em seu quarto e a fazia masturbá-lo; e aos 13, quando seu pai, levando-a de carro para a escola, no banco da frente, pôs a mão na sua vagina, tentando ir "mais fundo" e ela gritou para que ele não fizesse isso. Observo que ela pôde dizer não ao pai, aos 13 anos e não pôde fazer o mesmo nas experiências anteriores.

Na sessão seguinte, fala de seu medo de apaixonar-se por mim. Isso a leva a relatar o que lhe sucedeu na análise anterior. Diz o nome do analista, o que me faz ter a certeza de que não se tratava de um tratamento psiquiátrico, como o atual, chamado indevidamente de análise. Apaixonou-se pelo analista e, certa vez, tentou beijá-lo, o que provocou uma reação de rejeição violenta. Fica então preocupada com o que possa acontecer na relação comigo. Permaneço numa posição de escutá-la mais sobre isso, não lhe dizendo nada, nem a tranquilizando nem a preocupando, mas mantendo a análise para além da paixão. No fim de semana, ela me telefona dizendo que está absolutamente angustiada com isso, que está se apaixonando e tem "medo de que a nossa análise vá prá s cucuias". Respondo-lhe que não há nenhum motivo para que a análise vá para as cucuias, porque se ela estiver apaixonada por mim, isso também faz parte da análise". Vem na sessão seguinte, que é uma segunda-feira, dizendo-se muito aliviada pelo telefonema. Cabe aqui assinalar que a sua segunda internação segue-se à rejeição do analista anterior. Foi embora da análise e ficou muito perturbada, achando

que era mesmo "uma merda" e que ninguém poderia gostar dela. Numa outra sequência associativa acerca dessa experiência de anãlise, ela me diz que a primeira coisa que sentiu depois de sair da última sessão com o outro analista foram os tais "distúrbios de percepção" das quatro da tarde. O horário de suas sessões com ele era exatamente às 4 da tarde, como ela me esclareceu quando lhe perguntei isso. Esta descoberta não fez cessarem os referidos "distúrbios", mas perderam a intensidade e receberam, dessa vez do próprio sujeito e não do outro (psiquiatra, por exemplo), outro nome: "ruídos vespertinos".

Os seus avanços na análise, sobretudo na vertente de uma produção de material do inconsciente (sonhos, lapsos - "teúda e conteúda" — e mesmo o estatuto fenomenologicamente psicótico de alguns de seus "sintomas" — a "escuta" da voz e os "distúrbios de percepção" ou ruídos vespertinos) não nos autorizam a descartar a possibilidade da estrutura psicótica, o que consistiria em desqualificar avanços analíticos de um paciente psicótico, postura que, de saída, repudiamos. Entretanto, a manter o rigor de um diagnóstico de estrutura, somos levados a asseverar que esses elementos não são suficientes a este tipo de diagnóstico, e vemos que é sobretudo pelo viés da transferência que Silvia se situa como psicótica. Seu pedido aponta para um tipo de acolhimento que interdita, por exemplo, uma postura ou uma intervenção do lado do analista que se constitua como disruptiva com relação ao narcisismo: Sílvia situa o Outro como absoluto, consistente, poderoso e expressa, em seu pedido transferencial sua necessidade de construir um contorno narci

sico que supra uma falha fundamental em sua simbolização subjetiva e em sua representação imaginária de si, barrando e interditando os ditos e comandos do Outro que, em seu gozo, a invadem.

Para exemplificar esse movimento transferencial em que situa o Outro como unificado, recorro a uma sequência de seu percurso analítico: Silvia conta-me que um antigo namorado seu reapareceu, que saíram e que transou com ele, e que ele quer casar com ela "daqui a três meses". Passa a ficar inquieta, esperando por ele, à sua disposição, e as sessões passam a ser exclusivamente ocupadas por este assunto. Diz então ao psiquiatra (mas não a mim) que está pensando em se matar, o que o leva a, preocupado, aumentar a dose de medicação, que vinha sendo lentamente reduzida, apesar de sua relutância em deixá-lo reduzir. Volta a mim queixando-se do psiquiatra, e dizendo-se muito dopada. Pergunto-lhe sobre essas intenções de suicídio, e ela deixa entrever que não são tão sérias assim, e acrescenta: "ele não entendeu nada, ele não entende nunca nada" (referindo-se ao psiquiatra). "Será que não posso, como todo mundo, falar de morte, que ele pensa logo que quer mesmo me matar?" Mostro-lhe que, embora possa pensar em morte, como todo mundo, não foi isso que ela quis que ele entendesse, já que não disse isso a ele, mas estava dizendo-o a mim. Interrogo-a sobre o que a impede de dizer ao psiquiatra que não quer tomar tanto remédio, e que não pretende seriamente se matar. Por que não pudera, anteriormente, deixar de jogar fora os seus escritos, devendo obedecer ao comando imperativo da voz e da fala do psiquiatra. Ela volta a ele e consegue dizer-lhe algo a esse respeito.

Passa então a ouvir-me como quem deseja que ela transe e namore com o tal ex-namorado reaparecido. "Você quer empurrar-me para ele", "você acha que eu devo considerá-lo o cara da minha vida e erguer as mãos para o céu agradecendo por ele ter reaparecido". Verifico que o meu trabalho no sentido de fazê-la confrontar-se com os interditos maternos à sua sexualidade, com a escolha do irmão como "o grande amor de sua vida" e com sua inclinação para uma renúncia à sexualidade pelo apelo à vida religiosa pode estar sendo por ela recebido como um "empurrá-la" para o ex-namorado. Permito, então, que suas queixas quanto a mim se façam ouvir plenamente por ela, na vertente de uma possibilidade de barrar o que se lhe apresenta como "comando" de minha parte. O efeito de análise nesse momento é a ampliação de sua possibilidade de dizer não ao Outro, queixar-se dele.

As sessões seguintes mostram o efeito disso: Silvia começa a dizer que não consegue mais frequentar a Igreja, porque não acredita mais na consistência do que é dito pelo Padre nos sermões. Sublinho que, independentemente de sua fé, que é assunto seu, o que eu estava entendendo é que ela começava a poder ver falhas nos outros, na Igreja, no ex-namorado, no analista, no psiquiatra, e a poder dizer o que quer e o que não quer desses outros. Concorda, e diz-se com muito medo, "tanto que acho que não posso mudar, vou ser sempre assim, obediente, submissa, porque é muito difícil, dá muito medo ser diferente".

Entretanto, traz a seguir uma discussão com o irmão idolatrado de quem jamais discordava, em que pôde discordar dele. Lembra então que o analista anterior conversava com o ir-

mão na sua frente, sobre seu caso, e lhe dizia "ser muito grave". Observo com ela o lugar de objeto, ou de "criança", que ela tinha nessa situação: objeto da conversa entre "adultos" sobre si, sobre a pretensa "gravidade de seu caso".

Na sessão seguinte, traz então o segundo sonho de sua análise: estourou a rede de esgotos do bairro onde mora e a única salvação era refugiar-se numa lancha próxima à sua casa, perto da praia. As associações sobre a inundação de esgotos em seu bairro levaram Silvia a falar do ódio. Para separar-se de um outro demasiadamente colado, teria que odiá-lo muito, como numa inundação. Lembra-se então que na lancha encontra-se comigo, e me pergunta o que estaria fazendo ali. Faço esta pergunta a ela: o que estaria fazendo ali? A pergunta de seu sonho é a própria localização transferencial de seu pedido: ajudá-la a poder expulsar, como esgoto, o que de dentro de si insiste em sua perigosa vizinhança entre o Real não existente, não interdito, e o Simbólico.

Algumas sessões depois: a amiga analista que mora em outra cidade veio ao Rio, marcou um encontro com ela e não apareceu. Ódio. Chega dizendo (antes de relatar o ocorrido): "aconteceu uma tragédia...". Recorre ao pai e este lhe diz: "você não deve mesmo confiar nos outros", o que agrava seu estado de profunda depressão. Pergunto-lhe por que não procura a amiga e lhe fala a respeito. Declara que isto é impossível, "é humilhar-se demais". Na sessão seguinte, diz ter telefonado para a amiga em sua cidade e que tudo ficou bem.

Silvia começa então a interessar-se por pintura, e de cide inscrever-se num curso próximo a sua casa. Não tinha, até então, nenhuma atividade fora de casa, exceto ir às sessões e à consulta do psiquiatra. Em casa, apenas lia e escrevia cartas. Primeiro frequenta as aulas do curso mencionado, depois inscre ve-se numa sociedade de Belas Artes no centro da cidade (note-se que deslocar-se na cidade era-lhe um problema) e finalmente muda para uma academia de arte moderna, porque não se interessa pelo estilo clássico de pintura, vigente na referida sociedade.

Nada disso é fácil para ela, como o sucinto relato po de sugerir. Há crises em cada um desses seus passos, e a imi nência do abandono é intensa. Procuro sustentar seu movimento em direção à pintura, que se faz acompanhar de um retorno ao misticismo e ao interesse pela leitura de temas religiosos, re latos de experiências místicas. Identifico aí uma possível su plência, um registro no qual Silvia pode fazer-se representar co mo sujeito, mais do que um fracasso de seu ingresso na ordem se xual, a despeito de suas declarações, nessa época frequentes, de que não mais se interessa por sexo, por homens, e de que nun ca mais transará. No período inicial da análise, creio que o trabalho analítico dirigia-se (no que era portanto, por mim di rigido) para um confronto com o sexual, com a significação fálica. Nesse momento, como relatado anteriormente, Silvia me ad vertiu, transferencialmente: "você quer me empurrar para ele". Podendo ouvir sua advertência, creio ter aprendido com ela que a direção de sua análise era outra.

Para sustentar financeiramente seu curso de pintura, Silvia procura o outro irmão — o que detestara a vida toda. Os dois tem uma longa conversa em que se reproximam, e ele passa a pagar as despesas do curso. Nessa mesma direção, Silvia começa a procurar, por telefone, antigos amigos e "companheiros de militância política", por quem considera-se, desde que "pirou" julgada e condenada como uma "traidora, uma covarde, um verme". Verifica então que esses amigos não a consideram assim, como pensa há 20 anos, e que foram muito amáveis no telefone. Trata-se de recuperações importantes em seus laços sociais, a partir da experiência do laço social de análise.

Emerge então uma importante lembrança: a voz, que vinha fazendo irrupções cada vez mais intensas e assolantes, ao longo desse período que, por outro lado, é de visíveis "melhoras", é então lembrada em sua origem como não tendo surgido após a experiência sexual, como relatado anteriormente, mas no momento de uma experiência igualmente traumática com autoridades da polícia política da época: tinha ido à casa de um dos amigos (por quem sentiu-se durante 20 anos repudiada) para dar aulas de português a uma irmã desse amigo, que era ativo militante político. Ao chegar, percebeu que a casa estava invadida pelos policiais. Ouviu uma voz que vinha lá de cima: "SOBE !" dizia a VOZ. Subiu, foi interrogada num quarto separado e começou, nesse instante, a ouvir a sua voz interna, ordenando-lhe que fingisse não saber de nada. "Fiz um teatro, dizia-me espantada por estar sendo informada pelo policial que aquela casa que eu frequentava era de subversivos". Fui uma canalha". Em seu relato, usou várias vezes um significante que era, na gí-

ria, o modo pelo qual chamavam os policiais: "Meganha". A es cansão do significante em "me/ganha" permitiu-lhe produzir um novo sentido: sentiu-se ganha pelo policial, por sua voz, que "vinha de cima", como sempre na análise, situou a vizinha (como vindo de cima da cabeça, tomando conta dela — "é mais forte que eu"), e permaneceu "ganhada" por esse Outro avassalador, de quem dependia sua vida ou sua morte, desde então. Traz-me então um desenho em que figura o pé do amigo perfurado, pela tor tura, com pontas de cigarro.

Na sessão seguinte, no que trago como último fragemen to de seu material clínico, Silvia traz um sonho, o terceiro da análise: procurava um analista, e lhe davam uma lista com vá rios nomes. Não conseguia escolher nenhum, até que, após uns dez nomes, aparecia um "analista-sem-nome". Consegue telefonar para este, pois havia o número do telefone, e gosta da voz do analista-sem-nome. Nas associações chega a formular a idéia de que escolheu o analista porque não tinha nome, na medida em que, se tivesse, ela não teria "vez". Assinalo: talvez, se o analis ta tivesse nome, você não teria a sua vez, não teria, por sua vez, um nome. Considero esse sonho como estritamente transfe rencial, e como marco de uma dessubjetivação do Outro como for ma de iniciar um esboço de subjetivação e de nomeação de seu de sejo, pela morte nominal de um Outro que portanto não é mais tão absoluto e diante do qual ela pode vir a se fazer represen- tar como sujeito. Deixo, contudo, em aberto a questão de saber se seu sonho chega a atestar de sua condição de sujeito cujo de sejo é causado por um "sem-nome", por um semblante de objeto: embora considere otimista essa possibilidade", não deixo de a pontá-la aqui: Silvia escolheu um "a-nalista"?

CONCLUSÃO

I. SOBRE O ATO DE CONCLUIR

A Academia, que estamos longe de não reverenciar, porquanto por este trabalho — que, se tem a pretensão de ter sofrido, em sua elaboração, a incidência do discurso analítico, não é por isso menos acadêmico em sua estrutura — a ela aspiramos — nos faz exigências da ordem do impossível: Concluir. O quê? Como?

Mencionar a ordem do impossível nos evoca, por outro lado, o que de mais essencial concerne à psicanálise. Como psicanalistas, lidamos, indefectivelmente, com o impossível. Se isto não é nosso privilégio, sabê-lo é nossa obrigação. Por isso a impossibilidade inequivocamente residente nas relações da psicanálise com a Academia, que prezamos, não parece, a nossos olhos, digna de maiores alardes ou motivo de perplexidades especiais, geradoras de impotência.

Concluimos, assim, primeiramente, que muito há o que fazer, na Academia, como psicanalistas, transmissores da psicanálise, pesquisadores da psicanálise, professores de psicanálise. Se nos detivemos, em grande parte desta Tese, às questões metodológicas e à questão da pesquisa em psicanálise, nelas destacando o lugar da clínica na produção do saber psicanalítico, é porque acreditamos que uma investigação rigorosa, como tal digna de um atributo acadêmico rigoroso, não apenas convém

à psicanálise como, cada vez mais, lhe é imprescindível, sob pena de que a prática — teórica e clínica — dos psicanalistas — sofra uma queda sem volta no plano da crença, da repetição instituída de um saber morto, progressivamente enfraquecido em sua virulência e em suas possibilidades de reinvenção, recriação, abertura disruptiva e disruptível ao novo.

Concluimos, secundariamente, que a psicose, mola propulsora, causa do desejo e principalmente ponto de mira desta Tese, constituindo-se, como o dissemos introdutoriamente, num dos problemas cruciais da teoria da clínica psicanalítica no confronto com os seus impasses, entendidos como motores de seus avanços, pode e deve ser tomada como objeto de investigação e de elaboração teórico-clínica na Universidade. A pesquisa que realizamos, centrada, sobretudo, na questão das relações entre a psicose e a dimensão do não-sexual tal como a rastreamos em Freud, constitui, para nós, uma contribuição cuja consistência esperamos seja reconhecida no diálogo que o nosso texto possa estabelecer com o Outro, aqui encarnado pelos nossos pares, nomeadamente pelos que nos orientaram, pelos que nos examinam, pelos que nos lerão, e pelos que poderão — numa boa hipótese — nele inspirarem-se em seu percurso de formação, quer como alunos, como analistas em formação, quer como pesquisadores do tema. Que a Universidade se abra às questões da clínica psicanalítica, respeitando sua ética própria, na medida do possível e tendo em conta o impossível, e que a psicanálise busque estabelecer, no meio acadêmico, um espaço de investigação e de exercício clínico dirigido para a pesquisa que, seguindo à risca as recomendações de Freud, faça avançar o

seu saber, sempre num certo sentido, inaudito, inédito, incógnito, doutamente ignorante, avulso, fragmentário, singular, ja mais acumulado, definitivamente estabelecido, inconteste, sis tematizado, totalizado, fechado, circular ou cientificamente "comprovado", portanto ingênuo.

O que nos leva a outra conclusão: pensar, com rigor, na relação entre pesquisa e psicanálise, significa conceber a categoria de pesquisa em sua mais radical literalidade: busca de saber a partir do não-saber, contudo, amparado, não ingênuo, incessantemente, retornando, portanto, a cada vez à posição de não saber. O sentido mais rigoroso do termo pesquisa concerne, assim, antes à psicanálise que a qualquer outro campo (ou modo de fazer) do saber. Dito de outro modo, nenhum sa-ber estabelece para maior compromisso com a atividade da pesquisa, em sentido rigoroso, do que a psicanálise, dada a forma como organizam-se, no interior e na estrutura mesma de seu discurso, as relações entre o saber e o não-saber, entre saber e verdade. Que caia o muro da cidade em que psicanálise e pesquisa entretêm-se em apaixonado divórcio, marcado pelo campo e rôgeno-agressivo que caracteriza, segundo a psicanálise, a relação narcísica entre semelhantes, fundamento da paixão alienante pelo duplo imediato.

Uma quarta e última conclusão temporária, como tal inconclusa. Pensar o modo ou os modos pelos quais estrutur-se e exercita-se, intersubjetivamente, a subjetividade psicôtica, como procuramos fazer através de suas formas de relação com a ordem do sexual, a ordem fálica da significação, interdi

ta que se pense a psicose segundo os critérios da neurose, postura que designamos "NEURÓTICOCENTRISMO". Pensar neurotícocentricamente a psicose é nefasto, é equivocado, é tolo. Desatende às exigências éticas que norteiam uma pesquisa clínico-teórica genuinamente psicanalítica. A psicose tem suas formas próprias de organização, é uma estrutura clínica. O neurotícocentrismo não capturou Freud, que, como sustentamos ao longo do desenvolvimento de nosso trabalho, sempre empenhou-se em diferenciá-la, estruturalmente, da neurose, e não capturou Lacan, psicanalista e mestre da psicanálise que segundo pensamos, avança na direção freudiana, pelo que queremos dizer, ao avançar, produzindo o seu próprio saber, distinto, irreduzível e "segundo", em relação ao saber freudiano, o faz a partir do percurso de Freud, conhecendo-se e conhecendo o que o norteia. Numa imagem metafórica, diríamos que, se alguém faz um percurso através de uma floresta até o ponto em que se detém, segui-lo não é "retomar a "sua" caminhada em qualquer direção no interior da referida floresta, alegando que partiu do ponto exato em que o primeiro caminhante parou. Seguí-lo é conhecer o seu trajeto até o ponto de parada, e saber o ponto a que este trajeto aspirava, para então empreender a sua própria caminhada, que em nada é garantida ser aquela que o desbravador faria, o que, além de impossível, seria igualmente enganoso e principalmente infrutífero. Dado que a nova caminhada é também inaugural, singular, em suma, nova, ela é contudo empreendida numa mesma direção, seguindo um mesmo eixo ético. Evitando adesões fanáticas e mistificadoras, pensamos que, entre os pós-freudianos, Lacan, afigurou-se como aquele que adotou o segundo procedimento aludido em nossa metáfora, enquanto que os

demais pós-freudianos, no que consideramos uma postura científica, no sentido de "fazer progredir o conhecimento cumulativo a partir do ponto em que outros pensadores ter-se-iam detido", postura portanto comprometida com a ética da ciência mas não com a ética da psicanálise, adotaram o primeiro tipo de procedimento.

Interessa-nos avançar na questão da teoria da clínica psicanalítica das psicoses na direção ética apontada por Freud, retomada por Lacan, mas não reduzindo o percurso que nos for dado empreender à mera repetição dos ditos de um ou de outro. Invertendo a máxima "Faça o que digo e não o que faço", queremos, senão fazer o que fizeram, porque não ignoramos, ingenuamente, a diferença entre nós e os grandes Mestres da psicanálise, trabalhar na direção de um fazer tal como fizeram, e não de fazer o que, e como, disseram.

Os psicóticos — não aqueles a quem dedicamos, na primeira página, este trabalho, — mas aos vivos, interessam-nos, não por sentirmo-nos movidos pelo sentimento humano da piedade, mas porque respondem ao projeto ético que enunciamos e porque correspondem, em seu sofrimento e abandono, em face do discurso e da prática dos analistas, ao que, nesse discurso e nessa prática, permanece resistencialmente inerte, surdo, mudo, omissivo, impassível, impotente. O porvir da psicanálise, a manter-se digna de sua inata vocação de peste, passa, necessariamente, pela psicose.

Assim, consideramos que a melhor forma de concluir esta Tese, após essas palavras escritas "a título de Conclusão",

é apresentar aquilo que se afigura a nós como o seu maior fruto, que nos lançará, de volta, ao confronto com a clínica, e nos novos problemas engendrados a partir do ponto a que pudemos chegar na elaboração de todo o trabalho: Concluiremos pela apresentação de uma proposição de trabalho, a nível clínico-institucional, que decorre, em todos os seus pontos, dos temas e problemas abordados e desenvolvidos ao longo dos capítulos da Tese. Trata-se, mais uma vez, de retomar as relações da teoria com a prática clínica da psicanálise, em seus movimentos sucessivos de ida e volta: se começamos pela abordagem das questões metodológicas, terminemos com a proposição de uma forma de intervenção clínica, amparada na teoria desenvolvida, que, por sua vez, há de colocar novos problemas teóricos a reivindicar a atenção e o trabalho de investigação dos psicanalistas interessados na questão da teoria da clínica psicanalítica das psicoses.

II. PROPOSIÇÃO DE UM ATENDIMENTO PSICANALÍTICO INSTITUCIONAL DE PSICÔTICOS EM REGIME DE PERMANÊNCIA-DIA

II.1. Pesquisa e Intervenção na Área da Subjetividade

Iniciamos esta Tese pela abordagem de questões metodológicas. Como foi assinalado na Introdução, este ponto de partida não é casual, nem inconsequente, o que significa não apenas que há fatores determinantes de sua escolha como há consequências a serem extraídas dela. A presente "Proposição" é,

assim, uma decorrência desta escolha, bem como de todo o de
 envolvimento do trabalho, através de suas elaborações teóri-
 cas e de suas construções a partir da experiência clínica.

Mas é também uma decorrência de uma postura ético-po-
 lítica que adotamos em nossa prática, que procuramos caracteri-
 zar como uma prática, a um só tempo, de psicanalista, de pes-
 quisador e de professor, na área da psicanálise. Não compar-
 tilhamos da idéia de que, numa psicanálise não ingênua, possa
 sustentar-se o divórcio entre a teoria e a prática clínica,
 entre ambas e a atividade de investigação e pesquisa, e de to-
 das essas dimensões da atividade do analista com a da trans-
 missão da psicanálise. Cumpre, portanto, que exponhamos, de
 início, e com a maior clareza possível, nossa posição quanto
 ao estatuto da pesquisa na área em que trabalhamos.

Não nos referimos, quanto ao lugar e à especificidade
 da pesquisa, apenas ao campo recoberto pela psicanálise. Em
 que campo do saber se insere a psicanálise? Em que área, num
 sentido mais amplo, trabalhamos? Trabalhamos numa área que,
 academicamente, ainda não foi nominalmente reconhecida, por-
 quanto as Universidades ainda não instituíram ou nomearam um
 campo que, no entanto, existe — tanto nelas quanto fora delas
 — há pelo menos trinta anos, com uma configuração distinta e
 irreduzível àquelas em que ele é forçado a caber: o campo que
 pode ser dito das "Teorias" ou "ciências da subjetividade", ca-
 tegoria que não coincide com a de "ciências humanas" ou "ciên-
 cias sociais", que ainda hoje nomeiam Centros, Institutos ou
 Departamentos das Universidades, subsumindo, entretanto, sabe-
 res que neles não cabem.

No campo dos saberes sobre subjetividade, há uma subversão radical tanto da categoria de indivíduo quanto da de sociedade, entendidos como totalidades que se opõem entre si. A subjetividade atravessa essas unidades, e distingue-se radicalmente da individualidade, aspecto que abordamos no sexto postulado da primeira parte deste trabalho, e que é aqui retomado em função de sua condição de suporte da presente Proposição.

Sustentamos que a pesquisa, nessa área, deve seguir critérios de definição, modos de fazer (métodos) e formas de utilização próprios. Há um compromisso social da pesquisa, do qual não desejamos fugir. Este compromisso é, muitas vezes, confundido com o assistencialismo caritativo que caracteriza a ação institucional na área social, divorciada, como também tivemos ocasião, nesta Tese, de assinalar, do trabalho acadêmico de pesquisa, via de regra descompromissado com o seu retorno ao corpo social. Resulta, assim, que a pesquisa acadêmica — teoricista ou experimental — torna-se clínica ou socialmente inócua, e a ação social das instituições de saúde, (para tomar o exemplo que convém a apresentação desta proposição, e que é a mais próxima de nossa área de trabalho) mantém-se teoricamente desamparada, empiricista, ignorante, inerte, reprodutiva.

Consideramos que o produto da pesquisa deve retornar ao corpo social, mas não no sentido de assumir funções clínicas ou assistencialistas, que não lhe cabem, substituindo a função social da instituição pública, ou do Estado. O saber produzido através de investigações deve retornar ao corpo so

cial através da proposição de formas de intervenção clínicas ou institucionais que poderão — ou não — ser adotadas pela sociedade através de suas instituições, públicas ou privadas. Sabemos que o saber psicanalítico, aspecto que aqui estendemos ao saber produzido na área da subjetividade, não é inócuo, não é meramente teórico (no sentido de especulativo ou diletante), mas implica necessariamente uma mudança na posição do sujeito, qualquer que seja a configuração de subjetividade de que se trate (neuróticos, psicóticos, "deficientes físicos", "deficientes mentais", perversos, presidiários, pacientes psicossomáticos, internos em hospital-geral, aidéticos, etc.). Se o eixo do trabalho é definido pela perspectiva da subjetividade, não se trata, em cada caso, seja de curar, de ressocializar, de reabilitar, de recrear, de recuperar, mas de fazer com que o sujeito seja elevado ao primeiro plano de atenção e de intervenção.

O que significa isso? Examinemos a questão da prática institucional de saúde e reabilitação. Existem as instituições ditas de saúde para ouvir o sujeito? Evidentemente que não, e a própria pergunta sugere ingenuidade. Fazemo-la, no entanto, para desenvolver nossos propósitos. Se a instituição é de saúde, tem a doença como objeto: não tem sujeito (já que não faria sentido dizer que pudesse ter "o sujeito como objeto"), não se dirige a ele. As instituições de reabilitação o exemplificam de modo ainda mais claro. Não se trata, na reabilitação, de dirigir-se ao sujeito cuja unidade psicofísica "correspondente" padece de disfunção ao lesão em alguma de suas funções ou órgãos. Trata-se de dirigir-se à disfun

ção ou lesão em si, o que, do ponto de vista da subjetividade, é uma contra-produção. Se, como psicanalistas ou pensadores — -trabalhadores da área da subjetividade, sabemos que o sujeito é constituído através de traços, marcas significantes, en fim, do desejo que lhe é veiculado pelo Outro, o trabalho com seus traços ou marcas de deficiência, disfunção ou sub-funcionamento só pode reforçá-los em seu lugar determinante na estruturação da subjetividade. Reabilitar é, assim, do ponto de vista da subjetividade, recriá-la em sua condição debilitada. Da mesma forma (já que não precisamos analisar caso por caso, porquanto todos eles reproduzem o mesmo esquema dessubjetivador que queremos evidenciar), a medicalização do atendimento aos ditos "doentes mentais", a ressocialização ou recuperação psicossocial dos presidiários, ou dos próprios doentes mentais, a psicologização, a recreação ou a "ocupacionalização" (referimo-nos especificamente a chamada terapia ocupacional, presente em quase todas as modalidades de instituições) de todos eles só pode desatender as questões próprias ao sujeito, em cada caso. A perspectiva da subjetividade subverte profundamente a prática das instituições de saúde, ou reabilitação, ou aquelas de custódia (prisões, por exemplo), das quais se diz terem a dimensão do "tratamento" como a contrapartida da custódia no binômio "custódia-tratamento", como é denominado. Vê-se, só por esse aspecto, o quanto a psicanálise nelas não seria inútil e o quanto nelas poderia caber, sem abandonar sua ética própria.

II.2. Proposição: Caracterização Geral

Trata-se, assim, na presente proposição, de um modo de intervenção clínico-institucional-psicanalítico de atendimento a pacientes psicóticos ou que, em função de traumatismos ou situações análogas, apresentam disfunções em sua unidade de psicofísica que obstruem, de forma homóloga mas não idêntica à psicose, a subjetividade em sua existência — não tão estúpida e inefável desde que o sujeito possa por ela perguntar-se a partir de sua referência ao Outro^[270]. Nas condições mencionadas, (psicose e algumas formas de "deficiência" adquirida), a subjetividade aparece eclipsada, obstruída, recoberta, quer por sua relação não diferencial para com o Outro, quer por sua colagem e superposição numa individualidade orgânica "lesada" ou "deficiente". Ao sujeito, não lhe cabe ser cego, paralítico, surdo ou mudo, mas "apenas" castrado. O que, dessas condições psicofísicas, define de modo tão perfunctório o sujeito a ponto de reduzir-se à condição do indivíduo? O que, da castração, é elidido, para que o sujeito prefira ser um "deficiente"? O que faz do sujeito um psicótico "social" (identifique-se a etiqueta que lhe é imposta em função do funcionamento psicótico de sua estrutura subjetiva)? Freud observa, no caso de Dora, que o deficiente extrai de seu mal um ganho secundário de tal ordem que, após algum tempo, não mais deixará de aderir, intensamente, à sua condição. O gozo, nesse caso, impõe-se na direção do trabalho com esses pacientes, desde que quem trabalhe o faça na direção de escutar e intervir no plano da subjetividade.

[270]

Alusão à frase de Lacan, ao descrever os quatro vértices de seu "Esquema R", no texto: "D'Une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose", onde refere-se ao "S" como "o sujeito na sua estúpida e inefável existência".

II.3. Modo de Atendimento

A partir da análise que empreendemos, no Capítulo V desta Tese (pp. -) acerca da configuração dita individual do setting (dispositivo analítico) constituído por Freud na psicanálise que tinha como sujeito o neurótico, propomos, na presente forma de atendimento, que se conceba um dispositivo analítico (portanto, lugar da psicanálise em "intensão" como se exprime Lacan em sua lugar de tratamento, lugar de ocorrência da experiência analítica, mas em "extensão" espaço-temporal. Trata-se de uma extensão no tempo e no espaço — imagetivamente configurável como clínica de permanência-dia, por um número determinado, mas não invariável, de horas e num espaço físico composto de vários ambientes de permanência.

Mas a proposição de um clínica-dia assim configurável, não comporta uma extensão do dispositivo analítico que se limite simplesmente ao plano imaginário (espaço-temporal) da permanência-dia dos sujeitos. A extensão é também estrutural: se o Outro do paciente psicótico, por exemplo, é fragmentário, se sua transferência é dissociada como propõe Jean Oury, se os laços transferenciais acompanham a fragmentação da subjeti

vidade, por que não fazer com que isto se expresse na própria estruturação do dispositivo ?

Todos os "tratadores", ainda seguindo uma terminologia de Oury, são psicanalistas, que, em sua permanência em plantões junto aos sujeitos presentes naquele período, estão todo o tempo a escutar e intervir na fala e nas atividades dos sujeitos, de modo rigorosamente regido por uma direção ética, isto é, como analistas, quer numa intervenção disruptiva do que ameaça constituir-se como absoluto, uno, total, avassalador para o paciente, quer na provocação de seu desejo, quer no acompanhamento de suas produções psíquicas — delirantes, ou banais, nobres ou vulgares.

Não se trabalha, nessa proposição, assim, com a noção de "equipe interdisciplinar", porquanto não se pretende constituir um conjunto de "Técnicos" especialistas a integrarem, cada um com seus aber específico, uma totalidade, cujo somatório de saberes aspiraria a dar conta das múltiplas "partes" ou funções do sujeito no sentido de integrá-las. Um tal projeto recairia, necessariamente, na concepção individualizante da subjetividade, num claro retrocesso de toda a proposta de trabalho. Não se pretendendo totalizar ou integrar coisa alguma, trabalha-se no sentido de que a subjetividade possa emergir, e dizer de sua "função" primordial — o desejo. Dado que a direção ética é apontada pela psicanálise, tampouco adota-se a noção de "equipe transdisciplinar", que já constitui um avanço em relação à "equipe interdisciplinar") no sentido proposto por Felix Guattari e praticado em "La Borde": há analistas, e

há o saber do analista operando desde o seu lugar — recalça do, como convém ao analista — no dispositivo-dia. A única "disciplina", se pudermos assim nos exprimir, é a psicanálise, e todas as atividades devem seguir suas diretrizes e modos de fazer.

II.4. As Atividades: O Desejo Ocupacional

Não se propõe, contudo, que se faça análise, o dia inteiro, com os pacientes, num espaço e num tempo extensos, com múltiplos analistas. Propõe-se que a análise, feita, a rigor, todo o tempo, se faça principalmente através da prática de atividades, em que o sujeito possa ter, junto com (porém além de) sua fala, sua forma própria de se dizer através da linguagem, a referência através de sua ação, ao objeto que se trata de diferenciar de si.

Assim, as atividades da Clínica-Dia não têm por objetivo a ocupação, no que distinguem-se radicalmente de qualquer forma de terapia ocupacional, mas a função de promover condições favoráveis ao estabelecimento, através da dimensão do ato, (sob forma de agir, de ação, de atividade propriamente dita), da relação do sujeito com o objeto que, por força da estrutura subjetiva, tende a não gozar do estatuto de exterioridade (propriamente objetal) que tem na estrutura neurótica, por exemplo.

Como são decididas as atividades ? Se coubesse à Clínica-Dia propor aos sujeitos que a procuram atividades pré-determinadas não se trataria de um trabalho psicanalítico. O analista não propõe ao sujeito, a priori, tal ou qual assunto, tal ou qual atividade, no caso em questão. Algumas considerações, contudo, se impõem: Um exame dos lugares instituídos em que se dá o atendimento a psicóticos, ou aos ditos "deficientes" revela que não só o conjunto de atividades é pré-estabelecido, através do que se denominam as oficinas de "terapia ocupacional", como também repetem-se, de instituição para instituição, guardando uma monótona semelhança, seu denominador comum: são em geral atividades que se situam numa posição intermediária entre o "artístico" e o "infantil". Há uma pressão social e histórica no sentido de "empurrar" o psicótico para as artes, e, em geral, para as artes "manuais", aspecto que abordamos, passageiramente, na seção III.2 desta Tese, tratando, ali, da discussão da vicissitude da sublimação em suas relações com a dimensão do não-sexual (p.). As oficinas de T.O. exibem, assim, o que poderíamos denominar um aspecto de "jardim de infância" para doentes mentais. Faz-se pintura, "argila", desenho, esculturas quase meramente "motoras", etc. Nesse procedimento, o sujeito está ausente, calado, morto, seu desejo não fez qualquer incidência na "escolha" da atividade.

Cunhamos, assim, a categoria de "Desejo Ocupacional" para demarcar a um só tempo, a necessária referência a um ato do sujeito na escolha de sua atividade (expressa pelo termo desejo) e a oposição aos procedimentos da T.O., (expressa,

por contraste, pelo termo ocupacional como atributo do desejo), resultando a sigla D.O. em substituição à de T.O.. Contudo, a categoria de desejo ocupacional, em sua referência ao conceito de desejo em psicanálise, não tem o romantismo e a ingenuidade sugeridos, por exemplo, na idéia de que, uma vez dada ao sujeito a possibilidade de manifestar o seu desejo de ocupação, perguntando pelo que desejaria fazer, ele teria a possibilidade de simplesmente expressar ou fazer sua escolha. Não se trata disso. Sabemos quão espinhosa e difícil é a nomeação e a assunção do desejo pelo sujeito, desde a análise com neuróticos. Em se tratando de psicóticos, a questão do desejo assume matizes ainda mais complexos e difíceis. A reação mais provável que um psicótico exibiria diante de uma pergunta como "O que você quer fazer?" seria a mais completa confusão psíquica, ou então a mais clara e exata resposta, na qual nada da ordem de uma escolha efetivamente subjetiva estaria presente. Além disso, na proposição do desejo ocupacional, não pretendemos exatamente que o sujeito faça uma escolha objetiva de atividade, ou de ocupação. Nosso propósito é que, diante do analista, e portanto sob transferência, a questão da relação do sujeito com seu objeto de atividade seja colocável por ele, a partir da sua condição não apenas de sujeito mas de adulto, que tem um percurso prévio de atividades, pode ter tido ocupações profissionais ou intelectuais, anteriores, por exemplo, ao surto, fez escolhas em sua vida, enfim, tem uma história na qual certamente a questão de sua relação com o seu fazer se coloca. Trata-se, assim de fazer com que essa história se re-coloque no plano da transferência, preliminar a toda in

terpretação e a toda entrada efetiva em atividade. O desejo ocupacional aponta, antes, para um porvir, uma construção a ser realizada no tratamento, uma direção de tratamento, que visa à máxima diferenciação entre interno e externo ou, como dissemos, entre o sujeito e o objeto, aqui encarnado como objeto-de-atividade-ocupacional.

Particularmente notável é a importância da escuta analítica na produção psicótica (delirante, por exemplo) que acompanha as atividades já em curso, ou a próprio percurso de escolha das atividades.

Também a escolha do tempo de permanência por dia, ou de ter sessões "individuais" de psicanálise no interior da Clínica, com um analista da equipe, bem como de ter acompanhamento medicamentoso com psiquiatra da Clínica (dado que deve ser respeitado o caso em que tenha analista e/ou psiquiatra fora da Clínica) será feita no período preliminar à entrada em efetiva em permanência-dia, sob transferência, com a máxima incidência possível do desejo do sujeito.

As atividades externas (passeios, idas a lugares habituais do sujeito, trabalho e outros) devem também obedecer aos critérios definidos para as atividades, e não se caracterizando, assim, mero "acompanhamento" do sujeito aos eventuais lugares onde deva ou queira ir.

* * *

BIBLIOGRAFIA

- ANDRÉ, Serge - Que veut une femme ? Paris, Navarin Editeur, Bibliothèque des Analytica, 1986.
- ANZIEU, Didier et alii - Psychanalyse et Langage - Du corps à parole. Collection Inconscient et Culture n° 9, Paris, Dunod, Bordas, 1977.
- ASSOUN, Paul-Laurent - Freud, la philosophie et les philosophes, Paris, Presses Universitaires de France, 1976.
- AULAGNIER, Piera-Castoriadis - L'historien apprenti et le maître sorcellier, - Du discours identifiant au discours délirant, Paris, Presses Universitaires de France, 1984.
- . Violência e Interpretação - Do Pictograma ao Enunciado, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1979.
- . Remarque sur la structure psychotique, in La Psychanalyse, n° 8, Paris, Presses Universitaires de France, 1964.
- . L'objet perdu, in Topique, Paris, Presses Universitaires de France, 7-8, 1971.
- AXELOS, Kostas - Héraclite et la philosophie, Paris, Editions de Minuit, 1962.
- . Problèmes de l'enjeu, Paris, Editions de Minuit, 1979.
- BACHELARD, Gaston - O Racionalismo Aplicado, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977.

- BALINT, Michael - Amour primaire et technique psychanalytique, Paris, Payot, 1972.
- BENETTI, Antonio et alii - Psicoses - III Jornada do Simpósio do Campo Freudiano, Belo Horizonte, 1987.
- BERCHERIE, Paul - Les fondements de la clinique, - Histoire et Structure du Savoir psychiatrique, Paris, Navarin Editeur, Bibliothèque des Analytica, 1980.
- BIRMAN, Joel - Freud e a Experiência Psicanalítica, (A Constituição da Psicanálise I), Rio de Janeiro, Taurus-Timbre, 1989.
- BIRMAN, Joel e NICÉAS, Carlos Augusto - Constituição do Campo Transferencial e o Lugar da Interpretação Psicanalítica, in Transferência e Interpretação, Coleção Teoria da Prática Psicanalítica nº 1, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1982.
- BLEGER, José - Esquizofrenia, Autismo y Simbiose, in Acta Psiquiátrica e Psicológica de América Latina, Volumen XVIII, nº 4, Buenos Aires, 1972.
- . Simbiose e Ambiguidade, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1978.
- BLEICHMAR, Hugo - Depressão - Um Estudo Psicanalítico, Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- . Introdução ao Estudo das Perversões, Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- BOURGUIGNON, André et alii - Traduire Freud, Paris, Presses Universitaires de France, 1989.

- BUNGE, Mario - Teoria e Realidade, São Paulo, Editora Perspectiva, Coleção Debates nº 72, 1974.
- CALLIGARIS, Contardo - Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses. Porto Alegre, Artes Médicas, Série Discurso Psicanalítico, 1989.
- CANGUILHEM, Georges - Le Normal et le Pathologique, Paris, P.U.F., 1966.
- CASTORIADIS, Cornelius - La psychanalyse, Projet et élucidation "destin" de l'analyse et responsabilité des analystes, in Topique (Revue de Psychanalyse) nº 19 - Théorie de la Pratique, Paris, EPI éditeurs, 1977.
- CHECCHINATO, Durval et alii - A Clínica da Psicose, Campinas. Papirus Editora, 1988.
- COELHO, Eduardo Prado - Estruturalismo - Antologia de Textos Teóricos - (org), Lisboa, Portugal, 1966.
- COSTA, Jurandir Freire - História da Psiquiatria no Brasil, Rio de Janeiro, Documentário, 1976.
- . Violência e Psicanálise, Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- COTTET, Serge - Freud et le désir du psychanalyste, Paris, Navarin Editeur, Bibliothèque des Analytica, 1982.
- CROYDEN, Andrew - Esquizofrenia e Loucura, Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.
- DELEUZE, Gilles - Logique du Sens, Paris, Editions de Minuit, Collection "Critique", 1967.

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix - L'Anti-Edipe, Paris, Les Éditions de Minuit, 1972.
- DIDIER-WEILL, Alain - Inconsciente Freudiano e Transmissão da Psicanálise, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, Coleção Transmissão da Psicanálise nº 6, 1988.
- DOLTO, Françoise - Psychanalyse et pédiatrie, Paris, Seuil, 1971.
- DONZELOT, Jacques - La Police des Familles, Paris, Les Editions de Minuit, 1977.
- DOR, Joel - O pai e sua Função na Psicanálise, Rio de Janeiro Jorge Zahar Editor, Coleção Transmissão da Psicanálise, 1991.
- ELIA, Luciano da Fonseca - Transferência: Única, específica ou principal forma de ação e relação terapêuticas ?, in Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Vol. 32, nº 4, Jul/Ago, 1983, Rio de Janeiro.
- . O Inconsciente Filosófico da Psicanálise - Tese de Mestrado defendida e aprovada pelo Departamento de Psicologia da PUC-Rio, em 27/01/84 (inédito).
- . Impasses metodológicos na psicologia clínica - comunicação feita no I Seminário Nacional "Métodos de Pesquisa em Psicologia Clínica", organizado na PUC-Rio, 1986 (inédito).
- FOUCAULT, Michel - Histoire de la folie à l'âge classique. Paris, Gallimard, 1972.
- . Histoire de la sexualité: I. La Volonté de savoir, II. L'usage des plaisirs; III. Le souci de soi, Paris, Gallimard, 1984.

- FOUCAULT, Michel - A Arqueologia do Saber, Petrópolis, Vozes, 1972.
- . Les Mots et les Choses, Paris, Gallimard, 1966.
- FREUD, Sigmund - A Cabeça de Medusa (1940 |1922|), in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. XVIII, 1976.
- . Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben (1909), in Studienausgabe, Bd. VIII, 1989.
- . Angst und Triebleben - Vorlesung 32: Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, in Studienausgabe, Bd. I.
- . As Neuropsicoses de defesa (1894), in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, Volume III, 1976.
- . Bemerkungen über die Übertragungsliebe, (Weitere Ratschläge zur Technik der psychoanalyse III) (1915), in Die Freud-Studienausgabe, Frankfurt am-Main, S. Fischer Verlag GmbH, Ergänzungsband, 1989.
- . Bruchstück einer Hysterie-Analyse (1905), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Charakter und Analerotik (1908), in Studienausgabe, Bd. VII, 1989.

- FREUD, Sigmund - Das Ich und das Es (1923), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Das ökonomische Problem des Masochismus (1924), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Das Unbehagen in der Kultur (1930), in Studienausgabe, Bd. IX.
- . Das Unbewusste (1915), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Der Familienroman der Neurotiker (1909), in Studienausgabe, Bd. IX.
- . Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose, (1924), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Der Untergang des Ödipuskomplex (1924), in Studienausgabe, Bd. V.
- . Die Disposition zur Zwangsneurose (1913), in Studienausgabe, Bd. VII.
- . Die endliche und die unendliche Analyse (1937), in Studienausgabe Ergänzungsband.
- . Die Ichspaltung in Abwehrvorgang (1938), in Studienausgabe, Bd. II.
- . Die infantile Genitalorganisation (Eine Einschaltung in die Sexuatheorie) (1923), in Studienausgabe, Bd. V.

- FREUD, Sigmund - Die psychogene Schstörung in psychoanalytischer Auffassung (1910), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Die Sexualität in der Etiologie der Neurosen (1898), in Studienausgabe, Bd. V.
- . Die Traumdeutung (1900), in Studienausgabe, Bd. II.
- . Die Verdrängung (1915), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Die Verneinung (1925), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Die Zukunft einer Illusion (1927), in Studienausgabe, Bd. IX.
- . Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (1905), in Studienausgabe, Bd. V.
- . "Ein Kind wird geschlagen" (Beitrag zur Kenntnis der Entstehung sexueller perversionen), (1919), in Studienausgabe Bd. VII.
- . Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechts Unterschieds (1925), in Studienausgabe, Bd. VII.
- . Erinnern, Wiederholen un Durcharbeiten (Weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse II) (1914), in Studienausgabe, Ergänzungsband.
- . Fetichismus (1927), in Studienausgabe, Bd. III.

- FREUD, Sigmund - Formulierungen über die zwei Prinzipien des psychischen Geschehens (1911), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Gesichtspunkte der Entwicklung und Regression: Ätiologie - Vorlesung 22: Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1916-17) in Studienausgabe, Bd. I.
- . Hemmung, Symptom und Angst (1926), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses (1896), in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. III, 1976.
- . Hysterische Phantasien und ihre Beziehung zur Bisexualität (1908), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Jenseits des Lustprinzips (1920), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Konstruktionen in der Analyse (1937), in Studienausgabe, Ergänzungsband.
- . Lembranças Encobridoras (1899), in Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro, Imago Editora, Vol. III, 1976.
- . Massenpsychologie und Ich-Analyse (1921), in Studienausgabe, Bd. IX.
- . Neurose und Psychose (1924), in Studienausgabe, Bd. III.

- FREUD, Sigmund - Novos Comentários sobre as Neuropsicoses de Defesa (1936), in Edição Standard Brasileira, Vol. III, 1976.
- . Obsessões e Fobias: Seu Mecanismo Psíquico e sua Etiologia (1895-4) in Edição Standard Brasileira, Vol. III, 1976.
- . Projeto de uma Psicologia (1895), in Edição Standard Brasileira, Vol. I, 1976.
- . Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides) (1911), in Studienausgabe, Bd. VII.
- . Rascunho H - Paranóia - in Edição Standard Brasileira, Vol. I, 1976.
- . Rascunho K - As Neuroses de Defesa (Um Conto de Fadas para o Natal) in Edição Standard Brasileira, Vol. I, 1976.
- . Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung (1911) in Studienausgabe, Ergänzungsband.
- . Totem und Tabu (Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilder und der Neurotiker) (1912-13), in Studienausgabe, Bd. IX.
- . Trauer und Melancholie (1917), in Studienausgabe, Bd. III.
- . Triebe und Triebchicksale (1915), in Studienausgabe, Bd. III.

- FREUD, Sigmund - Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene (1893), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomenkomplex als "Angstneurose" abzutrennen, (1895), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Über die Psychogenese eines Falles von weiblicher Homosexualität (1920), in Studienausgabe, Bd. VII.
- . Über die weibliche Sexualität (1931), in Studienausgabe, Bd. V.
- . Über einige neurotische Mechanismen bei Eifersucht Paranoia und Homosexualität (1922), in Studienausgabe, Bd. VII.
- . Über infantile Sexualtheorien (1908), in Studienausgabe, Bd. V.
- . Über Psychotherapie (1905), in Studienausgabe, Ergänzungsband.
- . Zur Ätiologie des Hysterie (1896), in Studienausgabe, Bd. VI.
- . Zur Auffassung der Aphasien - Eine kritische Studie. Franz Deuticke - Leipzig und Wien, 1891.
- . Zur Dynamik der Übertragung (1912), in Studienausgabe, Ergänzungsband.
- . Zur Einführung des Narzissmus, 1914, in Studienausgabe,

Bd. III.

——. Zur Einleitung der Behandlung (Weitere Ratschläge zur Technik der Psychoanalyse I) (1913), in Studienausgabe, Ergänzungsband.

——. Zur Psychotherapie des Hysterie, (1895), in Studienausgabe, Ergänzungsband.

——. Zur sexuellen Aufklärung der Kinder (1907) in Studienausgabe, Bd. V.

⁷
GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo - Acaso e Repetição em Psicanálise (uma introdução à teoria das pulsões), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.

——. Freud e o Inconsciente, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1984.

GOFFMAN, Erving - Manicômios, prisões e conventos, São Paulo, Editora Perspectiva, Coleção Debates nº 91, 1974.

GRANONT-LAFONT, Jeanne - La Topologie Ordinaire de Jacques Lacan, Paris, Point Hors Ligne, 1987.

GREEN, André - Narcissisme de Vie, Narcissisme de Mort, Paris, Minuit, 1987.

GRODDECK, Georg - Le Livre du Ça, Paris Gallimard, T.E.L.,

GUSDORF, Georg - Introduction aux sciences humaines, Paris, Société d'éditions "Les Belles Lettres" (publication de la Fa-

- culté de Lettres de l'Université de Strasbourg),
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich - La Phénoméologie de l'Esprit, Paris, Aubier-Editions Montaigne, 1941.
- HUSSERL, Edmund - Médiations Castésiennes, Paris, Gallimard, 1960.
- HYPOLITE, Jean - Hegel et la pensée moderne, publicação de série de Seminários ministrados no Collège de France, 1967-68, Paris, P.U.F., 1970.
- . Commentaire parlé sur "La Verneinung" de Freud - feito na Sessão de 10 de fevereiro de 1954 do Seminário de Jacques Lacan (Ver "Le Seminaire, Livre I", nesta Bibliografia) e publicado nos Écrits, (ver também nesta bibliografia).
- . Introduction à la philosophie de l'histoire de Hegel, Paris, Librairie Marcel Rivière et Cie, 1968.
- JURANVILLE, Alain - Lacan et la philosophie, Paris, P.U.F., 1984.
- KATZ, Chaim Samuel - Psicose - Uma Leitura Psicanalítica(org.), São Paulo, Editora Escuta, 1991.
- . Psicanálise e Instituição, Rio de Janeiro, Editora Documentário, 197 .
- JORGE, Marco Antonio Coutinho - Sexo e discurso em Freud e Lacan, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, Col. Transmissão da Psicanálise nº 7, 1987.
- KLEIN, Melanie - A Análise Infantil, in Contribuições à Psicaná

- lise, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1969.
- . A educação de crianças à luz da investigação psicanalítica, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969.
- . A psicanálise da criança, São Paulo, Mestre Jou, 1975.
- . Primeiras fases do complexo de Édipo, in Contribuições à Psicanálise, São Paulo, Mestre Jou, 1969.
- . Princípios psicológicos da análise infantil, in Contribuições à Psicanálise, São Paulo, Mestre Jou, 1969.
- . Notas sobre alguns mecanismos esquizóides, in Progressos na Psicanálise, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Coleção Psyche, 1968.
- e RIVIERE, Joan - Amor, Ódio e Reparação - Rio de Janeiro, Imago Editora e São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- et alii - Temas de Psicanálise Aplicada, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Coleção Psychê, 1969.
- KLOTZ, Jean-Pierre - Devenir Psychanalysant, in Ornicar ? nº 33 Paris, Navarin Editeur, 1988.
- KHUN, Thomas - A Estrutura das Revoluções Científicas, São Paulo, Editora Perspectiva, Coleção Debates nº 115, 1978.
- LACAN, Jacques - Apresentação da tradução francesa das Memórias do Presidente Schreber, in Falo-Revista Brasileira do Campo

Freudiano, nº 1, Salvador, Fator Editora, 1987.

- . De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité, Paris, Seuil, 1975.
- . D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose, 1957-8, in Écrits, op. cit.
- . Du Trieb de Freud et du désir du psychanalyste (1966), in Écrits, op. cit.
- . Écrits, Paris, Editions du Seuil, 1966.
- . Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse, 1953 in Écrits, op. cit.
- . Introduction au Commentaire de Jean Hyppolite sur "La Verneinung" de Freud, (1934), in Écrits, op. cit.
- . Kant avec Sade, (1963), in Écrits, op. cit.
- . La Direction de la cure et les principes de son pouvoir (1958), in Écrits, op. cit.
- . L'Instance de la lettre dans l'Inconscient ou la Raison depuis Freud, (1957) - in Écrits, op. cit.
- . La signification du phallus (Die Bedeutung des Phallus) (1958), in Écrits, op. cit.
- . Le Mythe individuel du névrosé, Conferência proferida no College Philosophique Jean Wahl em 1953,

- . Les Complexes Familiaux, paris, Navarin Éditeur, Bibliothèque des Analytica, 1984.
- . Le Séminaire, Livre I, Les écrits techniques de Freud, (1953-54), Paris, Editions du Seuil, 1975.
- . ———, Livre II, Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse, (1954-55), Paris, Seuil, 1978.
- . ———, Livre III, Les Psychoses, (1955-56), Paris, Seuil 198 .
- . ———, Livre IV, La Relation d'Objet, (1956-57), inédito.
- . ———, Livre V, Les Formations de l'inconscient (1957-58), inédito.
- . ———, Livre VI, Le désir et ses interprétations (1958-59), inédito.
- . ———, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse, (1959-60), Paris, Seuil, 1986.
- . ———, Livre VIII, Le Transfert, 1960-61, Paris, Seuil, 1991.
- . ———, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, (1963-64), Paris, Seuil, 1973.

- LACAN, Jacques - Le Seminaire, Livre XV, L'acte psychanalytique, (1967-68), inédito.
- . ——, Livre XVI, D'un Autre à l'Autre (1968-69), inédito.
- . ——, Livre XVII, L'envers de la psychanalyse (1969-70), Paris, Seuil, 1991.
- . ——, Livre XX, Encore, (1972-73), Paris, Seuil,
- . ——, Livre XXI, Les non-dupes errent, (1973-74), inédito.
- . ——, Livre XXII, R.S.I., (1974-75), inédito.
- . ——, Livre XXIII, Le Sinthome, (1975-76), inédito.
- . Le stage du miroir comme formateur de la fonction du je telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique, (1949), in Écrits, op. cit.
- . Ouverture de la Section Clinique, in ornicar ? no 9, Paris, Navarin.
- . Proposition du 9 October 1967 pour l'analyste de l'École, in Actr de fondation, et autres textES", (tiré à part de l'Annuaire 1982 de l'École de la Cause Freudienne.
- . Réponse au Commentaire de Jean Hyppolyte sur la "Verneinung" de Freud, (1954), in Écrits, op. cit.

- LACAN, Jacques - Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce, Lisboa, Assírio & Alvim Cooperativa Editora e Livreira, 1989.
- . Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien (1960), in Écrits, op. cit.
- . Télévision, Paris, Seuil, 1974.
- . Variantes de la cure - type (1955), in Écrits, op. cit.
- LAPLANCHE, Jean - Problématiques I - L'Angoisse, Paris, P.U.F., 1980.
- . Problématiques III, - La Sublimation, Paris, P.U.F., 1980.
- . et PONTALIS, J.-B. - Vocabulaire de la psychanalyse, Paris, P.U.F., 1967.
- LECLAIRE, Serge - À la recherche des principes d'une psychothérapie des psychoses, in Évolution Psychiatrique (1958), n° 2.
- . Do corpo erógeno, Uma Introdução à Teoria do Complexo de Édipo, Rio de Janeiro, 1979 (p. Chaim Samuel Katz).
- . Psychanalyser, Paris, Éditions du Seuil, 1968.
- . On tue un enfant - Un Essai sur le narcissisme primaire et la pulsion de mort, Paris, Seuil, 1975.
- LEFEBVRE, Henri - Logique Formelle/logique dialectique. Paris, Editions Anthropos, 1969.

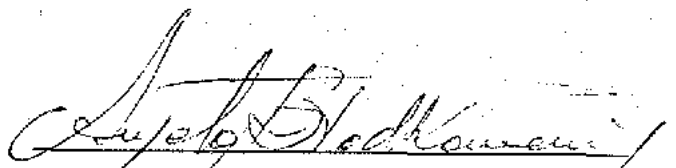
- LEFORT, Robert et Rosine - O espelho paranóico, in FALO, Revista Brasileira do Campo Freudiano nº 1, Salvador, Editora Fator, 1987.
- MACHADO, Roberto - Ciência e Saber - A trajetória da Arqueologia de Foucault, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1982.
- MANNONI, Maud - Le psychiatre, son "fou" et la psychanalyse, Paris, Seuil, 1980.
- . Ce qui manque à la vérité pour être dite, Paris, Denoel, 1988.
- MAZZUCA, Roberto et alii - Algunas Cuestiones sobre la prepsisosis in Clinica Diferencial de las psicosis, Fundación del Campo Freudiano, Quinto Encuentro Internacional del Campo Freudiano, Buenos Aires, Manantial, 1988.
- Merleau-Ponty, Maurice
———. Existence et dialectique, (textos escolhidos por Maurice Dayan), Paris, P.U.F., 1971.
- MERLEAU-PONTY, Maurice - Phénoménologie de la perception, Paris, Gallimard, 1945.
- . Signes, Paris, Gallimard, 1960.
- MILLER, Jacques-Alain - A Sutura - Elementos de lógica do significante, in Estruturalismo, Antologia de Textos Teóricos, Lisboa, Portugalia, 1966.
- . Percurso de Lacan (Conferências Caraquenhás), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1987.

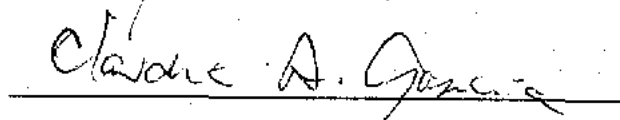
- MOTTA, Manuel Barros de (org.) - Clínica Lacaniana, (Artigos Publicados em Ornicar ?) - IRMA - Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- NASIO, Juan-David - Aux limites du transfert, Paris, Editions Rochevignes, 1984.
- . Enseignement de 7 concepts cruciaux de la psychanalyse, Paris, Éditions Rivages, Collection Rivages/Psychanalyse, 1988.
- NICÉAS, Carlos Augusto - Além da castração, & sexualidade: Indicações freudianas, in A Ordem do Sexual, Coleção teoria da Prática Psicanalítica nº 6 (Coord. Carlos Augusto Nicéas e Joel Birman), Rio de Janeiro, Editora Campus, 1988.
- OURY, Jean - Space et Transfert, in Revue
- PLATÃO - Diálogos, Vol. IX, Belém, Universidade Federal do Pará, 1973.
- POLITZER, Georges - Critique des fondements de la psychologie, Paris, Presses Universitaires de France, 4ªEd., 1974.
- POMMIER, Gérard - D'Une logique de la psychose, Paris, Point Hors Ligne, 1983.
- . Le Dénouement d'une analyse, Paris, Point Hors Ligne, 1987.
- . L'ordre sexuel, Paris, Aubier (Col. La psychanalyse prise au mot), 1989.

- POMMIER, Gérard - O Inconsciente e o Id - série de palestras proferidas na Escola de psicanálise de Niterói em 1987 - mimeo.
- PONTALIS, Jean-Baptiste - Après Freud, Paris, Gallimard, 1967.
- POPPER, Karl - Logica della scoperta scientifica - Il carattere autocorrettivo della scienza, Torino, Giulio Einaudi Editore, 1970.
- QUINET, Antonio Luiz de Andrade - Clínica da psicose, Salvador, Editora Fator, 1990.
- RESWEBER, J-B - La philosophie du langage, Paris, P.U.F., 1979.
- ROSENFELD, Herbert - Os Estados Psicóticos, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Coleção Psychê, 1960.
- ROUSTANG, François - Un destin si funeste, Paris, Les Editions de Minuit, Collection "Critique", 1976.
- SAFOUAN, Moustapha - Angústia-Sintoma-Inibição, Campinas, Papyrus Editora, 1989.
- . Estudos sobre o Édipo - Introdução à teoria do complexo de Édipo, Rio de Janeiro, Zahar Editores, Coleção Psychê, 1979.
- SARTRE, Jean-Paul - Critique de la raison dialectique, Paris, Gallimard, 1960.
- SCHREBER, Daniel-Paul - Memórias de um doente dos nervos, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

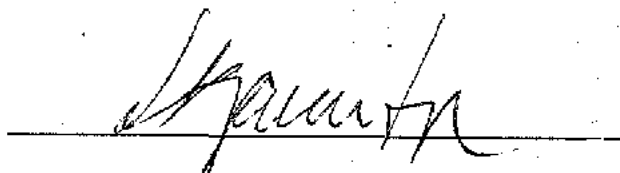
- SCILICET - Revue paraissant au Champ freudien, nº 1, Paris, Seuil, 1968.
- SILVESTRE, Michel - Demain la psychanalyse et autres textes, Paris, Navarin Editeur, Bibliothèque des Analytica, 1987.
- SOLER, Collette - Artigos Clínicos (Transferência, interpretação; Psicose), Salvador, Editora Fator, 1991.
- SOUZA, Neusa Santos - Psicose, um Estudo Lacaniano, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1991.
- TUSTIN, Frances - Autisme et psychose de l'enfant, Paris, Seuil, 1977.
- VALAS, Patrick - Freud e a Perversão, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- VIDERMAN, Serge - La Construction de l'Espace Psychanalytique, Paris, Denoël, 1970.
- WACHSBERGER, Herbert - Sur le signifiant du transfert - in Ornicar ? nº 32, 1985, Paris, Navarin Editeur.
- WAELEHENS, Alphonse de - La Psychose, Essai d'Interprétation Analytique et Existentielle, Beauvechain (Belge), Éditions Nauwelaerts, 1982.
- WAHL, François - Estruturalismo, São Paulo, Editora Cultrix, 1980.
- WARTEL, Roger et alii - Le phénomène psychosomatique et la psychanalyse, Paris, Navarin Editeur, Bibliothèque des Analytica, 1987.

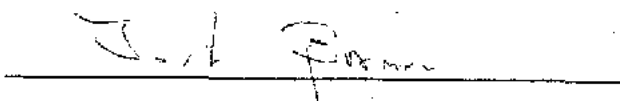
Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno, LUCIANO DA FONSECA ELIA, intitulada "Para além da sexualidade: A Psicose na Psicanálise. Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:


Angela Baraf Podkameni (Orientadora)


Claudia Amorim Garcia

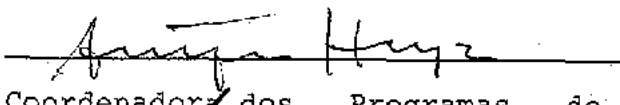

Circe Navarro Vital Brazil


Luiz Alfredo Garcia-Roza


Joel Birman

Visto e Permitida a impressão

Rio de Janeiro, 29/11/99


Coordenadora dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de Teolo-
gia e Ciências Humanas.